

BREVE SEXTA-FEIRA

Isaac Bashevis Singer



Isaac Bashevis Singer

Breve sexta-feira

Edição integral

Título do original: “Short Friday”

Copyright © by Isaac Bashevis Singer

Tradução: Hélio Pólvora

Livraria Francisco Alves Editora S.A.

Nota do autor

Quero exprimir minha gratidão a Robert Giroux, por ter editorado o manuscrito, e a Cecil Hemley, atualmente diretor da Ohio University Press, por ter colaborado comigo na revisão de partes da tradução do original iídiche. Mirra Ginsburg, Elizabeth Pollet, Elaine Gottlieb, Ruth Whitman, Marion Magid, Chana Faerstein, Martha Glicklich, Joel Blocker, Roger Klein e meu sobrinho, Joseph Singer, também merecem agradecimentos por seu empenho em pôr esta coleção de histórias ao alcance do leitor americano.

Dedico estas páginas à abençoada memória de meu irmão, I. J. Singer, autor de *The brothers Askenazi*, *Yoshe Kalb*, etc, que me ajudou a vir para este país e foi meu professor e mestre de literatura. Continuo a aprender com ele e com sua obra.

Isaac Bashevis Singer

Taibele e seu demônio

Na pequena cidade de Lashnik, não muito longe de Lublin, viviam um homem e sua mulher. Chamava-se Chaim Nossen; a mulher, Taibele. Não tinham filhos. Não que o casamento lhes fosse estéril: Taibele dera ao marido um menino e duas meninas, porém todos morreram na infância, um de coqueluche, outro de escarlatina e o terceiro de difteria. Depois do que, o útero de Taibele fechou-se e tudo resultou inútil: rezas, feitiços, poções. Cheio de dor, Chaim Nossen desligou-se do mundo. Isolado da mulher, deixou de comer carne e já não dormia em casa, mas em um banco, na casa de orações.

Taibele possuía um armarinho, que herdara dos pais, e ali sentava-se o dia inteiro, com um medidor à direita, uma tesoura à esquerda e o Livro de Preces das Mulheres, em iídiche, à sua frente. Chaim Nossen, alto, esbelto, de olhos negros e barba em ponta, sempre fora lento, silencioso — mesmo nos tempos ditosos. Taibele era pequena e bonita, com seus olhos azuis e rosto redondo. Embora punida pelo Todo-Poderoso, o riso ainda lhe vinha fácil, fazendo covinhas nas faces. Não tinha mais para quem cozinhar e, no entanto, acendia o fogão ou o tripé todos os dias e preparava mingau ou sopa para si mesma. Também continuava a tricotar — ora um par de meias, ora uma túnica, ou algo mais que pudesse bordar em cânhamo. Não estava em sua natureza injuriar o destino nem sucumbir ao infortúnio.

Um dia, Chaim Nossen pôs o xale de orações e amuletos, uma muda de roupa de baixo e uma fatia de pão num saco, e saiu de casa. Os vizinhos perguntaram para onde ia. Respondeu: “Para onde os olhos me guiarem”.

Quando disseram a Taibele que o marido a deixara, era muito tarde para detê-lo. Ele já atravessara o rio. Descobriram que havia alugado uma carroça para ir a Lublin. Taibele enviou mensageiro em seu encaço, mas nem o marido nem o mensageiro voltaram a ser vistos.

Aos trinta e três anos, Taibele encontrou-se abandonada.

Depois de muito pensar, concluiu que não lhe restavam esperanças. Deus tirara-lhe os filhos e o marido. Jamais seria capaz de casar-se outra vez. Doravante teria de viver só. Ficavam apenas a casa, a loja e objetos pessoais. O povo da cidadezinha condeu-se, pois tratava-se de mulher quieta, de boa índole e honesta em seus negócios.

Todo mundo inquiria: por que tantas desgraças? Acontece que os desígnios de Deus não se revelam logo ao conhecimento dos homens.

Taibele tinha várias amigas entre as damas da cidade, as quais conhecia desde a infância. Durante o dia as mães de família estavam ocupadas com seus pratos e caçarolas, mas no fim da tarde apareciam para um dedo de prosa. No verão, as amigas sentavam-se num banco, do lado de fora da casa, bisbilhotando e contando casos.

Em uma noite sem lua, no verão, com a cidade tão escura quanto o Egito, Taibele estava sentada no banco, narrando às amigas a história que lera num livro trazido por um mascate. Referia-se a uma jovem mulher judia e a um demônio que a violentara e com ela vivia como se fossem marido e mulher. Taibele

recontou a história em todos os detalhes.

As mulheres acotovelaram-se, uniram as mãos, bateram os pés para afugentar o mal e soltaram a espécie de riso que advém do temor. Urna delas perguntou:

— Por que ela não exorcizou o demônio com amuletos?

— Nem todo demônio teme amuletos — respondeu Taibele.

— Por que não foi ver um santo rabi?

— O demônio avisou que a estrangularia caso revelasse o segredo.

— Ai de mim — gemeu uma mulher. — Que o Senhor nos proteja! Que nos livre de semelhantes coisas!

— Agora tenho medo de voltar para casa — disse outra.

— Irei com você — prometeu uma terceira.

Enquanto conversavam, Alchonon, o ajudante de professor que esperava um dia tornar-se palhaço casamenteiro, passou casualmente. Viúvo há cinco anos, Alchonon tinha fama de gaiato e travesso — uma pessoa de parafusos frouxos. Seus passos eram silenciosos porque a sola dos sapatos gastara-se e ele andava de pés nus. Ao ouvir Taibele iniciar a história, parou para escutar. A escuridão estava tão densa e as mulheres de tal forma embebedas no estranho relato que não o viram.

O tal Alchonon era um sujeito velhaco, cheio de artimanhas grosseiras. No mesmo instante esboçou um plano maluco.

Depois que as mulheres partiram, Alchonon entrou furtivamente no quintal de Taibele. Oculto atrás de uma árvore, olhou pela janela. Quando viu Taibele deitar-se e apagar a vela, esgueirou-se para dentro da casa. Taibele não passara a tranca na porta: naquela cidade não se mencionavam ladrões. Na saleta, tirou o cafetã roto, a túnica debruada, as calças — e ficou nu, tão nu como sua mãe o pariu. Em seguida, dirigiu-se na ponta dos pés até a cama de Taibele. Ela estava prestes a adormecer quando, de repente, viu a figura assomando nas trevas. De tão assustada não conseguiu balbuciar uma palavra.

— Quem é? — sussurrou afinal, a tremer. Alchonon respondeu em voz cava:

— Não grite, Taibele. Se gritar, eu a destruirei. Sou o demônio Hurmizah, senhor das trevas, da chuva, do granizo, do trovão e dos animais selvagens. Sou o espírito mau que desposou a jovem mulher de quem você falava esta noite. Você narrou o caso com tal realismo que eu ouvi suas palavras lá no abismo e fiquei cheio de desejo de seu corpo. Não tente resistir, pois eu desterro os que se recusam a fazer minha vontade para além das montanhas da Escuridão — até o monte Sair, lugar deserto onde jamais se viu pegada humana, onde fera alguma ousa pisar, onde a terra é de ferro e o céu de cobre. E eu os envolvo em espinhos e fogo, entre víboras e escorpiões, até que cada osso de seu corpo se transforme em pó, e eles se percam eternamente nas mais baixas profundezas. Mas, se você atender ao meu desejo, nem um só cabelo de sua cabeça será tocado, e eu lhe proporcionarei êxito em todos os empreendimentos...

Ouvindo estas palavras, Taibele jazia imóvel, como num desmaio. O

coração inchava e parecia querer parar. Pensou que o seu fim havia chegado. Passado algum tempo, reuniu coragem e murmurou:

— Que pretende de mim? Sou uma mulher casada!

— Seu marido morreu. Eu próprio acompanhei o enterro.

A voz do ajudante de professor estrondou:

— Claro que não posso testemunhar isso em presença do rabi e liberar você para outro casamento. Os rabis não acreditam em gente como nós. Além do mais, não posso traspasar a soleira da câmara do rabi... Tenho pavor dos Sagrados Pergaminhos. Mas não estou mentindo. Seu marido morreu de uma epidemia, os vermes já lhe comeram o nariz. E mesmo estando vivo, você não estaria proibida de dormir comigo, pois as leis do Shulchan Aruch* não se aplicam a nós.

** Literalmente: “mesa posta”. Código de leis judaicas. Manteve-se na tradução a grafia inglesa de palavras hebraicas. (N. do T.)*

Hurmizah, o ajudante de professor, prosseguiu com suas persuasões, umas vezes em tom doce, outras vezes ameaçador. Invocou nomes de anjos e demônios, de animais diabólicos e vampiros. Jurou que Asmodeu, rei dos demônios, era seu tio posticho. Disse que Liliith, rainha dos maus espíritos, dançava para ele em um pé só e fazia tudo para ser-lhe agradável. Shibtah, a diaba que roubava bebês das mulheres, no berço, assava pãozinhos de sementes de papoula para ele, nos fornos do inferno, e fermentava-os com a gordura de bruxos e cães pretos. Argumentou tanto, aduzindo engenhosas parábolas e provérbios, que Taibele se viu afinal forçada a rir em seu desespero. Hurmizah jurou que amava Taibele há longo tempo. Descreveu-lhe os vestidos e xales que ela usara aquele ano e no ano passado; contou os pensamentos secretos que lhe advinham quando misturava farinha, preparava a refeição do Sabbath, lavava-se no banho e satisfazia necessidades na privada externa. Recordou-lhe ainda a manhã em que ela acordou com uma marca preta e azulada no seio.

Ela pensou fosse o beliscão de um vampiro. Mas em verdade a marca fora produzida por um beijo dos lábios de Hurmizah.

Pouco depois, o demônio meteu-se na cama de Taibele e teve o que queria. Disse-lhe que doravante pretendia visitá-la duas vezes por semana, nas noites de quarta-feira e sábado, por serem as noites em que os não sacramentados soltam-se pelo mundo. Advertiu-a, no entanto, a não contar a ninguém o que lhe sucedera, sequer sugerir, sob pena de severo castigo: ele lhe arrancaria os cabelos do crânio, furaria seus olhos, despedaçaria seu umbigo. Por fim, haveria de atirá-la no ermo mais desolado, onde o pão era estéreo e a água sangue, e onde as lamentações de Zalmaveth eram ouvidas dias e noites sem cessar. Exigiu de Taibele que jurasse, pelos ossos de sua mãe, guardar o segredo até o fim de seus dias. Taibele viu que não tinha escapatória. Pôs a mão na coxa e proferiu o juramento; fez tudo o que o monstro lhe ordenara.

Antes de partir, Hurmizah deu-lhe longos e voluptuosos beijos, e, já que ele era demônio e não homem, Taibele devolveu os beijos e umedeceu-lhe a barba com suas lágrimas. Embora sendo espírito mau, ele a tratara com gentileza...

Quando Hurmizah desapareceu, Taibele afundou a cabeça no travesseiro e

soluçou até despontar o sol.

Hurmizah voltou todas as noites de quarta e sábado. Taibele tinha medo de engravidar e dar à luz um monstro de cauda e chifres — um duende ou um palerma. Mas Hurmizah prometeu preservá-la da vergonha. Taibele perguntou-lhe se convinha ir ao banho ritual, para limpar-se após os dias impuros, porém Hurmizah garantiu que as leis relativas à menstruação não abrangiam os que se consorciavam com o visitante imundo.

Como diz o ditado, livre-nos Deus de tudo com que possamos nos habituar. Isso se aplicava a Taibele. No começo ela receu que o visitante noturno lhe causasse dano, produzisse furúnculos ou emaranhasse o cabelo, fazendo-a latir como cão ou beber urina, e convocasse contra ela toda sorte de desgraças. Mas Hurmizah não a chicoteava, beliscava ou nela cuspia. Ao contrário, fazia-lhe carinhos, sussurrava agrados, compunha trocadilhos e versos. Às vezes sacava traves-suras tais e babujava tantas asneiras, que ela se via obrigada a rir. Outras vezes puxava-lhe o lobo da orelha e dava-lhe mordidas amorosas no ombro. De manhã ela encontrava a marca dos dentes na pele. Persuadiu-a a deixar crescer o cabelo sob a touca e trançou-o. Ensinou-lhe feitiços e encantos, falou-lhe de seus irmãos noturnais, dos demônios em cuja companhia corria sobre ruínas e campos de cogumelos venenosos, sobre os pântanos salgados de Sodoma e as desoladas superfícies do mar de Gelo. Não negou que tivesse outras esposas; todas, porém, diabas. Taibele era a única esposa humana que possuía. Quando Taibele perguntou os nomes de suas mulheres, enumerou-as: Namah, Machlath, Aff, Chuldah, Zluchah, Nafkah e Cheimah. Sete, ao todo.

Disse-lhe que Namah era preta qual breu e cheia de ira. Quando brigava com ele, cuspia veneno e soprava fogo e fumo pelas ventas.

Machlath tinha o rosto de sanguessuga — e os que ela tocava com a língua ficavam marcados para sempre.

Aff adorava enfeitar-se de prata, esmeraldas e diamantes. Suas tranças eram fios de ouro. Nos tornozelos usava sinos e braceletes. Quando dançava, todos os desertos vibravam com os repiques.

Chuldah tinha forma de gato. Miava em vez de falar. Seus olhos eram verdes quais groselhas espinhosas. Ao copular, mascava sempre fígado de urso.

Zluchah era inimiga das noivas. Roubava a potência dos noivos. Se uma noiva saía sozinha à noite, durante as Sete Bênçãos Nupciais, Zluchah dançava para ela e a noiva perdia a capacidade de falar ou era vítima de doença repentina.

Nafkah era lasciva, traindo-o sempre com outros demônios. Retinha o afeto dele só por causa de seu falar vil e insolente, que lhe deliciava o coração.

Cheimah deveria ser, segundo seu nome, tão viciosa quanto Namah deveria ser meiga, mas o oposto era verdadeiro: Cheimah não passava de uma diaba sem ódio. Estava sempre a fazer ações caridosas, misturando farinha para donas-de-casa doentes, ou levando pão à casa dos pobres.

Assim Hurmizah descreveu suas mulheres e contou a Taibele como se divertia com elas, brincando de pegador nos telhados e metendo-se em todo

gênero de travessuras. De hábito, uma mulher tem ciúmes quando um homem se liga a outras mulheres, mas como enciumar-se de uma diaba? Bem ao contrário, os contos de Hurmizah divertiam Taibele, que o importunava freqüentemente com perguntas. Às vezes ele lhe revelava mistérios que mortal algum conhecia — acerca de Deus, seus anjos e serafins, suas mansões celestiais e os sete céus. Dizia-lhe também como os pecadores, homens e mulheres, eram torturados em barris de breu e caldeirões de carvão fumegante, em leitos de pregos e em poços de neve, e como os anjos negros açoitavam os corpos dos pecadores com varas de fogo.

O supremo castigo no inferno consistia em provocar cócegas, disse Hurmizah. Havia um certo diabinho no inferno, por nome Lekish. Quando Lekish cocava uma adúltera na planta dos pés ou nas axilas, o riso torturado ecoava até a ilha de Madagascar.

Dessa maneira, Hurmizah entretinha Taibele a noite inteira, e dentro em pouco ela começou a sentir-lhe a falta quando ele se ausentava. As noites de verão pareciam muito curtas, pois Hurmizah partia cedo, logo após o canto do galo. Até as noites de inverno não eram bastante compridas. Em verdade, ela agora amava Hurmizah, e embora ciente de que uma mulher não deve arder de paixão por um demônio, por ele ansiava, dia e noite.

2

Conquanto viúvo há muitos anos, Alchonon continuava na lista dos contratantes de casamentos. As mulheres que estes propunham tinham origem humilde, viúvas e divorciadas, porque um ajudante de professor não parecia bom partido, e, além disso, Alchonon tinha fama de desastrado e incapaz.

Alchonon recusava as ofertas sob vários pretextos: aquela mulher era feíssima, a outra tinha língua de cobra, a terceira era relaxada. Os casamenteiros pensavam: um ajudante de professor, ganhando nove *groschen* por semana, estaria em condições de exigir e escolher? Por quanto tempo consegue um homem viver sozinho? Impossível, porém, forçar uma pessoa a convolar núpcias.

Alchonon perambulava pela cidade — comprido, esguio, esfarrapado, com sua desgrenhada barba ruiva, a túnica amarrotada, o pomo-de-adão subindo e descendo. Esperava que o palhaço casamenteiro Reb Zekele morresse, de forma a tomar-lhe o lugar. Mas Reb Zekele não demonstrava pressa de morrer: continuava a estimular casamentos com um inexaurível fluxo de sátiras e rimas, como nos dias de sua mocidade. Alchonon tentava ajeitar-se como professor de principiantes, porém nenhuma dona-de-casa confiava-lhe os filhos. Pela manhã ele levava crianças ao *cheder** e as recolhia à noite. Durante o dia sentava-se no pátio de Reb Itchele, o professor, a talhar preguiçosamente apontadores de madeira, ou a recortar para decoração papel que era usado somente uma vez por ano, no Pentecostes, ou então a modelar figuras de barro.

* *Literalmente: "quarto". Escolinha religiosa que funcionava em geral na casa do professor. (N. do T.)*

Não muito distante do armarinho de Taibele havia um poço, e Alchonon lá ia muitas vezes ao dia, para tirar um balde de água ou beber um pouco, entornando água na barba ruiva. Nessas ocasiões, lançava rápido olhar a Taibele. Taibele apiedava-se dele: como conseguia sobreviver? E Alchonon pensava, por seu turno: “Ai, Taibele, se você conhecesse a verdade!”

Alchonon habitava um sótão na casa de uma viúva entrada em anos, que era surda e meio cega. Muitas vezes a velha admoestava-o por não ir à sinagoga orar, como outros judeus. Assim que deixava as crianças em casa, Alchonon murmurava uma apressada prece noturna e metia-se na cama. Às vezes, a velha julgava ouvir o ajudante de professor erguer-se no meio da noite e sair para algum lugar. Perguntou-lhe por onde vagueava à noite, mas Alchonon dizia-lhe que ela estivera a sonhar. As mulheres que se sentavam nos bancos, ao cair da noite, tricotando meias e trocando bisbilhotices, espalharam o boato segundo o qual Alchonon, depois da meia-noite, transformava-se em lobisomem. Algumas diziam que ele se consorciara com um súcubo. De outra forma, por que um homem permaneceria tantos anos sem mulher? Os ricos já não lhe confiavam a guarda dos filhos. Agora ele só acompanhava os filhos dos pobres e raramente tinha uma colherada de alimento quente, tendo de contentar-se com côdeas secas.

Alchonon tornava-se cada vez mais magro, mas seus pés permaneciam ágeis como sempre. Com as pernas descarnadas, parecia percorrer a rua como se andasse em pernas de pau. Devia sofrer sede constante, pois estava sempre indo ao poço. Às vezes limitava-se a ajudar um vendedor ou um camponês a dar água ao cavalo. Um dia, quando Taibele percebeu, a distância, como seu cafetã estava roto e esfiapado, chamou-o à loja. Ele lançou-lhe um olhar assustado e empalideceu.

— Pelo que vejo, seu cafetã está rasgado — disse Taibele. — Se quiser, fio-lhe alguns metros de pano. Você pagará mais tarde, à base de cinco centavos por semana.

— Não.

— Por que não? — perguntou Taibele, atônita. — Prometo não o denunciar ao rabi se atrasar o pagamento. Pague quando puder.

— Não.

E ele saiu rapidamente do armarinho, temendo que ela lhe reconhecesse a voz.

No verão era fácil visitar Taibele no meio da noite. Alchonon caminhava pelos terrenos planos dos fundos, apertando o cafetã no corpo nu. No inverno, o ato de vestir-se e despir-se na saleta de Taibele tornava-se bem mais doloroso. O pior, no entanto, eram as noites que se seguiam a uma fresca lufada de neve. Alchonon receava que Taibele ou um de seus vizinhos observasse suas pegadas na neve. Apanhou um resfriado e começou a tossir. Uma noite entrou na cama de Taibele com os dentes a castanholarem; custou muito a se aquecer. Com medo de que ela descobrisse o embuste, inventava explicações e desculpas. Mas Taibele não o inquiria nem desejava investigar de muito perto. Já descobrira há algum tempo que um diabo tem todos os hábitos e fraquezas do homem. Hurmizah suave, roncava, soluçava, bocejava. Às vezes seu hálito cheirava a

cebola, outras vezes a alho. O corpo dele assemelhava-se ao de seu marido, ossudo e peludo, com um pomo-de-adão e umbigo. Certas vezes Hurmizah mostrava ânimo chistoso, em outras dava para soltar suspiros. Seus pés não eram de ganso, e sim humanos, com unhas e ulcerações causadas pelo frio. Uma ocasião Taibele perguntou-lhe o significado dessas coisas, e Hurmizah explicou:

— Quando um de nós se une a uma fêmea humana, assume a forma de homem. Do contrário ela morreria de medo.

Sim, Taibele habituou-se a ele e amou-o. Já não sentia medo dele ou de seus grotescos gestos malignos. As histórias que ele contava eram inesgotáveis, e Taibele descobria nelas, muitas vezes, contradições. Como todos os mentirosos, tinha memória curta. Dissera-lhe a princípio que os demônios eram imortais, mas uma noite indagou:

— Que fará você se eu morrer?

— Demônios não morrem!

— Eles são levados ao abismo mais profundo... Durante aquele inverno houve uma epidemia na cidade.

Ventos furiosos chegaram do rio, dos bosques, dos pântanos. Não apenas crianças, mas adultos também baixaram ao leito com febre palúdica. Choveu e granizou. As tempestades arrancaram um braço do moinho de vento. Na noite de quarta-feira, quando Hurmizah entrou na cama de Taibele, ela observou que o corpo dele queimava de febre, mas os pés estavam gelados. Ele tremia todo e lamentava-se. Tentou entretê-la com sua conversa sobre diabos, de como elas seduziam rapazes, de como pinoteavam com outros demônios, revolviam-se no banho ritual, atavam a barba dos homens, mas estava fraco e incapaz de possuí-la. Jamais ela o vira em tão lastimável estado. Seu coração sobressaltou-se. Perguntou:

— Quer que lhe traga framboesas com leite?

— Esses remédios não nos convém — respondeu Hurmizah.

— Que costumam fazer quando adoecem?

— Coçamo-nos e nos esfregamos...

Pouco mais disse depois disso. Ao beijar Taibele, exalava um hálito acre. Sempre permanecia com ela até o cantar do galo, mas daquela feita partiu cedo. Taibele ficou silenciosa, ouvindo seus movimentos na saleta. Ele lhe havia jurado que saía pela janela, mesmo quando cerrada e trancada, mas ela ouviu a porta bater. Taibele sabia muito bem que era pecado rezar por demônios; em vez disso, devia-se amaldiçoá-los e varrê-los da memória. Contudo, pediu a Deus por Hurmizah.

— Já existem tantos diabos... Permita que este sobreviva — ela gemeu em sua angústia.

No Sabbath seguinte, Taibele esperou em vão por Hurmizah até a madrugada; ele não voltou mais. Ela convocou-o de todo o coração e murmurou os feitiços que ele lhe ensinara, mas a saleta permaneceu silenciosa. Taibele jazia amortecida. Hurmizah gabara-se uma vez de haver dançado para Tubal-cain e Enoch, de haver sentado no teto da Arca de Noé, de ter lambido o sal do nariz da

mulher de Lot, e de ter puxado a barba de Ahasverus. Profetizara que ela reencarnaria cem anos depois como princesa, e que ele, Hurmizah, a seqüestraria com a ajuda de seus escravos Chittim e Tachtim, levando-a então ao palácio de Bashemath, a esposa de Esaú. E no entanto, ei-lo agora, com muita possibilidade, estendido algures, enfermo — um demônio desamparado, um órfão solitário, sem pai nem mãe, sem esposa fiel para dele cuidar. Taibele lembrou-se de como a respiração dele saía sibilante como uma serra quando com ela estivera pela última vez. Ao assoar o nariz, provocou um assovio no ouvido. De domingo a quarta-feira Taibele andou como envolta em sonho. Na quarta-feira mal pôde esperar até que o relógio soasse as pancadas da meia-noite, mas a noite passou e Hurmizah não apareceu. Taibele virou o rosto para a parede.

Começou o dia, escuro como a noite. Neve fina qual poeira tombava do céu sombrio. A fumaça, em vez de subir das chaminés, espalhava-se sobre os telhados, como lençóis esfiapados. As gralhas crocitavam asperamente. Cães latiam. Depois da noite medonha, Taibele não tinha forças para ir ao armário. Todavia, vestiu-se e saiu. Viu quatro pessoas carregando uma padiola. Esticando a colcha coberta de neve, os pés azuis de um cadáver. Somente o coveiro acompanhava o morto. Taibele perguntou quem era, e o coveiro respondeu:

— Alchonon, o ajudante de professor.

Uma estranha idéia acudiu a Taibele — acompanhar Alchonon, aquele homem fraco que vivera sozinho e morrera sozinho, em sua última jornada. Quem iria ao armário hoje? E que importavam os negócios? Taibele perdera tudo. Afinal, praticaria uma boa ação. Acompanhou o morto pela longa estrada até o cemitério. Ali, aguardou que o coveiro afastasse a neve e cavasse uma sepultura na terra gelada. Enrolaram Alchonon, o ajudante de professor, num xale de orações e num capote, colocaram cacos de louça em seus olhos e entre os dedos espetaram um ramo de murta que ele utilizaria para abrir caminho até a Terra Santa, quando o Messias chegasse. Em seguida, o túmulo foi fechado e o coveiro recitou o Kaddish*, Taibele soltou um grito. Alchonon vivera uma existência solitária, como ela. Como ela, não deixara herdeiro. Sim, Alchonon, o ajudante de professor, dançara sua última dança. Pelos contos de Hurmizah, Taibele sabia que os falecidos não iam diretamente para o céu. Cada pecado cria um demônio, e esses demônios são os filhos do homem após sua morte. Os demônios vêm exigir sua parte. Chamam ao morto de pai e o arrastam pela floresta e pelo ermo até que a medida do castigo é preenchida e ele fica pronto para a purificação no inferno...

* *Literalmente: "sagrado". Prece entoada pela alma dos mortos. (N. do T)*

Daí em diante Taibele permaneceu sozinha, duplamente abandonada — por um asceta e por um demônio. Envelheceu com rapidez. Nada lhe restou do passado, exceto um segredo que nunca seria contado e jamais acreditado por alguém. Existem segredos que o coração não pode revelar aos lábios. São levados para o túmulo. Os salgueiros murmuram-nos, as pedras tumulares conversam a seu respeito silenciosamente, na linguagem da pedra. Os mortos acordarão um dia, mas seus segredos subsistirão com o Todo-Poderoso e Seu

juízo, até o fim de todas as gerações.

Grande e pequeno

Você dirá: grande, pequeno, qual a diferença? O homem não se mede por fita métrica. O fundamental é a cabeça, não os pés. No entanto, se uma pessoa adquire uma idéia ridícula, nunca se sabe até onde persistirá. Permitam-me contar-lhes uma história. Havia um casal em nossa cidade. Ele chamava-se Pequeno Motie, e ela, Motiekhe. Jamais alguém chamou-a pelo seu nome verdadeiro. Quanto a ele, não era apenas pequeno; dificilmente ultrapassaria um pigmeu. Os ociosos trocistas — e existe sempre uma porção deles por aí — divertiam-se à custa do pobre homem. O assistente de professor, diziam, tomou-o pela mão e conduziu-o à presença de Reb Berish, que ensinava crianças mais novas no *cheder*. Na Simkhas Torah*, os homens embriagaram-se e convocaram-no, com os meninos pequenos, para a leitura da Tora. Alguém deu-lhe uma bandeira — com uma maçã e uma vela no mastro. Quando uma mulher deu à luz, os gaiatos foram dizer-lhe que precisavam de um menino para a oração junto ao berço, a fim de espantar os maus espíritos. Se ao menos tivesse uma barba decente! Mas não, ela era apenas um tufo — alguns pêlos aqui e ali. Ele não tinha filhos e, para dizer a verdade, parecia-se mesmo com um escolar. Sua esposa, Motiekhe, tampouco era uma beleza, mas impenha-se pelo corpo. Bem, seja como for, os dois viviam juntos, e Motie veio a enriquecer. Comercia com cereais e possuía um armazém. O proprietário de terras local simpatizou com ele, embora se divertisse, de vez em quando, com o tamanho do homem. Pensando bem, era natural. De que adianta ser grande se o buraco no bolso é maior ainda?

** Festa comemorativa do dia em que o povo de Israel recebeu a Tora. (N. do T)*

O pior de tudo, porém, foi que Motiekhe (Deus a perdoe!) estava sempre a arrelia-lo. Tampinha faça isto, Tampinha faça aquilo. Sempre com alguma coisa para ele fazer em lugares que não podia alcançar. “Enfie um prego na parede, ali em cima!” “Pegue a caçarola de cobre na prateleira!” Ridicularizava-o em frente de estranhos, também, e as histórias espalhavam-se depois pela cidade. Um dia chegou a dizer (vocês admitem tal declaração de uma honesta esposa judia?) que ele precisava de um banquinho para subir à cama do casal. Não imagina a tagarelice que isso causou! Se alguém aparecia à procura dele, quando estava ausente, ela dizia: “Dê uma olhada embaixo da mesa”.

Havia um professor, de língua maldosa, que disse como chegara, certa ocasião, a perder a fêrula. Olhou em volta — e lá estava Motie, usando a fêrula como bengala. Naqueles anos as pessoas dispunham de tempo, e nada melhor do que afiar as línguas. O próprio Motie recebia os motejos com um sorriso, como diz o ditado, mas eles feriam. Antes de tudo, que há de tão engraçado assim em ser pequeno? Um homem de pernas compridas valerá mais aos olhos de Deus? Tudo isso, vejam bem, acontecia somente entre a gentilha. Pessoas piedosas evitavam comentários aleivosos.

Motie não era sábio; simplesmente um homem comum. Gostava de ouvir as parábolas de pregadores visitantes na sinagoga. Nas manhãs de sábado cantava

salmos com o resto da congregação. Também apreciava um ocasional copo de uísque. Às vezes ia à nossa casa. Meu pai (que ele repouse em paz!) comprava aveia em seu armazém. Ouvia-se então Motie arranhar a aldrava qual gato pedindo para entrar. Nós, moças, éramos pequenas naquele tempo, e o cumprimentávamos com efusões de riso. Papai alcançava-lhe uma cadeira e dirigia-se a ele como Reb Motie, mas nossas cadeiras eram altas e tínhamos dificuldade em subir. Quando o chá era servido, ele impacientava-se e esticava o corpo, incapaz de atingir a beira do copo com os lábios. Línguas cruéis diziam que ele punha calços nos sapatos, e que uma vez caíra dentro de um balde de madeira, desses que se usam à guisa de chuveiro, nas casas de banho. À parte isso tudo, tratava-se de um competente negociante. E Motiekhe tinha em sua companhia vida fácil e confortável. A casa era bonita e as prateleiras do guarda-comida estavam sempre repletas do que havia de melhor.

Agora ouçam bem. Um dia, marido e mulher tiveram uma briga. Uma palavra puxou outra, e dentro em pouco a briga tornou-se feia. Acontece em toda família. Mas, para felicidade, um vizinho estava presente. Motiekhe (que ela não se vingue de mim!) tinha a boca bem azeitada, e quando furiosa esquecia-se até de Deus. Gritou para o marido: “Seu anão! Coisinha nojenta! Que tipo de homem é você? Igual a uma mosca. Tenho vergonha de ser vista, a caminho da sinagoga, ao lado de tamanha insignificância!” E por aí foi, pondo mais lenha na fogueira, até que o sangue fugiu do rosto dele. Ele nada disse, o que a enfureceu ainda mais. Ela gritou: “Que posso fazer com um anãozinho desses? Comprar um banquinho e pô-lo no berço. Se minha mãe me amasse de verdade, teria encontrado um homem para mim, e não uma criança recém-nascida!”

Estava frenética, não sabia mais o que dizia. Ele, que tinha cabelo ruivo e rosto corado, tornara-se branco como giz, e retrucou: “Seu segundo marido será bastante grande para me compensar”. E ao dizer isso, entregou os pontos e chorou como uma criancinha. Jamais alguém o vira chorar, sequer no Yom Kippur*. A mulher perdeu imediatamente a fala. Não sei o que aconteceu depois, eu não estava lá. Devem ter ajeitado as coisas. Mas, como diz o provérbio, as feridas cicatrizam e as palavras permanecem.

Antes de transcorrer um mês, os habitantes da cidade tinham novidade. Motie trouxera para casa um ajudante de Lublin. Que pretendia com um ajudante? Até então, dirigira seus negócios sozinho, e bastante bem. O recém-chegado percorreu a rua e todos viraram-se para observá-lo: um gigante, preto como azeviche, com olhos negros e barba negra. Os outros comerciantes perguntaram a Motie: “Para que precisa de um ajudante?” E ele respondeu: “Os negócios prosperam, graças a Deus! Já não consigo suportar sozinho o peso da responsabilidade”. Bem, pensaram, ele deve saber o que faz. Mas, numa cidade pequena, todo mundo vê o que o vizinho pôs na caçarola. O homem de Lublin — seu nome era Mendl — não parecia comerciante. Perambulava pelo pátio, a olhar estupidamente e a rolar os olhos negros para cá e para lá. Nos dias de feira punha-se, qual estaca, entre as carroças, sobressaindo entre os camponeses e

mascando palha.

**Dia do Perdão, feriado religioso. (N. do T)*

Quando apareceu na casa de orações, perguntaram-lhe: “Que fazia em Lublin?” Respondeu: “Sou lenhador”. “Tem mulher?” Não”, respondeu, era viúvo. Os ociosos da Rua do Tijolo tinham algo acerca de que tagarelar. E, coisa estranha, o homem era tão grande quanto Motie era pequeno. Quando conversavam, o recém-chegado tinha de pender a cabeça até a cintura, e Motie erguer-se na ponta dos pés. Quando desciam a rua juntos, todo mundo corria à janela para vê-los. O sujeito grandalhão disparava à frente, e Motie era obrigado a correr atrás, a trote. Quando levantava o braço, o homem poderia tocar o telhado. Era como aquela história da Bíblia, quando os espíões israelitas pareciam gafanhotos, e os outros, gigantes. O ajudante vivia na casa de Motie e Motiekhe servia-lhe as refeições. As mulheres perguntavam-lhe: “Por que motivo Motie trouxe esse Golias para casa?” E ela respondia: “É o que eu gostaria de saber. Se ao menos fosse bom comerciante... Mas não distingue trigo de centeio. Come como um cavalo e ronca que nem um boi. E, além de tudo, é um imbecil. Economiza palavras como se fossem moedas de ouro”.

Motiekhe tinha uma irmã a quem abria o coração magoado. Motie precisava de um ajudante, disse ela, como precisaria abrir um buraco na cabeça. Tomou-o por pura maldade. O homem não levantava uma palha. Acabaria por arruiná-los. Aquelas foram suas palavras. Em nossa cidade não havia segredos. Vizinhos escutavam nas janelas alheias e punham o ouvido no buraco da fechadura. “Por maldade?”, perguntou a irmã, e Motiekhe rompeu a chorar: “Porque eu o chamei de bebê prematuro”.

A história correu logo a cidade, mas as pessoas acharam difícil acreditar. Que espécie de maldade era aquela? A quem ele pretendia ferir com semelhante sujeira? O dinheiro era dele, não da mulher. Mas quando um homem põe uma idéia falsa na cabeça, Deus tenha piedade dele! Essa é a verdade, tal como está escrito... não me lembro mais onde.

Duas semanas passaram-se antes de Motiekhe procurar em lágrimas o rabi.

“Rabi”, disse ela, “meu marido perdeu o juízo. Pôs um preguiçoso glutão dentro de casa. E como se isso não bastasse, dá todo o dinheiro a ele.” Acrescentou que o estranho controlava a bolsa, e quando ela, Motiekhe, precisava de alguma coisa, tinha de pedir-lhe. Ele era o caixa. “Santo rabi”, gritou a mulher. “Motie fez isso para me pirraçar, porque eu o chamei de fantoche.”

O rabi não conseguia perceber o que ela pretendia. Era um santo homem, porém inútil em questões mundanas. Disse apenas: “Não posso interferir nos negócios de seu marido”. “Mas, rabi”, ela exclamou, “será a nossa ruína!”

O rabi mandou chamar Motie, mas este insistiu: “Já carreguei muitas sacas de cereal e agora posso dar-me ao luxo de ter um ajudante”. No fim, o rabi despediu a ambos com esta ordem: “Que haja paz!” Que mais podia fazer?

Então, de súbito, o Pequeno Motie caiu doente. Ninguém sabia o que o atormentava, porém foi perdendo a cor. Pequeno como era, encolheu ainda mais. Foi à sinagoga rezar e deixou-se pender num canto qual sombra. No dia de feira não foi visto entre as carroças. A mulher perguntou: “Que tem você, meu

marido?” E ele respondeu: “Nada, absolutamente nada”. Mandou chamar o médico, mas de que adiantam médicos? Receitou algumas ervas, que em nada ajudaram. No meio do dia, Motie foi para a cama e estirou-se. Motiekhe indagou: “Onde é que dói?” E ele respondeu: “Não sinto dor”. “Nesse caso, por que está deitado aí como um enfermo?” E ele disse: “Não tenho mais forças”. “Como pode ter forças se come como um passarinho?” Mas ele se limitou a observar: “Não tenho apetite”.

Que mais dizer? Todo mundo via que Motie estava na pior. Apagava-se qual vela. Motiekhe queria que ele fosse a Lublin consultar médicos, mas em vão. Ela começou a lamentar-se e gemer: “Que vai ser de mim? Com quem pretende deixar-me?” E ele respondeu: “Você desposará o grandalhão”. “Patife! Assassino!”, gritou ela. “Você me é muito mais caro do que qualquer gigante. Por que então me atormenta? E se eu me arrepender agora? Falei aquilo por falar. Você é meu marido, meu bebê. Você é tudo que tenho no mundo. Sem você minha vida não vale um grão de poeira.” Porém tudo quanto ele disse foi: “Sou um ramo seco. Com ele você terá filhos”.

Se eu fosse contar-lhes tudo o que aconteceu, teria de ficar aqui um dia e uma noite. Os cidadãos mais influentes da cidade foram falar-lhe. O rabi visitou o doente. “Que bobagem é essa que meteu na cabeça? O mundo a Deus pertence, não aos homens.» Mas Motie fingia não compreender. Quando a esposa viu que as coisas iam de mal a pior, franziu o sobrolho e ordenou ao estranho que partisse. Mas Motie disse: « Não, ele fica. Enquanto respirar, sou o senhor aqui ».

Todavia, o homem foi dormir na hospedaria. Mas de manhã estava de volta e encarregou-se dos negócios. Tudo passara agora às suas mãos: o dinheiro, as chaves, a derradeira migalha. Motie jamais tomara nota das despesas, mas o ajudante registrava tudo num livro razão. Além disso, era miserável. Motiekhe pedia dinheiro para o sustento da casa e ele exigia contas de cada copeque. Pesava e media, cobrava até as migalhas. Ela rebelou-se: “Você é um forasteiro! Isso não é de sua conta! Vá para os infernos, seu ladrão, seu assassino, seu salteador de estradas!” A resposta dele era: “Se seu marido me expulsar, irei”. Porém, na maioria das vezes, nada respondia, limitando-se a grunhir como urso.

Enquanto o verão permaneceu quente, o Pequeno Motie ainda conseguiu levantar-se alguma vez. Chegou até a jejuar no Yom Kippur. Mas logo depois do Succoth* começou a definhar rapidamente. Meteu-se na cama e não mais se ergueu. A esposa trouxe o médico de Zamosc, mas o médico nada pôde fazer. Ela consultou feiticistas, mediu túmulos com um pavio e fez velas para oferendas na sinagoga, enviou mensageiros a rabis santos, mas Motie enfraquecia dia após dia. Deitado de costas, fitava o teto. Era preciso ajudá-lo a vestir o xale de orações e pôr os amuletos pela manhã; já não tinha forças para arranjar-se sozinho. Comia quase nada: uma colherada de aveia de vez em quando. Deixara de benzer o vinho no Sabbath. O altão chegava da sinagoga, abençoava os anjos e recitava a bênção.

* *Literalmente: “barraca”, “choça”. Data religiosa celebrada durante a colheita do outono e relativa ao refúgio encontrado pelos judeus quando erravam pelo deserto. (N. do T.)*

Ao ver para onde as coisas se encaminhavam, Motiekhe convocou três judeus e pediu a Bíblia. Lavou as mãos, pegou o Livro Santificado e exclamou: “Todos são testemunhas. Juro pelo Livro Santo e por Deus Todo-Poderoso que não me casarei com este homem, mesmo que fique viúva até os noventa!” Dito o quê, cuspiu no grandalhão — bem no olho. Ele enxugou o rosto com um lenço e saiu. Motie observou: “Não tem importância. Você será absolvida de falso juramento...”

Uma semana depois, Motie agonizava. Não demorou muito e ele cessava de existir. Foi estendido no chão, com velas à cabeceira e os pés apontando a porta. Motiekhe beliscou-lhe as bochechas e gritou: “Assassino! Você nos tirou a vida! Não tem direito a um funeral sagrado! Devia ser enterrado fora da cerca do cemitério!” Ela não estava em seu juízo perfeito.

O grandalhão saiu de casa e permaneceu invisível. A agência funerária pediu dinheiro para o sepultamento, mas Motiekhe não tinha um copeque. Teve de empenhar as próprias jóias. Os que prepararam Motie para o funeral disseram depois que ele estava tão leve como um passarinho. Vi-os transportarem o corpo. Era como se uma criança estivesse embaixo da colcha. Em cima dela, a caneca que ele usara para medir cereais. Pedira que a pusessem ali, como lembrança de que sempre tomara medidas exatas. Cavaram o túmulo e sepultaram-no. De repente, o gigante apareceu, dando a impressão de que emergia da terra. Começou a dizer o Kaddish, mas a viúva guinchou: “Seu Anjo da Morte, foi você quem o tirou deste mundo!” E atirou-se a ele, com os punhos. Foi difícil contê-la.

O dia foi curto. Logo tombou a noite, e Motiekhe sentou-se num banquinho, para iniciar os sete dias de luto. Enquanto isso, o altão entrava no quintal e saía dele, transportando coisas, fazendo isso e aquilo. Mandou um menino entregar dinheiro à viúva para suas necessidades. Assim se repetiu, dia após dia. Finalmente, a comunidade resolveu interferir e chamou o homem à presença do rabi. “Que história é essa?”, exigiram. “Por que se agarra àquela casa?” A princípio, permaneceu silencioso, como se julgasse que as palavras não lhe diziam respeito. Em seguida, tirou um papel do bolso e mostrou-o: Motie fizera-o guardião de todos os seus bens terrenos. Pará a esposa, deixara somente os pertences caseiros. Os habitantes da cidade leram o testamento e quedaram-se atônitos. “Como pôde ele fazer isso?”, perguntou o rabi. Bem, fora bastante simples: Motie viajara a Lublin, procurara o maior homem que pudesse encontrar e tornara-o seu herdeiro e testamenteiro. Antes disso, o homem não passava de um capataz de um grupo de madeireiros.

O rabi deu suas instruções: “A viúva fez promessa e jurou, portanto você não deve entrar na casa. Devolva-lhe a propriedade, este caso é absurdo”. Mas o gigante ponderou: “Não se alteram disposições mortuárias”. Foram estas suas palavras. Os líderes da comunidade insultaram-no, ameaçaram-no com as três letras de excomunhão e com uma surra. Mas ele não se assustava facilmente. Era alto como um carvalho, e quando falava sua voz parecia sair, abafada, de

um barril.

Nesse ínterim, Motiekhe mantinha o voto. Sempre que um visitante aparecia com suas condolências, ela renovava o juramento... com velas, livros de orações, qualquer coisa de que lançasse mão. No Sabbath, um grupo de homens chegou para orar. Ela correu aos Sagrados Pergaminhos e jurou também por eles. Não faria a vontade de Motie, gritou. Ele não teria sua vingança.

E soluçou com tanta amargura que todos choraram com ela.

Bem, ela acabou desposando-o. Não me lembro quanto tempo resistiu, se seis meses ou nove... De qualquer maneira, durou menos de um ano. O grandalhão tinha tudo e ela nada possuía. Pôs o orgulho de banda e procurou o rabi. “Santo rabi, que posso fazer? Motie assim quis, Ele assombra meus sonhos. Ele me belisca. Grita em meu ouvido que haverá de me estrangular.” Arregaçou a manga, ali mesmo na sala do rabi, e mostrou-lhe um braço coberto de marcas pretas e azuis. O rabi não queria tomar sozinho a decisão e escreveu a Lublin. Três rabis chegaram e debruçaram-se sobre o Talmude durante três dias. Por fim, concederam-lhe — como é mesmo que se chama? — a licença.

O casamento foi uma festa tranqüila, mas a multidão fez bastante barulho para compensar. Imaginem só todas as zombadas e apupos! Antes do casamento, Motiekhe estava achatada qual tábua e parecia verde e amarela. Mas logo após as bodas, começou a florescer como uma rosa. Já não era jovem, e no entanto engravidou. A cidade ardia de curiosidade. Tal como chamara o primeiro marido de “tampinha”, passou a chamar o segundo de “o alto”. Era “o alto para cá”, “o alto para lá”. Vivia a atirar-lhe olhares babosos e condoia-se de suas asneiras. Ao cabo de nove meses, deu à luz um menino. A criança era tão grande que ela sofreu três dias as dores do parto. Pensaram que fosse morrer, mas ela resistiu. Metade da cidade foi ver a circuncisão. Alguns apresentaram cumprimentos festivos, outros riram. Foi um espetáculo.

A princípio, tudo parecia bem. Antes de mais nada, não faltava motivo: um filho em idade madura! Mas, se Motie tivera sorte em todos os empreendimentos, Mendl era um desastrado. O senhorio antipatizou com ele. Os outros comerciantes evitaram-no. O armazém foi invadido por ratos grandes como gatos, que devoraram os grãos. Todo mundo dizia ser castigo do Alto, e não demorou muito para Mendl arruinar-se como comerciante. Voltou a ser capataz nos bosques. Agora, ouçam isto: ele sobe a uma árvore e bate de leve na casca com o malho. E a árvore tomba bem em cima dele. O vento não soprava. O sol brilhava firme. Ele não teve tempo de soltar um grito.

Motiekhe durou mais, porém parecia fora de seu juízo. Tudo o que fazia era murmurar infundadamente: baixo, alto, baixo, alto... Todos os dias ia ao cemitério lamentar-se sobre as sepulturas, corria de uma para outra. Quando morreu, eu já deixara a cidade. Fui morar com os pais de meu marido.

Como eu estava dizendo, o ódio... Ninguém deve caçoar do próximo. Pequeno é pequeno, grande é grande. Este mundo não nos pertence. Não o fizemos. Mas um homem arquitetar uma coisa tão desnaturada! Já ouviram coisa igual? Olhem, o mal deve ter-se apoderado dele. Estremeço todas as vezes que

penso nisso.

Sangue

Os cabalistas sabem que a paixão pelo sangue e a paixão da carne têm a mesma origem, sendo esta a razão por que “Não matarás” é seguido de “Não cometerás adultério”.

Reb Falik Ehrlichman era senhor de vasto domínio não muito distante da cidade de Laskev. Nasceria Reb Falik, mas devido à sua honestidade nos negócios os vizinhos chamaram-no *ehrllichman* por tanto tempo, que se tornou parte de seu nome. Da primeira esposa Reb Falik tivera dois filhos, um menino e uma menina, ambos falecidos na juventude e portanto sem descendentes. A mulher morrera também. Em anos posteriores ele voltou a casar-se, segundo o Livro do Eclesiastes: “Pela manhã semeia tua semente, e à tarde não retraias tua mão”. A segunda esposa de Reb Falik era trinta anos mais moça e seus amigos tentaram dissuadi-lo do enlace. Além disso, Risha já enviuvara duas vezes, sendo considerada devoradora de homens. Depois, provinha de família vulgar e tinha má fama. Dizia-se que havia surrado o primeiro marido com uma bengala e que, durante os dois anos em que o segundo marido estivera paralisado, jamais chamara médico. Havia ainda outro rumor maldoso. No entanto, Reb Falik não se mostrou assustado com advertências ou boatos. Sua primeira esposa, que ela descansa em paz, estivera doente longo tempo antes de morrer de fraqueza. Risha, corpulenta e forte como um homem, era boa dona-de-casa e sabia como dirigir uma fazenda. Sob a touca tinha bastos cabelos ruivos e olhos tão verdes quanto groselhas espinhosas. Seu colo era alto e tinha os quadris largos de mulher parideira. Embora sem filhos de nenhum de seus dois primeiros maridos, declarava ser culpa deles. Tinha voz estridente e quando ria podia-se ouvi-la a distância. Logo depois de desposar Reb Falik, começou a assumir responsabilidades: despediu o velho administrador que bebia muito e admitiu em seu lugar um moço diligente; fiscalizou a sementeira, a ceifa, a criação do gado; não perdeu de vista os camponeses, para certificar-se de que não furtavam ovos, galinhas e mel das colméias. Reb Falik esperava que Risha lhe desse um filho para recitar o Kaddish após sua morte, mas os anos correram e ela não engravidou. Acusou-o de ser muito velho. Um dia, levou-o a Laskev, ao tabelião público, onde ele passou a propriedade para o seu nome.

Aos poucos, Reb Falik deixou de dirigir os negócios da propriedade. Era homem de altura mediana, com uma barba branca, de neve, e faces banhadas por aquela pálida vermelhidão das maçãs de inverno, característica de anciãos prósperos e gentis. Tratava com a mesma cordialidade ricos e pobres, jamais gritando com os criados e camponeses. Toda primavera, antes da Páscoa, enviava uma carga de trigo a Laskev, para os pobres, e no outono, após a Festa dos Tabernáculos, supria o asilo de lenha para o inverno, bem como de sacas de batatas, couves e beterrabas.

Na fazenda havia uma pequena casa de repouso que Reb Falik construira e adornara com uma estante e o Santo Pergaminho. Quando dispunha de dez judeus na propriedade, o *quorum* necessário, oravam ali. Depois de transferir todas as suas posses a Risha, Reb Falik passava quase o dia inteiro no estúdio, recitando salmos, ou às vezes dormitando no sofá, num quarto ao lado. Sua

energia começou a abandoná-lo; as mãos tremiam, e, quando falava, a cabeça pendia, trêmula, de banda. Perto dos setenta, e por completo dependente de Risha, ele já comia, a bem dizer, o pão da misericórdia. Antes, os camponeses procuravam-no em busca de perdão, quando uma de suas vacas ou cavalos penetrava nos campos do senhor e o administrador exigia pagamento dos prejuízos causados. Mas agora, com Risha controlando tudo, o camponês tinha de entregar até o último centavo.

Na fazenda morava, há muitos anos, um açougueiro, de nome Reb Dan, um ancião que servia de sacristão no estúdio e que, em companhia de Reb Falik, estudava um capítulo da Mishnah*, todas as manhãs. Quando Reb Dan morreu, Risha começou a procurar novo abatedor. Reb Falik comia uma porção de galinha, todas as noites, ao jantar; a própria Risha gostava de carne. Laskev era muito longe para quem desejasse com freqüência comprar animais abatidos. Além disso, tanto no outono quanto na primavera, a estrada até Laskev inundava-se. Indagando na vizinhança, Risha soube que entre judeus, na aldeia próxima de Krowica, havia um açougueiro chamado Reuben, cuja esposa falecera ao dar, à luz o primeiro filho, e que, além do açogue, possuía uma pequena taberna, onde os camponeses bebiam à noite.

Uma manhã, Risha mandou um camponês arrear a *britska*. Iria a Krowica conversar com Reuben. Desejava que ele viesse à fazenda, de quando em quando, abater animais. Levou várias galinhas e um ganso num saco tão apertado que só por milagre as aves não morreram asfixiadas.

**Literalmente: “instrução”, “lei oral”. Doutrina tradicional dos judeus, sobretudo as decisões rabínicas antes de 200 d.C. (N. do T.)*

Ao chegar à aldeia, apontaram-lhe a cabana de Reuben, perto da oficina do ferreiro. A *britska* parou e Risha, acompanhada pelo boleeiro carregando o saco com as aves, abriu a porta da frente e entrou. Reuben não estava ali, porém, olhando pela janela o pátio traseiro, ela viu-o em pé, junto a um fosso gorduroso. Uma mulher descalça estendia-lhe uma galinha, que ele sangrou. Sem saber que o observavam de sua própria casa, Reuben brincava com a mulher. Estendeu a galinha, como se pretendesse atingir-lhe o rosto. Quando ela lhe deu as moedas, ele agarrou-lhe o punho, prendendo-lhe o braço. Nesse ponto a galinha, com o pescoço aberto, caiu no chão, a estrebuchar, batendo asas na tentativa de esvoaçar e salpicando de sangue as botas de Reuben. Afinal, a ave deu um último estremecimento e se inteiriçou, um olho vidrado e o pescoço fendido virado para o céu de Deus. A criatura parecia dizer: “Veja, Pai do Céu, o que me fizeram. E ainda se divertem”.

Reuben, como a maioria dos açougueiros, era gordo, com estômago proeminente e compleição taurina. Tinha o pescoço curto e carnudo. Nas faces cresciam tufos de pêlos negros. Seus olhos escuros emitiam o brilho frio dos nascidos sob o signo de Marte. Ao dar com Risha, senhora da grande propriedade

vizinha, confundiu-se e seu rosto tornou-se ainda mais vermelho. Apressadamente, a mulher que o acompanhava pegou a ave abatida e escapuliu. Risha entrou no quintal, ordenando ao camponês que depusesse o saco com as aves aos pés de Reuben. Ao que podia ver, ele não perdera o aprumo. Falou-lhe em tom ligeiro, meio chistoso, e ela respondeu na mesma moeda. Quando lhe perguntou se abateria as aves no saco, o açougueiro respondeu: “Que mais poderia fazer? Ressuscitar aves mortas?” E quando lhe observou como era importante para seu marido ter alimentos estritamente *kosher**, ele falou: “Diga-lhe que não se preocupe. Minha faca é tão afiada quanto um violino!” E, para mostrar-lhe, passou o fio azulado da lâmina na unha do indicador. O camponês desatou o saco e estendeu a Reuben uma galinha amarela. Ele prontamente virou-lhe a cabeça, depenou o meio do pescoço e cortou-o. Em seguida, prontificou-se a cuidar do ganso branco.

*“Puro”, “limpo”. *Processo de preparar a comida segundo o rito estabelecido no Shulchan Aruch. (N. do T.)*

— Esse aí é valente — disse Risha. — Os outros gansos temem-no.

— Pois vai perder a valentia — respondeu Reuben.

— Não sente pena? — admoestou Risha.

Nunca vira um açougueiro tão destro. As mãos dele eram grossas, de dedos curtos salpicados de densos pêlos negros.

— Na base da piedade, ninguém se torna açougueiro — ponderou Reuben. Pouco depois, acrescentou: — Quando a senhora escama um peixe no Sabbath, acaso pensa que ele gosta?

Segurando o ganso, Reuben olhou Risha com intensidade, o olhar subindo e descendo e, afinal, detendo-se no peito. Ainda a fitá-la, golpeou o ganso. As penas brancas tingiram-se de sangue. O ganso torceu o pescoço, ameaçador, e súbito pulou, conseguindo voar alguns metros. Risha mordeu o lábio.

— Dizem que vocês nascem com instinto de assassinos, mas tornam-se açougueiros — disse ela.

— Se é tão delicada assim, por que me trouxe as aves?

— Por quê? Ora, é preciso comê-las.

— Pois para comer carne é preciso matar.

Risha mandou o camponês recolher a ave. Ao pagar a Reuben, este segurou-lhe a mão e manteve-a um instante na sua. A mão era quente e o corpo dela estremeceu de prazer. Quando lhe perguntou se podia ir à fazenda abater animais, ele respondeu que sim, caso ela, além de pagar-lhe, enviasse uma carroça.

— Não lhe darei gado para matar — brincou Risha.

— Por que não? Já abati gado. Em Lublin, abati mais, em um só dia, do que aqui, em um mês — gabou-se.

Já que Risha parecia sem pressa, Reuben convidou-a a sentar-se numa caixa e ele próprio abancou-se num toro de madeira. Falou-lhe de seus estudos em Lublin e explicou como viera acabar naquela aldeia esquecida de Deus, onde a esposa — a paz esteja com sua alma — morrera ao dar à luz por falta de uma parteira experimentada.

— E por que não casou de novo? — perguntou Risha. — Mulheres é que não faltam. Viúvas, divorciadas, mocinhas.

Reuben disse-lhe que os contratantes de casamentos tentavam arranjar-lhe esposa, mas a mulher adequada ainda não havia aparecido.

— Como sabe qual será a mais adequada?

— Meu estômago sabe. Sentirei aqui — e Reuben, depois de bater os dedos, apontou o umbigo. Risha teria ficado mais um pouco se não surgisse uma moça com um pato. Reuben levantou-se. Risha voltou à *britska*.

No caminho de volta, Risha pensou no açougueiro Reuben, sua habilidade e conversa chistosa. Embora chegando à conclusão de que ele era um grosso e sua futura esposa não lamberia mel a vida inteira, ainda assim não conseguiu afastá-lo do pensamento. À noite, sozinha em sua cama de dossel, no quarto vizinho ao do marido, afligiu-se, sem conseguir adormecer. Quando adormeceu afinal, os sonhos assustaram-na e excitaram-na ao mesmo tempo. Acordou de manhã cheia de desejo, querendo ver Reuben o mais cedo possível, imaginando o que fazer nesse sentido e temendo que ele viesse a encontrar outra mulher e sair da aldeia.

Três dias depois, Risha voltou a Krowica, embora a despensa estivesse cheia. Desta feita ela própria pegou as aves, atou-lhes as pernas e meteu-as no saco. Na fazenda havia um galo preto de canto claro como um sino, famoso por seu tamanho e sua crista vermelha. Havia também uma galinha que punha um ovo todo dia e sempre no mesmo lugar. Risha agarrou as duas criaturas, murmurando: “Vamos lá, crianças, vocês sentirão o gosto da faca de Reuben”. E ao dizer tais palavras, um tremor percorreu-lhe a espinha. Não chamou um camponês para conduzir a *britska*. Aliás, ela própria selou o cavalo, partindo sozinha. Encontrou Reuben em pé, na soleira, como se impaciente à sua espera, como de fato estava. Quando um homem e uma mulher se desejam, seus pensamentos encontram-se e cada um prevê o que o outro fará.

Reuben convidou Risha a entrar, com toda a formalidade devida a um hóspede. Trouxe-lhe um jarro de água, ofereceu-lhe aguardente e uma fatia de bolo de mel. Não foi ao quintal, sacrificando as aves dentro de casa. Quando viu o galo preto, exclamou:

— Que belo cavaleiro!

— Não se preocupe. Logo você cuidará dele.

— Nenhum escapará à minha faca — assegurou-lhe Reuben. E matou o galo ali mesmo. A ave não exalou logo o último alento, mas afinal, qual água atingida por uma bala, desabou no chão. Depois, Reuben passou a faca na pedra de amolar, voltou-se e caminhou na direção de Risha. O rosto empalidecera de paixão, o fogo nos olhos dele assustou-a. Teve a impressão de que ele ia abatê-la também. Reuben abraçou-a sem dizer uma palavra, puxando-a contra seu corpo.

— Que é isso? Perdeu o juízo? — ela exclamou.

— Gosto de você — disse Reuben em voz rouca.

— Solte-me. Alguém pode entrar.

— Ninguém virá — tranquilizou-a. Passou a corrente na porta e empurrou Risha para uma alcova sem janelas.

Risha relutou, fingindo defender-se.

— Ai de mim. Sou uma mulher casada. E você... um homem devoto, um sábio. Por causa disso, arderemos na Geena* ...

* *Inferno. (N. do E.)*

Mas Reuben não prestou atenção. Forçou Risha a deitar-se em sua camastrado; e ela, três vezes casada, jamais sentira desejo igual ao daquele dia. Embora o chamasse assassino, ladrão e salteador, e o acusasse de constranger uma mulher honesta, ao mesmo tempo ela o beijava, acariciava e correspondia aos seus caprichos masculinos. Durante o jogo amoroso, pediu-lhe que a matasse. Tomando-lhe a cabeça, ele a inclinou para trás e correu o dedo de um lado a outro de sua garganta. Quando saiu da cama, Risha disse a Reuben:

— Acho que você me matou de verdade.

— E você, a mim — respondeu ele.

3

Querendo Reuben só para si, e com receio de que ele deixasse Krowica ou desposasse mulher mais nova, Risha decidiu encontrar um meio de instalá-lo na fazenda. Não podia contratá-lo, pura e simplesmente, para substituir Reb Dan, pois Reb Dan fora um parente a quem Reb Falik ajudara em muitas oportunidades. Empregar um homem só para abater algumas galinhas por semana não fazia sentido, e semelhante proposta levantaria suspeitas do marido. Depois de muito pensar, Risha encontrou uma solução.

Começou por queixar-se ao marido acerca do limitado lucro que as colheitas proporcionavam; das magras safras; disse que, se as coisas continuassem daquele jeito, em poucos anos estariam arruinados. Reb Falik tentou confortá-la, frisando que Deus não o esquecera até então e que era preciso ter fé. A isso, Risha retorquiu que de fé ninguém enche a barriga. Propôs que enchessem a pastagem de gado e abrissem um açougue em Laskev. Dessa forma, lucrariam em dobro, com o leite e com a carne vendida a retalho. Reb Falik contestou o plano como inviável e indigno de si. Lembrou que os açougueiros de Laskev protestariam e que a comunidade jamais concordaria com que ele, Reb Falik, se tornasse marchante. No entanto, Risha insistiu. Foi a Laskev, convocou assembléia dos cidadãos mais idosos e comunicou-lhes que pretendia abrir um açougue. A carne seria vendida dois centavos por libra a menos que a carne dos outros abatedores. A cidade entrou em rebuliço. O rabi advertiu-a de que tencionava proibir a carne procedente da fazenda. Os açougueiros ameaçaram apunhalar quem interferisse em seu meio de vida. Risha não se deixou atemorizar. Em primeiro lugar, tinha influências no governo, pois o *starosta** do lugar recebera dela muitos presentes finos, visitara com frequência sua propriedade e caçava em seus bosques. Além disso, logo ela encontrou aliados entre os pobres de Laskev, incapazes de comprar carne com fatura por causa dos preços altos. Muitos apoiaram-na: cocheiros, sapateiros, alfaiates, curtidores, oleiros; anunciaram que, se os açougueiros cometessem

violências, vingar-se-iam ateando fogo aos açougues. Risha convidou um grupo deles a visitar a fazenda, deu-lhes garrafas de cerveja caseira e arrancou-lhes promessa de apoio. Pouco depois, alugou uma loja em Laskev e empregou Wolf Bonder, homem destemido, rixento e com fama de ladrão de cavalos. De dois em dois dias, Wolf Bonder ia à fazenda, a cavalo, e levando carroça para transportar carne à cidade. Risha contratou Reuben para os abates.

**Chefe da comunidade. (N. do E.)*

Durante vários meses o novo negócio deu prejuízo, pois o rabi vetou a carne de Risha. Reb Falik envergonhava-se de encarar o povo da cidade, mas Risha tinha meios e modos de aguardar o dia da vitória. Já que a carne era barata, o número de fregueses aumentou sem parar, e dentro em breve, devido à competição, vários açougues viram-se forçados a fechar as portas e, dos dois abatedores de Laskev, um perdeu o emprego. Risha foi amaldiçoada por muitos.

O novo negócio deu a Risha a cobertura de que necessitava para disfarçar os pecados que cometia na fazenda de Reb Falik. Desde o início, habituou-se a estar presente quando Reuben abatia reses. Muitas vezes ajudava-o a amarrar o boi ou a vaca. E sua sede de observar o degolamento e o esguicho de sangue confundiu-se de tal modo com o desejo carnal que ela já não sabia onde começava um e findava o outro. Assim que os negócios tornaram-se lucrativos, Risha construiu um matadouro e deu a Reuben um apartamento na casa principal. Comprou-lhe roupas finas, e ele passou a fazer as refeições na mesa de Reb Falik. Reuben tornava-se mais gordo e de pele lustrosa. Durante o dia, raramente abatia, limitando-se a vaguear pelos arredores, em chambre de seda, sandálias macias e solidéu, observando os camponeses trabalharem nos campos, os pastores cuidarem dos rebanhos. Gostava de prazeres fora de casa e à tarde nadava, com freqüência, no rio. O idoso Reb Falik retirava-se cedo. À noite, Reuben, acompanhado de Risha, ia ao matadouro, onde ela permanecia de pé a seu lado, enquanto ele abatia o animal; e enquanto o animal estrebuchava, nas vascas da agonia, discutia com Reuben o próximo ato de luxúria. Às vezes ela entregava-se logo após o abate. A essa altura, todos os camponeses estavam em suas cabanas, dormindo, à exceção de um velho, meio surdo e quase cego, que os ajudava no matadouro. Ocasionalmente Reuben dormia com ela no monte de palha do matadouro, outras vezes deitavam-se fora, e a lembrança de criaturas mortas ou condenadas a morrer, perto deles, aumentava-lhes o gozo. Reb Falik antipatizava com Reuben. O novo negócio era-lhe repulsivo, mas raramente dizia uma palavra contra. Aceitava o aborrecimento com humildade, pensando que, de qualquer forma, em breve estaria morto, e de que valia iniciar briga? Ocorria-lhe, eventualmente, que a familiaridade da esposa com Reuben era excessiva, porém afugentava a suspeita, já que era, por natureza, honesto e correto, um homem habituado a conceder o benefício da dúvida.

Uma transgressão produz outra. Um dia, Satã, pai de toda luxúria e esperteza, tentou Risha a experimentar também o abate. Reuben ficou alarmado quando ela tocou no assunto. Sim, era adúltero, mas também crente, a exemplo de muitos pecadores. Argumentou que, por seus pecados, seriam açoitados, mas por que conduzir outras pessoas à iniquidade, fazendo-as comer carcaças não

purificadas? Não, Deus proibiu-o, e a Risha, de cometer semelhante desatino. Para ser açougueiro é necessário estudar o Shulchan Aruch e os Comentários. Um açougueiro é responsável por qualquer mácula na faca, por menor que seja, e por qualquer pecado em que um consumidor incorrer por comer carne impura. Risha, no entanto, mostrou-se inflexível. Qual a diferença? Ambos já estavam condenados a se debater num leito de agulhas. Se alguém peca, deve tirar o maior partido do pecado. Risha persistiu, alternando ameaças e subornos. Prometeu-lhe outros gozos, presentes, dinheiro. Jurou-lhe que, após a morte de Reb Falik, ela o desposaria e poria no nome dele toda a propriedade, de forma que Reuben pudesse se redimir de uma parte de sua iniquidade, mediante atos caritativos. Finalmente, Reuben concordou. Risha sentiu tal prazer em matar que, algum tempo depois, fazia todo o abate, tendo em Reuben um assistente. Começou então a trapacear, a vender sebo por gordura *kosher*, e cessou de extrair os tendões proibidos dos quartos traseiros das vacas. Iniciou guerra de preços com os açougueiros de Laskev, até que os remanescentes tornaram-se seus empregados. Firmou contrato para fornecimento de carne aos acampamentos do exército polonês — e porque os oficiais eram subordinados, e os soldados recebiam apenas a pior carne, ganhou fortunas. Risha tornou-se de fato tão rica que nem ela própria sabia o montante de sua riqueza. Sua malícia desenvolveu-se. Uma vez, abateu um cavalo e vendeu -o como carne *kosher*. Também matou porcos, escaldando-os em água fervente, como faziam os abatedores de porcos. Jamais foi apanhada. Gostava tanto de enganar a comunidade que em breve isso se tornou paixão poderosa, tão poderosa quanto sua lascívia e crueldade.

Como todos os que se devotam por inteiro aos prazeres da carne, Risha e Reuben envelheciam prematuramente. Seus corpos, de tão volumosos, mal lhes permitiam a conjunção carnal. Seus corações flutuavam em gordura. Reuben dera para beber. Passava o dia na cama, e quando acordava bebia aguardente de uma garrafa de água envolta em palha. Risha levava-lhe refrescos e gastavam o tempo em conversa ociosa, tagarelando à toa, como fazem os que venderam a alma em troca das aparências deste mundo. Brigavam e beijavam-se, caçoavam e zombavam, deplorando o fato de que o tempo se escoava e o túmulo estava cada vez mais próximo. Reb Falik vivia doente a maior parte do tempo, mas, embora parecendo muitas vezes que o fim lhe chegara, a alma relutava em abandonar o corpo. Risha brincava com idéias de morte e até mesmo com o pensamento de envenenar Reb Falik. Certa feita, disse a Reuben: “Olhe aqui, já estou farta de viver! Se quiser, mate-me e case com uma mulher jovem”.

Depois disso, arrebatou a garrafa empalhada dos lábios de Reuben e bebeu até esvaziá-la.

Existe um provérbio: céu e terra juraram juntos que segredo algum ficará escondido. Os pecados de Reuben e Risha não poderiam ser preservados para sempre. O povo começou a murmurar que eles viviam amancebados. Observou

como Reb Falik se tornara velho e frágil, comentou que ele ficava mais tempo na cama do que em pé, e concluiu que Reuben e Risha tinham um caso de amor.

Os açougueiros que Risha forçara a fechar as portas não se cansavam de espalhar contra ela toda sorte de calúnias. Algumas donas-de-casa mais esclarecidas descobriram na carne de Risha tendões que, segundo a lei, tinham de ser removidos. O açougueiro gentio a quem Risha se habituara a vender carne proibida queixou-se de que ela há meses não lhe fazia entregas corretas. Com essas provas, os antigos açougueiros reuniram-se e procuraram o rabi e os líderes comunitários, exigindo investigação da carne fornecida por Risha. Mas o conselho de anciãos hesitou em abrir contenda. O rabi citou o Talmude: quem acusa o inocente merece ser açoitado. E acrescentou que, não havendo testemunhas de uma só das transgressões imputadas a Risha, era um erro envergonhá-la, pois aquele que envergonha o próximo perde seu quinhão no mundo do porvir.

Assim rechaçados pelo rabi, os açougueiros resolveram contratar um espião, escolhendo um jovem decidido de nome Jechiel. Este moço, um rufião, saiu de Laskev uma noite, depois do crepúsculo, entrou furtivamente na fazenda, conseguiu iludir os cães ferozes de Risha e se postou de sentinela atrás do matadouro. Espiando por uma larga fenda, viu Reuben e Risha e observou, espantado, o velho empregado trazer animais mancos, e Risha, utilizando uma corda, imobilizá-los, um a um, no chão. Quando o velho partiu, Jechiel viu, com estupefação, à luz da tocha, Risha pegar uma comprida faca e sangrar as reses, uma após outra. O sangue fluiu borbulhante. Enquanto as bestas sangravam, Risha tirou toda a roupa e estendeu-se num monte de palha. Reuben aproximou-se. Estavam tão gordos que seus corpos mal podiam juntar-se. Geceram e ofegaram. Seu ofego misturado à agonia dos animais fazia um ruído sobrenatural; sombras retorciam-se pelas paredes; o galpão estava saturado do calor de sangue. Jechiel era um mata-mouros, mas nem assim deixou de aterrorizar-se, pois somente demônios comportam-se daquele jeito. Com receio de que os demônios o pegassem, fugiu.

De madrugada, Jechiel bateu à porta do rabi. Trêmulo, desembuchou o que havia testemunhado. O rabi levantou a aldrava e mandou-o, com seu martelo de madeira, acordar os anciãos e reuni-los com urgência. A princípio, ninguém acreditou que Jechiel falasse a verdade. Suspeitaram de que os açougueiros o tivessem contratado para coletar provas falsas, e ameaçaram-no de surra e excomunhão. Jechiel, para provar que não mentia, correu ao Arco do Sagrado Pergaminho, que ficava na Câmara de Julgamento, abriu a porta e, antes que o pudessem impedir, jurou pelo Pergaminho que suas palavras eram fiéis.

A história espalhou-se pela cidade qual turbilhão. Mulheres correram para as ruas, malhando as cabeças com os punhos, chorando e maldizendo-se. Segundo tudo indicava, a população comia carne impura há anos. As donas-de-casa saudáveis levaram sua louça à feira e fizeram-na em pedaços. Mulheres enfermas e prenhes desmaiaram. Homens devotos rasgaram as vestes, cobriram a cabeça de cinzas e sentaram-se para guardar luto. Uma turba correu aos açougues a fim de punir os que vendiam carne fornecida por Risha. Recusando-se a ouvir o que os açougueiros diziam em defesa própria, espancou vários, atirou

carcaças porta afora e derrubou os cepos dos açougues. Algumas vozes logo sugeriram uma expedição à fazenda de Reb Falik, e a multidão começou a se armar de cacetes, cordas e facas. O rabi, temendo derramamento de sangue, saiu à rua para serenar os ânimos, advertindo que o castigo devia esperar até que o pecado fosse considerado intencional e baixado um veredicto. Mas a turba não lhe deu ouvidos. O rabi decidiu então acompanhá-la, na esperança de interferir a caminho. Os anciãos também foram. Mulheres fecharam a retaguarda, beliscando as faces e chorando como se acompanhassem um sepultamento. Escolares insinuaram-se nas fileiras.

Wolf Bonder, a quem Risha dera presentes e sempre pagara bem para transportar carne da fazenda a Laskev, permaneceu-lhe fiel. Observando a ira crescente da multidão, dirigiu-se ao estábulo, selou um cavalo veloz e galopou até a fazenda para avisar Risha. Como foi dito, Reuben e Risha haviam pernoitado no galpão e ainda lá se encontravam. Ouvindo rumor de cascos, ergueram-se, saíram e viram com surpresa Wolf Bonder acercar-se. Ele explicou o que havia acontecido e referiu-se à fúria da turba a caminho. Aconselhou-os a fugir, a não ser que fossem capazes de provar sua inocência; do contrário, seriam reduzidos a pedaços. Ele próprio temia não regressar a tempo de evitar que a multidão o hostilizasse. Montando no cavalo, disparou a galope.

Reuben e Risha ficaram paralisados com o choque. O rosto de Reuben adquiriu uma vermelhidão intensa, depois tornou-se mortalmente pálido. Suas mãos tremiam e ele teve de arrimar-se à porta para não cair. Risha sorria nervosamente e seu rosto amarelou-se como se ela houvesse contraído icterícia. Mas coube a Risha o primeiro movimento. Aproximando-se do amante, olhou-o com firmeza.

— Meu amor, o destino do ladrão é a força.

— Vamos fugir — disse Reuben.

Tremia tão violentamente que mal pôde articular as palavras.

Risha respondeu, porém, não ser isso possível. A fazenda contava apenas seis cavalos e todos tinham sido levados de manhã cedo pelos camponeses à floresta, em busca de lenha. Uma junta de bois não impediria o avanço rápido da multidão. Além disso, ela, Risha, não tencionava abandonar a propriedade e vaguear por aí como mendiga. Reuben implorou-lhe que fugisse com ele, pois a vida é o mais precioso dos bens, mas Risha insistiu em sua decisão. Não iria. Por fim, entraram na casa principal, onde Risha fez uma trouxa de linho para Reuben, deu-lhe uma galinha assada, um pedaço de pão e uma bolsa com algum dinheiro. Na frente da casa, observou-o partir, gíngando e cambaleando pela ponte de madeira que conduzia aos bosques de pinheiros. Ao chegar à floresta, tomaria o atalho rumo à estrada de Lublin.

Várias vezes Reuben virou-se, resmungou e acenou com a mão, como se a chamasse, mas Risha continuou impassível. Sabia que ele era covarde. Só bancava o herói diante de um frágil galináceo e de um boi peado.

Assim que Reuben desapareceu, Risha avançou pelos campos a fim de chamar os camponeses. Ordenando-lhes que pegassem machados, foices e pás, explicou-lhes que uma turba procedente de Laskev estava no seu encaço, e prometeu a cada um florim e uma caneca de cerveja se a ajudassem a defender-se. A própria Risha segurou uma comprida faca numa mão e brandiu um cutelo de açougueiro na outra. Daí a pouco o ruído da turba fazia-se ouvir a distância e não tardou que ela se tornasse visível. Cercada por sua guarda camponesa, Risha escalou uma colina à entrada da fazenda. Quando os primeiros viram camponeses com machados e foices, abrandaram o passo. Alguns tentaram recuar. Os cães ferozes de Risha investiram contra eles, ladrando, mordendo, rosnando.

O rabi, percebendo que a situação só podia causar derramamento de sangue, ordenou-lhes que voltassem, porém os homens mais decididos recusaram-se a obedecer. Risha gritou, insultando-os: “Avante, veremos de que são capazes! Deceparei suas cabeças com esta faca — a mesma faca que usei nos cavalos e porcos que os obriguei a comer”. Quando um homem gritou que ninguém mais em Laskev compraria sua carne, e que ela seria excomungada, Risha retrucou também aos berros: “Não preciso de seu dinheiro. Também não preciso de seu Deus. Vou me converter. Agora mesmo!” E começou a gritar em polonês, chamando os judeus de malditos assassinos de Cristo e benzendo-se como se já fosse gentia. Virando-se para um dos camponeses ao seu lado, disse: “O que está esperando, Maciek? Corra a buscar um padre. Não quero pertencer mais a esta seita imunda”. O camponês partiu e a multidão silenciou. Todos sabiam que os convertidos logo se tornam inimigos de Israel e inventam toda sorte de acusações contra seus ex-irmãos. Viraram-se e foram para casa. Os judeus temiam instigar a cólera dos cristãos.

Enquanto isso, Reb Falik, sentado no estúdio, recitava a Mishnah. Surdo e meio cego, nada viu e nada ouviu. De repente, Risha entrou, faca à mão, gritando: “Vá ter com os seus judeus. Para que preciso de uma sinagoga aqui?” Ao vê-la com a cabeça descoberta e um cutelo na mão, o rosto contorcido pelo vício, ele foi tomado de tal angústia que perdeu a fala. Em seu xale de orações e com os amuletos, ergueu-se para perguntar-lhe o que havia acontecido, mas os pés fraquejaram e ele tombou morto. Risha ordenou que o corpo fosse colocado num carro de bois e enviado aos judeus em Laskev, sem sequer o linho para a mortalha. Enquanto a agência mortuária de Laskev limpava e preparava o corpo de Reb Falik, e enquanto se realizava o funeral e o rabi fazia o elogio do morto, Risha preparava-se para a conversão. Enviou mensageiros à procura de Reuben, pois queria persuadi-lo a seguir-lhe o exemplo, mas o amante desaparecera.

Risha estava agora livre para fazer o que quisesse. Após a conversão, reabriu os açougues e vendeu carne *não-kosher* aos gentios de Laskev e aos camponeses que iam à feira. Já não precisava ocultar nada. Podia matar animais abertamente e da maneira que bem entendesse: porcos, bois, novilhos, ovelhas. Contratou um açougueiro gentio para substituir Reuben e com ele caçava nos bosques, abatendo corças, lebres, coelhos. Mas já não sentia aquele prazer de torturar criaturas; matar já não lhe incitava a luxúria; e não gostou muito de dormir com o abatedor de porcos. Pescando no rio, quando um peixe lhe mordida

o anzol ou se debatia na rede, Risha tinha às vezes um instante de gozo, e seu coração embebido em gordura murmurava: “Muito bem, peixe, você é pior ainda que eu!”

A verdade era que ela morria de saudades de Reuben. Sentia falta de sua conversa lasciva, de sua experiência, de seu medo da reencarnação, de seu terror da geena. Agora, com Reb Falik no túmulo, não tinha a quem trair, de quem apiedar-se, de quem zombar. Comprou um banco na igreja cristã, logo após a conversão, e durante alguns meses compareceu, todos os domingos, para ouvir o sermão do padre. Nessas idas e vindas, ordenava ao condutor que passasse pela porta da sinagoga. Pirraçar judeus dava-lhe uma certa satisfação, mas também isso durou pouco.

Com o passar do tempo Risha tornou-se tão preguiçosa que já não ia ao matadouro. Deixou tudo nas mãos do marchante de porcos e não se preocupou em ser por ele roubada. Assim que se levantava pela manhã, enchia um copo de aguardente e arrastava-se, em suas pesadas pernas, de um cômodo para outro, falando a si mesma. Parava diante de um espelho e murmurava: “Ai, ai, Risha. Que aconteceu? Se sua santa mãe se erguesse do túmulo e visse você agora... Tenho certeza de que morreria outra vez!” Em certas manhãs, tentava melhorar de aparência, mas suas roupas não caíam direito no corpo, seu cabelo não se desemaranhava. Frequentemente cantava, horas a fio, em iídiche e em polonês. Sua voz era áspera e estridente e ela inventava as canções à medida que cantava, repetindo frases sem significado, produzindo sons que lembravam o cacarejar de galináceos, o grunhir de porcos, o gemido de bois abatidos. Caindo na cama, soluçava, arrotava, ria, chorava. À noite, em sonhos, fantasmas atormentavam-na: touros atingiam-na com os chifres, porcos esfregavam os focinhos em seu rosto e mordiam-na; galos riscavam-lhe a carne com os esporões. Reb Falik aparecia vestido na mortalha, coberto de feridas, acenando um ramo de palmas, a gritar: “Não consigo descansar em meu túmulo. Você desonrou minha casa”.

Então Risha, ou Maria Pawlowska, como se chamava agora, mexia-se na cama, os membros entorpecidos, o corpo coberto de suor frio. O fantasma de Reb Falik desaparecia, mas ela ainda escutava o rumor das palmas, o eco de suas lamentações. Benzia-se, repetindo um encantamento hebraico que a mãe lhe ensinara na infância. Esforçava-se para descer da cama, com os pés nus, e errava, no escuro, de um cômodo a outro. Rasgara todos os livros de Reb Falik, queimara o Santo Pergaminho. Convertera o estúdio em depósito de peles por secar. Na sala de jantar, porém, permanecia a mesa onde Reb Falik fizera as refeições do Sabbath, e do teto pendiam os candelabros onde as velas do Sabbath arderam. Às vezes Risha recordava os dois primeiros maridos que havia torturado com sua cólera, sua voracidade, suas pragas e língua afiada. Estava longe de mostrar-se arrependida, mas alguma coisa, dentro de si mesma, punha-se de luto e destilava amargura. Abrindo uma janela, olhava o céu da meia-noite, povoado de estrelas, e exclamava: “Ó Deus, vinde castigar-me! Aparecei, Satã! Sede bem-vindo, Asmodeu! Mostrei-me de quanto sois capaz. Levei-me para o deserto ardente por trás das montanhas negras!”

Num inverno, Laskev foi aterrorizada por um animal carnívoro que se emboscava à noite e atacava pessoas. Quem o havia visto dizia ser um urso, outros um lobo, outros ainda um demônio. Uma mulher, saindo de casa para urinar, teve o pescoço mordido. Um rapaz da *yeshiva** foi caçado nas ruas. Um vigia idoso ficou com o rosto arranhado. Mulheres e crianças de Laskev temiam sair à rua depois do anoitecer. Trancas eram passadas por toda parte. Contavam-se muitas coisas estranhas acerca da besta: alguém a ouvira delirar com palavras humanas; outro vira-a erguer-se nas patas traseiras e correr. Ela havia entornado um barril de couves num quintal, aberto viveiros de galinhas, arremessado ao chão a massa de farinha posta a fermentar na padaria, e sujara os açougues, na parte *kosher*, com excremento.

* *Seminário. Universidade onde se formam rabinos e juizes. Escola, em geral, de altos estudos religiosos. (N. do T)*

Em certa noite escura, os açougueiros de Laskev reuniram-se com machados e facas, determinados a matar ou capturar o monstro. Distribuídos em pequenos grupos, aguardaram, os olhos habituando-se às trevas. No meio da noite houve um grito e correria para o lugar onde vislumbraram o animal, no rumo dos arredores da cidade. Um homem gritou que fora mordido no ombro. Assustados, alguns retrocederam, mas os outros insistiram na caçada. Um dos caçadores viu o monstro e brandiu o machado. Pelo visto o animal fora ferido, pois, com um guincho sinistro, cambaleou e caiu. Um uivo pavoroso fendeu o ar. Em seguida, a besta entrou a praguejar em polonês e em iídiche, e a lamentar-se em voz esganiçada, semelhante à de mulher no parto. Certos de que haviam abatido uma diaba, os homens correram para casa.

Durante a noite inteira o animal gemeu e balbuciou. Chegou a se arrastar até uma casa e a bater na janela. Depois silenciou e os cães começaram a ladrar. Ao clarear do dia as pessoas mais corajosas saíram de casa. Descobriram, espantadas, que o animal era Risha. Estava morta, envergando uma pele de jaritacaca úmida de sangue. Faltava uma bota de feltro. O machadinho fincara-se-lhe nas costas. Os cães já partilhavam suas entranhas. Perto, a faca que ela usara para atacar um de seus perseguidores. Ficou claro, então, que Risha se transformara em lobisomem. Já que os judeus se recusavam a dar-lhe sepultura em seu cemitério, e os cristãos não queriam sepultá-la no deles, ela foi levada à colina da propriedade onde havia enfrentado a multidão, e ali enterrada num fosso. Seus bens foram confiscados pela administração municipal.

Anos mais tarde, um forasteiro vagabundo, recolhido à casa de indigentes de Laskev, adoeceu. Antes de morrer, chamou o rabi e os sete anciãos e informou-lhes que seu nome era Reuben, o açougueiro, com quem Risha cometera pecados. Durante anos vagueara ele de cidade em cidade, sem comer carne, jejuando às segundas e quintas-feiras, usando um saco à guisa de camisa e arrependendo-se de suas abominações. Viera morrer em Laskev por ser ali que seus pais estavam enterrados. O rabi recitou com ele a confissão e Reuben revelou muitos detalhes do passado que o povo da cidade não conhecia.

O túmulo de Risha na colina não tardou a cobrir-se de lixo. Contudo, e durante muito tempo, foi costume dos escolares de Laskø, no trigésimo terceiro dia de Omer*, quando saíam com arcos e flechas e uma provisão de ovos cozidos, pararem ali. Dançavam na colina e cantavam:

**Período de quarenta e nove dias que se inicia no segundo dia de Passover, festas judaicas que comemoram o êxodo dos judeus do Egito, e termina no primeiro dia de Lhabuoth, período festivo que comemora a entrega dos dez mandamentos a Moisés no monte Sinai. (N. do E.)*

“Risha sacrificou
Criaturas pretas,
Depois tombou
Na mão de capetas.

Um porco e um boi
Risha, a feiticeira,
Vendeu, e depois foi
Arder na fogueira”.

Antes de partir, as crianças cuspiam no túmulo e recitavam:

“Não deixes uma bruxa sofrer para viver.
Uma bruxa não deixes viver para sofrer.
Sofrer uma bruxa para viver não deixes”.

Sozinho

Muitas vezes, no passado, desejei que o impossível acontecesse — e, depois, aconteceu. Mas embora meu desejo se realizasse, o processo era tão confuso, tão desordenado que, no meu entender, o Oculto tentava mostrar-me que eu não compreendia minhas próprias necessidades.

Foi o que ocorreu, naquele verão, em Miami Beach. Eu residia num hotel cheio de turistas sul-americanos que iam a Miami refrescar-se, e também de pessoas, como eu, sofrendo de febre do feno. Eu já estava farto daquilo tudo: banhar-me no mar com hóspedes ruidosos; ouvir espanhol o dia inteiro; comer refeições pesadas duas vezes ao dia. Se abria um jornal em iídiche ou um livro, os outros olhavam-me com assombro. Assim, aconteceu-me um dia que, ao dar uma volta, disse em voz alta: “Que bom seria estar sozinho num hotel!” Um diabinho deve ter-me ouvido, pois, imediatamente, começou a preparar-me a armadilha.

Quando desci para o desjejum, na manhã seguinte, deparei o saguão do hotel em desordem. Em pequenos grupos, os hóspedes falavam mais alto que de costume. Valises estavam empilhadas por todos os cantos. Mensageiros passavam empurrando carrinhos cheios de roupas. Perguntei a alguém o que havia. — Não ouviu o aviso pelo sistema de comunicações interno? Fecharam o hotel. — Por quê? — perguntei. — Ora, faliram.

O homem afastou-se, aborrecido com a minha ignorância. Portanto, eis aí o enigma: o hotel ia fechar as portas! No entanto, ao que eu sabia, os negócios corriam bem. E, além do mais, como fechar um hotel assim de repente, com centenas de hóspedes? Mas, na América, eu julgara conveniente não fazer perguntas exageradas.

O ar-condicionado já fora desligado e a atmosfera, no saguão, cheirava a mofo. Hóspedes formavam fila, diante do caixa, para saldar as contas. Por toda parte, confusão. Crianças arrancavam folhas e flores de plantas tropicais em vasos. Alguns sul-americanos, que até ontem orgulhavam-se de sua pura descendência latina, falavam agora claramente em iídiche. Eu tinha pouca coisa a arrumar; apenas uma valise. Pegando-a, sai em busca de outro hotel. Fora, o sol ardente lembrou-me a história talmúdica de como, nas planícies de Mamre, Deus removera o Sol de seu escrínio, a fim de que estrangeiro algum pudesse incomodar Abraão. Sentia-me um tanto leviano. Os dias de solteiro voltavam, quando eu, descuidado, punha todos os pertences numa valise, partia e, dentro de cinco minutos, encontrava outro quarto. Passando por um pequeno hotel, que parecia algo precário, li o cartaz: “Preços fora de estação a partir de dois dólares diários”. Que haveria de mais barato? Entrei. Não havia ar-condicionado. Uma moça corcunda, com penetrantes olhos negros, encontrava-se atrás do balcão. Perguntei-lhe se tinha quarto disponível.

— O hotel inteiro — respondeu.

— Não há hóspedes?

— Ninguém.

E a moça riu, exibindo uma fileira de dentes quebrados, com largos espaços entre eles. Falou com acento espanhol.

Viera de Cuba, contou-me. Tomei um quarto. A corcunda guiou-me a um exíguo elevador, que nos deixou no terceiro andar. Ali, caminhamos por um comprido e escuro corredor escassamente iluminado por uma só lâmpada. Abriu uma porta e fez-me entrar no quarto, qual prisioneiro na cela. A janela, coberta por um mosquitoeiro, descortinava o Atlântico. Nas paredes a pintura descascava e o tapete no chão estava desfiado e esmaecido. O banheiro cheirava a mildio, a privada a inseticida. A colcha, embora limpa, estava úmida. Desemalei minhas coisas e descí. Tudo era meu, só meu: a piscina, a praia, o oceano. No pátio vi uma porção de cadeiras de lona rasgadas. Em volta, o sol queimava. O mar estava amarelo, as ondas espreguiçavam-se morosas, mal se movendo, como se fatigadas também pelo calor assoberbante. Só ocasionalmente, por desfastio, quebravam-se num rendilhado de espuma. Uma única gaivota pairava sobre a água, tentando decidir se apanhava ou não um peixe. À minha frente, ali, eu tinha, emoldurado pela soalheira, um verão melancólico; coisa estranha, já que melancolia sugere, em geral, outono. A humanidade, segundo me parecia, havia morrido em alguma catástrofe, e eu sobrara, qual Noé — porém, numa arca vazia, sem filhos, sem esposa, sem animais. Poderia, querendo, nadar nu; no entanto, pus minha roupa de banho. A água estava tão cálida que dir-se-ia ser o oceano uma banheira. Algas soltas boiavam. O acanha-mento coibira-me no primeiro hotel, mas ali tudo era solitude. Quem se dispõe a divertir-se num mundo vazio? Eu podia nadar um pouco, mas quem me salvaria se necessário? O Oculto dera-me um hotel vazio, mas também poderia proporcionar-me com facilidade uma ressaca, um redemoinho, um tubarão ou uma serpente do mar. Quem brinca com o desconhecido deve precaver-se em dobro.

Passado algum tempo, saí da água e estirei-me numa das cadeiras de lona que estavam em bom estado. Meu corpo estava exposto, meu crânio desguarnecido e, embora tivesse os olhos protegidos por óculos de vidro fosco, os raios de sol o atravessavam. No céu azul não vi nuvens. O ar cheirava a sal, peixe e mangas. Nenhuma fronteira, foi o que senti, entre o orgânico e o inorgânico. Tudo ao meu redor, cada grão de areia, cada seixo, respirava, crescia, palpitava. Pelos canais celestiais, que, segundo diz a Cabala*, controlam o fluxo da Divina Graça, chegam verdades impossíveis de vislumbrar em climas setentrionais. Eu havia perdido qualquer ambição. Sentia preguiça. Meus poucos desejos eram insignificantes e materiais: um copo de limonada ou de suco de laranja. Em minha fantasia, uma mulher de olhos quentes hospedara-se no hotel por algumas noites. Eu não quis dizer que desejara o hotel só para mim. O diabinho ou me entendera mal ou fingira. Como todas as formas de vida, eu também queria dar frutos, queria multiplicar-me — ou, pelo menos, acoplar-me. Estava pronto a esquecer exigências morais ou estéticas. Estava pronto a cobrir minha culpa com uma colcha e liberar por completo, qual cego, o sentido do tato. Ao mesmo tempo, questões eternas importunavam-me o pensamento: quem está por trás do mundo de aparência? É a Substância com seus Infinitos Atributos? É a Mônada das Mônadas? É o Absoluto, a Vontade Cega, o Inconsciente? Alguma espécie de ser superior tem de estar oculta na retaguarda de todas as ilusões. No mar, de um amarelo oleoso perto da praia, de um verde espelhante mais além, um barco a vela singrava qual cadáver amortalhado. De proa inclinada, parecia convocar

algo nas profundezas. Em cima, um pequeno aeroplano inscrevia um aviso: “Margolies’ Restaurant — kosher, 7 pratos, US\$ 1.75”. Pelo visto, a criação não retornara ainda ao caos primitivo. Ainda serviam sopa com *kasha* e *kneidlach*, *knishes* e *derma* recheada, no restaurante de Margolies. Nesse caso, talvez amanhã eu recebesse uma carta. Haviam prometido enviar-me toda a correspondência. Ela era meu único vínculo, em Miami, com o mundo exterior. Admira-me sempre que alguém me escreva, dê-se ao trabalho de selar e postar o envelope. Procuo significados obscuros até no verso vazio do papel.

**Sistema de interpretação teosófica ou mística das Escrituras, baseado no messianismo. Ocultismo. Corrente filosófica, por exemplo: os cabalistas. (N. do T.)*

2

Quando se está só, que longo se torna o dia! Li um livro e dois jornais, bebi uma xícara de café num bar, resolvi um problema de palavras cruzadas. Parei numa loja que leiloava tapetes orientais, entrei em outra onde vendiam papéis da Wall Street. Sim, eu me encontrava na Collins Avenue, em Miami Beach, porém me sentia um fantasma, desligado de tudo. Entrei numa biblioteca e pedi uma informação: o bibliotecário olhou-me com pasmo crescente. Eu me assemelhava a um homem morto cujo espaço já fora preenchido. Passei por muitos hotéis, cada um com suas decorações e atrações especiais. As palmeiras estavam empenachadas por ventarolas de folhas meio murchas e seus cocos pendiam quais pesados testículos. Tudo se afigurava imóvel, inclusive os lustrosos automóveis novos que chispavam no asfalto. Cada objeto prosseguia em sua existência com aquela força sem esforço que constitui, provavelmente, a essência de todo ser.

Comprei uma revista, mas fui incapaz de passar das primeiras linhas. Entrando num ônibus, deixei-me levar sem destino certo sobre elevados, ilhas com charcos, ruas ladeadas de casas de campo. Os habitantes, tendo edificado em terra erma, plantaram árvores e flores de todas as partes do mundo; ocuparam restingas vazias; criaram maravilhas arquitetônicas e formularam elaborados esquemas de lazer. Um hedonismo planificado. No entanto, o tédio do deserto permanecia. A música barulhenta não lograva bani-lo, nenhuma cor berrante o apagava. Passamos por um cacto cujas lâminas e espinhos porosos haviam produzido uma flor vermelha. Rodamos perto de um lago cercado por bandos de flamingos que batiam asas — e a água espelhava seus compridos bicos e penas encarnados. Uma assembléia de aves. Patos selvagens voavam, a grasnar; o pântano recusava-se a desaparecer.

Eu olhava pela janela aberta do ônibus. Tudo o que via era novo; contudo, parecia velho e fatigado: avós de cabelo pintado e faces carmesins, moças com biquínis que mal cobriam suas vergonhas, rapazes bronzeados bebendo Coca-Cola em esquis aquáticos.

Um ancião espreguiçava-se no convés de um iate, aquecendo as pernas reumáticas, os pêlos brancos do peito expostos ao sol. Sorria beatífico. Perto, a amante a quem legara sua fortuna examinava os dedos dos pés de unhas rubras,

tão certa de seus encantos como certa estava de que o sol surgiria amanhã. Um cão, parado na popa, fitava altivamente a esteira deixada pelo iate, e bocejava.

O ônibus demorou a chegar ao fim da linha. Ali, peguei outro. Passamos por um cais onde pesava-se peixe recém-pescado. Suas cores bizarras, dorsos ensangüentados, olhos vidrados, bocas cheias de sangue coagulado, dentes aguçados — tudo era prova de uma maldade tão funda quanto o abismo. Homens desventravam peixes com uma alegria profana. O ônibus passou por uma criação de cobras e por uma colônia de símios. Vi casas comidas pelo cupim e um charco de água lodosa em que os descendentes da cobra primeva arrastavam-se e deslizavam. Papagaios gritavam com vozes estridentes. Às vezes, estranhos odores entravam pela janela do ônibus, fedores tão intensos que me punham a cabeça à roda.

Graças a Deus o dia de verão é mais curto no sul que no norte. A noite tomba de súbito, sem a intermediação do crepúsculo. Sobre as lagunas e estradas, só uma luz muito forte pode penetrar para banir a treva selvática. Automóveis, de faróis acesos, investiam. A lua emergiu extraordinariamente grande e vermelha; pendia do céu qual globo de geógrafo ostentando um mapa que não era deste mundo. A noite tinha uma aura de milagre e mudança cósmica. Uma esperança que eu jamais esquecera assaltou-me: estaria eu destinado a testemunhar uma rebelião no sistema solar? Talvez a Lua estivesse prestes a cair. Talvez a Terra, afastando-se por si mesma de sua órbita em torno do Sol, vagueasse em meio a novas constelações.

O ônibus serpeou por áreas desconhecidas até retornar à Lincoln Road e às lojas de luxo, meio vazias no verão mas ainda cheias do que um turista rico pode desejar — um casaco de arminho, uma gola de chinchila, um diamante de doze quilates, um desenho original de Picasso. Os vendedores pelintras, certos de que além do nirvana pulsa o carma, conversavam entre si, em seus interiores com ar-condicionado. Eu não tinha fome. Todavia, entrei num restaurante onde uma garçonete com uma ondulação permanente recém-oxigenada serviu-me uma refeição completa, sem pressa e sem estardalhaço. Dei-lhe meio dólar de gorjeta. Quando saí, meu estômago doeu e minha cabeça tornou-se pesada. O ar noturno, fermentado pelo sol, aturdiu-me. Perto, um letreiro a neon de um edifício anunciava fuscante a temperatura — 96 Fahrenheit, e a umidade era quase idêntica! Eu não precisava de meteorologistas. O relâmpago já faiscava no céu incandescente, embora eu não ouvisse o trovão. Uma nuvem compacta movimentava-se, densa qual montanha, cheia de fogo e de água. Pingos esparsos de chuva atingiram-me a cabeça sem chapéu. As palmeiras pareciam petrificadas à espera do assalto furioso. Corri ao hotel vazio, desejando lá chegar antes da chuva; além disso, tinha esperança de encontrar correspondência. Porém, mal cobrira a metade da distância quando a tempestade desabou. Houve um esguicho e eu fiquei molhado como se envolvido por uma onda gigantesca. Uma esteira luminosa fendeu o céu e, no mesmo instante, ouvi o trovão estalar — sinal de que o relâmpago estava perto de mim. Tentei correr para dentro de algum lugar, mas as cadeiras amontoadas nos pórticos próximos o bloqueavam-me o caminho. Cartazes de propaganda desabavam. O topo de uma palmeira, rasgado pelo vento, adernou adiante. Vi uma segunda palmeira, embainhada em

saco de anagem, inclinar-se ao vento, pronta a cair de joelhos. Em minha confusão continuei a correr. Mergulhando em poças d'água tão fundas que por pouco não me afoguei, investi com a rapidez de um garoto. O perigo tornara-me ousado, e eu gritava e cantava, respondendo à tempestade no mesmo tom. A essa altura o trânsito parará; até os automóveis estavam abandonados. Mas eu corria, determinado a escapar daquela loucura ou nela submergir de vez. Tinha que receber aquela carta enviada por entrega especial, que ninguém me escrevera e eu jamais receberia. Ainda ignoro como reconheci meu hotel. Entrei no saguão e parei um momento, encharcando o tapete. No espelho do outro lado, minha imagem meio dissolvida refletia-se qual figura numa pintura cubista. Consegui manobrar o elevador e subir ao terceiro andar. A porta de meu quarto estava escancarada: dentro, mosquitos, mariposas, vaga-lumes e pernilongos esvoaçavam e zumbiam, procurando abrigo contra a tormenta. O vento derrubara o mosquitoeiro e espalhara papéis que eu deixara em cima da mesa. O tapete estava revolvido. Fui à janela e olhei o mar. As ondas subiam qual montanhas no meio de mares — vagalhões monstruosos dispostos a inundar de uma vez por todas as praias e engolfar a terra. As águas rumorejavam espumantes e esguichavam espuma na escuridão da noite. As ondas ladravam para o Criador, semelhantes a matilhas de mastins. Com o resto de força que me sobrava, baixei a janela e corri a veneziana. Agachei-me para reunir livros molhados e pôr os manuscritos em ordem. Eu estava quente. O suor porejava-me o corpo, de mistura com arroios de água de chuva. Tirei as roupas, que tombaram aos meus pés como se fossem cascas. Eu me sentia uma criatura recém-saída de um casulo.

3

A tormenta ainda não havia chegado ao auge. O vento assobiante batia e matraqueava como se tivesse martelos poderosos. O hotel assemelhava-se a um navio flutuando no oceano. Alguma coisa desabou fragorosamente — o telhado, uma varanda, parte dos alicerces. Barras de ferro quebraram-se. Metais grunhiram. Janelas penderam soltas de suas molduras. Caixilhos bateram. A pesada veneziana de minha janela subia com a mesma facilidade de uma cortina. O quarto iluminava-se ao clarão dos elementos desencadeados. Em seguida, veio o estrondo do trovão, tão forte que ri de medo. Um vulto branco materializou-se na escuridão. Meu coração pulou, meu cérebro tremeu em seu compartimento. Sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, um desses demônios se mostraria aos meus olhos, em carne e osso, cheio de horrores que jamais são contados porque ninguém que os vê sobrevive para contar a história. Permaneci imóvel, silencioso, pronto para o fim. Foi então que ouvi uma voz:

— Desculpe-me, *señor*; tenho medo. Está dormindo? Era a corcunda cubana.

— Não, entre — respondi.

— Estou toda trêmula. Acho que vou morrer de pavor — disse a mulher. — Um furacão assim nunca houve por aqui. O senhor é o único hóspede neste hotel.

Perdoe-me por importuná-lo.

— Não me importuna. Se não estivesse despido, acenderia a luz.

— Não, não é preciso... Tenho medo de ficar só. Por favor, permita-me ficar até que o temporal acabe.

— Sem dúvida. Pode deitar-se, se quiser. Ficarei sentado na cadeira.

— Não, eu me sentarei na cadeira. Onde está ela, *señor*? Não a vejo.

Levantei-me, encontrei a mulher na escuridão e guiei-a à poltrona. Ela arriou o corpo. Eu queria ir ao banheiro vestir alguma coisa, porém tropecei na cama e caí nela. Cobri-me rapidamente com a colcha, de forma que a intrusa não me visse nu quando a luz da tormenta brilhasse. Pouco depois houve outro raio e eu a vi sentada na cadeira, uma criatura deformada, numa camisola imensa, com uma bossa nas costas, cabelo desalinhado, compridos braços peludos e pernas tortas, parecida com um símio tuberoso. Seus olhos estavam esgazeados de tanto medo animal.

— Acalme-se — disse eu. — A tempestade vai passar.

— Sim, sim.

Descansei a cabeça no travesseiro e fiquei quieto, com a estranha sensação de que o diabinho estava satisfazendo meu último desejo. Eu quisera um hotel para mim — e o tivera. Eu sonhara que uma mulher chegava, qual Rute para Boaz, ao meu quarto — e eis ali uma mulher. Sempre que o relâmpago espocava, meus olhos encontravam os dela. Ela me olhava intensamente, tão silenciosa quanto uma bruxa a administrar encantamento. Tive mais medo da mulher que do furacão. Uma vez eu estive em Havana, e ali descobri que as forças das trevas ainda possuíam seus antigos poderes. Sequer os mortos eram deixados em paz; desencavavam-lhes os ossos. À noite ouvi gritos de canibais e choro de donzelas cujo sangue pingava nos altares dos idolatras. Ela viera de lá. Eu quis pronunciar um encantamento contra o mau-olhado e orar aos espíritos a quem cabe a última palavra para que me protegessem. Algo dentro de mim exclamou: “*Shaddai**, destrói Satã”. Nesse interim, o trovão estrondou, os mares troaram e fenderam-se com uma gargalhada aquosa. As paredes do meu quarto tornaram-se escarlates. No clarão infernal a bruxa cubana agachou-se qual animal preparando-se para dar o bote: boca aberta, dentes estragados à mostra, cabelo emaranhado, manchas escuras nos braços e pernas, pés cobertos de carbúnculos e joanetes. Sua camisola deslizara, seus seios enrugados balançavam, imponderáveis. Faltavam apenas o chifre e a cauda.

Devo ter adormecido. Em meu sonho entrei numa cidade de ruas íngremes, estreitas, e postigos fechados, sob a luz sombria de um eclipse, em pleno silêncio de um Sabbath Negro. Fúnebres cortejos católicos sucediam-se, um após outro, infindavelmente, com cruzes e ataúdes, alabardas e tochas acesas. Não apenas um, mas muitos cadáveres eram conduzidos ao cemitério; uma tribo inteira fora aniquilada. O incenso queimava. Vozes graves entoavam um cantochão.

* *Deus. (N. do E.)*

Rapidamente os caixões mudaram, assumindo aspecto de filactérios, pretos e brilhantes, com nós e tiras. Dividiram-se em muitos compartimentos: caixões para gêmeos, trigêmeos, quádruplos, quintuplos...

Abri os olhos. Alguém estava sentado em minha cama — a mulher cubana. Começou a falar em voz grossa, no seu inglês trôpego:

— Não tenha medo. Não pretendo molestar você. Sou um ser humano, não uma besta. Tenho as costas deformadas, sim. Mas não nasci desse jeito. Caí de uma mesa quando era criança. Minha mãe era muito pobre para levar-me ao médico. Meu pai, ele não era bom, estava sempre bêbado. Andava com mulheres de má fama, e minha mãe trabalhava numa fábrica de fumo. Tossiu os próprios pulmões. Por que você está trêmulo? Corcundas não são contagiosas. Você não a tirará de mim. Tenho alma como todo mundo, os homens me desejam. Inclusive meu patrão. Confia em mim e deixou-me sozinha aqui no hotel. Você é judeu, não? Ele também... da Turquia. Fala... como é que se diz mesmo?... árabe. Casou-se com uma *senora* alemã, mas ela é nazista. O primeiro marido dela era nazista. Ela amaldiçoa o patrão e tenta envenená-lo. Ele processou-a, mas o juiz está do lado dela. Creio que ela o suborna... ou dá-lhe outra coisa. O patrão tem de pagar-lhe... como se diz?... pensão alimentícia.

— Neste caso, por que casou com ela? — perguntei só para dizer algo.

— Bem, ele a ama. É um pedaço de homem, cabelo ruivo, etc. Já esteve apaixonado?

— Sim.

— Onde está a *senhora*? Casou-se com ela?

— Não. Mataram-na.

— Quem?

— Aqueles mesmos nazistas.

— Hum-hum... E você ficou sozinho?

— Não, tenho esposa.

— E onde anda sua esposa?

— Em Nova York

— Você é fiel, não é?

— Sim, sou-lhe fiel.

— Sempre?

— Sempre.

— De vez em quando é bom divertir-se.

— Não, minha cara, quero viver uma vida honrada.

— Quem se importa? Ninguém vê.

— Deus vê.

— Bem, já que está falando em Deus, vou embora. Mas você é um mentiroso. Se eu não fosse aleijada, não teria citado Deus. Ele castiga mentiras dessa espécie, seu porcalhão!

Cuspiu em mim, depois levantou-se da cama e saiu batendo a porta. Limpei-me logo, mas o cuspo queimava-me como se contivesse fogo. Senti a testa inchar na escuridão e a pele coçar com uma sensação vaga de sanguessugas a me chuparem o sangue. Entrei no banheiro para lavar-me. Umedeci uma toalha para usá-la à guisa de compressa e enrolei-a na testa. Esquecera o furacão. Ele parará sem que eu percebesse. Fui dormir, e ao acordar novamente já era quase meio-dia. Meu nariz estava obstruído, a garganta seca, os joelhos doloridos. O lábio superior inchava e abria-se numa

grande chaga fria. Minhas roupas ainda estavam no chão, afundadas numa grande poça. Os insetos que haviam entrado em busca de refúgio na noite anterior estavam esmagados na parede. Abri a janela. O ar entrou frio, embora ainda úmido. O céu era de um cinzento outonal e o mar parecia plúmbeo, a balouçar-se de leve embaixo de seu próprio peso. Consegui vestir-me e descí. Atrás do balcão estava a moça corcunda, pálida, magra, com o cabelo puxado para a nuca e uma cintilação nos olhos pretos. Vestia uma blusa fora de moda, debruada de renda amarelada. Olhou-me com ar zombeteiro.

— Tem de mudar-se — disse. — O patrão telefonou mandando fechar o hotel.

— Não há carta para mim?

— Nenhuma.

— Por favor, a conta.

— Não há conta.

A mulher cubana olhou-me com malícia — uma bruxa que falhara em sua bruxaria, o parceiro silencioso dos demônios que me cercavam e de suas astúcias.

Esther Kreindel, a segunda

Um professor de Talmude chamado Meyer Zissl vivia na cidade de Bilgoray. Era baixo, tinha ombros largos e rosto redondo, barba negra, faces coradas, olhos pretos qual cerejas, boca cheia de dentes protuberantes e uma cabeça de basta cabeleira que cobria o pescoço. Meyer Zissl gostava de comer bem; conseguia beber meia caneca de conhaque de um só sorvo, e apreciava cantar e dançar em casamentos até o alvorecer. Não tinha paciência para ensinar e, no entanto, os ricos enviavam-lhe os filhos como alunos.

Quando Meyer Zissl completou trinta e seis anos sua esposa morreu, deixando-o com seis filhos. Meio ano mais tarde ele desposou uma viúva, Reitze, da aldeia de Krashnik, mulher alta, descarnada, de nariz comprido e muitas sardas. Esta Reitze fora leiteira antes de se casar com um próspero homem de setenta anos, Reb Tanchum Izhbitzer, de quem tivera uma filha, Simmele. Antes de falecer, Reb Tanchum falira, deixando a viúva sem nada, salvo sua amada filha. Simmele sabia escrever e lia a Bíblia em iídiche. Seu pai, ao retornar de viagens de negócios, sempre trazia-lhe presentes — um xale, um avental, sandálias, um lenço bordado, um novo livro de histórias. Simmele, levando todas as suas posses, foi viver com a mãe e o padrasto em Bilgoray.

A prole de Meyer Zissl, quatro meninas e dois meninos, formava um bando sôfrego e roto de rixentos, glutões, gritadores, cheios de artimanhas grosseiras, sempre pronto a pechinchar ou a roubar. Logo atacaram Simmele, tiraram-lhe todos os tesouros, apelidaram-na “Senhorita Presunçosa”. Simmele era delicada. Tinha cintura estreita, pernas compridas, rosto fino, pele branca, cabelo preto, olhos cinzentos. Temia os cães no pátio, encolhia-se diante da maneira como a família tirava comida dos pratos dos outros e envergonhava-se de se despir diante de suas “irmãs”. Dentro em pouco deixara de falar com os filhos de Meyer Zissl, e tampouco tornara-se amiga de uma das moças da vizinhança. Quando saía à rua, os moleques atiravam-lhe pedras e chamavam-na de gato morto. Simmele ficava em casa, lia livros e chorava.

Desde a infância ela gostava de ouvir histórias. Sua mãe sempre fora capaz de acalmá-la assim, e quando Reb Tanchum era vivo, fazia-a regularmente dormir com um conto de fadas. Grande tema para histórias era Reb Zorach Lipover, amigo íntimo de Reb Tanchum e que morava em Zamosc. Reb Zorach era conhecido na metade da Polônia por sua riqueza. Sua esposa, Esther Kreindel, também provinha de família rica. Simmele adorava ouvir casos acerca da famosa família, sua riqueza e seus filhos bem-educados.

Um dia, Meyer Zissl voltou para almoçar com a notícia de que a esposa de Zorach Lipover falecera. Simmele arregalou os olhos. O nome devolveu-lhe lembranças de Krashnik, de seu pai morto, do tempo em que ela tinha seu próprio quarto, uma cama com dois travesseiros, uma colcha de seda sobre um lençol de linho bordado, uma criada para servir-lhe refrescos. Agora, ei-la sentada ali, numa sala apertada, com um vestido rasgado e sapatos cambaios; no cabelo havia penas de galinha; não tomara banho; além disso, estava cercada de fedelhos irritantes que se aproveitavam de todos os ensejos para arrelhiá-la. Ao ouvir falar da morte de Esther Kreindel, Simmele cobriu o rosto com as mãos e

chorou. A moça não sabia se deplorava o destino de Esther Kreindel ou o seu próprio, se lamentava o fato de a amimalhada Esther Kreindel estar agora apodrecendo no túmulo

Lou se a vida dela própria, Simmele, chegara a um fim sombrio.

2

Quando Simmele dormia sozinha em sua cama-estrado, os filhos de Meyer Zissl atormentavam-na, por isso Reitze levava muitas vezes Simmele para dormir em sua cama. O arranjo não era conveniente, pois Meyer Zissl queria, com frequência, a esposa, e então Simmele, embora compreendesse muito bem o que os adultos faziam, fingia dormir sono profundo.

Uma noite, quando Simmele estava na cama com a mãe, Meyer Zissl voltou bêbado de uma boda. Ergueu a moça adormecida ao lado da mãe e descobriu que Reitze deixara um monte de roupa úmida na cama-estrado. Porque seu desejo era intenso, Meyer Zissl pôs a enteada em cima do forno, entre trapos. Simmele cochilava. Mais tarde, acordou ouvindo Meyer Zissl roncicar. Puxou uma saca de farinha sobre si mesma, para manter-se aquecida. Em seguida, ouviu um som rascante, como se os dedos de alguém raspassem uma tábua. Levantando a cabeça, ficou atônita ao ver um luminoso foco de luz na parede bem próxima. Os postigos estavam fechados; lá fora, não havia mais fogo no fogão; não havia lâmpada acesa. De onde provinha a luz? Enquanto Simmele olhava, a claridade começou a estremecer e tremular, os anéis de luz a se coagularem. Simmele, assombrada, esqueceu-se de ter medo. Uma mulher começou a materializar-se, primeiro a testa, depois os olhos, nariz, queixo, pescoço. A mulher abriu a boca e começou a falar, as palavras soando como se saídas de uma Bíblia em iídiche.

— Simmele, minha filha — disse a voz —, fique sabendo que sou Esther Kreindel, esposa de Zorach Lipover. Não é comum os mortos romperem o silêncio eterno, mas meu marido sente saudades de mim, dia e noite sem parar, e já não posso ficar em paz. Embora os trinta dias de luto já tenham passado, ele não cessa de se lamentar e não consegue afastar-me do pensamento. Se me fosse dado traspasar o véu da morte, eu me ergueria, de bom grado, e retornaria para ele. Mas tenho o corpo sepultado sob sete palmos de terra, meus olhos já foram consumidos pelos vermes. Por conseguinte, eu, o espírito de Esther Kreindel, tive licença para entrar em outro corpo. Só porque seu pai, Reb Tanchum, era um irmão para meu Zorach, escolhi você, Simmele. Pensando bem, você não me é estranha, é quase uma parenta. Simmele, dentro em breve entrarei no seu corpo e você se tornará eu. Não tenha medo, pois nenhum mal recairá sobre você. Ao nascer do sol, cubra a cabeça e anuncie à sua família e a todo o povo da cidade o que aconteceu. Os maus haverão de contraditá-la e acusá-la, mas eu a protegerei. Preste atenção ao que digo, Simmele, pois deve fazer tudo o que lhe transmito. Vá a Zamosc, ao encontro de meu triste esposo, e seja sua esposa. Descanse em seu regaço e sirva-o com a mesma fidelidade com que eu o servi durante quarenta anos. A princípio Zorach duvidará de que eu

tenha voltado para ele, mas eu lhe darei indícios com que convencê-lo. Não demore, porque Zorach está consumido de saudades e em breve, Deus me perdoe, será tarde demais. Com a vontade de Deus, e quando chegar a ocasião de sua morte, seremos, você e eu, os banquinhos de Zorach no paraíso. Ele descansará o pé direito em mim e o pé esquerdo em você; seremos como Raquel e Lia; meus filhos serão seus também. Será como se eles tivessem nascido de seu próprio ventre...

Esther Kreindel continuou a falar, contando a Simmele intimidades que só uma esposa conhece. Só quando o galo no poleiro cantou, e a lua da meia-noite tornou-se visível através das frinchas dos postigos, ela silenciou. Então Simmele sentiu algo duro como uma ervilha entrar por suas narinas e ocupar-lhe o crânio. Por um instante a cabeça doeu, mas, quando a dor cessou, ela sentiu as mãos e os pés distenderem-se, seu ventre e seios amadurecerem. Seu espírito amadureceu também, os pensamentos tornaram-se os de uma esposa, uma mãe, uma avó que está acostumada a dar ordens a uma casa grande cheia de criados, amas, cozinheiros. Tudo era maravilhoso. “Entrego-me às Tuas mãos”, murmurou Simmele. Daí a pouco mergulhou no sono e imediatamente Esther Kreindel reapareceu em seu sonho e nele permaneceu até que ela abriu os olhos de manhã.

3

A delicada Simmele geralmente permanecia na cama até tarde, porém aquela manhã acordou com o resto da família. Seus “irmãos” e “irmãs”, vendoa em cima do forno enrolada no pano de uma saca de cereal, começaram a rir, a atirar-lhe água, a coçar-lhe os pés com palhas. Reitze afugentou-os. Simmele, sentando-se, sorriu bondosamente e disse: “Eu lhe agradeço”. Embora não fosse costume pôr um jarro de água junto à cama de uma moça para as abluções matinais, Simmele pediu água e bacia à mãe. Reitze encolheu os ombros. Depois que Simmele vestiu-se, Reitze estendeu-lhe uma fatia de pão e uma xícara de chicória, mas Simmele disse que, primeiro, queria rezar — e apanhando o lenço do Sabbath, cobriu a cabeça. Meyer Zissl observou a conduta da enteada com assombro. Simmele recitou um trecho do livro de orações, inclinou-se, bateu no peito e, após as palavras “Ele prepara a paz no alto”, recuou três passos. Em seguida, antes de comer, lavou as mãos até os punhos e recitou a Bênção. As crianças amontoavam-se em volta, imitadoras, zombeteiras, mas ela sorria de forma maternal e conclamava: “Por favor, meninos, deixem-me dizer minhas preces”. Beijou a menina menor na cabeça, beliscou o garoto menorzinho na face e fez o mais velho assoar o nariz em seu avental. Reitze ficou embasbacada. Meyer Zissl cocou a cabeça.

— Que bobagens são essas? A menina está irreconhecível — disse Meyer Zissl.

— Amadureceu da noite para o dia — disse Reitze.

— Ela treme que nem Yentl, o Devoto — escarneceu o menino mais velho.

— Simmele, o que aconteceu? — perguntou Reitze.

A moça não respondeu logo; continuou a mastigar vagarosamente o pão. Não era próprio dela agir com tamanha calma e deliberação. Quando havia engolido o último pedaço, disse:

— Não sou mais Simmele.

— Nesse caso, quem é? — perguntou Meyer Zissl.

— Sou Esther Kreindel, a esposa de Reb Zorach Lipover. Ontem à noite a alma dela entrou em mim. Leve-me a Zamosc, a meu marido e filhos. Meu lar está desleixado. Zorach precisa de mim.

As crianças mais velhas desataram a rir; as mais novas olhavam sem compreender. Reitze empalideceu. Meyer Zissl repuxou a barba e disse:

— A moça está possuída por um demônio.

— Não, não é um demônio. É a alma sagrada de Esther Kreindel que entrou em mim. Ela não podia ficar no túmulo porque seu marido, Zorach Lipover, está morrendo de saudade. Os negócios dele pioraram. Sua fortuna encontra-se ameaçada. Ela me contou todos os seus segredos. Se não me acredita, darei provas.

E Simmele começou a repetir algumas coisas que Esther Kreindel lhe confiara quando acordada e enquanto dormia. À medida que ouviam, a mãe de Simmele e Meyer Zissl ficavam mais assustados. As palavras e frases de Simmele e sua forma de expressar-se eram as de uma mulher experiente, uma mulher habituada a administrar negócios e uma grande casa. Referiu-se a questões que era impossível a uma jovem como ela conhecer. Descreveu a doença final de Esther Kreindel, disse como os médicos fizeram-na piorar com suas pílulas e unguentos, aplicando-lhe sangrias e sanguessugas. Os vizinhos não tardaram a saber que alguma coisa estranha ocorria; numa cidade pequena, as pessoas ouvem atrás de portas e espiam pelas fechaduras. A história espalhou-se e uma multidão ocorreu à casa de Meyer Zissl. Quando ouviu o que se passara, o rabi ordenou que a moça fosse levada à sua presença. Na casa do rabi o conselho dos anciãos estava reunido com as mais importantes matronas da comunidade. Depois que Simmele chegou, a mulher do rabi passou a corrente na porta e o interrogatório começou. Era preciso descobrir se a moça estava possuída por um diabo ou por um desses insolentes demônios que tentam iludir os justos e fazê-los incorrer em erros. Depois de horas de interrogatório, todos ficaram convencidos que Simmele dizia a verdade. Eles haviam conhecido Esther Kreindel, e Simmele não somente falava à maneira da mulher falecida, como também seus gestos, seu sorriso, a forma como balançava a cabeça e passava o lenço na testa eram exatamente os da morta. Além disso, suas maneiras eram seguramente as de alguém habituado à riqueza. Por fim, se um espírito mau se tivesse apoderado da moça, ele se teria tornado abusivo, enquanto Simmele mostrava-se respeitosa e respondia a todas as perguntas com polidez e bom senso. Em breve os homens começaram a repuxar as barbas; as mulheres torciam as mãos, endireitavam os gorros, esticavam os aventais. Os membros da agência funerária, geralmente insensíveis e firmes, enxugavam lágrimas nos olhos. Até um cego veria que a alma de Esther Kreindel havia retornado.

Enquanto o interrogatório estava em curso, Zeinvel, o cocheiro, selou o cavalo, preparou a sege e levando várias testemunhas partiu para Zamosc, com o

intuito de dar a notícia a Reb Zorach Lipover. Reb Zorach chorou ao receber a notícia. Ordenou ao cocheiro que preparasse uma carruagem de quatro cavalos e ele, um filho e duas filhas entraram nela. O cocheiro não poupou o chicote. A estrada estava seca, os cavalos galopavam e ao cair da noite Zorach Lipover e sua família chegavam a Bilgoray. Simmele, na casa do rabi, era protegida pela mulher deste contra os móbidos e curiosos. Sentada na cozinha, tricotava, o que Reitze jurava ela não sabia fazer. Simmele recordara aos presentes acontecimentos transcorridos há muito tempo: invernos medonhos três décadas atrás, ondas de calor que se seguiram à Festa dos Tabernáculos, neves no verão, ventos que despedaçavam moinhos, granizo que partia telhados, aguaceiros de peixes e sapos. Também conversou sobre assados e cozidos; sobre o que afetava mulheres na gravidez; discutiu os rituais relativos à vida conjugal e ao período da menstruação. As mulheres na cozinha ouviam em silêncio. Para elas, era como ouvir um cadáver falar. De repente, o ruído de rodas da carruagem de Reb Zorach penetrou no pátio. Quando Zorach entrou, Simmele, tendo pousado o tricô, ergueu-se e anunciou:

— Zorach, retornei.

As mulheres romperam a chorar. Zorach ficou olhando. O interrogatório recomeçou, prosseguindo até depois da meia-noite. Mais tarde, houve muitas declarações contraditórias acerca do que foi dito então, e tais divergências levaram a disputas infundáveis. Mas desde o início todos admitiram que a mulher que recebera Zorach outra não era senão Esther Kreindel. Daí a pouco Zorach chorava de cortar o coração; o filho dele chamou Simmele de mãe. As filhas não se convenceram tão de pronto, procurando provar que Simmele era mentirosa, que estava ansiosa por assumir as prerrogativas de sua mãe. Aos poucos, porém, concluíram que a questão não era assim tão simples. Primeiro, a mais moça silenciou; em seguida, a mais velha baixou a cabeça. Antes do romper do dia, ambas as filhas pronunciaram a palavra que evitavam há horas: “Mãe!”

4

Segundo a lei, Zorach Lipover podia desposar Simmele sem mais delongas, mas Reb Zorach tinha uma terceira filha, Bina Hodel, que continuava intransigente. Argumentava que Simmele podia ter sabido tudo acerca de Esther Kreindel por intermédio de seus próprios pais ou de uma criada que houvesse sido despedida. Ou, em última instância, Simmele seria uma bruxa, ou estaria conluída com um demônio.

Bina Hodel não era a única a suspeitar de Simmele. Em Zamosc viúvas e divorciadas pretendiam agarrar Reb Zorach. Nenhuma delas tencionava deixar que Simmele deitasse as mãos a Zorach sem luta, e por isso saíram pela cidade a dizer que ela era uma raposa espertíssima, uma libertina aventureira, um porco tentando meter o focinho no jardim alheio. Quando o rabi de Zamosc ouviu falar da reivindicação de Simmele, ordenou que a levassem à sua presença, para exame. De súbito, Zamosc estava dividida. Os ricos, os letrados e os de língua afiada duvidavam das intenções de Simmele e queriam examiná-la de perto. Os

vizinhos e amigos de Esther Kreindel também desejavam interrogá-la.

Quando Reitze soube da marcha das coisas em Zamosc e de que forma sua filha seria tratada, protestou. Não queria ver a filha arrastada e exibida por aí, alvo do falatório da cidade; Simmele não estava interessada na fortuna de Reb Zorach. No entanto, Meyer Zissl tinha outros planos. Estava farto de ensinar e de há muito acalentava o desejo de mudar-se para Zamosc, cidade maior e mais alegre que Bilgoray, cheia de homens ricos, moços divertidos, mulheres formosas, tavernas e adegas de vinho. Meyer Zissl persuadiu Reitze a deixá-lo levar Simmele a Zamosc. Já recebera, para isso, larga soma de dinheiro de Zorach Lipover.

Em Zamosc compacta multidão reunia-se fora da casa do rabi para observar a chegada de Simmele. Meyer Zissl e seus adeptos providenciaram para que somente os cidadãos mais influentes fossem admitidos. Simmele estava com o vestido domingueiro de Reitze e tinha um lenço de seda na cabeça. Nas últimas semanas tornara-se mais alta, mais roliça e mais madura. Assaltada de todos os lados por perguntas, respondeu com tamanha boa vontade e boa educação que afinal os que ali estavam para zombar dela silenciaram. A própria Esther Kreindel não teria dado melhores respostas. No começo, interrogaram-na muito sobre o outro mundo. Simmele falou de sua agonia, da purificação de seu corpo, do enterro; descreveu como o anjo Dumah aproximara-se de seu túmulo com sua haste de fogo e perguntara-lhe o nome; depois, como espíritos maus e duendes tentaram prender-se a ela e como fora salva pelo Kaddish de seus filhos devotos. Suas boas ações e transgressões foram pesadas na balança, em seu julgamento no céu. Satã conspirara contra ela, porém anjos sagrados defenderam-na. Referiu-se a seu encontro com os pais, os avós, os bisavós e outras almas que de há muito habitavam o paraíso. A caminho do julgamento permitiram-lhe olhar através de uma janela para a geena. Quando ela falou dos terrores da geena, as camas de tortura, os montes de neve e camas de carvões onde os pecadores eram castigados, os ganchos brilhantes onde os malvados eram pendurados, a assistência suspirou. Até os desdenhosos e os impenitentes estremeceram. Simmele identificou pelo nome muitos moradores de Zamosc que estavam sendo punidos, alguns por imersão em barris de breu fervente, outros forçados a recolher lenha para as fogueiras onde seriam queimados; outros, ainda, envenenados por serpentes, ou comidos por víboras e ouriços. Um estranho jamais teria ouvido falar da maior parte dessas pessoas, nem de seus crimes.

A seguir, Simmele descreveu as pilastras de diamantes do paraíso, entre as quais os justos sentavam-se em cadeiras de ouro com coroas na cabeça, regalando-se no Levitã e no Boi Selvagem, bebendo o vinho que Deus guarda para seus prediletos, enquanto anjos divulgavam-lhes segredos da Tora. Simmele explicou que os justos não usam suas esposas como banquinhos de descansar os pés; ao contrário, as santas mulheres sentam-se perto dos maridos, mas em cadeiras que têm o espaldar dourado um pouco mais baixo que as dos homens. As mulheres de Zamosc, satisfeitas, começaram a rir e a chorar. Reb Zorach Lipover cobriu o rosto com as mãos e lágrimas deslizaram até a barba.

Depois do interrogatório na casa do rabi, Simmele foi conduzida à

residência de Reb Zorach, onde seus filhos, parentes e vizinhos estavam reunidos. Ali, foi interrogada outra vez, desta feita sobre os amigos de Esther Kreindel, mercadores e criados. Simmele sabia tudo e lembrou-se de todos. As filhas de Reb Zorach apontaram gavetas nos gabinetes e armários e Simmele enumerou as peças de linho e outros objetos que elas continham. Mencionou um pano de mesa bordado que Zorach lhe comprara, como presente, em Leipzig; uma caixinha de incenso adquirida por ele numa feira de Praga. Dirigiu-se com familiaridade a todas as mulheres idosas, contemporâneas de Esther Kreindel. “Treina, ainda tem azia após as refeições, Riva Gutah, aquele furúnculo em seu seio esquerdo já cicatrizou?” E brincou, bem-humorada, com as filhas de Reb Zorach, observando para uma: “Ainda detesta rabanetes?” E para outra: “Lembra-se do dia em que a levei ao Dr. Palecki e um porco assustou-a?” Recordou as palavras que as mulheres da agência funerária haviam dito enquanto preparavam-lhe o corpo. Quando as perguntas diminuíram, Simmele repetiu que a saudade profunda de seu marido Zorach não a deixara descansar em paz, e que o Senhor dos vivos, apiedando-se de Zorach, devolvera-a a ele. Explicou que quando Zorach morresse ela morreria também, pois todos os seus anos se haviam esgotado, e ela só vivia agora por causa dele. Ninguém levou a previsão a sério, tão moça e saudável ela parecia.

Zamosc esperava que o interrogatório de Simmele durasse muitos dias, mas a maior parte dos que a inquiriram em casa do rabi e depois na de Reb Zorach mostravam-se satisfeitos, convencidos de que, na realidade, ela era a reencarnação de Esther Kreindel. Até o gato reconheceu a antiga dona, miando excitado e correndo a esfregar a cabeça em seus tornozelos. No fim do dia, somente um pequeno grupo ainda resistia. As amigas de Esther Kreindel cobriram Simmele de beijos; todas as filhas de Zorach, à exceção de Bina Hodel, choravam e abraçavam a mãe; os filhos rendiam-lhe homenagens. Os netos beijavam-lhe os dedos. Todo mundo ignorou os zombadores. Reb Zorach Lipover e Meyer Zissl marcaram a data do casamento.

Foi um casamento rumoroso. Pois, embora a alma fosse de Esther Kreindel, o corpo era o de uma virgem.

5

Esther Kreindel voltara. No entanto, era difícil a Zorach e à cidade acreditar na ocorrência de tal milagre. Quando Esther Kreindel, a segunda, ia à feira, seguida por sua criada, moças espivavam-na das janelas e transeuntes paravam para examiná-la. Nos feriados parciais da Páscoa judaica e da Festa dos Tabernáculos, jovens de todas as partes iam a Zamosc ver a mulher que retornara do túmulo. Multidões postavam-se em frente da casa de Reb Zorach e a porta teve de ser guarnecida com uma corrente a fim de manter os intrusos a distância. Na presença da mãe ressuscitada, os filhos coravam e gaguejavam. » Os cétricos estavam sempre voltando ao assunto, referindo-se a Zorach como um velho libidinoso; afirmavam que ele combinara o milagre com Reitze, e especulavam sobre quanto teria pago — alguns diziam que mil florins — pela sua

jovem filha. Uma noite, dois pândegos encostaram uma escada à parede da casa de Zorach e espiaram, pelo postigo, seu quarto de dormir. Na taverna, mais tarde, contaram como ele havia esperado que Esther Kreindel, a segunda, recitasse suas preces; como lhe trouxera um jarro de água para as abluções matinais; como ela lhe tirara as botas e cocara a sola de seus pés, enquanto ele, lascivo, afagava-lhe as pontas das orelhas. Até os gentios, em sua taverna, discutiam o caso, vários deles prevendo que o tribunal reabriria o assunto para investigar a impostora, que, muito provavelmente, era uma bruxa de conluio com Lúcifer.

Durante meses o novo casal passou as noites conversando. Zorach não cessava de interrogar Esther Kreindel a respeito de sua partida deste mundo e do que ela vira no além-túmulo. Continuava em busca de provas irrefutáveis de que ela era mesmo o que dizia ser. Falou-lhe com frequência da angústia que sofrera durante a doença e a morte dela, e do desespero que sentiu durante o *shiva** e ao longo dos trinta dias de luto. Esther Kreindel reafirmava que tivera saudades dele no túmulo, que a agonia dele não a deixara repousar, que fora suplicar perante o Trono da Glória, enquanto um querubim entoava uma canção de louvor e demônios cuspiam acusações. Descreveu com detalhes seus encontros com parentes mortos, as aventuras deles em seus túmulos, em Tophet, e mais tarde no jardim do Éden. Quando o dia clareava, marido e mulher ainda estavam conversando.

**Literalmente: “sete” (dias). O período de luto observado pela família do falecido, sentada em casa, após os funerais. (N. do T)*

Nas noites em que Esther Kreindel ia ao banho ritual, Zorach, procurando-a em sua casa, proclamava que o corpo dela estava mais belo que nas primeiras semanas do casamento. Dizia-lhe: “Talvez eu morra e reapareça também como um jovem”. Esther Kreindel ralhava com ele, de bom humor, assegurando-lhe que o amava mais do que amaria a um jovem, e seu único desejo era tê-lo vivo até os cento e vinte anos de idade.

Aos poucos todos habituaram-se à situação. Logo após o casamento, Reitze e seus enteados foram viver em Zamosc, numa casa que Reb Zorach lhes deu. Reb Zorach empregou Meyer Zissl, encarregando-o dos empréstimos à pequena nobreza local. Os meninos de Meyer Zissl, que até há pouco batiam, davam pontapés e cuspiam em Simmele, agora iam desejar-lhe um bom Sabbath e eram tratados a pão de amêndoas e vinho. O nome Simmele foi logo esquecido. Até Reitze deixou de chamar assim à filha. Esther Kreindel tinha quase sessenta ao falecer; Simmele, agora, tratava a mãe como uma de suas filhas. Era estranho ouvir a mulher mais jovem chamar Reitze de filha, dando-lhe conselhos sobre assados e cozidos e sobre a melhor maneira de educar crianças. A segunda Esther Kreindel, a exemplo da primeira, tinha talento para os negócios, e seu marido Zorach não tomava decisões sem consultá-la.

Também na comunidade a segunda Esther Kreindel assumia a posição da primeira. Era convidada a acompanhar noivas à sinagoga, a ser dama de honra em casamentos, a segurar bebês nas cerimônias de circuncisão. E ela se conduzia como se habituada a tais honras durante anos. A princípio, as mulheres mais moças tentavam fazer dela sua amiga, mas ela as tratava como se

pertencessem a outra geração. No casamento, não faltou quem previsse que Esther Kreindel, a segunda, conceberia dentro em breve, mas quando vários anos se passaram e ela não engravidou, todo mundo começou a observar que a ressuscitada Esther Kreindel envelhecia prematuramente, sua carne encolhendo-se, sua pele secando. Além disso, vestia-se como uma velha, usando quando saía uma capa que lhe deixava os ombros mais altos e um gorro de fitas. Frequentemente usava blusas pregueadas e compridas saias plissadas. Todas as manhãs entrava na seção feminina da sinagoga com um livro de orações debruado em ouro e um livro de súplicas. No dia anterior à lua nova jejuava e comparecia a preces às quais apenas iam mulheres mais idosas. Durante os meses de Elul e Nissan, quando é costume visitar sepulturas de parentes, a segunda Esther Kreindel visitava o cemitério e, prostrada rente ao túmulo da primeira Esther Kreindel, chorava e pedia perdão. Parecia, então, que o cadáver sepultado ali exumara-se para prantear-se e louvar-se.

Os anos correram, Zorach tornou-se mais idoso e mais fraco. Estômago e pés doíam-lhe. Tendo cessado de dirigir os negócios, passava o dia sentado numa poltrona, lendo. Esther Kreindel levava-lhe comida e remédios. Às vezes ela brincava de esconder com ele ou jogava cartas; de outras vezes, lia em voz alta. Assumiu por completo os negócios, já que os filhos eram preguiçosos e incompetentes. Todos os dias relatava-lhe o que se passava. Marido e mulher comentavam os velhos tempos como se, em verdade, fossem da mesma idade. Ele lembrava-lhe as primeiras lutas do casal, quando as crianças eram pequenas. Lembravam preocupações familiares e complicações de negócios com credores, nobres, competidores. Esther Kreindel conhecia e recordava todos os detalhes. Muitas vezes lembrava-lhe coisas que ele havia esquecido. Outras vezes sentavam-se em silêncio durante horas, Esther Kreindel tricotando meias, Zorach Lipover observando-a com encanto. A segunda Esther Kreindel parecia-se cada vez mais com a primeira, com o seu peito alto, sardas e dobras no rosto, queixo duplo, bolsas debaixo dos olhos. Como a antiga Esther Kreindel, a atual usava os óculos na ponta do nariz, cocava o ouvido com uma agulha de tricô, refrescava-se com vinho de cerejas e geléia, enquanto conversava com os seus botões ou com o gato. Até o seu odor de linho fresco e lavanda era o da primeira Esther Kreindel. Quando parou de ir ao banho ritual, todos presumiram que houvesse ingressado na menopausa. Até mesmo Reitze, sua mãe, nada identificava nela da antiga Simmele.

Alguns dos antigos contemporâneos de Esther Kreindel percebiam que não só a alma da amiga retornara do túmulo, como também seu corpo. O sapateiro insistia em dizer que os pés da mulher reencarnada eram duplicatas dos da primeira. Uma verruga nascera no pescoço da segunda, exatamente no mesmo lugar em que a primeira possuía uma. Dizia-se em Zamosc que, se a sepultura de Esther Kreindel fosse aberta — Deus perdoasse a simples menção de tal sacrilégio —, o corpo exumado seria não o de Esther Kreindel, mas o de Simmele.

Como uma mulher não pode substituir inteiramente um homem, grande parte das responsabilidades de administração dos negócios de Zorach Lipover passaram a Meyer Zissl. O antigo professor de Talmude começou a gastar

dinheiro à tripa forra. Acordava tarde, bebia vinho de um cálice de prata, fumava cachimbo com boca de âmbar. Reb Zorach sempre se inclinara e se descobrira para as autoridades, mas Meyer Zissl tentava ser um igual. Vestia-se como senhor de terras, com botões de prata, usava chapéu cor de areia ornamentado com uma pena, jantava com os nobres, com estes caçava. Quando embriagado, atirava moedas aos camponeses. Seus filhos foram enviados à escola na Itália, suas filhas desposaram rapazes ricos da Boêmia. Dentro em pouco os gentios de Zamosc tratavam-no de *pan**. Esther Kreindel censurava-o, dizendo não ser aconselhável um judeu ceder a prazeres terrenos, despertar ciúmes entre os cristãos e dilapidar dinheiro, mas Meyer Zissl não lhe dava atenção. Houve ocasião em que cessou de ir ao quarto de Reitze. Espalhou-se o rumor de que iniciara romance com uma certa Condessa Zamoyška. Estourou um escândalo em torno de uma mulher de vida airada. Meyer Zissl e um nobre duelaram e o último foi ferido na coxa. Meyer Zissl parou, afinal, de ir à sinagoga, excetuando os Dias Santos. • Reb Zorach Lipover tornara-se extremamente débil.

** "Senhor", em polonês. (N. do E.)*

Sua doença derradeira foi longa e penosa. Esther Kreindel sentava-se ao lado do marido noites a fio, recusando que outras pessoas dele cuidassem. Quando morreu, ela tombou sobre o corpo, desesperada, e não queria que o levassem. Os homens da agência funerária tiveram de afastá-la quase à força. Depois de acompanhar o enterro, Esther Kreindel voltou para casa cercada de todos os filhos e filhas de Zorach que haviam comparecido para guardar, em sua companhia, os sete dias de luto. Como Zorach falecera em idade muito avançada, os filhos, sentados em banquinhos, os pés calçados de meias, comentavam assuntos do dia-a-dia. Houve freqüentes referências ao seu testamento: todos sabiam que ele deixara um, mas o conteúdo era ignorado. Supondo que Zorach houvesse legado uma fortuna à viúva, estavam prontos a disputá-la. Aqueles homens e mulheres, que haviam chamado a segunda Esther Kreindel de mãe, durante anos, agora evitavam olhá-la no rosto. Esther Kreindel pegou a Bíblia e abriu-a no Livro de Jó. Chorando, leu as palavras de Jó e de seus companheiros. Bina Hodel, que não vertera uma só lágrima durante a doença fatal do pai, murmurou em voz bastante alta para ser ouvida: “Ladra de Deus”. Esther Kreindel fechou a Bíblia e ergueu-se.

— Crianças, vou deixá-las.

— E para onde vai? — perguntou Bina Hodel, levantando as sobrancelhas.

— Esta noite estarei com seu pai — respondeu Esther Kreindel.

— Diga isso no ano vindouro — interpôs Bina Hodel.

Na ceia daquele dia Esther Kreindel mal tocou na comida em seu prato. Em seguida, foi para a ala leste. Inclinou-se, bateu no peito e confessou seus pecados como se fosse o Yom Kippur. Reitze lavava pratos na cozinha. Meyer Zissl fora a um baile. Ao terminar, Esther Kreindel dirigiu-se à alcova e ordenou à criada que fizesse a cama. A criada resistiu, murmurando que a senhora bem que poderia dormir em outro lugar. O senhor morreria naquele quarto. Uma mecha ainda ardia num caco de louça, e o costumeiro copo de água permanecia na

mesa, com o pedaço de linho imerso a fim de que a alma se purificasse. Quem pensaria passar a noite num quarto de onde um cadáver fora retirado há pouco? Mas Esther Kreindel instou com a empregada que fizesse o que lhe mandava.

Esther Kreindel despiu-se. No momento em que se deitou, o rosto começou a mudar, tornando-se amarelo e encovado. A criada correu a chamar a família. Providenciaram um médico. Os que observaram Esther Kreindel morrer testemunharam, mais tarde, que ela era a mesma em seus espasmos. Os olhos continuavam abertos, porém opacos e desfocados. Fizeram-lhe perguntas, ela não respondeu. Uma colherada de sopa de galinha posta em sua boca foi expelida. De súbito, soltou um suspiro e a alma deixou o corpo. Bina Hodel atirou-se ao pé da cama, gritando: “Minha boa mãe. Minha santa mãe”.

O funeral foi concorrido. Esther Kreindel, a segunda, foi enterrada perto de Esther Kreindel, a primeira. As mais veneráveis senhoras da cidade costuraram sua mortalha. O rabi pronunciou o elogio fúnebre. Quando o sepultamento terminou, Meyer Zissl apresentou ao rabi dois testamentos. Em um, Zorach Lipover deixava à esposa três quartos da fortuna; no outro, Esther Kreindel legava um terço da herança a obras de caridade e dois terços a Reitze e seus filhos. Meyer Zissl era o executor.

Transcorridos meses, Bina Hodel faleceu e Meyer Zissl, sem a influência moderadora de Esther Kreindel, ficou mais afoito. Concedeu crédito a comerciantes insolventes, aceitou hipotecas sem avaliar a propriedade, continuou a perder grandes somas. Envolvia-se com freqüência em processos. Cada vez mais tinha de fugir de credores e dos fiscais de impostos do rei. Um dia, um grupo de nobres, acompanhado de delegados, administradores e soldados, foi ter ao palácio de Meyer Zissl. O governador de Lublin autorizara o leilão público de toda a sua propriedade. Meyer Zissl foi preso, algemado e atirado à prisão. Reitze tentou levantar dinheiro na comunidade para libertá-lo, mas ele havia ignorado os judeus e judias e, por isso, os mais velhos recusaram-lhe ajuda. Os nobres com quem bebera e farreara não se deram ao trabalho de responder a suas cartas desesperadas. Uma manhã, nove meses depois, ao entrar na cela de Meyer Zissl com um pedaço de pão e um jarro de água quente, o carcereiro encontrou-o deitado na barra da janela. Rasgara a camisa, transformando-a em corda. Os judeus levaram o corpo e sepultaram-no atrás da cerca.

6

Anos mais tarde, o povo de Zamosc, de Bilgoray, de Krashnik, até de Lublin, continuava a discutir o caso da moça que se deitara Simmele e acordara Esther Kreindel. Reitze de há muito falecera na casa de indigentes. Seus filhos, que viviam em terras estrangeiras, perderam por completo a fé. Da vasta fortuna de Zorach Lipover nada mais restava. No entanto, a controvérsia prosseguia. Um palhaço casamenteiro escreveu um poema sobre Simmele. Costureiras cantavam uma balada a seu respeito. Nas longas noites de inverno, moças e mulheres, deitando aves, picando couve, tricotando blusas, repassavam os fatos. Até mesmo meninos *cheder* contavam um ao outro a história de como a

alma de Esther Kreindel reencarnara. Alguns diziam que tudo não havia passado de simples fraude. Que tolos deviam ter sido Reb Zorach Lipover e sua família para se deixarem enganar por uma mocinha! Afirmavam que o mentor do engodo fora Meyer Zissl. Não queria ensinar e estava de olho na fortuna de Zorach. Depois de muito pensar, um homem concluiu que Meyer Zissl copulara com a enteada e a persuadira a entrar na conspiração. Outro disse que Reitze iniciara a conspiração e instruíra a filha a desempenhar seu papel. Em Zamosc, um certo Dr. Ettinger sustentava que, se era milagre uma mulher erguer-se do túmulo e retornar ao marido, milagre ainda maior era uma moça de catorze anos enganar os anciãos de Zamosc. E no entanto, Zamosc, ao contrário de Chelm, não era uma cidade de tolos. Além disso, por que Simmele não engravidara e por que morrera na noite seguinte aos funerais do marido? Ninguém pode fazer contrato com o Anjo da Morte.

De qualquer modo, uma bétula cresce no túmulo de Zorach Lipover. Pássaros fazem ninhos em seus ramos. As folhas não param de estremecer e seu perpétuo ruflar soa como pequenos sinos. As pedras tumulares de Esther Kreindel, a primeira, e Esther Kreindel, a segunda, apoiaram-se uma na outra e, com o tempo, quase se transformaram em uma só.

O mundo está cheio de enigmas. É possível que nem mesmo Elias consiga deslindar todas as questões no advento do Messias. Sequer Deus, no sétimo Céu, terá solvido todos os mistérios de Sua criação. Provavelmente por isso Ele esconde a face.

Jachid e Jechidah

Numa prisão onde as almas presas a Sheol — Terra, é como a chamam ali — aguardam destruição, vagueava a alma feminina Jechidah*. Almas esquecem sua origem. Purah, o Anjo do Olivado, que dissipava a luz de Deus e esconde Sua face, mantém o domínio de tudo além da cabeça de Deus. Jechidah, desatenta à sua descendência do Trono de Glória, havia pecado. Seu ciúme causara muito transtorno no mundo onde ela se encontrava. Suspeitara que todos os anjos femininos tivessem casos amorosos com seu amante Jachid**, e não só blasfemara contra Deus, como também o negara. Almas, disse ela, não eram criadas; emergiam do nada. Não tinham missão nem objetivo. Embora as autoridades fossem assaz pacientes e clementes, Jechidah acabou condenada à morte. O juiz fixou o momento de sua descensão ao cemitério chamado Terra.

* *Literalmente: "A Única". (N. do T)*

***Literalmente: "O Único". (N. do T)*

O advogado de Jechidah apelou à Superior Corte Celestial, chegou a apresentar petição a Metratron, o Senhor da Face. Mas Jechidah estava tão cheia de pecados e tão impenitente que poder algum pôde salvá-la. Os serventuários pegaram-na, afastaram-na de Jachid, tosquiararam-lhe as asas, cortaram-lhe o cabelo e envolveram-na em comprida mortalha branca. Já não lhe era permitido ouvir a música das esferas, cheirar os perfumes do paraíso e meditar os segredos da Tora, que alimentam a alma. Já não podia banhar-se nos poços de óleo balsâmico. Na cela carcerária, a escuridão do mundo dos mortos já a cercava. Mas seu maior tormento era a saudade de Jachid. Ela não podia comunicar-se telepaticamente com ele. Nem enviar-lhe mensagem, pois todos os servidores tinham desaparecido. Apenas o medo da morte restou com Jechidah.

A morte não era ocorrência rara onde Jechidah vivia mas sobrevinha somente a espíritos vulgares, exauridos. O que acontecia exatamente aos mortos, Jechidah ignorava. Estava certa de que, quando uma alma descia à Terra, era para ser extinta, embora os devotos dissessem que uma centelha de vida permanecia. Uma alma morta começava logo a apodrecer e não tardava a cobrir-se de uma substância viscosa chamada sêmen. Então, um coveiro punha-a num ventre onde ela se transformava numa espécie de fungo e era, daí por diante, conhecida por criança. Mais tarde, começavam as torturas da geena: nascimento, crescimento, labuta. Pois, segundo os livros de moralidade, a morte não era a etapa final. Purificada, a alma retornava à sua fonte. Mas que prova havia de tais crenças? Por isso, ao que sabia Jechidah, ninguém jamais voltara da Terra. A esclarecida Jechidah acreditava que a alma apodrece por um curto período e depois se desintegra nas trevas sem retorno.

Agora chegara o momento em que Jechidah devia morrer, devia afundar na Terra. Dentro em breve, o Anjo da Morte apareceria com sua espada flamejante e mil olhos.

A princípio, Jechidah chorou sem parar, mas depois suas lágrimas

cessaram. Desperta ou adormecida, não deixava de pensar em Jachid. Onde estava? Que fazia? Com quem andava? Jechidah tinha certeza que ele não a prantearia para sempre. Estava cercado por belas fêmeas, bestas santificadas, anjos, serafins, querubins, *ayralim*, cada um deles com seus poderes de sedução. Até que ponto alguém como Jachid seria capaz de conter os desejos? Ele, como ela, era um incréu. Fora ele quem a ensinara que os espíritos não são criados, e sim produtos de evolução. Jachid não respeitava o livre-arbítrio, não acreditava no bem e no mal supremos. Que força lograria detê-lo? Com certeza já estaria no regaço de outra divindade, contando a seu respeito aquelas histórias que já contara a Jechidah.

No entanto, que lhe cabia fazer? Naquele calabouço, todos os contatos com as mansões haviam cessado. As portas estavam fechadas: nem misericórdia nem beleza entraram ali. O único caminho daquela prisão conduzia à Terra e aos horrores chamados carne, sangue, medula, nervos e cérebro. Os anjos tementes a Deus prometiam ressurreição. Pregavam que a alma não se demorava para sempre na Terra, mas que, depois de sofrer seu castigo, retornava à Esfera Superior. Mas Jechidah, sendo modernista, considerava isso tudo uma superstição. De que forma uma alma se libertaria por si mesma da corrupção do corpo? Cientificamente era impossível. A ressurreição era um sonho, um tolo conforto de almas primitivas e assustadas.

2

Uma noite, enquanto Jechidah, arriada a um canto, pensava em Jachid e nos prazeres que dele recebera, seus beijos, suas carícias, os segredos murmurados em seu ouvido, as muitas posições e jogos amorosos em que fora iniciada, Dumah, o Anjo da Morte de mil olhos, com aquela aparência com que os Livros Santos o descreviam, entrou empunhando uma espada flamejante.

— Sua hora chegou, irmãzinha — disse.

— Não resta nenhum apelo?

— Os que estão nessa ala vão sempre para a Terra.

Jechidah estremeceu.

— Bem, estou pronta.

— Jechidah, o arrependimento sempre ajuda. Recite sua confissão.

— Ajudar como? Arrependo-me apenas de não haver pecado mais — disse

Jechidah com rebeldia.

Ambos silenciaram. Finalmente, Dumah disse:

— Jechidah, sei que tem raiva de mim. Mas será culpa minha, irmã? Acaso eu quis ser o Anjo da Morte? Também sou pecador, exilado de um reino mais alto, e meu castigo consiste em executar almas. Jechidah, não desejei sua morte, mas não fique deprimida assim. A morte não é tão terrível quanto se pensa. Realmente os primeiros instantes não são fáceis. Mas uma vez plantada no ventre, os nove meses que se seguem não são dolorosos. Você esquecerá tudo que aprendeu aqui. Saindo do ventre, terá um choque; a infância, no entanto, é muitas vezes agradável. Você começará a estudar a erudição da morte, vestida

num corpo jovem, flexível, e logo receará o fim de seu exílio.

Jechidah interrompeu-o:

— Mate-me se é esse seu dever, Dumah, porém poupe-me suas mentiras.

— Estou dizendo a verdade, Jechidah. Você não se ausentará mais de cem anos, pois os mais amaldiçoados não sofrem mais que isso. A morte é apenas o preparativo de nova existência.

— Dumah, por favor. Não quero ouvir.

— Mas é importante você saber que bem e mal existem lá também e que a vontade continua livre.

— Que vontade? Por que diz tamanha tolice?

— Jechidah, ouça com cuidado. Mesmo entre os mortos existem leis e regulamentos. Da maneira como você age, a morte determina o que acontecerá a seguir. A morte é um laboratório para a reabilitação de almas.

— Acabe logo com isso, eu suplico.

— Paciência, você ainda tem alguns minutos de vida e deve receber instruções. Saiba, então, que se pode agir bem ou mal na Terra e que o pecado mais vil de todos é fazer uma alma reviver.

A idéia era tão ridícula que Jechidah riu apesar de sua angústia.

— Como pode um cadáver dar vida a outro?

— Não é tão difícil quanto pensa. O corpo é composto de matéria tão fraca que um mero sopro pode desintegrá-la. A morte não é mais forte que uma teia de aranha; sopra a brisa e ela desaparece. Mas constitui grande ofensa destruir a morte de outro ou a própria morte. E mais ainda: você não deve agir ou falar e até mesmo pensar de maneira a ameaçar a morte. Aqui, o objetivo de todos é preservar a vida, mas lá embaixo é a morte que pede socorro.

— Contos da carochinha. Fantasias de carrasco.

— É a pura verdade, Jechidah. A Tora que se aplica à Terra baseia-se num só princípio: “A morte de alguém deve ser tão cara quanto tua própria morte”. Não esqueça minhas palavras. Quando descer a Sheol, elas serão de grande valia.

— Não, de modo algum, não quero ouvir mais mentiras. E Jechidah tapou os ouvidos.

3

Anos correram. Todos no reino mais alto haviam esquecido Jechidah, exceto sua mãe, que ainda continuava a acender velas votivas pela filha. Na Terra, Jechidah tinha nova mãe, bem como pai, vários irmãos e irmãs, todos mortos. Depois de frequentar o colégio, começou a frequentar cursos na universidade. Morava numa grande metrópole onde os cadáveres são preparados para todos os tipos de funções mortuárias.

Era primavera e a corrupção na Terra crescia, leprosa, com florações. Dos túmulos com suas árvores comemorativas e águas purificantes erguia-se um terrível fedor. Milhões de criaturas, forçadas a descer aos domínios da morte, tornavam-se borboletas, moscas, vermes, sapos, rãs. Zumbiam, coaxavam,

grasnavam, batiam as asas, já envolvidos na luta pela morte. Mas estando Jechidah totalmente afeita aos hábitos da Terra, tudo isso parecia-lhe parte da vida. Sentada no banco de um parque, fitava a Lua, a qual, da escuridão do mundo dos mortos, é às vezes reconhecida como uma vela votiva acesa num crânio. A exemplo de todos os cadáveres femininos, Jechidah ansiava pela morte perpétua, para que seu ventre se tornasse um túmulo de recém-mortos. Mas não podia fazer isso sem ajuda de um macho com quem teria de copular no ódio a que os cadáveres chamam amor.

Enquanto Jechidah, sentada, olhava as órbitas do crânio acima, um cadáver envolto em branca mortalha chegou e sentou-se ao seu lado. Por um instante os dois cadáveres fitaram-se, pensando que viam, embora todos os cadáveres sejam, em verdade, cegos. Afinal, o cadáver masculino falou:

— Perdão, senhorita. Pode dizer-me que horas são? Ainda que, no fundo de si mesmos, todos os cadáveres anseiem pelo término de seu castigo, estão sempre preocupados com o passar do tempo.

— Horas? — respondeu Jechidah. — Espere um pouco. Amarrado a seu pulso havia um instrumento para medir o tempo, mas as divisões eram tão pequeninas e os símbolos tão minúsculos que ela não podia ler com facilidade o mostrador. O cadáver masculino aproximou-se mais.

— Posso olhar? Tenho boa vista.

— Se quiser.

Cadáveres nunca agem com franqueza; mostram-se sempre tímidos e tortuosos. O cadáver masculino pegou a mão de Jechidah e inclinou a cabeça para o instrumento. Não era a primeira vez que um cadáver masculino tocava Jechidah, porém o contato daquele fez seus membros tremerem. Ele olhou com intensidade, mas não pôde decidir-se logo. Depois, disse:

— São dez e dez.

— Tão tarde assim?

— Deixe que eu me apresente. Meu nome é Jachid.

— Jachid? Eu me chamo Jechidah.

— Que extraordinária coincidência.

Ambos, ouvindo a morte correr em suas veias, ficaram silenciosos por um espaço. Então, Jachid disse:

— Que bonita está a noite!

— Sim, muito bonita.

— Há alguma coisa na primavera que não se pode exprimir em palavras.

— Palavras nada podem exprimir — respondeu Jechidah.

Quando ela fez essa observação, ambos sabiam estarem destinados a mentir juntos e a preparar um túmulo para um novo cadáver. O fato é que, a despeito de os mortos estarem mortos, sempre permanece vida neles, um traço de contato com aquele conhecimento que preenche o universo. A morte apenas mascara a verdade. Os sábios falam dela como uma bolha de sabão que se rompe ao toque de uma palha. Os mortos, envergonhados da morte, tentam esconder sua condição mediante astúcias. Quanto mais moribundo um cadáver, mais volúvel ele é.

— Posso saber onde você mora? — perguntou Jachid.

“Onde foi que eu o vi antes? Por que sua voz parece-me tão familiar?”, pensava Jechidah. “E como veio a calhar que ele se chame Jachid? Um nome tão raro...”

— Não longe daqui — ela respondeu.

— Permite que eu a leve para casa?

— Obrigada. Não é preciso. Mas já que se ofereceu... Ainda é cedo para dormir.

Quando Jachid se ergueu, Jechidah imitou-o. “Será a pessoa que ando buscando?”, Jechidah perguntava a si mesma. “O homem que me foi destinado? Mas que quer dizer destino? Segundo meu professor, só existem átomos e movimento.” Uma carruagem aproximou-se e Jechidah ouviu Jachid dizer:

— Quer dar um passeio?

— Onde?

— Ora, apenas em volta do parque.

Em vez de censurá-lo, como pretendia, Jechidah disse:

— Ótimo. Mas não acho que você deva gastar dinheiro.

— Para que dinheiro? Só vivemos uma vez.

A carruagem parou e eles entraram. Jechidah sabia muito bem que uma moça que se dá ao respeito não passeia com um rapaz estranho. Que pensaria Jachid? Pensaria, por acaso, que ela aceitava convites dessa ordem? Queria explicar-lhe que era tímida por natureza, mas sabia não poder apagar mais a impressão que já lhe causara. Sentada, silenciosa, assustava-se com sua própria conduta. Sentia-se mais próxima do estranho do que já estivera de alguém. Quase podia ler-lhe o pensamento. Desejou que a noite se prolongasse para sempre. “Será isso amor? Alguém se apaixona com tanta rapidez? Estou feliz?”, ela perguntava a si mesma. Mas nenhuma resposta vinha de seu íntimo. Pois os mortos são sempre melancólicos, mesmo em meio à euforia. Depois de um intervalo, Jechidah disse:

— Tenho impressão de já ter passado por isso.

— *Déjà vu...* É como a psicologia denomina o fenômeno.

— Talvez contenha alguma verdade...

— Que quer dizer?

— Talvez nos tenhamos conhecido em outro mundo. Jachid rompeu a rir.

— Em que mundo? Existe apenas um, o nosso, a Terra.

— Talvez existam almas.

— Impossível. O que se chama de alma não passa de vibrações da matéria, produto do sistema nervoso. Falo com convicção, sou estudante de medicina.

De súbito, ele passou o braço pela cintura dela. E embora Jechidah ainda não houvesse permitido tais liberdades a homem nenhum, não o censurou. Sentada, perplexa com sua aquiescência, temeu os arrependimentos do dia seguinte. “Não tenho caráter”, reprovava-se. “Mas ele está certo numa coisa: se não existe alma e a vida não passa de breve episódio numa eternidade de morte, então por que não gozar a vida sem restrições? Se não existe alma, não existe Deus, o livre-arbítrio não tem significado. Moralidade, como diz meu professor, é apenas parte da superestrutura ideológica.”

Jechidah fechou os olhos e inclinou-se contra o espaldar. O cavalo trotava

devagar. Na escuridão todos os cadáveres, homens e bestas, lamentavam sua morte — uivando, rindo, zumbindo, trinando, suspirando. Alguns cadáveres cambaleavam, tendo bebido para esquecer, por um instante, as torturas do inferno. Jechidah mergulhava em si mesma. Cochilou, depois despertou com um sobressalto. Quando os mortos dormem, vinculam-se, uma vez mais, à fonte da vida. A ilusão de tempo e espaço, causa e efeito, número e relação, cessa. Em seu sonho, Jechidah subira outra vez ao mundo de sua origem. Ali, viu sua mãe verdadeira, seus amigos, seus professores. Jachid estava lá também. Os dois saudaram-se, abraçaram-se, riram e choraram de júbilo. Naquele momento, ambos reconheceram a verdade, que a morte na Terra é temporária e ilusória, um julgamento e um meio de purificação. Viajaram juntos passando por mansões celestiais, jardins, oásis para almas convalescentes, florestas para bestas divinas, ilhas para pássaros celestiais. “Não, nosso encontro não foi um acidente”, murmurou Jechidah para si mesma. “Existe um Deus. Existe um propósito na criação. Cópula, livre-arbítrio, destino — tudo faz parte de Seu plano.” Jachid e Jechidah passaram por uma prisão e espiaram pela janela. Viram uma alma condenada a descer à Terra. Jechidah sabia que esta alma se tornaria sua filha. Pouco antes de despertar, ouviu uma voz:

— O túmulo e o coveiro encontraram-se. O enterro será realizado esta noite.

Debaixo da faca

Leib abriu o olho bom, mas estava escuro na adega. Não podia afirmar se era dia ou ainda noite. Tateou em busca dos fósforos e de um maço de cigarros que deixara num banco perto do catre de ferro. Sempre que despertava no quarto sem janelas em que vivia ultimamente, a mesma dúvida o assaltava: e se o outro olho cegasse também? Riscou um fósforo e observou a chama arder. Acendendo o cigarro, tragou forte, e, com o débil fogo azulado que ficara no fósforo, acendeu uma pequena lamparina de querosene cuja manga de vidro se quebrara. Sua luz trêmula caiu nas paredes descascadas, no chão inteiramente carcomido. Mas, quando não se paga aluguel, até uma sepultura é uma pechincha. Graças a Deus ainda restava vodca do dia anterior. A garrafa estava em cima de um engradado de ovos, apoiada em papel. Pensativamente, Leib baixou os pés nus, deu alguns passos na direção do engradado. “Bem, vou só molhar a garganta”, brincou.

Levou a garrafa à boca, bebeu um bom gole e depois colocou-a de lado. Sentou-se, sentindo os vapores do álcool subirem do estômago para o cérebro. “Muito bem, sou um decaído”, murmurou. Em geral os ratos corriam pelo quarto, mas então o frio os afugentara. O lugar cheirava a bolor e outros odores de subterrâneo. O ar estava úmido. Um fungo crescia nos restos do madeirame.

Leib recostou-se na parede, entregando-se ao álcool. Quando bebia parava de raciocinar. Seus pensamentos corriam sozinhos, sem auxílio da fala. Perdera tudo: o olho esquerdo, o emprego, a mulher, Rooshke. Ele, Leib, que a certa altura fora o vice-diretor da Sociedade de Amigos Fraternalis, era agora um bêbado, um vagabundo. “Eu a matarei, eu a matarei”, Leib murmurou para si mesmo. “Ela merece morrer. Eu a matarei e depois cometerei suicídio. Um dia de sobrevivência é um presente para ela. Dentro de uma semana estará na cova, aquela puta, preparada para a longa viagem. Se existe Deus, ele que cuide dela no outro mundo...”

Leib de há muito planejava tudo. Repassou o plano, decidindo que adiaria o fim um pouco mais. A faca que ia cravar na barriga de Rooshke estava oculta no colchão de palha. Ele a afiara ultimamente de tal modo que a lâmina podia cortar um fio de cabelo. Enfiaria a faca na barriga da mulher e revolveria duas vezes a lâmina para despedaçar-lhe as entranhas. Depois, empurraria o pé no peito de Rooshke, e, enquanto ela se debatesse nas vascas da agonia, gritaria: “Muito bem, Rooshke, continua inflexível, hein?” E cuspiria em seu rosto. Feito o quê, iria ao cemitério e, perto do túmulo de Chaye, cortaria os pulsos.

Cansado de estar sentado, Leib estirou-se outra vez no catre, cobrindo-se com o lençol preto manchado de queimaduras de cigarro, e apagou a lâmpada. O momento estava próximo. Ele o aguardara longo tempo. Primeiro havia vendido tudo o que tinha; depois, pedira emprestado aos amigos. Agora precisava de milagres para sobreviver. Comia em cozinhas públicas para indigentes. Os velhos amigos davam-lhe alguns trocados, uma camisa rasgada, cuecas, um par de botas desiguais. Vivia como um animal, como um dos gatos, cães, ratos que infestavam as vizinhanças. Nas trevas, Leib retornou à sua visão querida: Rooshke, pálida de morte, estendida no chão, o vestido levantado, as pernas

abertas, o cabelo louro-amarelado em desordem, a faca enfiada no estômago, sobressaindo apenas o cabo de metal. Ela começava a gritar, em voz moribunda, suplicando, gorgolejando, os olhos azuis esgazeados. Ele, Leib, apoiando a bota com firmeza em seu peito, perguntava: “Muito bem, continua inflexível, hein?”

2

Leib acordou. Durante os últimos dias dormi tara como uma pessoa com febre. Já não sabia se era noite ou dia, terça ou quinta-feira. Talvez já fosse sábado. Não havia mais vodca e ele fumou o último cigarro. Tivera um longo sonho, todo ele com Rooshke, um sonho estranho, pois, ao mesmo tempo que lhe cortava a garganta, fazia amor com ela, como se houvesse duas Rooshkes. Lembrando-se, por um instante, do sonho sem sentido, tentou interpretá-lo, mas logo desistiu. “Estarei doente? Talvez eu morra neste buraco e Rooshke acompanhe meu enterro. Mas, mesmo morto, voltarei para estrangulá-la...”

Pouco depois, estremeceu e despertou de novo. Tocou a testa, mas estava fria. O cansaço desaparecera; sua força havia retornado. Sentiu necessidade de vestir-se e sair à rua. “Chega dessa vida porca!”, disse Leib a si mesmo. Queria acender a lâmpada mas não conseguiu encontrar fósforos. « Eu me vestirei no escuro. » Suas roupas estavam úmidas e duras. Às cegas enfiou as calças, vestiu o paletó forrado, calçou as botas, pôs o gorro esburacado. A julgar pelo frio ali, Leib supôs que nevava lá fora. Subiu o lance de degraus até o pátio e viu que era noite. Não chovia nem nevava, mas as pedras da rua estavam molhadas. Algumas janelas tinham luz, de forma que não podia ser mais de meia-noite, como a princípio julgara. “Bem, preenchi alguns dias”, disse Leib. Caminhando com passos incertos, como se convalescente de uma crise de tifo, atravessou os portões e saiu. As lojas estavam fechadas, com as venezianas descidas. Acima dos telhados metálicos aparecia o céu pesado, vermelho de frio, saturado de neve. Enquanto Leib hesitava, o zelador fechou os portões atrás dele. “Que estará Rooshke fazendo agora?”, perguntou Leib a si próprio. Sim, ele sabia o que ela estava fazendo. Sentada com Lemkin, o barbeiro, comia uma segunda porção de pães frescos que estalavam nos dentes, mais fatias de carne fria com mostarda, acompanhadas de chá e compotas. O fogão estaria aceso, o fonógrafo tocando, o telefone soando. Os amigos dela estariam reunidos ali: Leizer Tsitrin, o farmacêutico, Kalman, do açougue *não-kosher*; Berele Bontz, o pescador, Shmuel Zeinvel, o músico da orquestra do Salão de Bodas de Viena. Rooshke sorriria para todos com sua boca generosa, mostraria covinhas nas faces, puxaria a saia para que vissem seus joelhos redondos, as ligas vermelhas, a renda da calcinha. A Leib não daria um só pensamento. Tal ladrão, tal puta... Uma morte não bastava para ela.

Leib sentiu alguma coisa no cano da bota e abaixou-se. “Eu trouxe a faca”, pensou, surpreso. Tê-la ali, no entanto, fazia-o sentir-se melhor. Comprara uma bainha de couro para a faca. A faca tornara-se agora seu único amigo; com ela saldaria todas as contas. Leib enfiou a faca mais fundo no cano da bota, para que não machucasse o tornozelo. “E se eu lhe fizer a visita agora?”, pensou. Mas

estava apenas divertindo-se com a idéia. Tinha de encontrá-la sozinha. A melhor ocasião seria de manhã, quando Lemkin partisse para a barbearia e quando a criada Tsipeh fosse fazer compras no mercado. Rooshke estaria na cama, modorrando, ou ouvindo os canários cantar. Adorava dormir nua. Ele abriria então a porta do apartamento com a chave mestra da qual tirara duplicata, entraria silenciosamente, puxaria a coberta de cima dela e perguntaria: “Muito bem, Rooshke, continua inflexível, hein?”

Leib parou, dominado pela idéia de vingança. “Basta de espera”, ordenou-lhe a voz interior. Geralmente a voz dava-lhe ordens como um oficial superior: esquerda, direita, atenção, ordinário, marche. E Leib nada fazia antes de ouvir o comando da voz. Agora sabia por que havia dormido tanto na semana anterior. A força invisível que o dirigia tinha-o preparado para entrar em ação. Enquanto dormia, a decisão fora planejada em seu íntimo, qual doença evoluindo para a crise. Um calafrio correu-lhe a espinha. Sim, já esperara muito. A hora havia soado. Não tinha medo, mas sentia as costelas geladas. O espírito mostrava-se surpreendentemente claro, mas julgou de bom alvitre repassar tudo nos mínimos detalhes. Não tinha um centavo de seu, a vodka havia acabado, estava sem cigarros. Todas as portas fecharam-se e ele não tinha mais para onde ir. Pensar na segunda ceia de Rooshke deixava-o faminto. Também gostaria de engolir pãezinhos frescos com salame ou salsichas quentes. Sentia um vazio, um nó nos intestinos. Pela primeira vez em muitos anos Leib foi dominado pela autocompaixão. De súbito recordou as palavras de uma canção que cantara em menino, quando participou de uma peça teatral no Purim*. Seu amigo Berish, usando chapéu tricórnio em formato de bolo do Purim e a máscara com bigodes pretos de vilão, aproximara-se dele, com a intenção de matá-lo, brandindo uma espada de papelão coberta de papel prateado. Ele, Leib, mascarado de comerciante, e com barba vermelha, recitou então:

**Festa judaica, marcada principalmente pela leitura nas sinagogas do Livro de Ester, que comemora o desbaratamento do plano organizado pelo Ministro Haman para exterminar os judeus da Pérsia, durante o reinado de Assuero. (N. do E.)*

“Leve meu último pedaço de pão
Mas dê-me uma hora antes da execução;
Pegue meu pedaço de *challah**, camarada,
Mas dê-me uma hora com minha namorada”.

** Pão trançado, feito especialmente para o Sabbath e dias feriados. (N. do T.)*

Berish morrera há muito tempo, escoiceado por um cavalo. Ele, Leib, seria o assassino, e ai de quem não tivesse sequer um pedaço de pão para resgatar uma hora à morte...

Leib caminhou devagar, a passos curtos. Tinha confiança na força que o comandava. Precisaría mesmo de ajuda. Sem uma bebida, sem cigarros, sem alimento no estômago não lhe seria possível perpetrar o crime. Com seu único olho bom, examinou os arredores penumbrosos. Várias pessoas passavam, mas

não as via. Tudo nele se limitava a escutar; tudo permanecia em suspenso; algo teria de acontecer. “Se nada acontecer”, pensou Leib, “irei para casa.” Ao decidir assim, sentiu-se desafiador da força que o governava há tantos anos e estava em vias de conduzi-lo ao ato derradeiro. Limpou os olhos. Raios chamejantes pareciam irradiar-se dos fracos lampiões de querosene. Pingos de chuva tombaram-lhe na cabeça. Sentiu-se sonolento. Simultaneamente, teve a impressão de já haver passado pela mesma experiência. Naquele instante, Leib ouviu uma voz que o assustou, embora já esperasse algo semelhante.

— Tem frio, Leible? Venha aquecer-se...

Leib olhou ao redor. Uma puta estava em pé perto do número 6. Leib não a conhecia, mas, pelo visto, ela o conhecia. Sob a luz do lampião de gás, viu que era pequena, magra, com as faces encovadas cobertas de ruge, olhos borrados de rimeí. Seu cabelo ruivo estava parcialmente coberto por um xale e ela usava um vestido vermelho e botas vermelhas úmidas e cheias de lama. Leib parou.

— Você me conhece?

— Sim, conheço.

— Pode realmente aquecer-me? Você já é quase uma velha — disse Leib, embora sabendo não ser tanto assim.

— Meus inimigos morrem todos jovens...

— Posso passar a noite em seu quarto?

— Por dinheiro, pode tudo.

Leib silenciou por um momento.

— Não tenho dinheiro algum.

— Só a morte é de graça.

Leib pensou no caso.

— Aceita alguma coisa por conta?

— Que coisa? Um relógio de ouro?

Leib sabia ser tolice, mas pôs a mão no cano da bota e retirou a faca na bainha de couro.

— Que é isso? Uma faca?

— Sim, uma faca.

— E de que me serve uma faca? Não pretendo esfaquear ninguém.

— Vale três rublos. Olhe só o cabo...

Leib deu um passo na direção do lampião e desembainhou a lâmina. Ela brilhou qual labareda e a mulher retrocedeu um passo.

— Com a bainha, vale quatro rublos.

— Não preciso de faca.

— Nesse caso, esqueça.

Mas Leib não se moveu. Aguardou, como à espera de que a mulher mudasse de idéia. Ela envolveu-se mais no xale.

— Por que anda com uma faca? Quer matar alguém?

— Talvez.

— Quem? A obstinada Rooshke?

Leib estremeceu.

— Por que diz isso?

— É o que se fala por aí. Sabe-se tudo a seu respeito.

— O que dizem?

— Que Rooshke rompeu com você. Que você, por causa dela, tornou-se um bêbado.

Algo confrangeu o coração de Leib. Todos o conheciam, falavam dele. E ele sentia que a rua o esquecera como se morto estivesse. Seus olhos marejaram-se de lágrimas.

— Deixe-me ir com você. Pagarei amanhã.

A mulher levantou a cabeça. Olhou-o inquisidoramente, com um sorriso matreiro, como se toda a conversa não passasse de um jogo e de um teste. Parecia pertencer à vida dele, quem sabe um parente que o esperara, pronto a dar-lhe auxílio, se necessário.

— Você tem sorte. Madame está ausente. Se descobrir, me comerá viva...

3

O quarto dela ficava no porão. O corredor que lhe dava acesso era tão estreito que apenas uma pessoa podia passar de cada vez. A mulher caminhou na frente e Leib seguiu-a. Dos dois lados, paredes de tijolos enquadram-no; o chão era irregular, e além disso Leib precisou curvar-se para proteger a cabeça. Teve a sensação de já estar morto, vagueando algures em cavernas, em meio a diabos do mundo dos mortos. Uma lâmpada iluminava o quarto e as paredes estavam pintadas de rosa. No fogão, carvões ardiam; sobre o fogão, uma chaleira borbulhava. Um gato sentado num banco de apoiar os pés passeava os olhos verdes pelo local. A cama tinha apenas um colchão de palha e um lençol sujo, sem outras peças de roupa. Mas aquilo destinava-se aos convidados. Um travesseiro e um cobertor jaziam numa cadeira, a um canto. Em cima da mesa, meia bisnaga de pão. Leib viu-se refletido no espelho: um homem grande, de rosto marcado pela bexiga, nariz comprido, boca enrugada, um buraco e uma fenda em lugar do olho esquerdo. No espelho esverdeado, partido, coberto de pó, sua imagem refratou-se, como se o vidro fosse um poço obscuro. Não se barbeava há mais de uma semana — e uma barba cor de palha cobria-lhe o queixo. A mulher tirou o xale e pela primeira vez Leib viu-a como de fato era. Pequena, de busto achatado, com braços finos e ombros ossudos. O pescoço, muito comprido, ostentava uma mancha branca. Tinha sobranceiras amarelas, olhos amarelos, nariz quebrado, queixo pontudo. Seu rosto ainda era jovem, mas, ao redor da boca, viam-se fundos vincos, como se a boca houvesse envelhecido sozinha. Pela maneira como falava, era de origem rural. Leib fitou-a, reconhecendo-a vagamente.

— Você é a única aqui?

— A outra está no hospital.

— Onde anda a madame?

— O irmão morreu. Ela está no *shiva*.

— Pode-se roubar tudo aqui.

— Não há o que roubar.

Leib sentou-se à beira da cama. Já não fitava a mulher, e sim o pão.

Embora não sentisse fome, não conseguia afastar os olhos do pão. A mulher descalçou as botas, mas ficou de meias vermelhas.

— Eu não deixaria um cão sair com um tempo desses — disse.

— Pretende voltar ao portão esta noite? — perguntou Leib.

— Não, ficarei aqui.

— Então conversaremos.

— E sobre que falaríamos? A meu respeito? Arruinei minha vida. Meu pai era homem honrado. Você pretende mesmo esfaquear Rooshke?

— Ela não merece outra coisa.

— Se eu quisesse esfaquear alguém que me ofendeu, sairia por aí com seis facas em cada mão.

— Mulheres são diferentes.

— É mesmo? Devemos esperar e deixar que Deus julgue. Metade de meus inimigos já está apodrecendo nos túmulos e a outra metade também acabará mal. Por que derramar sangue? Deus espera muito mas castiga direito.

— Ele não punirá Rooshke.

— Basta esperar. Nada perdura. Ela terá o que merece mais cedo do que pensa.

— Mais cedo do que *você* pensa — ele respondeu com uma risada que soou como um latido. Em seguida, pediu: — Já que estou aqui, dê-me algo que mastigar.

A mulher piscou os olhos.

— Ai. Tenho um pouco de pão. Puxe uma cadeira para a mesa.

Leib sentou-se. Ela trouxe-lhe um copo de chá aguado, e com seus dedos ossudos tirou dois cubos de açúcar de uma lata. Cuidou dele como esposa. Leib tirou a faca do alto da bota e cortou um pedaço de pão. A mulher, observando-o, riu, mostrando dentes esparsos que estavam encardidos e quebrados. Em seus olhos amarelos cintilou alguma coisa de fraternal e astucioso, como se ela fosse sua cúmplice.

— Essa faca não é de cortar pão — observou.

— Para que serve, então? Para cortar carne?

Ela trouxe-lhe um pedaço de salame de um guarda-comida e ele partiu-o em dois com a faca. O gato saltou do banquinho e começou a se roçar contra sua perna, miando.

— Não lhe dê nada. Deixe-o pegar ratos.

— Há muitos ratos aqui?

— O suficiente para dez gatos.

Leib cortou seu pedaço de salame em duas partes e atirou uma fatia ao gato. A mulher olhou-o intrigada, meio curiosa, meio zombeteira, como se a visita inteira não passasse de uma piada. Durante certo tempo, ambos guardaram silêncio. Depois, Leib abriu a boca e perguntou sem pensar:

— Gostaria de casar-se? A mulher riu.

— Casarei com o Anjo da Morte.

— Não estou brincando.

— Enquanto viver, uma mulher desejará casar-se.

— Casaria comigo?

— Até com você.

— Bem, então vamos casar.

A mulher vertia água na chaleira.

— Na cama ou em presença do rabi?

— Primeiro na cama, depois no rabi.

— Como quiser. Não acredito mais em ninguém. Que me importa se me arrancam uma perna? Se você assim quer, assim será. Se apareceu, é porque nada está perdido. De que valem palavras? Entre meus fregueses, há, sempre quem queira desposar-me. Depois, recusa-se até a pagar os vinte copeques.

— Casarei com você. Nada tenho a perder.

— E que tenho eu a perder? Apenas a vida.

— Não tem algum dinheiro?

A mulher sorriu familiarmente, fazendo leve careta, como se já esperasse a pergunta de Leib. Todo o seu rosto envelheceu, amadureceu, vincou-se qual o de uma velha bruxa. Ela hesitou, relanceou os olhos em volta, olhou a janelinha coberta por uma cortina preta. Seu rosto parecia rir e, ao mesmo tempo, ponderar alguma coisa dolorosa e antiga. Em seguida, acenou com a cabeça.

— Toda a minha fortuna está aqui nesta meia.

E apontou o joelho com o dedo.

4

Na manhã seguinte Leib esperou o zelador abrir os portões. Depois, saiu. Tudo ia bem. Ainda estava escuro, mas daquele lado do Vístula, no leste, um pedaço de céu mostrava-se azul-pálido, com manchas vermelhas. Fumaça subia de chaminés. Carroças de camponeses com carne, frutas e vegetais passavam, os cavalos a se arrastarem, ainda meio adormecidos. Leib respirou profundamente. Tinha a garganta seca. As entranhas pareciam emaranhadas. Onde obter comida e bebida àquela hora? Lembrou-se do restaurante de Chaim Smetene, que abria quando Deus ainda estava adormecido. Leib, sacudindo a cabeça como um cavalo, partiu naquela direção. “Bem, a sorte está lançada; estou cumprindo meu fado”, pensou. O restaurante de Chaim Smetene, cheirando a tripas, cerveja e caldo de ganso, já estava aberto, os lampiões de gás acesos. Homens que tinham passado a noite acordados sentavam-se ali, comendo; difícil saber, no entanto, se o desjejum ou restos da ceia da noite anterior. Leib sentou-se a uma mesa vazia e pediu uma garrafa de vodca, cebolas com gordura de galinha e omelete. Bebeu três tragos seguidos, que caíram no estômago vazio. “Bem, é minha última refeição”, murmurou para si próprio. “Amanhã, a esta hora, serei mártir.” Os garçons, suspeitosos, julgaram-no capaz de filar uma refeição. O proprietário, Chaim Smetene, aproximou-se em pessoa e perguntou:

— Leib, você tem dinheiro?

Leib teve ganas de pegar a garrafa e golpear-lhe o estômago bojudo, drapeado com uma corrente de rublos de prata.

— Não sou mendigo.

E tirou do bolso um rolo de notas de banco, atado com uma fita vermelha.

— Bem, não precisa enfurecer-se.

— Dane-se!

Leib esforçou-se por esquecer o insulto. Virou um trago após outro, tornando-se tão violento no beber que chegou a esquecer a omelete. Separou uma cédula, deu-a ao garçom como gorjeta e pediu outra garrafa de vodca, não de teor quarenta ou sessenta, mas, dessa feita, de teor noventa. O lugar estava cheio de fregueses, tornando-se mais enfumaçado e barulhento. Alguém espalhou pó de serra no chão de pedra. Perto de Leib homens conversavam, mas, embora ouvisse as palavras em separado, não lhe era possível estabelecer conexão entre elas. Parecia ter os ouvidos cheios de água. Pendeu a cabeça na cadeira, roncou, e ao mesmo tempo manteve a mão na garrafa para certificar-se que não a levariam. Não estava adormecido, e tampouco estava acordado. Sonhou — mas o sonho afigurava-se, em si mesmo, remoto. Alguém dirigia-lhe longo discurso sem interrupção, qual sermão de pregador, mas quem falava e o que dizia, Leib não podia perceber. Abriu o único olho, depois fechou-o.

Daí a pouco, sentou-se. O dia brilhava, os lampiões de gás tinham sido apagados. O relógio na parede indicava um quarto para as nove. A sala estava repleta, mas embora Leib reconhecesse todo mundo nas ruas, ali não identificou ninguém. Havia um resto de vodca na garrafa e ele bebeu-a. Provou a omelete fria, fez uma careta e bateu com a colher no prato para atrair o garçom. Finalmente saiu, caminhando com pernas trôpegas. À frente de seu único olho bailava um nevoeiro com algo no meio a agitar-se qual geléia. “Vou ficar completamente cego”, Leib disse a seus botões. Entrou no bazar de Yanosh, à procura de Tsipeh, criada de Rooshke, que ele sabia vir ali todas as manhãs fazer compras. O bazar já estava cheio de fregueses. Mulheres gritavam preços; peixeiros debruçavam-se sobre tinas cheias de pescado; três açougueiros matavam aves sobre uma pia de mármore que refletia a luz de um lampião de querosene, estendendo-as depois a depenadores, que as depenavam e amontoavam-nas, ainda vivas, num cesto. “Quem tem faca utiliza-a”, pensou Leib. “Deus não se importa.” Dirigindo-se à saída, localizou Tsipeh. Ela acabara de chegar com um cesto vazio. Bem, era agora!

Saindo da feira, fez a volta até o pátio de Rooshke. Não receava ser visto. Passou pelo portão, subiu a escada até o segundo andar, onde uma placa dizia: “Lemkin — barbeiro”. “E se a chave não servir, que faço?”, perguntou Leib. “Arrombarei a porta”, respondeu. Sentia-se cheio de força; era agora um Sansão. Tirando a chave do bolso superior, como se fosse o proprietário do apartamento, introduziu-a na fechadura e abriu a porta. A primeira coisa que viu foi um gasômetro. Um chapéu-coco pendia de um cabide e Leib deu-lhe uma pancadinha de brincadeira. Através da porta da cozinha meio aberta, viu um moedor de café, um pilão e um gral. Odores de grãos de café e de batatas fritas vinham dali. “Bem, Rooshke, encomende sua alma!” Avançou silenciosamente pelo tapete do corredor, a cabeça projetando-se como um apanhador de cães tentando pegar um. Algo semelhante a uma risada dominou-o quando sacou da faca, deixando a bainha na bota. Leib escancarou a porta do quarto. Lá estava Rooshke, adormecida embaixo de um cobertor vermelho, o descorado cabelo

louro espalhado num travesseiro branco, o rosto amarelado, gordo, untado de creme. Os globos oculares destacavam-se nas pálpebras fechadas e um duplo queixo cobria-lhe o pescoço enrugado. Leib parou, surpreso. Quase não a reconheceu. Nos poucos meses transcorridos desde que a deixara, ela havia engordado e inchado. Perdera a aparência de moça, tornara-se matrona. Fios grisalhos eram visíveis rente ao couro cabeludo. Numa mesinha, uma dentadura aparecia dentro de um copo de água. Então era assim, murmurou Leib. Ela estava certa. Realmente tornara-se velha. Lembrou as palavras que ela dissera antes de se separarem: “Estou gasta. Já não sou mais moça, estou ficando velha...” Não podia ficar parado ali. Dentro de instantes alguém bateria à porta. Mas tampouco podia partir. “O que tem de ser será”, disse Leib a si mesmo. Aproximando-se da cama, puxou o cobertor. Rooshke não dormia nua, mas numa camisola desabotoada que expunha seios lassos como pasta de farinha, estômago saliente, quadris largos, imensos. Leib não podia imaginar que Rooshke tivesse o ventre flácido, que sua pele tivesse se tornado tão amarelada, murcha e cheia de manchas. Ele esperou que ela gritasse, mas Rooshke abriu devagar os olhos, como se, até então, fingisse dormir. Os olhos dela fitavam-no com seriedade e tristeza, como se dizendo: “Pobrezinho, como deve ter sofrido!” Leib tremia. Queria dizer as palavras que havia pronunciado para si tantas vezes, mas esquecerara-se. Elas pendiam-lhe da língua. Rooshke, também, parecia sem voz. Examinou-o com uma estranha calma.

De repente, soltou um grito. Leib ergueu a faca.

5

“Bem, foi mesmo fácilimo”, Leib murmurou para si mesmo. Fechou a porta e desceu vagaroso a escada, fazendo soar os tacões, como à procura de testemunhas, porém não avistou ninguém na escada nem no pátio. Saindo, parou um poucos nos portões. O céu, que ao nascer do dia estivera tão azulado, mostrava-se então escuro e chuvoso. Um porteiro passou com uma saca de carvão às costas. Um corcunda gritou, pedindo salmão em conserva. Na leiteria, descarregavam latas de leite. Na mercearia, um carregador empilhava bisnagas no braço. Os dois cavalos arreados tinham aproximado as cabeças como se compartilhando um segredo. “Sim, é a mesma rua, nada mudou”, pensou Leib. Bocejou, sacudiu-se. Em seguida, recordou as palavras que havia esquecido: “Muito bem, Rooshke, continua inflexível, hein?” Não sentia medo, apenas um vazio. “É de manhã, e no entanto parece crepúsculo”, observou, divertindo-se. Procurou cigarros no bolso, mas deixara-os em algum lugar. Passou pela papelaria. No açougue, olhou para dentro. De pé junto ao cepo, Leizer, o açougueiro, cortava um pedaço de carne com um cutelo de fio extenso. Mulheres pechincheiras, acotovelando-se, estendiam as mãos em busca de ossos com tutano. “Ele acabará cortando o dedo de uma”, murmurou Leib. De súbito, viu-se em frente à barbearia de Lemkin e olhou pela porta de vidro. O assistente ainda não chegara. Lemkin estava só — um homem pequeno, gorducho e corado, de cabeça rapada, pernas curtas e estômago proeminente. Usava calça

lustrada, polainas, colarinho e gravata-borboleta, mas não trazia paletó e os suspensórios eram curtos como os de uma criança. Em pé, percorria com o dedo um jornal polonês. Ainda não sabia que era viúvo, pensou Leib. Observou o barbeiro, perplexo. Difícil acreditar que ele, Leib, se houvesse preocupado tanto por causa daquele homenzinho de aparência suína e o odiasse com tal violência. Leib empurrou a porta e Lemkin olhou-o de esguelha, surpreso, até assustado. “Vou matá-lo também”, decidiu Leib. Inclinou-se para tirar a faca do cano da bota, porém uma força qualquer impediu-o. Um poder invisível parecia segurá-lo pelo punho. “Bem, ele está destinado a viver”, decidiu Leib. E falou:

— Quero fazer a barba.

— O quê? Ah, sim, claro... Sente-se.

Animado, Lemkin vestiu o avental que já estava preparado sobre uma cadeira, envolveu Leib numa toalha fresca e pôs água quente numa tina. Ensaboando Leib, ora dava pancadinhas em seu pescoço, ora esfregava-lhe a pele. Leib pendeu a cabeça, fechou a fenda do olho, descontraiu-se na escuridão. “Acho que darei um cochilo”, resolveu. “Vou dizer-lhe para cortar o cabelo também.” Leib sentia-se um pouco tonto e com vontade de arrotar. Lemkin desejou-lhe “*Gesundheit*”*. A cadeira era muito alta e Lemkin baixou-a. Tirando uma navalha da bainha, passou o fio numa tira de couro e depois começou a escanhoar. Suavemente, como se fossem parentes, pegou uma bochecha de Leib na ponta dos dedos. Leib sentiu o hálito do barbeiro quando Lemkin lhe disse com intimidade:

* “*Saude!*” (N. do T.)

— Você é amigo de Rooshke... Eu sei, eu sei... ela me contou tudo.

Lemkin esperou resposta. Chegou a deter a navalha. Depois de uma pausa, recomeçou.

— Rooshke, pobrezinha, está doente.

Leib silenciou ainda por um instante.

— O que ela tem?

— Cálculos biliares. Os médicos vão operá-la. Ela está no hospital há duas semanas. Mas não é fácil, pelo visto, entrar debaixo da faca.

Leib ergueu a cabeça.

— No hospital? Onde?

— Em Chista. Vou lá todos os dias.

— Quem está em casa, então?

— Uma irmã de Praga.

— Mais velha?

— Já é avo.

Leib baixou a cabeça. Lemkin suspendeu-a de novo.

— Pode acreditar, Rooshke não é inimiga sua — cochichou no ouvido de Leib. — Vive falando de você. Olhe aqui, o que passou, passou. Gostaríamos de ajudar você, mas você andou afastado, como um estranho...

Lemkin pendia tão perto de Leib a ponto de tocá-lo com a testa. O barbeiro cheirava a anti-séptico bucal e desprendia calor humano. Leib quis dizer algo, mas lá fora ouviu-se um grito e gente pôs-se a correr. Lemkin enrijeceu.

— Vou ver o que houve.

Saiu, ainda de avental, com a navalha na mão direita e a esquerda suja de sabão e pêlos de barba. Demorou-se um minuto ou dois, interrogando alguém. Voltou animado.

— Uma puta morta. Furada de faca. Aquela ruiva pequena do número 6.

O jejum

Itche Nokhum sempre comera pouco, mas depois que Roise Genedel o deixou, e o pai — tenha ele uma longa vida! — ordenou-lhe que enviasse a ela intimação de divórcio, entregara-se ao jejum. Era fácil jejuar em casa do Rabi Bekhever. A mulher do rabi, a *rebbetsin*, falecera. Tia Peshe, que cuidava da casa, nunca prestava atenção se uma pessoa comia direito ou não. O criado, Elke Dobe, esquecia-se muitas vezes de levar as refeições a Itche Nokhum. Debaixo de sua janela havia um poço onde atiravam entulho. Itche Nokhum jogava ali a comida, pela janela. Cães, gatos e pássaros comiam as sobras. Somente agora, na idade de quarenta anos, Itche Nokhum percebia por que os sábios da Antigüidade haviam jejuado de sábado a sábado. Um estômago vazio e vísceras desobstruídas provocam esquisito prazer. O corpo fica leve, como se liberto da gravidade; a mente, mais clara. A princípio, o estômago ronca e a boca fica cheia de água, mas, após os primeiros dois dias, a fome pára. De há muito Itche Nokhum sentia repugnância por carne ou qualquer coisa proveniente de criaturas vivas. Quando viu Leizer, o *shokhet**, abater um boi no matadouro, a carne passou a dar-lhe náuseas. Até o leite tirado de úberes e os ovos postos por galinhas eram-lhe repulsivos. Tudo isso ligava-se a sangue, veias, entranhas. Sim, os Livros Santos permitiam o consumo de carne, mas apenas aos santos, que tinham o poder de liberar almas pecadoras encarnadas em animais e aves. Itche Nokhum não os comeria.

**Abatedor de animais e aves oficialmente licenciado pela autoridade rabínica do lugar. (N. do T.)*

Até pão, batatas e verduras pareciam exagerados. Bastava comer o necessário para manter-se vivo. E, nesse sentido, um pedaço ou dois seriam suficientes por vários dias. Excessos significavam fraqueza. Por que ceder à glotoneria? Desde que Roise Genedel, filha do rabi da Bialer, deixara-o, Itche Nokhum havia descoberto que o homem é capaz de sobrepujar qualquer desejo. Existe no coração algo a sugerir luxúria, mas sempre se pode tapar o nariz. Aquela coisa provoca pensamentos carnaís, e no entanto há o recurso ao Livro Santo. A pessoa é tentada a lembrar e imaginar, porém refreia-se a imaginação recitando-se os Salmos. Pela manhã, se compelidos a dormir até as nove, podemos, com esforço, acordar ao romper do dia. O que esse inimigo interno mais odeia é um frio banho ritual. Existe, porém, um pequeno lugar no cérebro que tem a palavra final, e, quando exige que os pés se movimentem, eles andam, embora a água esteja fria como gelo. Com o tempo, contrariar essa criatura lasciva torna-se hábito. Nós a subjugamos, nós a amordaçamos, ou melhor, nós a deixamos balbuciar sem lhe dar resposta. Como está escrito: “Não dê a um louco o troco da insensatez”.

Itche Nokhum andava pelo quarto, de cá para lá, pequeno, magro, barba rala e cor de palha, o rosto branco como giz, nariz avermelhado e saliente e olhos de um azul aguado embaixo de sobranceiras hirsutas, amarelas. Na cabeça, um solidéu amarrotado, com fragmentos de palha e penas. Desde que havia emagrecido, tudo pendia-lhe frouxo do corpo: as calças, sustentadas por uma

faixa, a gabardina que descia até os tornozelos e a camisa enrugada, desabotoada. Até mesmo as sandálias e meias brancas eram agora grandes demais. Ele não caminhava, arrastava os pés. Quando o tentador insistia muito, Itche Nokhum esfriava-o com uma pitada de rape ou cachimbo. Tabaco amortece o apetite. Itche Nokhum lutava sem tréguas com o inimigo. Num instante era tomado de desejo por Roise Genendel, no momento seguinte sentia raiva do pai — que ele tenha longa vida! — por instá-lo a divorciar-se dela, num momento queria dormir embaixo de uma colcha, dali a pouco era consumido pelo desejo de uma xícara de café. Quando cansado de andar, deitava-se num banco com um lenço sob a cabeça, à guisa de travesseiro. As tábuas comprimiam-lhe as costelas, impossível permanecer por mais tempo na mesma posição. Se conseguia modorrar, não tardava a ser atacado por sonhos — não um atrás do outro, como no passado, mas numa onda, qual gafanhotos, como se as visões e ilusões pairassem, apenas à espera de que ele cerrasse os olhos. Roise Genendel aparecia-lhe nua como a mãe Eva, dizia palavras maldosas, ria desavergonhadamente. Itche Nokhum comia massas e bolo de amêndoas, bebia vinho, esvoaçava qual morcego. Músicos tocavam, tambores soavam. Era purim e ao mesmo tempo Simkhas Torah. “Como pode?”, perguntava Itche Nokhum. “O Messias deve ter chegado... o falso Messias, Zabbati Zevi*...”

**Nome de um falso Messias que viveu no século XVI e se converteu ao islamismo. Também usado, às vezes, como o prenunciador do Messias. (N. do T)*

Acordou sobressaltado, inundado de suor. Por um instante, recordou ainda todas as aparições, absurdos e ilusões, mas elas não tardaram a se desvanecer, deixando somente a imagem de Roise Genendel. O corpo dela deslumbrava-o. Ouvia o eco de sua risada. “Eu não deveria ter-me divorciado!”, murmurou Itche Nokhum. “Seria melhor tê-la abandonado e desaparecido, de forma que ela não soubesse onde meus ossos repousam. Agora é muito tarde...” Dizia-se em Bekhev que ela estava prestes a se tornar cunhada de um galego, esposa do rabi de Komarner. Um hassideu** que conhecia o rabi de Komarner disse que ele, de tão alto, chegava ao teto, era tão negro quanto um cigano e já enviudara três vezes...

*** Adepto do hassidismo, movimento judaico de natureza religiosa e social, segundo o qual tudo quanto existe é expressão, embora desfigurada, da divindade; o próprio mal não passa de envoltório do bem, no que finalmente se transformará. (N. do E.)*

Itche Nokhum surpreendeu-se a pecar. Por que fazer dela esposa abandonada? Por vingança. De propósito quebrara o preceito mosaico: “Não debes vingar-te nem guardar rancor”. Itche Nokhum tirou da estante *Os princípios de sabedoria*. Quais as penas para a vingança? Virou as páginas amarelas, examinando-as. Havia uma longa lista de pecados, porém vingança não figurava entre eles. Itche Nokhum fez uma careta. Não era a primeira vez que amaldiçoava Roise Genendel, desejando-lhe doenças. Imaginara-a doente, agonizante, morta. Sabia-se consumido pelo rancor, ódio, maus pensamentos. O

corpo obstinado recusava-se a ceder. Estava cheio de malevolência.

Itche Nokhum abriu uma gaveta onde pusera uma mancheia de calhaus reunidos no pátio, algumas urtigas apanhadas através da cerca e fragmentos de tijolos, semelhantes aos que os garotos atiram no Tishe b'Ov***. Trancou a porta, tirou as sandálias e espalhou os seixos: que eles lhe ferissem os pés. Pôs as urtigas nos braços e pescoço e com elas esfregou o peito. Doíam, mas não muito. As bolhas surgiriam depois. “E agora prepare-se para uma imersão fria!”, disse a si mesmo. “Vamos lá...!” Abriu a porta e saiu para a escada. Itche Nokhum já não era um homem, e sim dois. Um entregava-se à punição, o outro resistia. Um Itche Nokhum arrastava o outro ao banho ritual, e o outro balbuciava obscenidades, praguejava, amaldiçoava. Itche Nokhum levantou a mão e deu uma bofetada na face:

— Libertino!

****Dia de luto pela destruição do Primeiro e Segundo Templos de Jerusalém. Ocorre no nono dia do mês de abril. (N. do T)*

2

Itche Nokhum chegou ao quinto dia de jejum. Começara-o na tarde do Sabbath, e agora era noite de quinta-feira. A princípio, quisera provar a si mesmo que o que os antigos faziam também se podia fazer hoje. Se o Rabi Zadock, de Jerusalém, fora capaz de sustentar-se quarenta dias sugando um figo, ele, Itche Nokhum, certamente podia abster-se de comer muito durante uma semana. Depois, o outro, o adversário, tornara-se também desregulado em excesso. Aferrado a Itche Nokhum, vivia a manifestar seu ódio. Um Itche Nokhum orava, o outro improvisava rimas, como um palhaço. Um aplicava os amuletos, o outro arrotava, soluçava, cuspiam. Um recitava as Dezoito Bênçãos, o outro convocava cenas do desempenho de Komarner com Roise Genendel. Itche Nokhum já não sabia o que fazer. Repetia a mesma prece três vezes. Já não travava batalha renhida, mas uma luta de vida ou morte. Itche Nokhum parou de dormir. Se não é possível vencer o inimigo pelo jejum, pelo contato com espinhos, por imersões frias, então como expulsá-lo? Destruindo-se? Mas isso é proibido! Espera-se que o homem tire a rolha sem derramar o vinho. Contudo, como fazer isso? Itche Nokhum estirava-se no banco, de calça e meias, tendo uma pedra por travesseiro, como o patriarca Jacó. Sua pele ardia, mas ele se recusava a coçar-se. Gotas de suor corriam-lhe pelo pescoço, mas ele não queria enxugá-las. O mal arquitetava uma astúcia diferente a cada minuto. O cabelo espetava-lhe o crânio. Seu ouvido zumbia como se um mosquito ali houvesse entrado. As narinas cocavam, dando-lhe vontade de espirrar, sua boca tentava um bocejo. Os joelhos doíam. A barriga inchava como se entupida de comida. Itche Nokhum sentia formigas subindo e descendo pelas costas. Murmurava no escuro:

— Continuem, atormentem-me, despedacem-me a carne!

Por um momento o outro desistiu e Itche Nokhum cochilou. Um sapo imenso abriu a mandíbula, pronto a engoli-lo. O sino da igreja soou. Itche Nokhum despertou têmulos. Seria incêndio ou outra catástrofe? Esperou novo

toque do sino. Mas ouviu somente um eco distante, surdo. Itche Nokhum teve vontade de urinar. Ficou de pé junto ao balde, mas nada saiu. Lavou as mãos, preparando-se para dizer a prece adequada à oportunidade — e a vontade voltou. Sentiu-se febril, com o coração a disparar. Cãibras contraíam-lhe as entranhas. Uma sensação de amargor encheu-lhe a boca, como se na iminência de vomitar. “Devo tomar um gole de água?”, perguntou Itche Nokhum a si mesmo. Dirigiu-se ao banquinho, onde pousara um jarro com água pela metade, para a ritual lavagem das mãos, e entornou-o com certa relutância. Uma de suas meias molhou-se. “Não darei água a ele!”, soprou Itche Nokhum. “Estenda um dedo a um cão e ele logo quererá a mão inteira...”

Itche Nokhum voltou a estirar-se no banco, com os membros entorpecidos. Dores e palpitações, a garra da fome e a segura da sede desvaneceram-se de repente. Ele não dormia nem estava desperto. O cérebro trabalhava, porém Itche Nokhum não sabia quais os pensamentos formulados. O outro, o malvado, havia desaparecido; restava apenas um só Itche Nokhum. Já não estava dividido. “Estarei morrendo?”, perguntou-se. Todo o temor da morte cessara. Estava pronto a partir. “Quando ocorre um funeral na tarde de sexta-feira”, pensou, “o recém-morto é submetido a interrogatório e tortura pelo Anjo Negro.” Itche Nokhum viu mais uma vez sua energia dissipar-se. O espírito saltou uma extensão de tempo, deixando um grande vazio. Parecia que Purah, o Anjo do Olvido, havia retirado um mecanismo da memória de Itche Nokhum. Deitado no escuro, ele maravilhou-se. O lapso podia ter durado um minuto, uma hora, um dia e uma noite. Certa ocasião, lera uma história acerca de um jovem enfeitado que se debruçou num barril para beber água, e ao endireitar o corpo haviam transcorrido setenta anos.

De súbito, Itche Nokhum petrificou-se. Alguma coisa começou a mexer-se nas trevas perto da porta — uma espiral de vapor, ar e névoa. Itche Nokhum ficou tão atônito que esqueceu o medo. Uma figura formou-se, uma aparição com cabeça e ombros, pescoço e cabelo — uma mulher. O rosto parecia brilhar com luz própria. Itche Nokhum reconheceu-a: Roise Genendel. A parte superior do corpo estava agora bem nítida, o rosto movimentou-se, como se tentando falar. As órbitas contraíram-se numa careta. Embaixo, o fantasma flutuava em retalhos de nevoeiro. Itche Nokhum ouviu sua própria voz:

— Que quer?

Tentou erguer-se, mas as pernas estavam entorpecidas e pesadas. O espectro flutuou em sua direção, arrastando a cauda viscosa qual avezinha que rompe prematuramente a casca do ovo. “A Substância Primeva!”, exclamou algo dentro de Itche Nokhum. Pensou num salmo: “Teus olhos verão minha substância, embora ainda imperfeita”. Queria falar à criatura da noite, mas faltava-lhe capacidade de expressão. Durante algum tempo, paralisado, viu a criatura aproximar-se, metade mulher, metade névoa informe, um fungo monstruoso na tentativa de arrancar-se às raízes, uma criatura reunida às pressas. Dali a pouco ela começou a dispersar-se. Fragmentos soltaram-se. O rosto dissolveu-se, o cabelo espalhou-se, o nariz distendeu-se, tornando-se um focinho semelhante ao dos manequins que as pessoas colocam nos peitoris das janelas, no inverno, para zombar da geada. Ela cuspiu a língua fora. Roise Genendel sumiu e

o sol ardeu no leste, afiado qual faca. Manchas sangrentas espalharam-se nas paredes, no teto, no chão. Amanhã havia assassinado Roise Genendel e salpicado o quarto com o sangue. Um derradeiro balbucio de vida fez-se ouvir, e tudo retornou ao vazio. Itche Nokhum sentou-se e balançou o corpo como fazem os homens sobre um cadáver. — Roise Genendel! Ai de mim!

3

A trompa de Áries soava em Bekhev. A brisa de elul soprava nos salgueiros do cemitério. Névoas luminosas fluuavam sobre o pátio. Frutos maduros caíam das árvores na chácara do rabi. A desolação pesava na casa de orações. Pardais saltitavam nas mesas. As cabras da comunidade vagueavam pela antecâmara, encostavam-se na caixa contendo livros de preces estragados e dispersos, e tentavam mastigar os cantos de um livro de salmos. Era outra quinta-feira e Itche Nokhum ainda não havia provado comida desde a refeição da noite do Sabbath, mas ninguém lhe prestava atenção. Quando um homem jejua o ano inteiro, não começa a comer em elul, o mês do arrependimento. Itche Nokhum, sentado em seu quarto, folheava *A promessa de descanso*. Murmurava consigo mesmo. Depois, pousou a cabeça no encosto da cadeira e cochilou.

De súbito Itche Nokhum ouviu passos e vozes altas. Alguém subia com rapidez a escada à sua procura. A porta estava escancarada e Itche Nokhum viu Roise Genendel; atrás dela, Yente, sua criada. Não a Roise Genendel que se mostrara à noite e através da qual ele via, como via através da faixa que usava à cintura — mas a Roise Genendel em sua carne viva: alta, esguia, de nariz torto, fuscantes olhos negros, lábios carnudos e pescoço comprido. Vestia um xale preto, manto de seda e sapatos de salto alto. Repreendia a criada, fazendo-lhe sinal para não a seguir adiante. Roise Genendel entrou no quarto de Itche Nokhum, deixando a porta aberta, pelo visto para não ficar sozinha com ele. Yente ficou em pé, entre a escada e a porta. Itche Nokhum estava estupefato. “Já atingi esse poder?”, foi o pensamento que lhe cruzou a mente. Por longo instante ela permaneceu no vestibulo, arrebanhando a saia, envolvendo-o em longo olhar de soslaio, no qual misturavam-se cólera e silenciosa piedade. Depois, disse:

— Pálido como um cadáver!

— Que quer? — perguntou Itche Nokhum, em voz débil que mal se podia ouvir.

— Que está fazendo? Jejuando, não é? — perguntou Roise Genendel em tom de mofa.

Itche Nokhum não respondeu.

— Itche Nokhum, preciso falar-lhe!

Roise Genendel bateu a porta.

— De que se trata?

— Itche Nokhum, deixe-me em paz! — Roise Genendel quase gritou. — Estamos divorciados, agora somos estranhos um ao outro. Quero me casar, você também quer. Tudo deve ter um fim!

— Não sei aonde pretende chegar.

— Sabe, sabe. Fica sentado aí, fazendo feitiços. Eu já estava na véspera do casamento e tive de adiá-lo. Por que não me larga? Acabará me levando deste mundo. Eu me atirarei ao poço!

Roise Genendel bateu com o pé. Colocou com violência a mão na maçaneta. Um diamante cintilou-lhe no dedo. Emitia ao mesmo tempo medo e energia. Itche Nokhum levantou as sobrancelhas. Seu coração bateu forte e pareceu parar.

— Juro, não sei...

— Você me acorda! Grita em meu ouvido! Que pretende de mim? Não é justo. Sempre vivemos mal desde o princípio. Perdoe-me, mas você não é homem. Então, por que me atormenta? Quer me dizer?

— Que é que eu faço?

— Você se aproxima de mim, me belisca, me esfola. Ouço seus passos. Não como e não consigo dormir por sua causa. Estou perdendo peso. Os vizinhos vêem você em nosso pátio. Sim, não estou louca! Yente quase morreu de medo. Vou chamá-la, ela própria lhe dirá. Ela ia, se me permite a confissão, à privada externa, e você flutuou em sua direção. A pobrezinha soltou tais gritos que todos chegaram correndo... Antes de o sol se pôr, você chega e se senta à beira de minha cama, e eu não posso mover os pés. Que é você? Um demônio?

Itche Nokhum silenciou.

— Guardamos o segredo — prosseguiu Roise Genendel. — Mas não posso sofrer para sempre. Vou dizer quem você é e o que anda fazendo. Você será excomungado. Só tenho pena de seu velho pai...

Itche Nokhum queria responder, mas não conseguiu dizer uma só palavra. Tudo nele encolhia-se e secava. Começou a gaguejar e a estalar qual velho relógio antes de dar as horas. Alguma coisa em seu íntimo sacudia-se como uma cobra. Itche Nokhum estava cheio de trepidação estranha. Um couro gelado roçava-lhe a espinha. Balançou a cabeça, como a dizer: “Não”.

— Vim aqui adverti-lo! Jure que você me libertará. Caso contrário, promoverei tal escândalo que toda Bekhev chegará correndo. Não me preocupa a vergonha. Vá à casa de orações e jure pelos Santos Pergaminhos. Será minha morte ou a sua!

Itche Nokhum fez outro esforço e começou a murmurar em voz abafada, como se alguém o estrangulasse.

— Juro-lhe, nada tenho de que me culpar.

— Quem é, então? Você está abusando dos Nomes Santos. Você mergulhou na Cabala. Perdeu este mundo — e acabará perdendo o próximo também. Meu pai — que ele tenha longa vida! — mandou-me aqui, à sua procura. Também ele tem protetores no céu. Você anda de conluio com as forças do Mal, aí de mim! Será arrastado para trás das Montanhas Negras! Será atirado no Fundo do Abismo! Seu palerma!

— Roise Genendel!

— Demônio! Satã! Asmodeu!

Roise Genendel emudeceu de repente. Encarou Itche Nokhum com seus enormes olhos negros e recuou. O quarto ficou tão quieto que se podia ouvir o zumbido de uma só mosca. Itche Nokhum fez força para falar. Sua garganta

contraiu-se, como se a engolir alguma coisa.

— Roise Genendel, eu não posso... não posso esquecê-la!

— Miserável sanguessuga! Estou em seu poder.. A boca de Roise Genendel torceu-se. Cobrindo o rosto com as mãos, prorropeu em rouco pranto.

O último demônio

Eu, demônio, dou minha palavra: não restam mais demônios. Por que demônios, quando o próprio homem é demônio? Por que arrastar para o mal alguém já convencido do mal? Sou o último dos persuasores. Vivo num sótão, em Tishevitz, e tiro meu sustento de um livro de histórias em iídiche, sobra dos dias anteriores à grande catástrofe. As histórias do livro são o meu feijão com arroz, mas as cartas hebraicas têm seu valor. Não preciso dizer-lhes que sou judeu. Gentio? Era só o que faltava. Já ouvi dizer que existem demônios gentios, mas não conheço nenhum, nem quero conhecer. Jacó e Esaú não se tornaram parentes.

Vim ter aqui procedente de Lublin. Tishevitz é uma aldeia remota; Adão sequer se deu ao trabalho de parar aqui para mijar. Uma aldeia tão pequena que uma carroça já atravessa as ruas enquanto as rodas traseiras ainda estão na barreira. Em Tishevitz há uma lama do Succoth ao Tishe b'OV. As cabras não precisam levantar as barbas para mastigar os colmos nos telhados dos chalés. Galinhas ciscam no meio da rua. Pássaros fazem ninhos nos chapéus das mulheres. Na sinagoga do alfaiate, um bode é o décimo do *quorum*.

Não me perguntem como consegui a letra mais miúda do menor livro de orações. Quando Asmodeu dá uma ordem, cumprimos. Depois de Lublin, a estrada é conhecida até Zamosc. Daí em diante ficamos entregues à própria sorte. Disseram-me para procurar um cata-vento de ferro, com um corvo empoleirado em cima, no telhado da casa de estudos. Certa ocasião, o cata-vento girou, mas há muito tempo ele não se move, nem mesmo com trovões e relâmpagos. Em Tishevitz até o cata-vento de ferro está morto.

Falo no presente do indicativo, pois, para mim, o tempo é imutável. Chego. Olho em volta. Pela minha vida, juro que não encontro um só dos nossos companheiros. O cemitério está vazio. Não há privada externa. Vou à casa de banhos rituais, mas não ouço um som. Sento-me no banco mais alto, olho fixamente a pedra onde os baldes de água são derramados todas as sextas-feiras, e fico pensando. Que faço aqui? Se há necessidade de um pequeno demônio, por que trazê-lo de Lublin? Não existem diabos suficientes em Zamosc? Fora, o sol brilha, estamos perto do solstício de verão. Dentro, porém, da casa de banhos, está escuro e frio. Acima de mim, uma teia de aranha, e dentro da teia uma aranha agita as pernas, parecendo tecer espirais, mas sem compor com o fio. Nenhum sinal de mosca, sequer uma carapaça de mosca. “O que essa criatura come?”, pergunto a mim mesmo. “Suas próprias entranhas?” De repente, ouço-a entoar uma canção talmúdica: “Um leão não se satisfaz com um só bocado e um fosso não se enche com os detritos de suas paredes”.

Rompi a rir.

— E isso? Por que se disfarçou de aranha?

— Já fui verme, mosca, sapo. Estou aqui há duzentos anos, sem qualquer trabalho. É preciso licença para partir.

— Não há pecados aqui? -

— Homens sem importância, pecados minúsculos. Hoje alguém cobiça a vassoura do vizinho; amanhã, o vizinho jejua e põe ervilhas nos sapatos do outro.

Até Abraão Zalman julgou-se o Messias, o filho de José, o sangue do povo que se congelou nas veias. Se eu fosse Satã, não mandaria para cá um dos nossos especialistas.

— E que lhe custa isso?

— Acaso o mundo apresenta novidade? — ele me pergunta.

— As coisas não andam muito boas para o nosso lado.

— Que aconteceu? O Espírito Santo se fortalece?

— Se ele se fortalece? Só em Tishevitz é poderoso. Ninguém ouve falar dele nas cidades maiores. Até em Lublin o Espírito Santo caiu de moda.

— Bem, isso é ótimo.

— Mas não é — digo. — “Todo Mundo Culpado é pior para nós que Todo Mundo Inocente.” Chegamos ao ponto em que as pessoas querem pecar além de sua capacidade. Martirizam-se pelo mais trivial dos pecados. Se assim for, para que existimos? Há pouco, quando eu voava sobre a Rua Levertov, vi um homem vestido numa pele de jaritacaca. Tinha barba negra e onduladas mechas de cabelo; entre os lábios, uma piteira de âmbar, para charuto. Do outro lado da rua passava a esposa de um funcionário, por isso ocorreu-me dizer: “Um barato, não é, tio?” Tudo o que eu esperava dele era um pensamento. Aprontei o lenço, para o caso de ele cuspir em mim. E que acha que o homem fez? “Por que gasta seu latim em vão?”, pergunta irado. “Eu quero aquela mulher. Pare de mexer com ela.”

— Que tipo de desgraça é esse?

— Esclarecimento! Durante os duzentos anos que você passou aqui, sentado sobre a cauda, Satã preparou novo prato de *kasha*. Os judeus tornaram-se agora escritores. Em iídiche e em hebraico. E se apoderaram de nosso comércio. Ficamos roucos de tanto falar a cada adolescente, mas eles imprimem o *kitsch* e o distribuem por toda parte. Conhecem todos os nossos truques: zombaria, piedade. Têm cem razões para explicar por que um rato é *kosher*. Querem apenas redimir o mundo. Ora, se você não pode corromper coisa alguma, por que foi deixado aqui durante duzentos anos? E se não pôde fazer nada durante duzentos anos, o que esperam de mim em duas semanas?

— Você conhece o provérbio: “Em casa alheia, o convidado enxerga longe”.

— Mas o que há para ver?

— Um jovem rabi mudou-se daqui para Modly Bozyc. Ainda não completou trinta anos, mas está entupido de conhecimentos, conhece de cor os trinta e seis tratados do Talmude. É o maior cabalista da Polônia, jejua todas as segundas e quintas-feiras, vai ao banho ritual quando a água está gelada. Não deixa que nenhum de nós o moleste. E o que é pior, tem uma esposa linda. Está com tudo e não está prosa. Por que tentá-lo então? Seria mais fácil romper uma parede de ferro. Se quer minha opinião, eu diria que Tishevitz devia ser retirada de nossos arquivos. Só lhe peço que me permita sair daqui antes que enlouqueça.

— Não, primeiro preciso conversar com o rabi. Por onde acha que devo começar?

— Você é quem sabe. Ele porá seu rabo no sal antes que você consiga abrir a boca.

— Sou de Lublin. Não me assustam facilmente.

2

A caminho da casa do rabi, perguntei ao diabinho:

— Você tentou tudo?

— Tudo em que pude pensar.

— Mulher?

— Ele não olha para elas.

— Heresia?

— Ele conhece todas as respostas.

— Dinheiro?

— Ignora a aparência de uma moeda.

— Fama?

— Foge da fama.

— E não olha para trás?

— Sequer move a cabeça.

— Ele deve ter algum anjo.

— Nesse caso, onde se oculta?

A janela do estúdio do rabi está aberta; por ela entramos, voando. Em volta, a habitual parafernália: uma arca com o Santo Pergaminho, estantes, uma *mezuzah** de madeira. O rabi, um jovem de barba loura, olhos azuis, mechas amarelas, testa alta e um boné de viúva, ocupa a cadeira rabínica, perscrutando a Gemara**. Está bem equipado: *yarmulka****, faixa e roupa franjada, cada uma das franjas trançada oito vezes. Ouço-lhe o cérebro: pensamentos puros! Ele se balança e entoia em hebraico: “*Rachel t’unah v’gazezah*”, e depois traduz: “Uma lanuda ovelha espoliada”.

**Pequena caixa ou tubo, geralmente de metal ou madeira, com uma abertura na frente, que os judeus tradicionalmente prendem à porta dos bares, contendo de um lado um pergaminho com inscrições sagradas e no outro a palavra “Shaddai”, que significa “Deus”. (N. do E.)*

***Comentário e interpretação rabínicos da Mishnah. Código de leis civis e religiosas. Por extensão, o Talmude. (N. do T.)*

****Solidéu. (N. do T.)*

— Em hebraico, “*Rachel*” tanto significa ovelha quanto nome de mulher — eu digo.

— E daí?

— Ovelha tem lã, mulher tem cabelo.

— E então?

— Não sendo andrógina, a mulher tem pêlo pubiano.

— Pare de dizer asneiras e deixe-me estudar — diz o rabi irado.

— Espere um pouco — eu digo. — A Tora não morrerá por isso. É certo que Jacó amou Raquel, mas quando lhe deram Lia, ela não estava envenenada. E

quando Raquel deu-lhe Bilhah como concubina, por que Lia iria cuspir na irmã? Ela pôs Zilpah na cama dele.

— Isso foi antes da entrega da Tora.

— E o que me diz do Rei Davi?

— Isso aconteceu antes da excomunhão pelo Rabi Gershom.

— Antes ou depois do Rabi Gershom, um homem é um homem.

— Velhaco. *Shaddai kra Satan** — exclama o rabi. Agarrando as duas mechas laterais de cabelo, põe-se a tremer como se assaltado por um sonho mau. “Que pensamento bobo é esse?” Segura os lobos das orelhas e tapa os ouvidos. Continuo a falar, mas ele não ouve; está absorvido numa passagem difícil e já não tenho com quem conversar. O diabinho de Tishevitz diz:

**"Diga Deus, Satanás!" (ti. do T)*

— Ele é duro, hem? Amanhã jejuará e rolará num leito de cardos. Entregará o último tostão a obras de caridade.

— Encontrar um crente desses hoje em dia!

— Forte como um rochedo.

— E a mulher?

— Um carneiro pronto para o sacrifício.

— Que me diz dos filhos?

— Ainda criancinhas.

— Provavelmente ele tem sogra.

— Já está no outro mundo.

— Brigas?

— Sequer meio inimigo.

— Onde encontrou essa jóia?

— De vez em quando algo parecido irrompe entre judeus.

— Esse eu preciso dobrar. É meu primeiro trabalho aqui. Prometeram-me que, em caso de êxito, eu seria transferido para Odessa.

— Qual a vantagem?

— É quase um paraíso para gente de nossa laia. Dorme-se vinte e quatro horas por dia. A população peca, não precisamos mexer um dedo.

— Neste caso, o que vocês fazem o dia todo?

— Divertimo-nos com nossas mulheres.

— Pois aqui não temos uma só para remédio — suspira o diabinho. — Havia uma puta velha, mas ela morreu.

— Como se arranjam então?

— Bem, sempre há o recurso a Onan.

— Isso não adianta. Ajude-me e eu juro pela barba de Asmodeu que o levarei daqui. Precisamos de um misturador de ervas amargas. Você só enfrentou até agora cordeiros pascais.

— Faça votos que dê certo, mas não conte vantagem antes do tempo.

— Já cuidamos de tipos mais duros que ele.

Passa uma semana e nosso negócio não progride. Estou chateado. Uma semana em Tishevitz equivale a um ano em Lublin. O diabinho de Tishevitz agüenta bem, mas quando se fica duzentos anos num buraco desses, vira-se caipira. Ele conta piadas que sequer divertiam Enoch e rola de tanto rir; deforma nomes da Hagadah*. Todo mundo em suas histórias tem barba comprida. Gostaria como diabo de sair daqui, mas é preciso ser mágico para voltar de mãos abanando. Tenho inimigos entre meus colegas e devo precaver-me contra intrigas. Talvez me tenham mandado para cá só para eu quebrar a cara. Quando cessam de hostilizar pessoas, os demônios arrelham-se uns aos outros.

**Relato da libertação dos hebreus, sob Moisés, do cativeiro egípcio, acrescido de comentários, cânticos e orações. (N. do E.)*

A experiência me ensinou que de todos os ardis que utilizamos, há três absolutamente infalíveis: luxúria, orgulho e avareza. Ninguém escapa aos três juntos, sequer o Rabi Tsots. Dos três, o orgulho tem garras mais poderosas. Segundo o Talmude, a um sábio permite-se a oitava parte de uma oitava parte de vaidade. Um homem culto, porém, em geral excede sua cota. Ao ver que os dias correm e o rabi de Tishevitz continua firme, concentro-me na vaidade.

— Rabi de Tishevitz — digo —, não nasci ontem. Venho de Lublin, onde as ruas são pavimentadas com exegeses do Talmude. Usamos manuscritos para acender os fornos. Os chãos de nossos sótãos vergam ao peso da Cabala. Mas nem mesmo em Lublin encontrei homem de sua envergadura. Como é possível que sua fama não tenha corrido mundo? Os verdadeiros santos talvez façam bem em ocultar-se; o silêncio, contudo, não traz redenção. Você está talhado para guia de sua geração, e não apenas para rabi desta comunidade, por mais santa que ela seja. Chegou o momento de se revelar. Céu e terra esperam-no. O próprio Messias senta-se no Ninho do Pássaro, a olhar para baixo, em busca de um santo sem mácula como você. E o que você faz? Fica aí sentado em sua cadeira rabínica, assinalando nos textos das leis quais as panelas e caçarolas *kosher*. Perdoe a comparação, mas é como se um elefante puxasse uma palha.

— Quem é você e o que deseja? — pergunta o rabi, aterrorizado. — Por que não me deixa estudar em paz?

— Há ocasiões em que o serviço de Deus exige o esquecimento da Tora — grito. — Qualquer estudante pode estudar a Gemara.

— Quem o mandou aqui?

— Enviaram-me, aqui estou. Pensa que ignoram sua presença? Os poderosos estão aborrecidos com você. Quem tem ombros largos deve ajudá-los a dividir a carga. Só para rimar: o submisso pode ser omisso. Preste bem atenção: Abraão Zalman foi Messias, filho de José, e a você cabe preparar o caminho do Messias, filho de Davi. Por isso, saia desse estupor. Apronte-se para a batalha. O mundo afunda no quadragésimo nono portal da impureza, mas você foi elevado até o sétimo firmamento. Apenas um grito é ouvido nas mansões — o do homem de Tishevitz. O anjo encarregado de Edom comandou um clã de demônios contra você. Satã também está à espreita. Asmodeu vive a minar-lhe

os esforços. Lilith e Namah andam à roda do seu leito. Você não os vê, mas Shabriri e Briri tecem armadilhas em seus calcanhares. Se os anjos não o defendessem, a coroa maldita já o teria reduzido a pó e cinzas. Felizmente você não está sozinho, rabi de Tishevitz. Sandalphon vela por seus passos. Metratron observa-o lá de cima, de sua esfera luminescente. Tudo pende em equilíbrio, homem de Tishevitz; cabe-lhe dar o tom.

— Que devo fazer?

— Pense bem no que digo. Mesmo que eu o mande infringir a lei, faça o que ordeno.

— Quem é você? Como se chama?

— Elias, o tichbita. Tenho à disposição o chifre de carneiro do Messias. O advento da redenção ou a perambulação nas trevas do Egito por mais dois mil seiscentos e oitenta e nove anos depende de você.

O rabi de Tishevitz guarda silêncio por longo tempo. Seu rosto torna-se tão branco como as tiras de papel em que escreve seus comentários.

— Como ter certeza de que você diz a verdade? — pergunta em voz trêmula. — Perdoe-me, Anjo Sagrado, mas preciso de prova.

— Tem razão. Eu lhe darei uma.

E eu provoco tamanho vendaval no estúdio do rabi que a tira de papel em que está escrevendo sobe da mesa e começa a voar qual pombo. As páginas da Gemara revolvem-se. A cortina do Santo Pergaminho ergue-se em forma de vagalhão. A *yamulka* do rabi salta-lhe da cabeça, atinge o teto e assenta outra vez no crânio.

— Isso está conforme as leis da natureza? — pergunto.

— Não.

— Então acredita?

O rabi de Tishevitz hesita.

— Que pretende de mim?

— Que o líder de sua geração se torne famoso.

— O que se faz para ser famoso?

— Saia e corra mundo.

— Para fazer o quê?

— Pregar e recolher dinheiro.

— Recolher dinheiro para quê?

— Antes de tudo, recolha. Depois eu lhe direi que destino dar ao dinheiro.

— Quem contribuirá?

— Quando eu ordenar, os judeus.

— Como farei para me sustentar?

— A um emissário rabínico toca parte das contribuições.

— E minha família?

— Terá o suficiente para todos.

— Que devo fazer agora?

— Fechar a Gemara.

— Ah, mas minha alma anseia pela Tora — geme o rabi de Tishevitz.

— Ainda, pega o livro pela lombada, pronto a fechá-lo. Se o fizer, estará perdido. Como agiu José de la Rinah? Apenas estendeu a Samael uma pitada de

rape. Já estou pronto para rir: “Rabi de Tishevitz, eu o enrolei direitinho”. O diabinho da casa de banho, de pé a um canto, levanta as orelhas e fica verde de inveja. Sim, eu lhe prometi um favor, mas o ciúme, em pessoas dessa laia, a tudo suplanta. De repente, o rabi diz:

— Perdão, meu Senhor, mas exijo outra prova.

— Que quer que eu faça agora? Parar o sol?

— Apenas que me mostre os pés.

No instante em que o rabi de Tishevitz pronuncia estas palavras, sei que tudo está perdido. Podemos disfarçar todas as partes de nosso corpo, menos os pés. Do mais insignificante diabinho até o Ketev Meriri, todos temos pés de ganso. O diabinho no canto rompe a rir. Pela primeira vez em mil anos eu, senhor da palavra, perco a língua.

— Não mostrarei os pés — exclamo, enraivecido.

— Isso quer dizer que você é um diabo. *Pik*, saia daqui — grita o rabi. Corre à estante, retira o *Livro da criação* e acena-o ameaçadoramente em minha direção. Com todos os diabos, como enfrentar o *Livro da criação*? Saio correndo do estúdio do rabi, com a alma em frangalhos.

Para resumir uma longa história, continuo atolado em Tishevitz. Adeus, Lublin, adeus, Odessa. Em um segundo, meus estratagemas transformaram-se em cinzas. Uma ordem chega do próprio Asmodeu: “Fique em Tishevitz e dane-se. Não vá além do que se permite a um homem no Sabbath”.

Há quanto tempo estou aqui? Uma eternidade, mais uma quarta-feira. Já testemunhei tudo, a destruição de Tishevitz, a destruição da Polônia. Não há mais judeus nem demônios. As mulheres deixaram de derramar água na noite do solstício de inverno. Não evitam dar coisas em números pares. Já não batem, de madrugada, na antecâmara da sinagoga. Não nos avisam antes de esvaziar as poças. O rabi foi martirizado numa sexta-feira do mês de nisan. A comunidade foi massacrada, os livros santos queimados, o cemitério dessacralizado. O *Livro da criação* foi devolvido ao Criador. Gentios lavam-se no banho ritual. A capela de Abraão Zalman transformou-se em curral de porcos. Já não existe Anjo do Bem nem Anjo do Mal. Cessaram os pecados, acabaram-se as tentações! A geração já é culpada sete vezes, mas o Messias não vem. Para quem haveria de vir? O Messias não veio aos judeus, portanto os judeus foram ao Messias. Não há mais necessidade de demônios. Também nós fomos aniquilados. Sou o derradeiro, um refugiado. Posso ir aonde quiser — mas aonde iria um demônio de minha espécie? Aos assassinos?

Encontrei um livro de histórias em iídiche, entre dois barris quebrados na casa que outrora pertenceu a Velvel, o fabricante de barris. Sento-me ali, o último dos demônios. Como pó. Durmo num espanador de penas. Ponho-me a ler bobagens. O estilo do livro parece-se com o nosso: pudim de Sabbath cozido em banha de porco, blasfêmia enrolada em piedade. A moral do livro é: nem juiz, nem julgamento. E, no entanto, as letras são judias. O alfabeto eles não conseguem dissipar. Sugo as letras para me alimentar. Conto as palavras, faço rimas e, tortuosamente, interpreto e reinterpreto cada sinal gráfico.

Aleph, o abismo, não é o esperado?

Bet, o sopro, há muito tempo condenado.

Geemel, Deus, fingindo que sabia,
Dalet, morte, sua sombra crescia.
Hey, o carrasco, estava preparado;
Wov, ignorância, saber desnudado.
Zayeen, o zodíaco, marca ao longe divisada;
Chet, a criança, no ventre condenada.
Tet, o pensador, senhor aprisionado;
Jod, o juiz, veredicto fraudado.

Sim, enquanto restar um único volume, terei algo com que me nutrir.
Enquanto as traças não destruírem a última página, haverá um pouco de distração. O que acontecerá quando a última letra desaparecer, nem ousou imaginar.

*“Quando a última letra desaparecer
O último dos demônios terá de morrer.”*

Yentl, o rapaz da “yeshiva”

Depois da morte do pai, Yentl não tinha motivos para ficar em Yanev. Ficou sozinha em casa. É bem verdade que locatários queriam mudar-se para lá e pagar aluguel; e que os contratantes de casamentos juntavam-se à sua porta com ofertas de Lublin, Tomashev, Zamosc. Mas Yentl não pretendia casar-se. Dentro dela, uma voz repetia com insistência: “Não!”

Que acontece a uma moça quando termina o casamento? Ora, começa a trocar os pés pelas mãos, e a sogra pretende dominá-la. Yentl sabia não ter estofos para a vida feminina. Não sabia costurar, nem tricotar. Deixava a comida queimar e o leite esturrar. Seu pudim do Sabbath nunca saía direito e seu *challah* não fermentava. Yentl preferia atividades masculinas. Seu pai, Reb Todros, que o túmulo lhe seja leve, estudara a Tora com a filha, durante os longos anos que passou de cama, como se ela fosse um filho. Instruía Yentl a fechar as portas e cerrar os cortinados das janelas; depois, juntos, debruçavam-se no Pentateuco, na Mishnah, na Gemara e nos Comentários. Ela mostrou-se aluna tão aplicada que o pai costumava dizer:

— Yentl... você tem alma de homem.

— Nesse caso, por que nasci mulher?

— Até o Céu comete enganos.

Não havia dúvida a respeito: Yentl não se assemelhava a nenhuma moça de Yanev. Alta, magra, ossuda, tinha seios miúdos e quadris estreitos. Nas tardes de Sabbath, quando o pai dormia, enfiava as calças dele, seu solidéu, seu chapéu de veludo — e estudava a aparência no espelho. Parecia um rapaz moreno, bonito. Havia até uma sombra de buço no lábio superior. Somente as tranças grossas denunciavam sua condição de mulher; mas, pensando bem, podia cortar o cabelo.

Yentl amadurecia um plano e, dia e noite, não pensava em outra coisa. Não, ela não nascera para a tigela de macarrão e o prato de pudim, para conversar ociosamente com mulheres imbecis e acotovelar freguesas junto ao cepo do açougueiro. Seu pai narrara-lhe tantos contos de *yeshivas*, rabis, homens letrados! Ela tinha a cabeça cheia de divergências talmúdicás, perguntas e respostas, frases aprendidas. Em segredo, chegara a fumar no comprido cachimbo do pai.

Yentl disse aos negociantes que pretendia vender a casa e ir viver com uma tia em Kalish. As mulheres da vizinhança tentaram dissuadi-la, e os contratantes de casamentos consideraram-na maluca; segundo eles, melhor seria conseguir casamento satisfatório ali em Yanev. No entanto, Yentl teimava. Tinha tanta pressa que vendeu a casa ao primeiro pretendente e entregou a mobília por uma pechincha. Tudo o que obteve da herança foram cento e quarenta rublos. Depois, tarde da noite, no mês de av, enquanto Yanev dormia, Yentl cortou as tranças, colocou mechas de cabelo nas têmporas e vestiu as roupas do pai. Enfiando roupas de baixo, amuletos e alguns livros numa valise de palha, partiu a pé para Lublin.

Na estrada principal, Yentl pegou uma carruagem que a levou até Zamosc. Dali, prosseguiu novamente a pé. Parou numa hospedaria no caminho, declarou chamar-se Anshel e estar à procura da casa de um tio que havia falecido. A

hospedaria estava repleta de rapazes que se dirigiam a outros locais para estudar com rabis famosos. Debatiam-se os méritos de várias *yeshivas*, alguns louvando as da Lituânia, outros afirmando que o estudo era mais intenso na Polônia e a comida melhor. Pela primeira vez Yentl encontrava-se sozinha na companhia de rapazes. Como a conversa deles diferia do falar ocioso das mulheres, pensou ela; porém, sentia-se muito tímida para juntar-se ao grupo. Um rapaz discutia um casamento em perspectiva e o volume do dote, enquanto outro, parodiando as maneiras de um rabi no purim, declamava uma passagem da Tora, aduzindo toda sorte de interpretações impudicas. Instantes depois, o grupo passava aos desafios de força. Um vergou o punho do outro; um segundo tentou dobrar o braço do companheiro. Um estudante que comia pão com chá não tinha colher e mexeu-o com o canivete. Dali a pouco, um do grupo aproximou-se de Yentl e tocou-lhe o ombro.

— Que silêncio é esse? Não tem língua?

— Nada tenho a dizer.

— Como se chama?

— Anshel.

— Você é acanhado. Uma violeta à beira da estrada.

E o rapaz beliscou o nariz de Yentl. Ela lhe teria aplicado um murro em troca, mas seu braço recusou-se a obedecê-la. Ficou branca. Outro estudante, um pouco mais velho que os demais, alto e pálido, de olhos brilhantes e barba negra, acudiu em seu socorro.

— Ei, você aí, por que o atormenta?

— Se não gosta disso, não precisa olhar.

— Quer que eu lhe puxe o cabelo?

O barbado aproximou-se de Yentl, depois perguntou-lhe de onde vinha e para onde ia. Yentl disse-lhe que procurava uma *yeshiva*, mas queria uma bem tranqüila. O jovem afagou a barba.

— Neste caso, venha comigo a Bechev. Explicou-lhe que retornava a Bechev para o seu quarto ano de estudos. A *yeshiva* local era pequena, com apenas trinta estudantes, e os habitantes forneciam-lhes pensão. A comida era farta e as donas-de-casa remendavam as meias dos estudantes e lavavam sua roupa. O rabi de Bechev, que dirigia a *yeshiva*, era um gênio. Propunha dez questões e respondia a todas com provas. A maior parte dos estudantes acabava arranjando esposa na cidadezinha.

— Por que interrompeu o curso? — perguntou Yentl.

— Minha mãe morreu. Agora estou de volta.

— Qual o seu nome?

— Avigdor.

— E por que não se casou ainda?

O rapaz cofiou a barba.

— E uma longa história.

— Pois conte.

Avigdor cobriu os olhos e pensou um instante.

— Você vai mesmo a Bechev?

— Sim.

— Então descobriria logo, de uma ou de outra maneira. Eu estava comprometido com a filha única de Alter Vishkower, o homem mais rico da cidade. A data das bodas já fora fixada quando, de repente, devolveram o contrato de noivado.

— Que aconteceu?

— Ignoro. Suponho que foi obra de mexeriqueiros. Eu tinha direito a pedir metade do dote, mas era contra minha natureza. Agora tentam arranjar-me novo compromisso, mas a moça não me agrada.

— Em Bechev, os rapazes da *yeshiva* vêem mulheres?

— Em casa de Alter, onde comi durante uma semana, Hadass, sua filha, sempre trazia a comida...

— Ela é bonita?

— É loura.

— As morenas também têm boa aparência?

— Não.

Yentl encarou Avigdor. Era magro e ossudo, de faces encovadas. Tinha mechas laterais encaracoladas, tão negras que pareciam azuis, e as sobrancelhas juntavam-se em meio à ponta do nariz. Fitou-a penetrantemente, com o constrangimento de quem acaba de divulgar um segredo. Sua lapela fora alugada, segundo o costume lutuoso, e o Unho da gabardina aparecia embaixo. Tamborilava sem cessar os dedos na mesa e trauteava uma melodia. Atrás da testa alta, Peluda, os pensamentos pareciam correr. De súbito, falou:

— Bem, não importa. Eu serei um recluso, ai está.

2

Estranho, mas assim que chegou a Bechev, Yentl — ou Anshel — obteve permissão para comer um dia por semana na casa daquele mesmo ricoço, Alter Vishkower, cuja filha rompera o compromisso com Avigdor.

Os estudantes da *yeshiva* estudavam aos pares, e Avigdor escolheu Anshel como parceiro. Ajudou-a nas lições. Era também nadador experimentado e ofereceu-se para ensinar a Anshel o nado de peito e como manter-se à tona, mas ela sempre encontrava desculpas para não ir ao rio. Avigdor sugeriu dividirem um quarto, mas Anshel descobriu um lugar para dormir em casa de uma viúva idosa e meio cega. Às terças-feiras, Anshel comia em casa de Alter Vishkower e Hadass servia-lhe as refeições. Avigdor sempre fazia muitas perguntas: “Como está Hadass? Triste? Alegre? Estão tentando casá-la? Alguma vez falou em mim?” Anshel contou-lhe que Hadass virava pratos na mesa, esquecia de trazer o sal e afundava os dedos no prato de semolina, quando o levava à mesa. Dava ordens constantes à criada, andava sempre engolfada em livros de histórias e mudava de penteado toda semana. Além disso, devia considerar-se uma beleza, pois vivia diante do espelho. Em verdade, porém, não era assim tão bela.

— Dois anos depois de casada — disse Anshel — será um bagulho.

— Presumo, então, que ela não lhe apetece.

— De maneira alguma.

— Contudo, se ela o quisesse, você não lhe daria as costas.

— Posso viver sem ela.

— Não sente maus impulsos?

Os dois amigos, dividindo uma estante no canto da igreja, passavam mais tempo conversando do que aprendendo. Ocasionalmente Avigdor fumava, e Anshel, tomando-lhe o cigarro dos lábios, tirava uma baforada. Avigdor gostava de broas feitas com trigo sarraceno, por isso Anshel parava na padaria, todas as manhãs, para comprar uma, e não lhe permitia pagar sua metade. Muitas vezes Anshel fazia coisas que o surpreendiam bastante. Se um botão soltava-se no paletó de Avigdor, por exemplo, Anshel chegava à *yeshiva*, no dia seguinte, com agulha e linha — e pregava o botão. Anshel comprava para Avigdor toda espécie de presentes: um lenço de seda, um par de meias, um cachecol. Avigdor sentia-se cada vez mais ligado àquele rapaz cinco anos mais moço e cuja barba não começara sequer a despontar. Uma ocasião, Avigdor disse a Anshel:

— Quero que você se case com Hadass.

— E que bem isso faria a *você*?

— Melhor você que um estranho completo.

— Você ficaria meu inimigo.

— Nunca.

Avigdor gostava de dar longos passeios pela cidade e Anshel o acompanhava com frequência. Distraídos na conversa, iam ao moinho d'água ou à floresta de pinheiros ou às encruzilhadas onde se erguia o santuário cristão. Às vezes deitavam-se na grama.

— Por que uma mulher não pode ser como um homem? — Avigdor perguntou certa feita, olhando o céu.

— O quê?

— Por que Hadass não é como você?

— Como eu? Em que aspecto?

— Ora... um bom companheiro.

Anshel tornou-se galhofeiro. Pegou uma flor e arrancou as pétalas, uma a uma. Apanhou uma castanha e atirou-a a Avigdor. Avigdor observou uma joaninha cruzar a palma de sua mão. Daí a pouco, falou:

— Estão querendo casar-me.

Anshel inteiriçou-se logo.

— Com quem?

— A filha de Feitl, Peshe.

— A viúva?

— Essa mesmo.

— Por que desposar uma viúva?

— Ninguém mais me terá.

— Não é verdade. Alguém acabará fisingando-o.

— Nunca.

Anshel disse a Avigdor que aquela união seria má. Peshe não era bonita nem inteligente; e não passava de uma vaca com dois olhos. Além disso, tinha má sorte, pois o marido havia falecido no primeiro ano de casamento. Tais mulheres eram matadoras de maridos. Acendeu um cigarro, tragou-o soltando

uma baforada e soprou anéis de fumaça. Seu rosto tornara-se esverdeado.

— Preciso de mulher. Não posso dormir à noite. Anshel ficou estupefato.

— Por que não esperar até a mulher certa aparecer?

— Hadass era a que me convinha.

E os olhos de Avigdor umedeceram-se. Levantou-se de supetão.

— Basta de ociosidade. Vamos.

Depois disso, tudo se precipitou. Dois dias depois de Avigdor ter confidenciado seu problema a Anshel, noivava com Peshe e levava bolos de mel e conhaque à *yeshiva*. O casamento foi logo marcado. Sendo a futura esposa viúva, não era preciso esperar pelo enxoval. Tudo estava pronto. O noivo, ademais, era órfão e não requeria conselhos de ninguém. Os estudantes da *yeshiva* beberam o conhaque e deram-lhe congratulações. Anshel bebeu um pequeno trago e engasgou-se.

— Puxa, isto queima!

— Você nem parece homem — zombou Avigdor. Após a festa, Avigdor e Anshel sentaram-se com um volume da Gemara, mas estudaram muito pouco e sua conversa foi igualmente morosa. Avigdor balançava-se, puxava a barba, soltava muxoxos.

— Estou perdido — disse de repente.

— Se não gosta dela, por que casar-se?

— Eu me casaria até com uma cabra.

No dia seguinte, Avigdor não apareceu na igreja. Feitl, o negociante de peles, pertencia aos hassidim e queria que o futuro genro continuasse os estudos na casa de orações hassídica. Os estudantes da *yeshiva* comentaram em particular não haver dúvidas de que a viúva era baixota e redonda como um barril; a mãe dela era filha de um leiteiro, o pai um semi-ignorante, e no entanto a família inteira nadava em dinheiro. Feitl era sócio de um curtume; Peshe aplicara o dote numa casa que vendia arenques, alcatrão, panelas e caçarolas, e estava sempre cheia de camponeses. Pai e filha cuidaram de Avigdor; encomendaram um casaco de peles, um terno, um *kapote* de seda e dois pares de botas. Além disso, ele recebera logo muitos presentes, coisas que haviam pertencido ao primeiro marido de Peshe: a edição Vilna do Talmude, um relógio de ouro, candelabros do Chanukah*, uma caixa de especiarias. Anshel sentava-se solitário na estante da igreja. Uma terça-feira, quando chegou para jantar em casa de Alter Vishkower, Hadass observou:

**Literalmente: “dedicação”. Festa que comemora, durante oito dias, a vitória dos Macabeus sobre Antioco da Síria e a restauração do Templo de Jerusalém. As festividades começam no vigésimo quinto dia de Kislev. (N. do T)*

— Que me diz de seu companheiro? Tirou a sorte grande, não é?

— Que esperava? Que ninguém mais o quisesse?

Hadass enrubescu.

— Não foi culpa minha. Meu pai era contra o casamento.

— Por quê?

— Porque descobriram que um irmão dele se enforcou.

Anshel olhou-a. Em pé ao seu lado, alta, loura, pescoço comprido, covas nas

faces e olhos azuis, usando um vestido de algodão e um avental de chita, era bonita. O cabelo, reunido em duas tranças, descia pelos ombros. “Que pena eu não ser homem”, pensou Anshel.

— Está arrependida agora? — perguntou Anshel.

— Oh, sim!

Hadass saiu correndo da sala. O resto da refeição, bolinhos de carne com massa e chá, foi trazido pela criada. Só quando Anshel terminou de comer e estava lavando as mãos para as Bênçãos Finais, Hadass reapareceu. Aproximou-se da mesa e disse em voz sufocada:

— Jure que não contará a ninguém. Se ele soubesse a tristeza que me vai no coração!

E saiu correndo outra vez, quase caindo ao tropeçar no portal.

3

A direção da *yeshiva* pediu que Anshel escolhesse outro companheiro de estudo, porém as semanas corriam e ele continuava a estudar só. Ninguém na *yeshiva* podia ocupar o lugar de Avigdor. Todos os outros eram pequenos, de corpo e de espírito. Diziam tolices, brigavam por ninharias, riam alvarmente, comportavam-se como labregos. Sem Avigdor a igreja parecia deserta. À noite Anshel estendia-se na cama, em casa da viúva, incapaz de conciliar o sono. Sem a gabardina e calças era, uma vez mais, Yentl, a moça em idade de se casar, apaixonada por um rapaz prometido a outra. “Talvez eu devesse ter-lhe dito a verdade”, pensou Anshel. Agora era tarde demais. Anshel não podia voltar à condição de mulher, sem livros e sem uma igreja. Deitada, foi acometida por pensamentos bizarros que a levaram perto da loucura. Adormeceu afinal, depois acordou em sobressalto. Em seu sonho fora ao mesmo tempo homem e mulher, com corpo de mulher e roupas de homem. A menstruação de Yentl estava atrasada e ela ficou com medo. Quem sabe? No Midrash Talpioth* lera a respeito de uma mulher que engravidara só por desejar um homem. Somente agora Yentl compreendia a proibição da Tora ao uso de roupas de outro sexo. Assim agindo, engana-se não só aos outros mas a si próprio. Até a alma fica perplexa ao descobrir-se encarnada em corpo estranho.

**Livros de interpretação, regulamentos, etc, que recebem o nome do lugar onde foram compilados ou editados. Talpioth é um bairro de Jerusalém. (N. do T.)*

À noite Anshel não dormia; de dia, mal conservava os olhos abertos. Nas casas em que fazia refeições, as mulheres, queixavam-se que o moço mal tocava na comida. O rabi observou que Anshel já não prestava atenção às palestras; com o olhar perdido além da janela, alimentava pensamentos secretos. Ao chegar a terça-feira, Anshel apareceu em casa de Vishkower para jantar. Hadass pôs uma tigela de sopa à sua frente e esperou, mas Anshel estava tão perturbada que sequer pensou em agradecer. Tateou em busca da colher mas deixou-a cair. Hadass aventou um comentário.

— Ouvi dizer que Avigdor o abandonou. Anshel despertou do transe.

- Que pretende dizer?
- Ele já não é seu companheiro.
- Deixou a *yeshiva*.
- Você o tem visto?
- Ele parece estar se escondendo.
- Você vai ao casamento, ao menos?

Por um instante Anshel guardou silêncio, como se alheia ao significado das palavras. Depois disse:

- Ele é um grande tolo.
- Por que diz isso?
- Você é bonita; a outra parece uma macaca. Hadass ruborizou-se até a raiz dos cabelos.
- Meu pai é o culpado.
- Não se preocupe. Encontrará alguém digno de você.
- Não há ninguém que eu queira.
- Mas se todos a querem...

Houve longo silêncio. Os olhos de Hadass alargaram-se, cheios daquela tristeza de quem sabe não haver consolo.

- Sua sopa está esfriando.
 - Também eu a quero.
- Anshel ficou atônita com o que disse. Hadass fitou-a por cima do ombro.
- Que está me dizendo!
 - É verdade.
 - Alguém pode ouvir.
 - Pouco se me dá.
 - Tome sua sopa. Trarei os bolinhos de carne daqui a pouco.

Hadass virou-se para sair, batendo os saltos altos. Anshel começou a catar feijões na sopa, pegou um e deixou-o cair. Perdera o apetite. Sentia a garganta presa. Sabia muito bem estar agindo mal, mas uma força estranha empurrava-a. Hadass reapareceu, trazendo uma travessa de louça com dois bolos de carne e massa.

- Por que não come?
- Estou pensando em você.
- E o que pensa?
- Quero me casar com você.

Hadass fez a expressão de quem acaba de engolir algo a contragosto.

- Nesse caso, deve falar primeiro com meu pai.
- Eu sei.

— O costume é enviar um contratante de casamentos. Saiu correndo da sala, deixando a porta bater. Rindo-se

por dentro, Anshel pensou: “Com moças posso brincar à vontade!” Espalhou sal na sopa e depois pimenta. Sentia-se de cabeça leve. “Que fiz? Devo estar ficando doida. Não há outra explicação...” Forçou-se a comer, mas a comida não lhe caía bem. Só então Anshel lembrou-se de que Avigdor havia desejado que ela desposasse Hadass. Em sua confusão delineou-se um plano: vingar Avigdor e ao mesmo tempo, através de Hadass, tê-lo mais próximo. Hadass era virgem; que

podia saber dos homens? Uma moça como ela podia ser enganada por muito tempo. É verdade que Anshel também era virgem, mas aprendera muita coisa desses assuntos, na Gemara e nas conversas dos homens. Anshel foi dominada por medo e alegria, como uma pessoa que planeja enganar a comunidade inteira. Recordou o dito: “O público é idiota”. Levantando-se, disse em voz alta: “Agora eu vou fazer mesmo alguma coisa”.

Naquela noite Anshel não pregou olho. Levantava-se a cada instante para beber água. Tinha a garganta seca, a testa ardia. O cérebro trabalhava febrilmente por sua própria conta. Uma disputa parecia travar-se dentro dela. Seu estômago contraía-se e os joelhos doíam. Era como se ela houvesse feito um pacto com Satã, o Malvado, que prega peças aos seres humanos, que coloca pedras e armadilhas em seu caminho. Quando Anshel conseguiu adormecer, já era manhã. Acordou mais exausta que antes. Mas não podia continuar dormindo na cama da viúva. Com esforço levantou-se e, pegando a bolsa com os amuletos, dirigiu-se à igreja. A caminho, quem iria encontrar senão o pai de Hadass? Anshel desejou-lhe respeitoso bom-dia e em troca recebeu cumprimento cordial. Reb Alter afagou a barba e travou conversa.

— Minha filha Hadass deve estar tratando-o mal. Você não parece bem alimentado.

— Sua filha é boa moça, e muito gentil.

— Nesse caso, por que essa sua palidez? Anshel silenciou durante um minuto.

— Reb Alter, devo dizer-lhe algo.

— Bem, vamos lá, desembuche.

— Reb Alter, sua filha me agrada. Alter Vishkower estacou.

— Ah, é mesmo? Pensei que os estudantes da *yeshiva* não mencionassem tais coisas.

Os olhos dele brilhavam, divertidos.

— Mas é verdade.

— Não é assunto para se discutir com o próprio interessado.

— Eu sou órfão.

— Bem... nesse caso, recorre-se a um contratante de casamentos.

— Sim...

— O que você vê nela?

— É bonita... de boa índole... inteligente...

— Bem, bem, bem... Acompanhe-me um pouco, fale-me de sua família.

Alter Vishkower passou um braço na cintura de Anshel e, enlaçados, os dois continuaram a caminhar até chegarem ao pátio da sinagoga.

Se alguém diz “A”, terá de dizer “B”. Pensamentos provocam palavras, palavras conduzem a ações. Reb Alter Vishkower consentiu na união. A mãe de Hadass, Freyda Leah, relutou um pouco. Disse não desejar mais estudantes da *yeshiva* de Bechev para sua filha, preferindo alguém de Lublin ou Zamosc; mas

Hadass advertiu que, se voltasse a ser exposta outra vez à maledicência pública (como acontecera com Avigdor), se atiraria ao poço. Como sempre ocorre em uniões desaconselháveis, todo mundo aprovou-a com fervor: o rabi, os parentes, as amigas de Hadass. Há muito tempo as moças de Bechev suspiravam por Anshel, observando de suas janelas o moço passar na rua. Anshel mantinha as botas bem polidas e não baixava os olhos em presença de mulheres. Parando na padaria de Beila para comprar um *pletzl**, brincava com elas de maneira tão cordial que todas se maravilhavam. As mulheres concordavam haver alguma coisa de especial com Anshel: suas mechas laterais encrespavam-se como as de nenhum outro rapaz e ele tinha maneira diferente de atar o cachecol; seus olhos, sorridentes embora distantes, pareciam sempre fixos num ponto remoto. E o fato de Avigdor ter-se comprometido com Peshe, filha de Feitl, abandonando Anshel, credenciara-o mais junto ao povo da cidadezinha. Alter Vishkower esboçou um contrato provisório para o noivado, prometendo a Anshel um dote maior, mais presentes e até mesmo um período mais longo de sustento do que prometera a Avigdor. As moças de Bechev abraçaram Hadass e deram-lhe parabéns. Hadass começou logo a tricotar uma sacola para os amuletos de Anshel, um saquinho para o *challah*, uma bolsa para o *matzoh***. Quando Avigdor soube do noivado de Anshel, foi à igreja para as congratulações. Envelhecera nas últimas semanas. Tinha a barba desgrenhada, os olhos vermelhos. Disse a Anshel:

**Rosca. Pãozinho com um furo no centro. (N. do T)*

***Tipo de pão que os judeus comem durante o Passover. (N. do E.)*

— Eu sabia que era o destino. Tinha de acontecer, desde o princípio. Assim que eu o conheci na hospedaria.

— Mas foi você mesmo quem sugeriu.

— Sei.

— Por que me abandonou? Afastou-se sem ao menos dizer adeus.

— Eu queria cortar todos os laços com o passado. Avigdor convidou Anshel para um passeio. Embora já passasse de Succoth, o dia era de sol claro. Avigdor, mais cordial que nunca, abriu o coração a Anshel. Sim, era verdade: um irmão, sucumbindo à melancolia, enforcara-se. Agora, ele também sentia-se à beira do abismo. Peshe tinha muito dinheiro e seu pai era rico, contudo ele não conseguia dormir direito. Não queria ser dono de armazém. Não podia esquecer Hadass. Ela aparecia em seus sonhos. Na noite do Sabbath, quando o nome dela era mencionado na oração da Havdala, ele se perturbava. Ainda assim, melhor que Anshel, e não outro, a desposasse... Ao menos ela cairia em mãos dignas. Avigdor parou e arrancou ao acaso um punhado de erva seca. Falava de maneira incoerente, como um endemoniado. De súbito, disse:

— Pensei em fazer o que meu irmão fez.

— Você a ama *tanto* assim?

— Ela está gravada em meu coração.

Ambos hipotecaram amizade e prometeram não mais se separar. Anshel propôs que, depois do casamento dos dois, vivessem em casas contíguas ou, quem sabe, na mesma casa. Estudariam juntos todos os dias, talvez ficassem sócios na loja.

— Quer saber a verdade? — perguntou Avigdor. — É como a história de Jacó e Benjamim: minha vida está presa à sua.

— Então por que me deixou?

— Talvez por essa exata razão.

Embora o dia se tornasse frio e ventoso, continuaram a caminhar até alcançar a floresta de pinheiros, e só retornaram depois do crepúsculo, à hora da Prece da Noite. As moças de Bechev, de seus postos às janelas, viram-nos passar abraçados e de tal forma embebidos na conversa que pisavam em poças de água e montes de lixo sem se darem conta. Avigdor parecia pálido e desganhado e o vento desmanchava-lhe uma das mechas; Anshel roia as unhas. Hadass também correu à janela, lançou um olhar para eles e seus olhos marejaram-se.

Os acontecimentos precipitaram-se com rapidez. Avigdor foi o primeiro a casar-se. Sendo a noiva viúva, o casamento foi calmo, sem músicos, sem pelotiques, sem véu de noiva. Num dia, Peshe comparecia ao palio; no dia seguinte, ei-la de volta à loja, vendendo alcatrão com mãos gordurosas. Avigdor orava na associação hassídica, com seu novo xale. Às tardes, Anshel ia visitá-lo e os dois segredavam e conversavam até o cair da noite. A data do casamento de Anshel fora marcada para o Sabbath da semana do Chanukah, embora o futuro genro desejasse antecipá-lo. Hadass já estivera noiva e, além disso, o noivo era órfão. Por que agitar-se por mais tempo em cama ordinária, na casa da viúva, quando poderia ter logo uma esposa e casa próprias?

Muitas vezes ao dia Anshel advertia que o ato em vias de cometer era pecaminoso, louco, uma depravação. Atava Hadass e a si mesma a uma cadeia de fraudes, cometendo tantas transgressões que jamais poderia penitenciar-se. Uma mentira seguia-se a outra. Com freqüência, Anshel pensava fugir de Bechev a tempo, pondo um fim à bizarra comédia, mais obra de um demônio do que de um ser humano. Mas ela estava sob o poder de uma força irresistível. Sentia-se cada vez mais atraída para Avigdor e não podia impedir-se de destruir a ilusória felicidade de Hadass. Agora que estava casado, o desejo de estudar crescera em Avigdor, e os dois amigos encontravam-se duas vezes por dia: pelas manhãs estudavam a Gemara e os Comentários, à tarde os Códigos Penais com suas anotações. Alter Vishkower e Feitl, o negociante de couros, mostravam-se satisfeitos e comparavam Avigdor e Anshel a Davi e Jônatas. Com todas as complicações, Anshel comportava-se como um bêbado. Os alfaiates tiraram suas medidas para um novo guarda-roupa e ela se viu forçada a todas as sortes de subterfúgios para não denunciar sua condição de mulher. Conquanto a impostura já durasse semanas, Anshel ainda não acreditava: como era possível? Enganar a comunidade tornara-se um jogo, mas até onde prosseguir? E de que forma a verdade viria à tona? Por dentro, Anshel ria- e chorava. Transformara-se num duende trazido ao mundo para zombar das pessoas e lográ-las. “Estou amaldiçoada, sou uma transgressora, um Jeroboão ben Nabat”, dizia a si mesma. Sua única justificativa era pensar que havia assumido tantos riscos só porque sua alma tinha sede de estudar a Tora...

Avigdor não tardou a queixar-se de que Peshe o tratava mal. Chamava-o preguiçoso, *shlemiel**, mais uma boca para alimentar. Tentava atraí-lo aos negócios, destinava-lhe tarefas para as quais ele não tinha a menor inclinação,

cortava-lhe o dinheiro. Em vez de consolar Avigdor, Anshel ataçava-o contra Peshe. Chamava-lhe a esposa invejosa, bruxa, miserável, e dizia que Peshe provocara, sem dúvida, a morte do primeiro marido, e acabaria matando Avigdor também. Ao mesmo tempo, Anshel alinhava as virtudes de Avigdor: sua estatura e virilidade, seu bom senso, sua erudição.

**Indolente, moleirão. (N. do T)*

— Se eu fosse mulher e o desposasse, saberia apreciar suas qualidades.

— Bem, mas não é... Avigdor suspirava.

Nesse interim, a data das bodas de Anshel aproximava-se.

No Sabbath antes de Chanukah, Anshel foi chamada ao púlpito para ler a Torá. As mulheres fizeram chover sobre ela passas e amêndoas. No dia do casamento Alter Vishkower deu uma festa para os rapazes. Avigdor sentou-se ao lado direito de Anshel. O noivo pronunciou um discurso talmúdico e os demais promoveram o debate, enquanto fumavam cigarros e bebiam vinho, licores, chá com limão ou geléia de framboesa. Depois veio a cerimônia de velar a noiva, após a qual o noivo foi conduzido ao pátio matrimonial armado ao lado da sinagoga. A noite estava gelada e clara, o céu cheio de estrelas. Os músicos atacaram uma melodia. Duas fileiras de moças conduziam círios acesos e velas de cera trançada. Após a cerimônia nupcial, noivo e noiva quebraram o jejum com uma canja de galinha. Em seguida, começaram as danças e o anúncio dos presentes de casamento, tudo conforme o costume. Os presentes eram numerosos e valiosos. O palhaço glosou as alegrias e tristezas à espera da noiva. A esposa de Avigdor, Peshe, era um dos convidados, mas, embora coberta de jóias, ainda parecia feia, com uma peruca que lhe encobria a testa, uma enorme capa de peles e, nas mãos, nódoas de alcatrão que lavagem alguma conseguia remover. Após a Dança da Virtude, a noiva e o noivo foram conduzidos, um de cada vez, à câmara nupcial. Os acompanhantes instruíram-nos quanto à conduta adequada e a “serem fecundos e se multiplicarem”. Ao romper do dia, a sogra de Anshel e suas amigas desceram à alcova e puxaram o lençol debaixo de Hadass, a ver se o casamento fora consumado. Ao descobrir traços de sangue, o grupo alegrou-se e começou a trocar beijos e congratulações com a noiva. Em seguida, agitando o lençol, correram para fora e dançaram uma dança *kosher* na neve recém-caída. Anshel encontrara maneira de deflorar a noiva. Hadass, em sua inocência, não podia saber que as coisas não se tinham passado conforme o esperado. Já estava apaixonada por Anshel. Exige-se que marido e mulher fiquem separados durante sete dias após o primeiro coito. No dia seguinte, Anshel e Avigdor retomaram o estudo do Tratado sobre Mulheres Menstruadas. Quando os outros homens partiram e os dois viram-se sozinhos na sinagoga, Avigdor interrogou Anshel, timidamente, a respeito de sua noite de núpcias com Hadass. Anshel satisfez-lhe a curiosidade e ambos segredaram juntos até o cair da noite.

favoreciam todos os desejos do genro e se empenhavam em satisfazê-los. É verdade que vários meses haviam passado e Hadass ainda não mostrava sinais de gravidez, mas ninguém levou a coisa a sério. Por outro lado, a situação de Avigdor piorava sempre. Peshe atormentava-o e, por fim, recusou-se a dar-lhe o suficiente para comer, negando-lhe até uma camisa limpa. Já que o amigo vivia sempre sem um níquel, Anshel levava-lhe diariamente um bolo de trigo sarraceno. Como Peshe andava muito ocupada para poder cozinhar, e era por demais mesquinha para contratar criada, Anshel convidou Avigdor a jantar em sua casa. Reb Vishkower e a esposa desaprovaram o convite, argumentando não ser conveniente que o pretendente rejeitado visitasse a casa de sua antiga noiva. A cidade teria afinal motivos para mexericos. Mas Anshel citou precedentes, demonstrando não haver proibição na Lei. A maior parte dos habitantes deu razão a Avigdor e condenou Peshe por tudo. Avigdor não tardou a pressionar Peshe a pedir o divórcio, e, por não desejar um filho de semelhante fúria, imitava Onan ou, como traduz a Gemara: transpunha o umbral mas depositava fora a semente. Fez confidências a Anshel, disse-lhe como Peshe era imunda e roncava qual serra; de tão preocupada com a caixa no armazém, balbuciava assuntos de dinheiro durante o sono.

— Ah, Anshel, como eu o invejo — disse.

— Não há motivo para me invejar.

— Você tem tudo. Só queria que sua felicidade fosse minha... sem prejuízo seu, naturalmente.

— Todo mundo tem problemas.

— Que espécie de problemas *you* tem? Não irrite a Providência.

Como poderia Avigdor adivinhar que Anshel mal dormia à noite e vivia pensando em fugir? Deitar-se com Hadass e enganá-la tornava-se cada vez mais penoso. O amor e a ternura de Hadass a envergonhavam. A devoção dos sogros e seu desejo de um neto constituíam um fardo. Nas tardes de sexta-feira todos na cidade iam aos banhos e a cada semana Anshel tinha de inventar outra desculpa. No entanto, seu procedimento já despertava suspeitas. Comentava-se que Anshel devia ter uma feia marca de nascença, ou uma hérnia, ou então não fora bem circuncidado. A julgar pela idade, sua barba já deveria ter despontado, e no entanto as faces continuavam lisas. Já era o purim e a Páscoa se aproximava. Dentro em breve, seria verão. Não longe de Bechev havia um rio onde todos os estudantes da *yeshiva* e rapazes iam nadar assim que o tempo esquentava. A mentira inchava qual abscesso e poderia arrebentar a qualquer momento. Anshel sabia que teria de achar uma maneira de libertar-se.

Era costume dos jovens que residiam com os sogros viajar até cidades próximas, durante os feriados parciais nos meados da semana da Páscoa. Apreciavam a mudança, refrescavam-se, buscavam oportunidades comerciais, compravam livros ou outras coisas de que um moço necessitava. Bechev não era distante de Lublin e Anshel convenceu Avigdor a fazer a viagem com ela, à custa dela. Avigdor ficou satisfeito ante a perspectiva de livrar-se durante alguns dias da bruxa que tinha em casa. A viagem de carruagem foi alegre. Os campos tornavam-se verdes; cegonhas, chegadas dos países quentes, evoluíam no espaço, descrevendo arcos. Regatos rumorejavam nos vales. Pássaros chilreavam.

Moinhos giravam as pás. Flores primaveris começavam a brotar nos campos. Aqui e ali já se avistava uma vaca a pastar. Os amigos, conversando animadamente, comiam frutos e bolos que Hadass fizera, contavam piadas, trocavam confidencias até chegar a Lublin. Durante a jornada, Anshel prometera revelar um segredo surpreendente a Avigdor em Lublin. Avigdor brincara: que segredo assim tão medonho podia ser? Anshel descobrira um tesouro oculto? Escrevera um ensaio? Mediante instruções da Cabala criara uma pomba? Assim que entraram no quarto, e Anshel fechou cuidadosamente a porta, Avigdor disse em tom brincalhão:

— Bem, vamos a esse grande segredo.

— Prepare-se para a coisa mais incrível que já ouviu.

— Estou preparado para tudo.

— Não sou homem; sou mulher — disse Anshel. — Meu nome não é Anshel, é Yentl.

Avigdor desatou a rir.

— Eu sabia que era brincadeira.

— Mas é verdade.

— Só se eu fosse tolo engoliria isso.

— Quer prova?

— Sim.

— Então vou despir-me.

Os olhos de Avigdor esbugalharam-se. Pensou que Anshel quisesse praticar pederastia. Anshel tirou a gabardina e a túnica bordada, e livrou-se da roupa de baixo. Avigdor olhou-a e primeiro empalideceu, depois enrubesceu. Anshel cobriu-se rapidamente.

— Fiz isso para que você possa testemunhar perante o tribunal. Do contrário, Hadass seria esposa sem marido.

Avigdor havia perdido a língua. Foi dominado por tremores. Queria falar, mas os lábios moviam-se sem emitir som. Sentou-se logo, pois as pernas não o sustentavam. Afinal, murmurou:

— Como é possível? Não acredito!

— Quer que me dispa outra vez?

— Não!

Yentl começou então a narrar toda a história: como seu pai, acamado, estudara a Tora com ela; como ela jamais tivera paciência com mulheres e seu jeito tolo; como vendera a casa e todos os móveis, abandonara a cidade, caminhara disfarçada de homem a Lublin, e a caminho havia conhecido Avigdor. Avigdor ouvia em silêncio, fitando estarecido a narradora. Yentl voltara a usar roupas de homem. Avigdor disse:

— Deve ser sonho. Beliscou uma das faces.

— Não é sonho.

— Semelhante coisa acontecer comigo!

— Pois é a pura verdade.

— Por que fez isso? Bem, melhor eu me calar.

— Não queria desperdiçar a vida fazendo tricô e assando pães.

— E a pobre Hadass... Por que fez isso?

— Por sua causa. Eu sabia que Peshe iria martirizá-lo, e em nossa casa você teria tranquilidade...

Avigdor silenciou por longo tempo. Inclinando a cabeça, apertou as mãos nas têmporas, sacudiu a cabeça.

— Que pretende fazer agora?

— Fugir para outra *yeshiva*.

— O quê? Se me tivesse contado antes, poderíamos... Avigdor interrompeu a frase.

— Não, não teria sido bom.

— Por que não?

— Não sou um nem outro.

— Em que dilema eu me meti!

— Divorcie-se daquela mulher horrorosa. Case-se com Hadass.

— Ela jamais me concederá o divórcio e Hadass não me aceita.

— Hadass o ama. Não dará mais ouvidos ao pai.

Avigdor ergueu-se de súbito, e depois voltou a sentar-se.

— Não tenho forças para prodoar você. Nunca...

6

Segundo a Lei, Avigdor estava agora impedido de passar um só instante sozinho com Yentl. No entanto, envergando novamente a gabardina e as calças, ela voltou a ser-lhe familiar. Retomaram a conversa no passeio a que estavam habituados.

— Como pôde violar o mandamento de cada dia: “A mulher não usará o que pertence ao homem”?

— Não fui criada para ostentar penas e papaguear com fêmeas.

— Perderá por isso seu lugar no outro mundo?

— Talvez...

Avigdor levantou os olhos. Só agora notava que as faces de Anshel eram lisas demais para serem de homem, o cabelo abundante, as mãos pequenas. Mesmo assim, não podia crer tivesse tal coisa acontecido. A qualquer instante esperava despertar do pesadelo. Mordeu os lábios, beliscou a coxa. Tomado pelo constrangimento, não podia falar sem gaguejar. Sua amizade com Anshel, suas conversas íntimas, suas confidências transformaram-se em vergonha e decepção. Ocorreu-lhe até o pensamento de que Anshel fosse demônio. Sacudiu-se, como se a varrer um pesadelo; contudo, aquele poder que conhece a diferença entre sonho e realidade disse-lhe que era verdade. Reuniu toda a coragem que tinha. Ele e Anshel jamais seriam estranhos um ao outro, embora Anshel fosse, de fato, Yentl... Aventurou-se a comentar:

— Parece-me que a testemunha que depõe em favor de uma mulher abandonada está impedida de desposá-la, pois a Lei considera-a “parte do processo”.

— O quê? Eu não tinha pensado nisso!

— Devemos examinar o caso em Eben Ezer.

— Não tenho certeza se as regras relativas a uma mulher abandonada cabem neste caso — disse Anshel à maneira de um especialista.

— Se não deseja que Hadass fique para sempre sem marido, então conte-lhe o segredo.

— Não posso.

— De qualquer modo, você precisa de outra testemunha.

Aos poucos os dois voltaram à sua conversa talmúdica. A Avigdor pareceu estranho, a princípio, estar debatendo textos sagrados com uma mulher, mas dentro em pouco a Tora reuniu-os. Embora tendo corpos diferentes, suas almas eram da mesma espécie. Anshel falava em tom melodioso, gesticulando com o polegar, repuxando as mechas, pegando no queixo sem barba, fazendo todos os trejeitos habituais a um estudante de *yeshiva*. No calor da argumentação, agarrava Avigdor pela lapela e chamava-o de tolo. Um grande amor por Anshel apoderou-se de Avigdor, uma mistura de vergonha, remorso, ansiedade. “Se ao menos eu soubesse disso antes”, pensava. Em seus pensamentos comparava Anshel (ou Yentl) a Bruria, mulher de Reb Meir, e a Yalta, mulher de Reb Nachman. Pela primeira vez via com clareza ser aquilo o que sempre quisera: uma esposa cujo espírito não estivesse ocupado com coisas materiais... Seu desejo por Hadass havia desaparecido então, e ele sabia estar ansioso por Yentl, mas não ousava confessá-lo. Sentia-se afogueado, sabia que tinha o rosto ardendo. Já não podia enfrentar os olhos de Anshel. Começou a enumerar os pecados de Anshel e concluiu que ele também estava implicado, pois se sentara junto de Yentl e tocara-a durante os dias impuros dela. Bem, e o que dizer do casamento de Yentl com Hadass? Quantas transgressões nisso! Logro deliberado, intenções falsas, encenação! Sabe-se mais o quê. Perguntou de repente:

— Diga-me a verdade: você é herege?

— Por Deus, não!

— Nesse caso, por que chegou a fazer tais coisas? Quanto mais Anshel falava, menos Avigdor entendia.

Todas as explicações de Anshel pareciam indicar uma coisa: ela tinha alma de homem e corpo de mulher. Anshel respondeu que havia desposado Hadass apenas com o fito de estar perto de Avigdor.

— Podia ter casado comigo — disse Avigdor.

— Eu queria estudar a Gemara e os Comentários com você, e não cerzir suas meias!

Por um longo tempo, nenhum deles falou. Foi Avigdor que rompeu o silêncio:

— Tenho medo de que Hadass sofra uma crise por causa disso tudo. Meu Deus!

— Eu também.

— Que acontecerá agora?

O crepúsculo caiu e os dois começaram a entoar a prece vespertina. Em sua confusão, Avigdor misturava bênçãos, omitia umas e repetia outras. Lançava olhares de soslaio a Anshel, que se balançava para a frente e para trás, batendo no peito, inclinando a cabeça. Viu-a, olhos fechados, erguer o rosto ao céu, como se a suplicar: “Vós, Pai do Céu, sabeis a verdade...” Quando suas orações

findaram, sentaram-se em cadeiras fronteiras, encarando-se, porém a uma boa distância. O quarto encheu-se de sombras. Reflexos do crepúsculo, como renda purpurina, dançavam na parede oposta à janela. Avigdor quis falar outra vez, mas a princípio as palavras, tremulando na ponta da língua, não saíram. De súbito, desembuchou:

— Talvez ainda não seja tarde... Não posso mais viver com aquela maldita mulher... Você...

— Não, Avigdor, é impossível.

— Por quê?

— Pretendo continuar como sou...

— Sentirei sua falta. Terrivelmente.

— E eu também.

— Qual então o sentido de tudo isso?

Anshel não respondeu. A noite fechou-se e a luz esmaeceu. Nas trevas eles pareciam ouvir os pensamentos um do outro. A Lei proibia Avigdor de continuar no quarto a sós com Anshel, mas ele não conseguia pensar nela como mulher. “Que estranho poder existe no vestuário”, pensou. No entanto, referiu-se a outra coisa:

— Eu o aconselho a enviar pedido de divórcio a Hadass.

— Como assim?

— Já que os sacramentos do matrimônio não valeram, que diferença faz?

— Acho que tem razão.

— Mais tarde ela terá tempo de sobra para descobrir a verdade.

A criada entrou com uma lâmpada, mas, assim que ela saiu, Avigdor apagou-a. Sua situação e as palavras que deviam dizer não permitiam luz. Na escuridão, Anshel relatou todas as minúcias. Respondeu a todas as perguntas de Avigdor. O relógio bateu as duas e ainda conversavam. Anshel disse a Avigdor que Hadass jamais o esquecerá. Falava dele com frequência, preocupava-se com sua saúde, lamentava (embora não sem um certo prazer) a maneira como as coisas iam com Peshe.

— Será ótima esposa — disse Anshel. — Eu sequer sei preparar um pudim.

— Mas, se quiser...

— Não, Avigdor. Meu destino é outro...

7

Foi um grande enigma para a cidade: o mensageiro levando a Hadass os papéis do divórcio; a permanência de Avigdor em Lublin até o fim dos feriados; sua volta a Bechev, de ombros caídos e olhos sem vida, como se enfermo. Hadass caiu de cama e era visitada pelo médico três vezes ao dia. Avigdor entrou em reclusão. Se alguém dava com ele, por acaso, e lhe dirigia a palavra, não respondia. Peshe queixou-se aos pais de que Avigdor andava pelo quarto, de um lado para outro, a fumar, durante a noite inteira. Quando, afinal, tombava de fadiga, em seu sono chamava pelo nome de uma mulher desconhecida: Yentl. Peshe começou a falar em divórcio. A cidade pensou que Avigdor não o

concederia, ou então exigiria dinheiro como compensação, mas ele concordou com tudo.

Em Bechev o povo não estava habituado a cultivar mistérios por muito tempo. Como guardar segredos numa cidadezinha onde todo mundo sabe o que há na panela do vizinho? Contudo, embora havendo uma porção de pessoas com prática de olhar pelo buraco da fechadura e colar os olhos em postigos, o que acontecia continuou enigmático. Hadass, de cama, chorava. Chanina, o médico homeopata, contou que ela enlanguescia. Anshel desapareceu sem deixar traço. Reb Alter Vishkower mandou chamar Avigdor e este apareceu, mas os que se postaram embaixo da janela não colheram uma só palavra da conversa. Esses indivíduos, que habitualmente metem a colher nos assuntos alheios, formularam toda sorte de teorias, porém nenhuma válida.

Um partido chegou à conclusão de que Anshel caíra nas mãos de padres católicos e fora convertido. Isso fazia algum sentido. Mas como Anshel tivera tempo de encontrar padres, já que estava sempre estudando na *yeshiva*? E além disso, desde quando um apóstata envia à esposa pedido de divórcio?

Outro grupo segredava que Anshel apaixonara-se por outra mulher. Mas quem podia ser? Não havia casos de amor em andamento em Bechev. E nenhuma mulher jovem deixara recentemente a cidade — nem judia, nem gentia.

Alguém sugeriu que Anshel fora carregado por maus espíritos, ou, quem sabe, era um deles. Como prova, citou o fato segundo o qual Anshel jamais comparecera à casa de banhos ou ao rio. Sabe-se muito bem que demônios têm pés de ganso. Bem, mas será que Hadass jamais o vira descalço? E como pensar num demônio que envia à esposa pedido de divórcio? Quando um demônio desposa uma filha de mortais, em geral deixa-a na condição de mulher abandonada.

Ocorreu a outra pessoa que Anshel cometera uma transgressão séria e se exilara a fim de fazer penitência. Mas que tipo de transgressão? E por que não levou o caso ao rabi? E por que Avigdor vagueava como um fantasma?

A hipótese de Tevel, o músico, estava mais perto da verdade. Tevel sustentava que Avigdor fora incapaz de esquecer Hadass e que Anshel se divorciara dela a fim de que o amigo pudesse desposá-la. Mas uma tal amizade seria possível nesse mundo? E nesse caso, por que Anshel se divorciou de Hadass antes de Avigdor livrar-se de Peshe? Além disso, semelhante coisa só se torna possível quando a esposa é informada do arranjo e concorda; todos os indícios apontavam o grande amor de Hadass por Anshel; na verdade, ela havia adoecido de tristeza.

Uma coisa tornou-se clara a todos: Avigdor conhecia a verdade. Mas era impossível arrancar algo dele. Continuava recluso e mantinha silêncio, com uma obstinação que constituía motivo de reprovação para a cidade inteira.

Amigos íntimos instaram com Peshe para não conceder divórcio a Avigdor, embora houvessem cortado relações e já não vivessem como marido e mulher. Nem mesmo na noite de sexta-feira ele executava a bênção *kiddush** para ela. Passava suas noites na igreja ou em casa da viúva onde Anshel se hospedara. Quando Peshe dirigia-lhe a palavra, Avigdor não respondia, permanecendo de

cabeça baixa. A comerciante Peshe não tinha paciência para tais negações. Precisava de um moço para ajudá-la no armazém, não um aluno da *yeshiva*, vítima de profunda melancolia. Uma pessoa desse gênero poderia muito bem ir embora e deixá-la legalmente embaraçada. Peshe concordou com o divórcio.

**Bênção ou prece, cuja forma difere conforme a ocasião, rezada sobre uma taça de vinho ou sobre um pão na véspera do Sabbath ou outras festas. (N. do E.)*

Nesse ínterim, Hadass recobrou-se e Reb Alter Vishkower fez saber que preparava um contrato de casamento. Hadass desposaria Avigdor. A cidade ficou em rebuliço. O casamento de um homem e uma mulher que já tinham noivado e cujo compromisso rompera-se era coisa deveras rara. O casamento realizou-se no primeiro Sabbath depois de Tishe b'Ov, e incluiu tudo o que entra no casamento de uma virgem: o banquete para os pobres, o palio em frente à sinagoga, os músicos, o palhaço, a Dança da Virtude. Só uma coisa faltava: alegria. O noivo, embaixo do palio, era a desolação em pessoa. A noiva recuperara-se da enfermidade, mas continuava pálida e magra. Suas lágrimas pingavam no caldo de galinha. Nos olhos de todos, a mesma pergunta: por que Anshel fizera aquilo?

Após as bodas de Avigdor com Hadass, Peshe espalhou o boato de que Anshel havia vendido a esposa a Avigdor por certa soma, e que o dinheiro fora fornecido por Alter Vishkower. Um rapaz pensou no enigma, com raro empenho, e chegou afinal à conclusão que Anshel havia perdido a amada esposa para Avigdor nas cartas, ou, quem sabe, no volteio do *dreidl** no Chanukah. É regra geral que, quando não se consegue descobrir um grão de verdade, engolem-se grandes porções de falsidade. A verdade é muitas vezes escondida de tal forma que, quanto mais olhada, mais difícil é de ser identificada.

**Jogo com um pião de quatro faces, no qual se empenham as crianças no Chanukah. Cada face do pião tem uma letra: N de ness (milagre), G de gadol (grande), H de haiá (aconteceu), Sh de sham (lá). Ou seja, o óleo encontrado no Templo de Jerusalém, e que daria normalmente para um só dia, ardeu durante uma semana. (N. do T)*

Não muito depois do casamento, Hadass engravidou. Era menino, e os que se reuniram na cerimônia da circuncisão mal puderam crer em seus ouvidos quando ouviram o pai chamar o filho de Anshel.

Três histórias

Eram três no círculo: Zalman, o vidraceiro, Meyer, o eunuco, e Isaac Amshinover. O local do encontro, a igreja de Radziminer, que visitavam diariamente para trocar histórias entre si. Meyer só comparecia duas semanas por mês; sendo um dos que o Talmude chama loucos periódicos, não pensava nos outros dois. Nas noites em que brilhava a lua cheia, Meyer andava pela igreja, de cá para lá, esfregando as mãos e monologando. Embora alto, tinha ombros tão derreados que parecia corcunda. O rosto ossudo era tão liso ou talvez mais liso que o de uma mulher. Queixo comprido, testa alta, nariz torcido. Os olhos de um sábio. Diziam que sabia o Talmude de cor. Quando não estava demente, temperava a conversa com provérbios hassídicos e citações tiradas de livros. Conhecera o velho rabi de Kotsk e dele guardava lembrança exata. Tanto no verão quanto no inverno envergava uma gabardina de alpaca que descia até os tornozelos, trazia chinelos e meias brancas nos pés e dois gorros, um na frente e o outro atrás da cabeça; em cima dos gorros punha o chapéu de seda. Conquanto já idoso, Meyer tinha cabelos pretos e mechas sobre as orelhas. Em seus períodos de doença aparentemente não se alimentava, mas na outra metade do mês comia mingau de aveia e sopa de galinha que senhoras piedosas levavam à igreja. Dormia num quarto escuro, em casa de um professor.

Como era fim de mês e noite sem lua, Meyer, o eunuco, estava são. Abrindo uma caixinha de osso, tirou uma pitada de tabaco, misturada com éter e álcool. Depois ofereceu pitadas a Zalman, o vidraceiro, e Isaac Amshinover, embora estes tivessem suas próprias caixinhas. De tão aborrido em seus pensamentos mal se dava conta do que Zalman dizia. Franzindo o sobrolho, repuxou, com o polegar e o indicador, o queixo sem barba.

O cabelo de Isaac Amshinover ainda não embranquecera de todo; aqui e ali, fios vermelhos nas sobrancelhas, nas mechas sobre as orelhas e na barba. Reb Isaac sofria de tracoma e usava óculos escuros; apoiava-se numa bengala que outrora havia pertencido ao Rabi Chazkele, de Kuzmir. Reb Isaac jurava que lhe tinham oferecido alta soma em dinheiro pela bengala. Mas como vender uma bengala que andara na mão de rabi tão santo? Reb Isaac ganhava a vida com aquela bengala. Mulheres de parto difícil pediam-na emprestada; também utilizavam-na para curar crianças com escarlatina, coqueluche e crupe, e era famosa por exorcismar demônios, parar soluços e localizar tesouros enterrados. Reb Isaac não abandonava a bengala nem quando orava. Nos sábados e feriados, contudo, deixava-a na estante da igreja. Naquele instante, porém, ela estava apertada em sua mão peluda de veias azuladas. Reb Isaac tinha coração fraco, pulmões ruins e rins deficientes. Os hassidim diziam que já teria morrido não fosse a bengala de Reb Chazkele.

Zalman, o vidraceiro, homem alto, de ombros largos, tinha barba cerrada, cor de pimenta, e sobrancelhas bem grossas. Embora com oitenta anos, ainda

bebia dois copos de vodca por dia. No desjejum, uma cebola, um rabanete, um quilo de pão de forma e um jarro de água. A mulher de Zalman, aleijada de nascença, era parcialmente muda e parálitica dos braços e pernas. Na juventude dela, Zalman transportava-a para o banho ritual em cadeira de rodas. Pois essa mulher estropiada dera-lhe oito filhos e filhas. Zalman deixara de trabalhar em sua profissão porque recebia mesada de doze rublos de seu filho mais velho, homem rico. Ele e a esposa viviam num quartinho com varanda para a qual se subia por uma escada. Zalman cozinhava e dava de comer à mulher como a um nenê. Também esvaziava penicos.

Naquela noite, recordava a época em que vivera em Radoshitz e trabalhava de aldeia em aldeia carregando uma caixa de madeira cheia de vidros às costas.

— Houve mesmo geada hoje? — perguntou. — Eu não daria dois copeques pelo que consideram hoje uma geada. Pensam que é inverno quando há gelo no Vistula. Nos meus tempos, o frio começava logo após a Festa dos Tabernáculos, e na Páscoa ainda podíamos atravessar o rio a pé. Tão frio que os troncos dos carvalhos queimavam. Lobos atacavam Radoshitz à noite e fugiam com galinhas. Os olhos deles brilhavam como velas. Os uivos eram de deixar a gente louca. Uma vez, choveu pedras tão grandes como ovos de ganso. Quebravam telhas. Algumas pedras caíram pela chaminé dentro de painéis. Lembrou-me de uma tormenta durante a qual peixes vivos e animaizinhos tombaram do céu. A gente os via espadanando na enxurrada.

— Como pode haver peixe no céu? — perguntou Isaac Amshinover.

— As nuvens não bebem água nos rios? Numa das aldeias perto de Radoshitz caiu uma cobra. A queda matou-a, mas antes de morrer ela se arrastou até um poço. Os camponeses tiveram medo de tocá-la. A carcaça ferida provocou o maior fedor.

— Há ocorrências semelhantes mencionadas no Midrash Talpioth — interrompeu Meyer, o eunuco.

— Para que preciso do Midrash Talpioth? Vi com meus próprios olhos. Hoje em dia não há muitos salteadores de estradas. Mas no meu tempo as florestas viviam infestadas deles. Moravam em cavernas. Meu pai contava ter visto o rei deles, o famoso bandido Dobosh. Todos o temiam. Não passava, porém, de um títere; a mãe era o poder atrás do trono. Tinha noventa anos e assim mesmo planejava tudo, dizendo-lhes onde e como roubar, como esconder a presa e onde livrar-se dela. Também era feiticeira, e por isso todos lhe tinham medo. Via uma pessoa, mastigava umas palavras e a pessoa ardia de febre. Com certeza vocês nunca souberam do que se passou com ela e o Rabi Leib Saras. Ela ainda era jovem e lasciva, uma prostituta sem-vergonha. Bem, o rabi gostava de entrar nos bosques e mergulhar na água antes de proferir suas orações. Uma manhã levantou os olhos e viu a mulher Dobosh nua à sua frente, o cabelo solto caindo pelas espáduas. Quando ele gritou pelo Santo Nome, um remoinho colheu-a, levando-a para o topo de uma árvore. “Rabi, case-se comigo”, ela exclamou lá de cima do ramo em que se sentava. “Juntos, governaremos o mundo.”

— Que mulher mais descarada — disse Isaac Amshinover.

— A história não é mencionada na *Comunidade dos hassidim* — observou Meyer, o eunuco.

— A *Comunidade dos hassidim* não é tudo. Eu próprio tive um encontro com um bruxo. Aconteceu numa floresta junto a uma das aldeias próximas de Radoshitz. Era dia claro e eu transportava vidro, como de hábito. Na noite anterior havia dormido num celeiro. Estava a caminho de casa para o Sabbath. Andava imerso em profundos pensamentos quando, de repente, deparei com o menor homem que já vira; chegava a ser menor que um anão. Juro: não era maior que o meu braço. Vestia-se como gentio, com um casaco verde, chapéu de plumas e botas vermelhas. Na mão trazia uma bolsa de couro de caçador. Parece-me que também portava um rifle... Vocês sabem, um desses que os meninos carregam na festa de Omer. Parei, a olhar estupidamente para ele. Se era pigmeu ou um aborto da natureza, por que andava sozinho? Deixei-o passar, mas ele parou também. Quando voltei a caminhar, andou ao meu lado. Como podia dar passadas tão largas com as pernas curtinhas?, pensei. Bem, está claro que ele era coisa do demônio. Recitei: “Escutai, ó Israel”, e “*Shaddai*, destrói Satã”, mas de nada adiantou. Rindo, apontou-me o rifle. As coisas pareciam feias; por isso, ao avistar uma pedra, peguei-a e atirei-a nele. A gargalhada que soltou me fez tremer. Em seguida, estirou a língua. Sabem de que tamanho? Descia até o umbigo.

— Ele não o atacou?

— Não, foi embora correndo.

— Você recorreu a um encantamento?

— Eu tinha uma bolsa no pescoço com um dente de lobo dentro e um talismã abençoado pelo santo rabi de Kozhenitz. Comecei a usá-lo quando criança.

— Bom, deve ter-lhe sido útil.

— Como teve certeza que era um pigmeu? — perguntou Meyer, o eunuco.
— Podia ser um diabinho ou um demônio zombeteiro.

— Verifiquei a história mais tarde. O pai dele, rico senhor de terras, deixou-lhe a propriedade, porém o rapaz interessou-se por feitiçaria. Sabia como diminuir e aumentar de tamanho, transformava-se em gato ou cão, no que quisesse. Vivia com um velho criado surdo como uma parede, que cozinhava para ele. Tinha tanto dinheiro que não sabia em que empregá-lo. A morte da esposa levou-o a praticar magia. Às vezes fazia feitiços para ajudar o povo. Mas nem sempre. Preferia divertir-se com os aldeões e assustá-los.

— Que aconteceu com ele? — perguntou Isaac Amshinover.

— Ignoro. Ainda vivia quando me mudei de Radoshitz. Vocês sabem o que acontece a gente assim. Acabam afogando-se num poço sem fundo.

2

Fez-se silêncio quando Zalman, o vidraceiro, terminou de falar. Então Isaac Amshinover, tendo retirado o cachimbo e acendendo-o, comentou:

— Nada vejo de extraordinário em feiticeiros gentios. Os mágicos egípcios não competiram com Moisés? Conheci, porém, um feiticeiro judeu. Bem, talvez não fosse realmente feiticeiro, apenas alguém que praticava coisas ruins. Seu

sogro foi meu amigo, Mordecai Liskover. Homem riquíssimo e sábio. Tinha cinco filhos e uma filha. A moça chamava-se Peshá e ele babava-se por ela. Todos os filhos casaram-se muito bem. Metade da cidade os conhecia. Mordecai Liskover tinha um moinho de vento que não parava. Os camponeses vinham de longe e faziam fila com suas carroças. Pensavam que moer cereais ali era uma bênção. Mordecai queria para Peshá — sua filha mais nova — o melhor marido deste mundo. Concedeu-lhe vultoso dote e prometeu ajudá-la e ao marido pelo resto de seus dias. Por isso, foi a uma *yeshiva* e pediu ao administrador que lhe mostrasse o aluno mais culto. “Aquele ali”, disse o administrador, indicando um rapaz não muito desenvolvido. “O nome dele é Zeinvele. Talvez pareça pequeno, mas tem mais inteligência que todos os sábios da Polônia reunidos.” Que mais desejar? O rapaz era órfão e gozava dos favores da cidade. Foi levado à casa de Reb Mordecai, vestido como um príncipe, e recebeu os papéis do casamento para assinar. Em seguida, puseram-no numa hospedaria, porque era vetado a um homem viver na mesma casa da noiva. Comia pombos e maçapão. Quando ia à igreja, os outros rapazes tentavam envolvê-lo em longas conversas eruditas, mas ele não dizia muita coisa. Era o tipo de pessoa para quem uma só palavra parece moeda de ouro. Mas o que dizia era digno de se ouvir. Ainda o vejo como era então, em pé na igreja, recitando de cor uma página inteira dos Comentários. Reb Mordecai deu-lhe roupas um pouco maiores, na esperança de que ele crescesse. A gabardina roçava o chão. No entanto, nunca cresceu; isso, porém, é outra história. Quando debatia questões de sabedoria, falava em voz suave; não mencionava, de forma alguma, assuntos terrenos, respondendo somente “sim” ou “não” quando interrogado a respeito. Às vezes sentava-se num recanto da igreja. Os rapazes queixavam-se de seu distanciamento. Ao rezar, parecia olhar pela janela e não virava a cabeça até terminar. A janela dava para a Rua da Sinagoga e para o cemitério.

“Bem, ele não tinha interesse pelo mundo. A cidade respeitava-o. E por que não? Seria o genro de Reb Mordecai. Foi quando aconteceu uma coisa estranha. Uma noite, um rapaz entrou na igreja pálido como cera. ‘Que houve?’, perguntaram os outros. ‘O que assustou você?’ A princípio, recusou-se a responder. Depois, levou três amigos a um canto e, fazendo-os jurar segredo, contou-lhes o seguinte: quando andava no pátio da sinagoga, avistara Zeinvele em pé, junto do asilo, fazendo curiosos movimentos com as mãos. Sabia que Zeinvele jamais estudava à noite. Portanto, o que fazia perto do asilo? Todos sabiam ser o asilo lugar perigoso; o estrado onde os cadáveres eram lavados ficava arrimado à porta. Dois atalhos iam ter ali; um, vindo dos arredores da cidade, o outro, do cemitério. O rapaz pensou que talvez Zeinvele, sendo forasteiro, houvesse perdido o rumo, e chamou: ‘Zeinvele, que faz aí?’ Mal dissera isso, Zeinvele começou a encolher até se tornar tão pequeno que nada restou dele salvo uma espiral de fumaça. Por fim, até ela desapareceu. Coisa surpreendente foi que o rapaz não morreu de medo. ‘Tem certeza que as borlas de sua indumentária ritual continuam no lugar?’, perguntaram os outros. ‘Talvez falte uma das letras de sua *mezuzah*. Na opinião geral, um demônio disfarçara-se em Zeinvele. O incidente foi mantido em segredo. A cidade teria sido poupada de muitos problemas em caso contrário.

“O casamento foi de arromba. Músicos chegaram de Lublin. Yukele, o palhaço, veio de longe, de Kovle. Mas Zeinvele não participou do debate costumeiro da Tora com seus amigos estudantes, nem provou bolos e bebidas. Limitou-se a ficar sentado à cabeceira da mesa, como se ali não estivesse. Tinha sobranceiras tão bastas que se tornava difícil saber se meditava ou dormia. Não faltava quem o julgasse surdo. Os acontecimentos se precipitaram. Zeinvele casou-se e mudou-se para a casa do sogro. Agora ficava sentado a um canto da igreja, lendo o Tratado das Abluções prescrito para homens recém-casados. Não demorou muito, porém, e Peshá começou a se queixar de que ele não agia como se esperava de um jovem marido. Embora a procurasse na cama, depois que ela retornava do banho ritual, parecia de gelo. Todas as manhãs Peshá corria, em lágrimas, à alcova da mãe. ‘Que aconteceu, minha filha?’ Bem, segundo Peshá, chegara do banho ritual na noite anterior e Zeinvele deitara-se com ela. Mas, ao olhar para a cama dele, esperando naturalmente encontrá-la vazia, viu ali, deitado, um segundo Zeinvele. Ficou tão assustada que se meteu embaixo da colcha de peles, recusando-se a sair. Assim que o dia clareou, Zeinvele levantou-se e foi para o gabinete. ‘Filha, você imagina coisas’, disse-lhe a mãe. Mas Peshá jurou solenemente que dizia a verdade. ‘Mãe, estou aterrorizada’, exclamou. E, de tanta ansiedade que a consumia, desmaiou.

“Por quanto tempo se podem esconder tais coisas? Havia realmente dois Zeinveles. Todo mundo percebeu. Em Grabovitz havia céticos, que, como de hábito, trouxeram luz à questão. Vocês conhecem o gênero de explicação fornecida: foi alucinação, fantasia, tendência mórbida, mas, pelo visto, estavam tão assustados quanto os outros. Zeinvele, fechado em seu quarto, lia na cama, e ao mesmo tempo vagueava pelo pátio da sinagoga, ou na feira. Às vezes aparecia na antecâmara da igreja e parava perto do lavatório, até alguém perceber tratar-se do falso Zeinvele. Quando isso acontecia, ele saía flutuando e desintegrava-se qual teia de aranha.

“Durante algum tempo, ninguém disse uma só palavra a esse respeito a Zeinvele. Talvez ele próprio não tivesse idéia do que ocorria. Afinal, porém, sua esposa Peshá recusou-se a calar por mais tempo. Anunciou que não dormiria no mesmo quarto que ele. Tiveram de contratar vigia noturno. O sogro, julgando que Zeinvele, armado, negaria tudo, expôs-lhe os fatos, mas o rapaz limitou-se à sua imobilidade de estátua, sem dizer palavra. Por isso Reb Mordecai levou-o ao rabi de Turisk, que cobriu-lhe todo o corpo com talismãs. Mas, ao voltar para casa, nada mudara. À noite, a sogra fechou a porta do quarto pelo lado de fora e nela apoiou pesada cadeira — e, apesar disso, Zeinvele continuou a perambular. À sua vista, cães ganiam e cavalos disparavam assustados. Mulheres não ousavam sair à noite sem pôr dois aventais — um na frente, outro atrás. Uma noite, uma moça foi ao banho ritual e, depois de ser esfregada pela atendente na antecâmara, entrou na sala de banhos. Ao descer os degraus, viu alguém espadanar água. A vela alumiaava tão escassamente a sala que ela não pôde distinguir direito quem era. Ao se aproximar mais, viu Zeinvele, gritou e desmaiou. Se a atendente não estivesse por perto ela se teria afogado. Naquele momento, o verdadeiro Zeinvele encontrava-se na igreja. Eu próprio achava-me ali e o vi. Pensando bem, no entanto, tornava-se cada vez mais difícil saber quem

o verdadeiro Zeinvele e quem o fantasma. Os meninos começaram então a espalhar o boato de que Zeinvele visitava os banhos rituais para espiar mulheres nuas. Peshá disse que não viveria mais com ele. Se Zeinvele tivesse pais, eles o mandariam para casa, mas para onde mandar um órfão? O sogro levou-o ao rabi e deu-lhe cem *gulden* para o divórcio. Fui uma das testemunhas nos papéis do divórcio. Peshá não parava de chorar, mas Zeinvele continuava calmamente sentado no banco, como se aquilo não lhe dissesse respeito. O rabi olhou a parede, para certificar-se de que Zeinvele projetava sua sombra nela. Demônios não projetam sombra, como vocês bem sabem. Após o divórcio, Zeinvele foi posto numa carroça que Reb Mordecai alugara e levado a uma *yeshiva*. A carroça foi dirigida por um gentio, porque judeu algum quis aceitar a tarefa. Ao retornar, o cocheiro declarou que os judeus o haviam enfeitiçado. Os cavalos, embora chicoteados, recusavam-se a puxar a carroça. Apontou a parelha. Havia saído em boas condições da praça do mercado e voltara doente e maltratada. Mordecai Liskover teria de pagar os prejuízos. Disseram-me que os cavalos morreram logo depois.

“Embora Zeinvele houvesse partido, continuava a ser visto na aldeia. Encontravam-no, depois do crepúsculo, no moinho, no rio onde as mulheres lavavam roupa, perto do asilo. Várias vezes foi avistado no meio da noite, imóvel qual chaminé em cima do telhado. Estudantes paravam de estudar no começo da noite, sabendo que Zeinvele gostava de vaguear pelo pátio da sinagoga. Só quando Peshá voltou a se casar ele desapareceu. Ninguém sabe o que lhe aconteceu. Alguém que visitou a *yeshiva* para onde ele teria ido disse que Zeinvele jamais chegara lá.”

— Pretende deduzir de sua história que os talismãs do rabi de Turisk falharam? — perguntou Zalman, o vidraceiro.

— Nem todo talismã funciona.

— Todos os talismãs do rabi de Kozhenitz são bons.

— Rabis desse tipo são raros.

3

Meyer, o eunuco, puxou a ponta do queixo nu. O olho esquerdo fechou-se com firmeza e o direito abriu-se num olhar fixo. Embora em seu período bom, riu loucamente.

— Não vejo nada de terrível numa história dessas. Todos nós sabemos que existem feiticeiros. Talvez Zeinvele fosse inocente. Teria sido, então, enfeitiçado. Também podia ser palerma ou monstro. Além disso, quando um homem dorme, seu espírito o abandona. Geralmente não se vê o espírito deixar o corpo, mas em certas ocasiões ele se torna visível. Havia uma mulher em Krasnotstav que emitia luz verde ao dormir. Quando apagavam a lâmpada, a parede perto da cama acendia-se. Também recordo o caso de um gato que, depois de afogado por um cocheiro, voltou para morder-lhe o nariz. Todo mundo reconheceu a criatura. Começou a fungar e a miar e lhe teria arrancado os olhos caso o cocheiro não cobrisse o rosto com as mãos. O corpo morre, o espírito continua

vivo. Refiro-me a espírito, e não alma. Nem tudo tem alma. É preciso merecer, do nascimento, uma alma. Mas até os animais possuem espírito.

“Deixem-me falar-lhes de Jenukah. Talvez não saiba, Reb Zalman, mas ‘jenukah’ significa ‘criança’ em aramaico.

Jenukah, como foi chamado, era o sexto filho de Zekele, um aguadeiro comum. Nada nele parecia invulgar ao nascer. Foi circuncidado como todos os irmãos. Seu nome verdadeiro era Zaddock, em homenagem ao avô. Contudo, a mãe começou a queixar-se de que a criança crescia muito depressa. Mas quem escuta tais conversas de mulher? Todas as mães julgam seu filho a suprema maravilha. Três meses depois, no entanto, a cidade inteira comentava o estranho filho de Zekele. Aos cinco meses, falava; aos seis, começou a andar. Com um ano de idade envolveram-no num xale de orações e o levaram à escola. Hoje temos jornais; naqueles tempos, os judeus não os tinham. O menino foi para as páginas de um jornal gentio. O governador enviou delegação para entrevistá-lo e apresentar relatório. O médico da cidade enviou cópias de suas conclusões a Varsóvia e Petersburgo. Professores universitários e especialistas de todo tipo visitaram a cidade. Não acreditavam tivesse o pequeno Zaddock apenas quinze meses, porém não faltavam testemunhas, e muitas. O nascimento fora registrado na prefeitura e a parteira conservara sua cópia do registro. O homem que fizera a circuncisão, o rabi que havia segurado o bebê na cerimônia e a mulher que passara o bebê ao rabi, todos davam prova do fato. Zaddock teve de sair da escola. Primeiro, todo aquele estardalhaço interrompia a rotina escolar; depois, ele era inteligente demais para as outras crianças. Lançava um olhar ao alfabeto e sabia-o de cor. Aos dezoito meses de idade aprofundou-se no estudo do Pentateuco e dos Comentários de Rashi. Aos dois anos iniciou seu estudo da Gemara.

“Sei que é difícil acreditar, mas eu próprio atesto ser verdade. Zekele, que era nosso aguadeiro, costumava levar o menino a nossa casa para o exibir. Aos três anos, Zaddock pregava na sinagoga. Abria a boca e fazia brotar a Tora. Quem não compareceu àquele grande Sabbath antes da Páscoa ignora o alcance do milagre. Até um cego podia ver que a criança era a reencarnação de um santo antigo. Com quatro anos de idade tinha a estatura de um adolescente e a barba já despontava. Foi quando começaram a chamá-lo Jenukah, por causa da criança santificada do Zohar^{*}. Olhem, ficaríamos sentados aqui a noite toda se eu lhes contasse todos os detalhes. Por que não resumir? Aos cinco anos Zaddock ostentava comprida barba. Estava em condições de se casar, mas quem entregaria a filha a um menino de cinco anos de idade? Pouco importava, Zaddock estava mergulhado na Cabala. A comunidade deu-lhe uma sala de estudos e Zaddock passava ali seu tempo estudando o Zohar, a *Árvore da vida*, o *Livro da criação* e o *Livro do esoterismo*. Pessoas davam-lhe dinheiro para que rezasse por elas, e ele recusava. Havia incréus por toda parte, mas os que olhavam Zaddock paravam logo de duvidar. No Sabbath sentava-se à cabeceira da mesa, presidindo a cerimônia como um rabi, e somente pessoas escolhidas tinham o privilégio de com ele conviver. Até os letrados achavam penoso compreender sua profunda exegese. Tinha gênio especial para traduzir o alfabeto

em números e formular acrósticos. Às vezes, quando distraído, só falava em aramaico. Sua caligrafia era de tal ordem que tinha de ser lida num espelho.

**Literalmente: “Livro do Esplendor”. Comentários esotéricos e místicos do Pentateuco. É considerado a Bíblia da Cabala. (N. do T.)*

“Espalharam-se, então, notícias de que Jenukah noivara. Parecia que, na cidade vizinha, havia um homem rico, de cujos filhos sete haviam morrido antes de completar os três anos. O único a sobreviver fora uma menina que ele vestia de linho branco e se chamava Altele, a Velhinha, para esconjurar o Anjo da Morte. Não lembro o nome do homem, mas ele foi aconselhado por um rabi a casar a filha com Jenukah. A moça tinha catorze anos. Jenukah, aos cinco, parecia homem de quarenta. Não esperavam seu consentimento, mas ele consentiu. Estive na festa do casamento. A moça parecia estar desposando o pai. Assinaram o contrato e quebraram pratos para dar sorte. Durante toda a cerimônia Jenukah resmungou consigo mesmo. Com certeza recebia instruções do Céu. Não sei por quê, mas ambas as partes mostravam-se ansiosas em apressar o casamento. O noivado realizou-se no Chanukah e o casamento ficou para o Sabbath depois de Pentecostes. Transcorreu não na cidade da noiva, como era o costume, mas na do noivo, pois temia-se que a presença de Jenukah transtornasse pessoas não acostumadas a vê-lo. Oito rabis, todos especialistas em milagres, vieram de Volhynia e da Galícia. Muitos livres-pensadores, doutores e filósofos também compareceram. Entre os convidados estava o governador de Lublin, e creio que o vice-governador também. Mulheres estereis compareceram, na esperança de curarem-se. Alguém trouxe uma moça cujos soluços soavam como latidos de um cão. Ela recitou capítulos inteiros da Mishnah e, ao cantar acompanhando o livro de preces, sua voz era tão profunda quanto a do solista. As hospedarias fervilhavam, em face do rumor segundo o qual quem comparecesse às bodas jamais seria condenado às fogueiras da geena. Muitos tiveram de dormir nas ruas. Os armazéns venderam tanto que tiveram de mandar carroças a Lublin em busca de mantimentos.

“Agora, ouçam bem. Três dias antes do casamento, a mãe de Jenukah entrou no quarto dele com uma xícara de chá. Lançando-lhe um olhar, viu que a barba estava branca como neve. O rosto dele amarelara e enrugara-se como pergaminho. A mulher chamou a família. Com seis anos incompletos o menino se havia transformado num sábio grisalho. Formou-se multidão na calçada, mas não deixaram ninguém entrar. Alguém informou aos pais da noiva o que se passava. No entanto, não ousaram romper o compromisso.

“No dia do casamento, na festa dada aos rapazes, Jenukah divulgou mistério após mistério. Chegando o instante de erguer o véu da noiva, a multidão precipitou-se de forma selvagem. Os acompanhantes do noivo, em vez de o escoltarem, carregaram-no. Parecia completamente debilitado. Ao ver que Jenukah era um velho, a noiva começou a chorar e protestar. Afinal, tranquilizaram-na. Eu estava lá e vi tudo. Servido o caldo de galinha, os noivos mal tocaram nele, embora houvessem jejuado. Os músicos tinham medo de tocar. O palhaço não abriu a boca. Jenukah sentou-se à cabeceira da mesa, com a mão nos olhos. Não me lembro se dançou com a noiva ou não. Viveu apenas

mais três meses. Cada dia ficava mais branco e enrugado. Consumia-se e se derretia qual vela de cera. Nos últimos dias de vida ninguém podia entrar em seu quarto, incluindo o médico. Vestido num chambre branco, Jenukah, com o xale de orações e os amuletos, permanecia sentado, como um venerando santo que já não pertencia a este mundo. Deixou de comer. Davam-lhe uma colherada de sopa e ele não conseguia engolir. Eu estava fora da cidade quando Jenukah morreu, mas disseram-me que, no momento de sua morte, o rosto brilhava como o sol. Não se podia passar perto da casa sem sentir o calor de sua santa irradiação. Um farmacêutico que o ridicularizara tornou-se crente e pôs ervilhas nas botas em sinal de penitência. Um padre converteu-se. Quem estava à cabeceira do leito de morte ouviu o bater de asas de anjo. Jenukah pedira a mortalha enquanto ainda vivo. Morreu ao darem o último ponto de costura.

“Os homens da agência funerária quase não encontraram corpo para lavar. Com tais santos, a matéria transforma-se em espírito. Os carregadores acharam o cadáver mais leve que um passarinho. Os elogios fúnebres duraram três dias. Depois, a comunidade levantou dinheiro para construir uma capela sobre o túmulo, onde ardesse luz eterna. Zekele recebeu pensão. Teria de receber algo por ser o pai de semelhante filho.”

— Que aconteceu à viúva? — perguntou Zalman, o vidraceiro.

— Jamais voltou a casar-se.

— Nasceu uma criança?

— Ridículo.

— Ela viveu muito?

— Ainda está viva.

— Quem foi mesmo Jenukah? — indagou Isaac Amshinover.

— Como ter certeza? Às vezes uma alma desce do Alto para cumprir uma missão rápida. Por que certos recém-nascidos duram apenas um dia? Toda alma desce à terra a fim de corrigir algum erro. As almas são como os manuscritos: há poucos ou muitos erros. Tudo o que está errado na terra tem de ser corrigido. O mundo do mal é o mundo da correção. Esta é a resposta a todas as perguntas.

Zeidlus, o papa

Nos tempos antigos havia sempre, em cada geração, alguns homens a quem eu, o Espírito do Mal, não pude corromper pelos meios habituais. Impossível tentá-los a matar, praticar libertinagens, roubar. Sequer conseguia impedi-los de estudar a Lei. Só de uma forma eram afetadas as paixões daquelas almas retas: mexendo em sua vaidade.

Zeidel Cohen era um desses. Em primeiro lugar, gozava da proteção de nobres ancestrais: descendia de Rashi, cuja genealogia ia ter ao Rei Davi. Em segundo lugar, era o maior sábio em toda a província de Lublin. Aos cinco anos de idade estudara a Gemara e os Comentários; aos sete decorara as Leis sobre Casamento e Divórcio; aos nove, pregara sermão, citando tantos livros que até os mais velhos eruditos ficaram confusos. Sentia-se à vontade com a Bíblia. Em gramática hebraica não tinha rival. E o que é pior, vivia estudando; verão e inverno eram iguais para ele; levantava-se com a estrela matutina e punha-se a ler. Como vivia trancado e não fazia trabalho físico, tinha pouco apetite e sono ligeiro. Tampouco tinha desejo ou paciência de conversar com amigos. Zeidel só gostava de uma coisa: livros. No instante em que entrava na igreja, ou em casa, com tal objetivo, corria logo às estantes e começava a folhear volumes, metendo nos pulmões a poeira de páginas antigas. Com o seu poder de memorizar, olhava uma só vez uma passagem do Talmude, uma nova interpretação do Comentário, e guardava-as para sempre.

Tampouco eu conseguia apoderar-me de Zeidel pelo corpo. Seus membros não tinham pêlo; aos dezessete anos o crânio pontudo estava calvo; apenas fios cresciam no queixo. Tinha o rosto comprido e sério; três ou quatro gotas de suor pendiam-lhe sempre da testa ampla; o nariz torto parecia estranhamente nu, como o de um homem que, habituado a usar óculos, acabou de tirá-los. Tinha pálpebras vermelhas, atrás das quais viam-se olhos amarelados, melancólicos. Mãos e pés eram pequenos e brancos como os de mulher, e, embora jamais comparecesse ao banho ritual, não havia certeza se era eunuco ou andrógino. Mas sendo seu pai, Reb Sander Cohen, extremamente rico, homem de erudição e de certo prestígio, providenciou para que o filho fizesse casamento proveitoso. A noiva veio de uma rica família de Varsóvia e era uma beleza. Até o dia do casamento nunca vira o noivo, e quando nele pôs os olhos, pouco antes de cobrir o rosto com o véu, já era tarde demais. Casou e foi incapaz de conceber. Passava o tempo sentada nos aposentos que o sogro lhe destinara, tricotando meias, lendo livros de histórias, ouvindo o grande relógio de parede, com seus adornos trançados, dar as meias horas, pacientemente à espera, ao que parece, de que os minutos se tornassem dias, os dias, anos, até chegar sua vez de dormir no velho cemitério de Janov.

Com sua personalidade forte, Zeidel fazia que tudo ao redor lhe absorvesse o temperamento. Embora houvesse um criado para cuidar dos quartos, a mobília estava sempre coberta de pó; as janelas, com pesados reposteiros, pareciam nunca ter sido abertas; espessos tapetes cobriam o chão, abafando-lhe os passos, de forma que um espírito, e não um homem, parecia andar ali. Zeidel recebia regularmente auxílio do pai, mas nunca gastou um tostão em seu próprio

benefício. Quase não conhecia a aparência de uma moeda, e no entanto era avarento; jamais levou um pobre à sua casa para uma refeição no Sabbath. Nunca se deu ao trabalho de fazer amigos. E como nem ele nem a mulher convidavam pessoas, ninguém sabia como era o interior da casa.

À margem das paixões ou da necessidade de ganhar a vida, Zeidel estudava diligentemente. Primeiro devotou-se ao Talmude e aos Comentários. Depois, mergulhou na Cabala e não tardou a especializar-se em ocultismo, chegando a escrever ensaios sobre *O Anjo Raziel* e *O livro da criação*. Naturalmente estava familiarizado com o *Guia para os perplexos*, com o *Al-Khazari**, e outras obras filosóficas. Um dia veio a adquirir um exemplar da Vulgata**. Dentro em breve aprendia latim e começava a ler muita literatura proibida, pedindo emprestado vários livros de um padre erudito que vivia em Janov. Em suma, enquanto o pai havia acumulado moedas de ouro, Zeidel acumulava sabedoria. À altura dos trinta e cinco anos ninguém na Polónia se lhe equiparava no saber. Foi quando recebi ordens para tentá-lo a pecar.

***Obra filosófica do poeta e filósofo judeu da Idade Média, Juda Ha-Levi, na qual um judeu, um cristão e um árabe discutem suas religiões. (N. do E.)*

***Tradução da Bíblia em latim feita por São Jerônimo, tendo sido declarada a versão oficial da Igreja Romana pelo Concílio de Trento. (N. do E.)*

— Convencer Zeidel a pecar? — perguntei. — Que espécie de pecado? Ele não aprecia comida, é indiferente a mulheres e nada tem a ver com negócios.

Antes, eu já tentara a heresia, sem êxito. Recordei nossa última conversa:

— Admitamos, Deus nos perdoe, que Deus não exista — ele me respondera. — E daí? Mesmo assim, Seu não-ser é divino. Somente Deus, a causa de todas as causas, teria o poder de não existir.

— Se não existe Criador, então por que reza e estuda? — prossegui.

— Que mais fazer? — argüiu em troca. — Beber vodca e dançar com moças gentias?

Para dizer a verdade, não tive resposta a isso, portanto deixei-o em paz. O pai já havia morrido quando me instruíram a ocupar-me dele outra vez. Sem a menor idéia de como começar, desci a Janov de coração oprimido.

2

Descobri depois de certo tempo que Zeidel possuía uma fraqueza humana: arrogância. Algo além daquela pontinha de vaidade que a Lei permite ao sábio.

Formulei meus planos. No meio de uma noite, acordei-o de seu sono leve e disse-lhe:

— Olhe, Zeidel, você conhece mais o texto dos Comentários do que qualquer rabi na Polónia. Sabia?

— Claro que sim — respondeu. — Mas quem mais saberá? Ninguém.

— Sabia, Zeidel, que seu conhecimento de gramática hebraica supera o de outros gramáticos? — continuei. — Está ciente de conhecer mais a Cabala do que

se atribui a Reb Chaim Vital? Sabia que sua erudição filosófica ultrapassa a de Maimônides?

— Por que me pergunta tais coisas? — perguntou Zeidel, pensativo.

— Porque não é direito que um homem de seu saber, mestre da Tora, uma enciclopédia de conhecimentos, viva enterrado numa aldeia esquecida de Deus, como esta, onde ninguém lhe dá a menor atenção, onde o povo é bruto e o rabi ignorante. E com uma esposa que não reconhece seu verdadeiro valor. Você é uma pérola perdida na areia, Reb Zeidel.

— E daí? — perguntou. — Que posso fazer? Sair entoando loas a meu respeito?

— Não, Reb Zeidel. Isso não adiantaria. A cidade o teria na conta de maluco.

— O que me aconselha, então?

— Prometa não interromper o que vou expor. Conforme é do seu conhecimento, os judeus jamais honraram seus líderes. Murmuraram coisas acerca de Moisés. Rebelaram-se contra Samuel. Lançaram Jeremias a um fosso. Assassinararam Zacarias. O Povo Eleito odeia grandezas. Sentem num grande homem um rival de Jeová, por isso amam apenas os pequenos e os mediocres. Seus trinta e seis santos são sapateiros e aguadeiros. As leis judaicas preocupam-se, sobretudo, com um pingo de leite caindo num bule ou com um ovo que é posto num dia santificado. Deliberadamente corromperam o hebraico, degradaram os textos antigos. Seu Talmude transforma o Rei Davi num rabi provinciano a aconselhar mulheres sobre menstruação. Segundo o raciocínio judeu, quanto menor, maior; quanto mais feio, mais bonito. Sua regra geral consiste nisso: o mais próximo transforma-se em pó, o mais afastado destina-se a Deus. Por esse motivo, Reb Zeidel, o consideram um cisco no olho... Logo a você, com sua erudição, riqueza, alta genealogia, percepções agudas e memória extraordinária.

— Por que me diz tudo isso? — quis saber Zeidel.

— Reb Zeidel, escute com atenção: melhor seria converter-se ao cristianismo. Os gentios são a antítese dos judeus. Já que o deus deles é homem, um homem pode ser um deus para eles. Gentios admiram a grandeza de qualquer tipo e amam os homens que a possuem: homens de grande misericórdia ou grande crueldade, grandes construtores ou grandes destruidores, grandes virgens ou grandes marafonas, grandes sábios ou idiotas chapados, grandes governantes ou grandes rebeldes, grandes crentes ou grandes infiéis. Pouco se lhes dá o que um homem seja: se for grande será idolatrado. Portanto, Reb Zeidel, se deseja honras abraça a fé deles. E não se preocupe com Deus. Para o Todo-Poderoso, a Terra e seus habitantes não passam de um enxame de mosquitos. Não importa a Ele se os homens rezam em Sua intenção numa sinagoga ou numa igreja, jejuam de Sabbath a Sabbath ou entopem-se de carne de porco. Está muito alto para observar essas insignificantes criaturas que se iludem pensando ser o dom supremo da criação.

— Isso significa que Deus não entregou a Tora a Moisés no Sinai? — perguntou Zeidel.

— O quê? Deus abrir o coração a um homem nascido de uma mulher?

— E Jesus não foi Seu filho?

— Jesus foi um bastardo de Nazaré.

— Não há recompensa ou castigo?

— Não.

— Nesse caso, o que resta? — Zeidel perguntou-me, receoso e confuso.

— Alguma coisa existe, mas não tem existência — respondi à maneira dos filósofos.

— Não há, então, esperança de chegarmos a conhecer a verdade? — indagou Zeidel, desesperado.

— O mundo não é inteligível e não existe verdade — repliquei, contornando a questão. — Tal como não se pode conhecer o gosto do sal com o nariz; o odor do bálsamo com o ouvido, ou o som de um violino com a língua, é impossível sintetizar o mundo pela razão.

— Como, nesse caso, conhecer o mundo?

— Com as paixões... com uma pequena parcela das paixões. Mas você, Reb Zeidel, só tem uma paixão: orgulho. Se destruí-la também, será um zero, uma inutilidade.

— Que devo fazer? — perguntou Zeidel, engasgado.

— Amanhã vá ao padre e diga-lhe que quer se converter. Depois, venda seus bens e propriedades. Tente convencer sua esposa a mudar de religião. Se ela concordar, ótimo. Se não, a perda será pequena. Os gentios farão de você sacerdote, e a um sacerdote não se permite esposa. Você continuará a estudar, a usar batina e solidéu. A única diferença é que, em vez de ficar enterrado numa aldeia remota entre judeus que o odeiam e desprezam suas realizações, rezando no buraco escuro de uma casa de orações onde os mendigos arranham-se atrás do fogão, viverá na cidade grande, pregará numa igreja suntuosa com órgão tocando, e onde a congregação consistirá de homens de posses, cujas esposas lhe beijarão a mão. Se você se destacar e formular alguma confusão acerca de Jesus e de sua mãe, a Virgem, eles o elevarão a bispo, e mais tarde a cardeal... E, com a vontade de Deus, se tudo correr bem, o elegerão papa algum dia. Então os gentios o transportarão numa cadeira de ouro trançado, como um ídolo, e queimarão incenso à sua volta. E se ajoelharão diante de sua imagem, em Roma, Madri e Cracóvia.

— Qual será meu nome? — perguntou Zeidel.

— Zeidlus, o Primeiro.

Minhas palavras causaram tamanha impressão que Zeidel estremeceu convulsivamente e sentou-se na cama. Sua mulher acordou e perguntou-lhe por que não dormia. Mediante algum instinto oculto ela sabia estar ele possuído por um grande desejo — e pensou: quem sabe? Talvez aconteça um milagre. Mas Zeidel já havia decidido divorciar-se, por isso disse-lhe para ficar quieta e não fazer mais perguntas. Calçando as chinelas e vestindo o chambre, dirigiu-se ao gabinete, onde acendeu uma vela de cera e ficou, até o alvorecer, relendo a Vulgata.

Zeidel fez como eu lhe disse. Procurou o padre e informou-o de que desejava discutir questões de fé. Claro que o gentio acolheu-o de braços abertos. Que melhor mercadoria para um padre do que uma alma judaica? De qualquer modo, e para encurtar uma longa história, padres e nobres da província inteira prometeram a Zeidel grande carreira na Igreja; rapidamente ele se desfez de suas posses, divorciou-se da mulher, deixou-se batizar com água benta e tornou-se cristão. Pela primeira vez em sua vida Zeidel foi homenageado: os eclesiásticos fizeram estardalhaço a seu respeito, os nobres louvaram-no, suas mulheres sorriram-lhe com gentileza e ele foi convidado a visitar seus domínios. O bispo de Zamosc foi seu padrinho. O nome dele mudou de Zeidel, filho de Sander, para Benedictus Janovsky — o sobrenome em honra da aldeia onde havia nascido. Conquanto Zeidel ainda não fosse padre ou sequer diácono, encomendou batina preta a um alfaiate e pendurou rosário e cruz no pescoço. Daí por diante vivia no presbitério, raras vezes aventurando-se a sair porque, ao fazê-lo, estudantes judeus corriam-lhe atrás, nas ruas, gritando: “Convertido! Apóstata!”

Seus amigos gentios tinham planos muito diferentes para ele. Alguns aconselharam-no a entrar num seminário e estudar; outros recomendaram que entrasse para o presbitério dominicano em Lublin. Outros ainda sugeriram que desposasse uma rica senhora da localidade e se tornasse fazendeiro. Mas Zeidel tinha pouca inclinação para seguir estradas batidas. Queria atingir logo a grandeza. Sabia que, no passado, muitos judeus convertidos ao cristianismo se tornaram famosos ao escrever polêmicas contra o Talmude: Petrus Alfonso, Fablo Christiani de Montpelier, Paulo de Santa Maria, João Batista, Johann Pfefferkorn, para mencionar apenas estes. Zeidel resolveu seguir-lhes os passos. Agora que se convertera e crianças judias o hostilizavam nas ruas, descobriu, de súbito, que nunca amara o Talmude. Seu hebraico foi aviltado pelo aramaico; os ensinamentos eram grosseiros, as lendas improváveis e os Comentários Bíblicos afetados e cheios de sofismas.

Zeidel foi às bibliotecas católicas de Lublin e Cracóvia estudar tratados escritos por judeus convertidos. Logo descobriu que todos se assemelhavam. Os autores eram ignorantes, plagiavam-se com liberalidade e citavam todos as mesmas passagens do Talmude contra os gentios. Alguns sequer usavam suas próprias palavras, limitando-se a copiar a obra de outros e assiná-las. A verdadeira *Apologia contra Talmudun* estava para ser escrita e ninguém melhor preparado para tal missão do que ele, com seu conhecimento de filosofia e dos mistérios da Cabala. Ao mesmo tempo, Zeidel procurou provas novas, na Bíblia, de que os profetas haviam previsto o nascimento de Jesus, Seu martírio e ressurreição; e tentou descobrir prova corroborativa da religião cristã na lógica, astronomia e ciência natural. O tratado de Zeidel seria para o cristianismo o que *A mão forte*, de Maimônides, foi para o judaísmo — e levaria seu autor diretamente de Janov para o Vaticano.

Zeidel estudou, pensou, escreveu, sentado o dia inteiro e a metade das noites em bibliotecas. De quando em quando avistava-se com sábios cristãos e conversava com eles em polonês e em latim. Com o mesmo fervor com que

havia estudado livros judaicos, estudava agora textos cristãos. Não tardou a recitar capítulos inteiros do Novo Testamento. Tornou-se emérito latinista. Dentro em pouco estava tão versado em teologia cristã que os padres e monges temiam conversar com ele, pois sua erudição descobria erros em toda parte. Muitas vezes prometeram-lhe um lugar no seminário, mas nunca o obteve. O lugar de bibliotecário em Cracóvia, que seria seu, foi dado a um parente do governador. Zeidel começou a perceber que, mesmo entre os gentios, as coisas estavam longe de serem perfeitas. O clero preocupava-se mais com ouro do que com o seu Deus. Os sermões estavam cheios de erros. A maioria dos padres não sabia latim, e até mesmo em polonês suas citações saíam incorretas.

Durante anos Zeidel trabalhou em seu tratado sem concluí-lo, contudo. Seus padrões eram tão elevados que estava sempre descobrindo falhas; quanto mais mudava mais sentia necessidade de mudar. Escrevia, riscava, reescrevia, jogava tudo fora. Tinha as gavetas entupidas de páginas manuscritas, notas, referências, e não conseguia levar o trabalho ao seu termo. Depois de anos de labuta sentiu-se tão fatigado que já não podia distinguir entre o certo e o errado, o senso e o contra-senso, entre o que agradava e o que desagradava à Igreja. Tampouco acreditava mais no que se chamou verdade e falsidade. Todavia, continuava a pensar, a formular ocasionalmente novas idéias. De tanto consultar o Talmude viu-se, uma vez mais, mergulhado em suas profundezas, rabiscando notas nas margens das páginas, comparando textos diversos, mal sabendo então se o fazia para encontrar novas acusações ou apenas por hábito. Às vezes lia livros sobre julgamentos de bruxas, relatos sobre jovens mulheres possuídas pelo Demônio, documentos das Inquisições, quaisquer documentos que, descrevendo tais fatos, em vários países e épocas, lhe viessem ter às mãos.

Aos poucos, a bolsa de moedas de ouro que trazia ao pescoço tornava-se mais leve. Seu rosto amarelou-se qual pergaminho. Os olhos embaçaram-se. As mãos tremiam como as de um velho. Tinha a batina manchada e esfiapada. A esperança de tornar-se famoso entre as nações desvaneceu-se. Chegou a lamentar a conversão. Mas o caminho de volta estava bloqueado. Primeiro, porque duvidava agora de todas as fés; segundo, porque, ao que determinava a Lei, um cristão que retornasse ao judaísmo seria queimado na fogueira.

Um dia em que, sentado na biblioteca de Cracóvia, estudava um manuscrito meio apagado, tudo escureceu diante de seus olhos. A princípio pensou que o crepúsculo tombara e perguntou por que as velas não estavam acesas. Mas quando um monge lhe disse que o dia ainda brilhava, percebeu então que ficara cego. Incapaz de voltar sozinho para casa, Zeidel teve de ser levado pelo monge. Daí em diante viveu nas trevas. Temendo que o dinheiro acabasse logo e não lhe restasse um *groschen*, e ainda por cima sem olhos, Zeidel resolveu, depois de muita hesitação, ser mendigo do lado de fora da igreja de Cracóvia. “Perdi este mundo e o outro”, pensou, “de que me vale o orgulho? Se a gente não pode subir, tem de aprender a descer.” Assim Zeidel, filho de Sander, ou Benedictus Janovsky, tomou lugar entre os pedintes nos degraus da grande catedral de Cracóvia.

No princípio, os padres e cônegos tentaram ajudá-lo. Queriam pô-lo num mosteiro. Mas Zeidel não tinha vontade de ser monge. Queria dormir sozinho em

sua água-furtada e continuar com a bolsa de moedas embaixo da camisa. Tampouco estava inclinado a se ajoelhar perante um altar. De quando em quando um seminarista parava para conversar com ele alguns minutos sobre temas eruditos. Dentro em breve, porém, todos o esqueceram. Zeidel contratou uma anciã para levá-lo à igreja de manhã e reconduzi-lo a casa de noite. Além disso, ela lhe dava uma tigela de papa de aveia todos os dias. Gentios de bom coração atiravam-lhe esmolas. Chegou a poupar dinheiro — e a bolsa em volta do pescoço voltou a pesar. Os outros mendigos zombavam dele, mas Zeidel jamais replicava. Durante horas mantinha-se de joelhos nos degraus, o crânio calvo a descoberto, os olhos fechados, a batina preta abo toada até o queixo. Os lábios jamais paravam de tremer e murmurar. Transeuntes julgavam que rezava aos santos cristãos, mas, em verdade, ele recitava a Gemara, a Mishnah e os Salmos. Esquecera a teologia gentia tão depressa quanto aprendera; retina apenas o que havia aprendido na mocidade.

A rua era agitada: carroças rolavam nas pedras do calçamento, cavalos relinchavam; cocheiros gritavam em tom áspero e faziam estalar os chicotes; moças riam e casquinavam; crianças choravam; mulheres brigavam, gritavam nomes, soltavam obscenidades. De vez em quando Zeidel parava de murmurar e cochilava com a cabeça caída no peito. Já não alentava qualquer desejo terreno, porém um anseio ainda o atenazava: conhecer a verdade. Havia Criador ou o mundo não passava de átomos e suas combinações? A alma existia ou tudo era apenas revérberos do cérebro? Haveria juízo final com recompensas e castigos? Existia uma Substância ou a existência inteira não passava de imaginação? O sol queimava-o, as chuvas ensopavam-no, pombos manchavam-no com excrementos — e ele alheio a tudo. Agora que havia perdido sua única paixão, o orgulho, as coisas materiais não o tentavam. Às vezes indagava a seus botões: é possível que eu seja Zeidel, o prodígio? Cheguei mesmo a ter mulher? Ainda há pessoas que me conhecem? A Zeidel nenhuma dessas coisas parecia verdadeira. Tais coisas jamais lhe tinham acontecido, e então a própria realidade era uma grande ilusão.

Uma manhã, quando a velha foi ao sótão de Zeidel a fim de levá-lo à igreja, encontrou-o doente. Esperou que ele cochilasse, retirou a bolsa de moedas de seu pescoço e fugiu. Em seu estupor, Zeidel sabia que o roubavam, mas não reagiu. Sobre o travesseiro de palha a cabeça parecia de pedra. Os pés doíam. Sentia dores nas articulações. O corpo extenuado estava quente e vazio. Zeidel adormeceu, despertou, cochilou; depois acordou outra vez com um estremecimento, incapaz de dizer se era noite ou dia. Nas ruas, lá fora, ouviu vozes, gritos, rumor de cascos, de sinos. Parecia-lhe que uma multidão paga celebrava um feriado, com cometas e” tambores, tochas e bestas selvagens, danças lascivas, sacrifícios idólatras. “Onde estou?”, perguntou a si mesmo. Não conseguia lembrar o nome da cidade; esquecera-se de que estava na Polônia. Julgou-se em Atenas, ou Roma, ou talvez Cartago. “Em que época eu vivo?”, indagou. O cérebro febril disse-lhe que centenas de anos antes da era cristã. Daí a pouco cansou-se de pensar. Apenas uma questão parecia causar-lhe perplexidade: “Os epicuristas têm razão? Estarei morrendo sem uma revelação? Vou desaparecer para sempre?”

De súbito Eu, o Tentador, materializei-me. Embora cego, ele me viu.

— Zeidel — eu disse —, prepare-se. Soou seu último instante.

— É você, Satã, Anjo da Morte? — exclamou Zeidel em tom de júbilo.

— Sim, Zeidel — respondi. — Vim buscá-lo. E não adianta arrepender-se ou confessar.

— Para onde me leva? — perguntou.

— Diretamente à geena.

— Se existe geena, então também existe Deus — disse Zeidel, os lábios trêmulos.

— Isso nada prova — retorqui.

— Sim, prova. Se existe inferno, então tudo existe. Se você é real, Ele também é real. Agora me leve para onde mereço. Estou pronto.

Brandindo a espada, acabei com ele, segurei-lhe a alma com as garras e, acompanhado por um bando de demônios, voei para o inferno. Na geena, os Anjos da Destruição ativavam os carvões. Dois diabinhos zombeteiros esperavam à entrada, meio flamejantes e meio manchados de breu, cada um com um chapéu de três bicos à cabeça e um açoite nos quadris. Romperam a rir.

— Aí vem Zeidlus, o Primeiro — disseram entre si. — O moço da *yeshiva* que quis ser papa.

Bodas em Brownsville

O casamento foi um peso para o Dr. Solomon Margolin desde o princípio. Claro, ia ser num domingo, mas Gretl tinha razão ao considerar aquela a única noite da semana que podiam passar juntos. Tudo se encaminhou naquele sentido. Suas responsabilidades comunitárias fizeram-no aos poucos privar a mulher das noites que lhe pertenciam. Os sionistas elegeram-no presidente de uma comissão; além disso, era membro da diretoria de uma sociedade escolástica judaica e tornara-se co-editor de um quadrimensário acadêmico judeu. Embora considerando-se agnóstico e até mesmo ateu, todavia, durante anos arrastara Gretl para Seders, à casa de Abraão Mekheles, um conterrâneo de Sencimin. O Dr. Margolin cuidava de rabis, refugiados e escritores judeus sem cobrar, dando-lhes remédios e, quando necessário, um leito hospitalar. Houve época em que comparecia regularmente às reuniões da Sociedade de Sencimin, aceitara postos em suas fileiras e atendera a todas as facções. Agora Abraão Mekheles ia casar a filha mais moça, Sylvia. No momento em que chegou o convite, Gretl anunciou sua decisão: não se deixaria levar a um casamento em lugar distante, nos bosques de Brownsville. Se ele, Solomon, queria ir e entupir-se de comida gordurosa, para chegar em casa às três da manhã, a opção era sua.

O Dr. Margolin admitiu que a mulher tinha razão. Quando lhe dariam a oportunidade de um bom sono? Precisava estar de manhã cedo no hospital, segunda-feira. Além disso, fazia dieta rigorosa. Um casamento como aquele seria um festim de venenos. Tudo que se referia a festas irritava-o agora: o iídiche anglicanizado, o inglês com sotaque iídiche, a música estridente e as danças indisciplinadas. Leis e costumes judaicos eram completamente deformados; homens sem consideração alguma ao judaísmo usavam solidéus; e os reverendíssimos rabis e solistas macaqueavam sacerdotes cristãos. Sempre que levava Gretl a um casamento ou Bar Mitzvah*, sentia vergonha. Até ela, nascida cristã, podia ver que o judaísmo americano era um aranzel. Dessa vez, pelo menos, ser-lhe-ia poupado o incômodo de pedir desculpas à mulher.

**Literalmente: "aquele que se obriga a cumprir os mandamentos". Cerimônia que marca a iniciação do menino na comunidade religiosa judaica e nos preceitos da Tora. (N. do E.)*

Geralmente depois do desjejum de domingo ele e a mulher davam um passeio a pé pelo Central Park, ou, quando o tempo era ameno, iam às Paliçadas. Naquele dia, porém, Solomon Margolin preguiçava na cama. Há anos cessara de cumprir tarefas na Sociedade de Sencimin; nesse ínterim, a cidade de Sencimin fora destruída. Sua família, que ali vivia, fora torturada, queimada viva, gaseificada. Muitos habitantes de Sencimin sobreviveram e, mais tarde, vieram para a América, diretamente dos campos de concentração; porém, sendo em sua maior parte pessoas mais jovens que ele, Solomon, não haviam conhecido a terra natal. Naquela noite todos estariam lá: os de Sencimin, pertencentes à família da noiva, e os de Tereshpoler, pertencentes à família do noivo. Bem sabia como iriam maçar-lo, reprovando-lhe o crescente alheamento, sugerindo que ele era

um esnobe. Haveriam de tratá-lo com familiaridade, tapinhas nas costas e convites para dançar. Bem, ainda assim teria de ir ao casamento de Sylvia. Já enviara o presente.

O dia aproximava-se de um crepúsculo cinzento e sombrio. Na noite anterior tombara neve espessa. Solomon Margolin esperara compensar o sono que ia perder, mas, infelizmente, acordara mais cedo que de hábito. Afinal levantou-se. Barbeou-se com esmero no espelho do banheiro e também aparou os fios grisalhos nas têmporas. Naquele dia, mais que nunca, parecia sentir o peso da idade: bolsas embaixo dos olhos e rosto vincado. O cansaço mostrava-se nas feições. O nariz parecia mais longo e fino que de ordinário; nos cantos da boca, dobras profundas. Depois do desjejum estirou-se no sofá da sala de estar. Dali podia ver Gretl, que estava em pé na cozinha, passar a ferro: loura, fanada, de meia-idade. Vestia camisola curta e suas panturrilhas eram tão musculosas quanto as de um dançarino. Gretl fora enfermeira num hospital de Berlim a cuja equipe médica Margolin havia pertencido. Da família dela um irmão, nazista, morrera de tifo num campo de prisioneiros russo. Um segundo, comunista, fora morto a tiro pelos nazistas. Seu idoso pai vegetava em casa da outra filha em Hamburgo, e Gretl enviava-lhe dinheiro com regularidade. Ela própria quase se tornara judia em Nova York. Fizera amigas entre as mulheres judias, entrara para a Hadassah*, aprendera a preparar pratos judaicos. Até sua maneira de suspirar era judia. E lamentava constantemente a catástrofe nazista. Tinha sua sepultura à espera, ao lado da do marido, naquela parte do cemitério que os de Sencimin haviam reservado.

**Sociedade beneficente de mulheres judias fundada em Nova York em 1912. (N. do E.)*

O Dr. Margolin bocejou, estendeu a mão à procura do cigarro que deixara no cinzeiro, na mesinha de café ao lado, e começou a pensar em si mesmo. Sua carreira tivera êxito. Claro que ele era um sucesso. Tinha consultório na West End Avenue e clientes ricos. Seus colegas respeitavam-no e ele se tornara figura importante nos círculos judaicos de Nova York. Que mais queria um rapaz de Sencimin? Um autodidata, filho de um pobre professor de Talmude? Era alto, quase bonito, e sempre tivera facilidade com mulheres. Ainda as perseguia — mais do que lhe convinha em tal idade e com sua elevada pressão sangüínea. Em segredo, porém, Solomon Margolin julgara-se sempre um fracasso. Quando criança aclamaram-no como prodígio, recitando longas passagens da Bíblia e estudando o Talmude e os Comentários por sua própria iniciativa. Aos onze anos de idade pedira um *responsum** ao rabi de Tarnow, que a ele se referia como “valeroso e ilustre”. Antes dos vinte anos tornara-se mestre no *Guia* para os perplexos e no *Al-Khazari*. Aprendera sozinho álgebra e geometria. Aos dezessete tentara uma tradução da *Ética* de Spinoza, do latim para o hebraico, sem saber que a tradução já existia. Todos previam-lhe futuro de gênio. Mas ele desperdiçara os talentos, mudando continuamente de campo de estudo; e gastara anos aprendendo línguas, indo de um país para outro. Tampouco tivera sorte com seu único amor de verdade, Raizel, filha de Melekh, o relojoeiro. Raizel casara-se com outro e mais tarde fora alvejada pelos nazistas. Durante toda a sua vida

Solomon Margolin fora angustiado por questões eternas. Ainda perdia o sono, à noite, tentando solver os mistérios do universo. Sofria de hipocondria e o medo de morrer assombrava-lhe os sonhos. A carnificina de Hitler e a extinção de sua família haviam lhe arrancado a última esperança de dias melhores, destruindo toda a sua fé na humanidade. Começara a desprezar as matronas que lhe apareciam com doenças insignificantes, enquanto milhões enfrentavam mortes tenebrosas.

** Consulta feita a um rabi ou a um erudito judeu, que é respondida de acordo com a Resposta, coletânea de preceitos concernentes à lei judaica. (N. do E.)*

Gretl saiu da cozinha.

— Que camisa vai vestir?

Solomon Margolin olhou-a calmamente. Ela própria tinha seus problemas. Sofrerá em silêncio por causa dos dois irmãos, incluindo Hans, o nazista. Tivera de suportar uma prolongada mudança de vida. Fora torturada por sentimentos de culpa em relação a ele, Solomon. Tornara-se sexualmente fria. Agora tinha o rosto corado, coberto de gotas de suor. Ele ganhava mais que o suficiente para pagar empregada, e no entanto Gretl insistia em fazer todo o trabalho caseiro, até em lavar a roupa. Isso virou mania. Todos os dias limpava o forno. Estava sempre limpando as janelas do apartamento no décimo sexto andar sem usar cinto de segurança. As outras donas-de-casa do edifício faziam encomendas no armazém, mas Gretl carregava pesadas sacolas do supermercado. À noite dizia, às vezes, coisas que a Solomon pareciam insanas. Ainda suspeitava de casos dele com todas as mulheres do consultório.

Agora marido e mulher olhavam-se de esguelha, sentindo a estranheza que advém de grande familiaridade. Ele não deixava de se surpreender pelo fato de ela haver perdido a boa aparência. Nenhum traço se lhe alterara, e no entanto algo desaparecera no aspecto dela: seu orgulho, sua fé, sua curiosidade. Estourou:

— Que camisa? Ora, não importa. Uma camisa branca.

— Não vai de *smoking*? Espere, vou trazer-lhe vitaminas.

— Não quero vitaminas.

— Mas você próprio diz que lhe fazem bem.

— Deixe-me em paz.

— Bem, a saúde é sua, não minha.

E devagar saiu da sala, hesitando como se ele fosse se lembrar de alguma coisa e chamá-la de volta.

2

O Dr. Solomon Margolin lançou um derradeiro olhar ao espelho e saiu de casa. Sentia-se refeito pelo cochilo de meia hora após o jantar. Apesar da idade, ainda queria impressionar pessoas com sua aparência — incluindo os de Sencimin. Tinha suas ilusões. Na Alemanha orgulhara-se do fato de parecer um *junker**, e em Nova York tivera muitas vezes a certeza de passar por anglo-saxão. Era alto, esbelto, louro, de olhos azuis. O cabelo rareava, tornara-se grisalho, mas

ele tentava ocultar os sinais de velhice. Andava de ombros caídos, mas, em grupo, empertigava-se. Anos atrás, na Alemanha, usara monóculo, e embora em Nova York isso fosse muito pretensioso, seu olhar ainda retinha uma severidade europeia. Defendia seus princípios. Jamais quebrara o juramento de Hipócrates. Com seus pacientes era sincero ao extremo, evitando qualquer demonstração de hipocrisia; recusara certas associações duvidosas que cheiravam a carreirismo. Gretl dizia que seu senso de honradez chegava às raías da mania.

**Jovem aristocrata. (N. do E.)*

O carro do Dr. Margolin estava na garagem — não um Cadillac como o da maioria de seus colegas —, mas resolveu pegar um táxi. Não conhecia bem o Brooklyn e a neve espessa não o estimulava a guiar. Fez sinal com a mão e logo um táxi encostou-se ao meio-fio. Receou que o motorista recusasse a longa corrida até Brownsville, mas ele ligou o taxímetro sem comentários. O Dr. Margolin espiou através da vidraça embaciada a invernal noite de domingo, porém nada havia digno de atenção. As ruas de Nova York sucediam-se, molhadas, sujas, mergulhadas em escuridão impenetrável. Pouco depois o Dr. Margolin reclinou-se no assento, fechou os olhos, entregou-se ao seu próprio aconchego. Seu destino era uma festa de casamento. O mundo, à semelhança daquele táxi, não o conduzia algures, ao desconhecido, no rumo de um endereço cósmico? Quem sabe uma Brownsville cósmica, um casamento cósmico? Isso mesmo. Nesse caso, por que Deus — ou que outro nome Lhe dessem — criou Hitler, Stálin? Por que lançava mão de guerras mundiais? Por que tantos ataques cardíacos, cânceres? O Dr. Margolin tirou um cigarro e acendeu-o com indecisão. Em que teriam pensado seus pobres tios, ao cavarem as próprias sepulturas? A imortalidade existia? A alma existia? Todos os argumentos pró e contra não valiam um punhado de poeira.

O táxi enveredou pela ponte sobre o East River e, pela primeira vez, o Dr. Margolin pôde ver o céu. Baixo, pesado, vermelho qual metal em brasa. Mais acima, um clarão violáceo espargia-se na abóbada do firmamento. A neve tombava com suavidade, trazendo ao mundo uma paz de inverno, tal como no passado — quarenta anos atrás, mil anos atrás, talvez um milhão de anos atrás. Pilastras ígneas pareciam brilhar embaixo do East River; na superfície, enfrentando ondas negras que subiam qual rochedos, um rebocador arrastava uma fileira de chatas carregadas de automóveis. Uma das vidraças fronteiras do táxi estava arriada e o vento gelado entrava em lufadas, trazendo odor de gasolina e mar. E se o tempo não voltasse a mudar? Como, então, imaginar um dia de verão, uma noite de luar, a primavera? De que adianta, porém, a imaginação? E o que resta de imaginação ao homem de hoje? Em Eastern Parkway o táxi trepidou e foi freado bruscamente. Um acidente de tráfego, pelo visto. A sirena de um carro de polícia guinchou. Uma ambulância uivante aproximou-se. O Dr. Margolin fez uma careta. Outra vítima. Alguém dá uma guinada na direção e os planos de vida reduzem-se, de repente, a nada. Um homem ferido foi transportado para a ambulância numa padiola. Um terno escuro, uma camisa salpicada de sangue e uma gravata-borboleta; em seguida, um rosto branco como cera; um olho estava fechado, o outro parcialmente

aberto e esgazeado. “Talvez ele fosse também a um casamento”, pensou o Dr. Margolin. “Talvez as mesmas bodas para as quais fui convidado...”

Pouco depois o táxi movimentou-se. Solomon Margolin percorria agora ruas que jamais vira. Era Nova York, mas bem que poderia ser Chicago ou Cleveland. Passaram por um distrito industrial com edifícios fabris, depósitos de carvão, madeiras, vergalhões. Negros, estranhamente negros, paravam nas calçadas, olhavam à frente, seus grandes olhos escuros cheios de sombria desesperança. De quando em quando o táxi passava por uma taverna. As pessoas no bar pareciam extraterrenas, como se estivessem pagando aqui pecados cometidos em outra encarnação. Quando o Dr. Margolin começava a pensar que o motorista, teimosamente silencioso, perdera o rumo, ou o conduzia de propósito a outro lugar, o táxi entrou em área densamente povoada. Passaram por uma sinagoga, por uma casa funerária e adiante, ali mesmo, estava o cartório, todo iluminado, com seu letreiro judaico a gás neon e a estrela-de-davi. O Dr. Margolin deu gorjeta de um dólar ao chofer e o homem pegou-a sem pronunciar palavra.

O Dr. Margolin entrou no vestíbulo e logo a confortável intimidade dos senciminianos cercou-o. Todos os rostos lhe pareciam familiares, embora não reconhecesse as pessoas. Deixando o chapéu e o sobretudo na portaria, pôs o solidéu e penetrou no salão. Estava cheio de gente e música, com mesas entupidas de comida, um balcão atravancado de garrafas. Os músicos tocavam uma marcha israelense que era uma mistura de *jazz* americano e arranjos orientais. Homens dançavam com homens, mulheres com mulheres, homens com mulheres. Viu solidéus negros, solidéus brancos, cabeças descobertas. Convidados continuavam a chegar, abrindo caminho entre a multidão, alguns ainda de chapéu e casaco, mastigando *hors d'oeuvres*, bebendo genebra. Pelo salão ecoavam passos, exclamações, risos, palmas. *Flashes* estouravam, cegantes, como se os fotógrafos se empenhassem numa disputa. A noiva apareceu de repente, saindo não se sabe de onde, suspendendo a longa cauda do vestido, seguida por um cortejo de madrinhas. O Dr. Margolin conhecia todo mundo e, ao mesmo tempo, não conhecia ninguém. Pessoas dirigiam-lhe a palavra, riam, piscavam os olhos e acenavam, e ele respondia a cada um com um sorriso, um gesto, uma curvatura. Aos poucos livrou-se das preocupações, desembaraçou-se da depressão. Ficou meio bêbado com o amálgama de odores: flores, chucrute, alho, perfumes, mostarda e aquele cheiro sem nome que somente os de Sencimin emitiam. “Olá, doutor!” “Olá Schloime-Dovid, não me reconhece mais, hem? Vejam, ele esqueceu!” Encontros, queixas, lembranças de muito tempo atrás. “Mas nós éramos vizinhos! Você ia à nossa casa pedir emprestado o jornal em iídiche!” Alguém já o beijara: alguém de barba malfeita, boca cheirando a uísque e dentes podres. Uma mulher teve um ataque de riso e perdeu um brinco. Margolin tentou apanhá-lo, mas o brinco já fora esmagado por pés. “Não se lembra de mim, hem? Olhe bem. Sou Zissl, filho de Chaye Beyle!” “Por que não come alguma coisa?” “Por que não bebe algo?” “Venha cá. Tome este copo. Que deseja? Uísque americano? Aguardente? Conhaque? Uísque escocês? Com soda? Com Coca-Cola? Pegue, faz bem. Não fique aí parado. Divirta-se, relaxe.” “Meu pai? Mataram-no. Mataram todos. Sou

o remanescente da família.” “Berish, o filho de Feivish? Morreu de fome na Rússia... mandaram-no para o Cazaquistão. A mulher dele? Está em Israel. Casou-se com um lituano.” “Sorel? Fuzilada. Com todos os seus filhos.” “Yentl? Está por aí, foi convidada. Eu a vi um minuto atrás. Ei-la ali, dançando com aquele sujeito alto.” “Abraão Zilberstein? Queimaram-no na sinagoga com mais vinte. Restou apenas um monte de carvões, carvões e cinzas.” “Yosele Budnik? Morreu há anos. Você deve estar pensando em Yekele Budnik. Abriu uma loja de manjares finos aqui mesmo em Brownsville... desposou uma viúva cujo marido fizera muito dinheiro nos negócios imobiliários.” “*Lechayim**, doutor! *Lechayim*, Schloime-Dovid! Permite que eu o chame Schloime-Dovid? Para mim você ainda é o mesmo Schloime-Dovid, o garoto de mechas louras que recitava de cor o Talmude. Lembra-se, não? Parece que foi ontem. Seu pai, que sua alma tenha descanso eterno, inchava de orgulho...” “Seu irmão Chayim? Seu tio Oyzer? Mataram todos, todos. Pegaram uma porção e massacraram com eficiência germânica: *gleichgeschaltet!***” “Já viu a noiva? Bonita como quê, porém muito pintada. Imagine, uma neta de Reb Todros, de Radzin! E o avô costumava usar dois solidéus, um na frente, outro atrás da cabeça.” “Está vendo aquela moça dançando, aquela de vestido amarelo? É irmã de Riva... o pai delas foi Moishe, fabricante de velas. Onde anda Riva? Teve o mesmo fim: Auschwitz. Como estamos próximos! Todos nós realmente mortos, se me permite o exagero. Fomos exterminados, liquidados. Até os sobreviventes carregam a morte nos corações. Mas é uma festa de casamento, sejamos alegres. “*Lechayim*, Schloime-Dovid! Aceite meus cumprimentos. Tem filho ou filha? Não? Bem, melhor assim. Para que ter filhos com tantos assassinos soltos por aí?”

*“Saúde!” (N. do T)

***Préterito perfeito do verbo alemão gleichschalten. Obter rígida uniformidade (em política, cultura, comunicação, etc.) reprimindo ou eliminando pela força a independência de pensamento, ação ou expressão. (N. do T)*

3

A cerimônia já devia ter começado, mas alguém ainda não chegara. Se o rabi, o solista ou um dos parentes, ninguém parecia capaz de descobrir. Abraão Mekheles, pai da noiva, afanava-se, franzia o sobrolho, acenava com a mão, cochichava no ouvido dos outros. Parecia esquisito em seu *smoking* alugado. A sogra de Tereshpol altercava com um fotógrafo. Os músicos não paravam um só instante de tocar. A bateria martelava, o contrabaixo resmungava, o saxofone clangorejava. As danças tornaram-se mais rápidas, mais descontraídas, e outras pessoas entravam na pista. Os rapazes pisavam com tanta força que o chão parecia prestes a rachar. Garotos investiam como bodes, mocinhas rodopiavam juntas com violência. Muitos homens já estavam bêbados. Diziam coisas pesadas, gargalhavam, beijavam mulheres desconhecidas. Em meio à confusão, Solomon Margolin não percebia mais o que lhe diziam, limitando-se a responder “sim” a tudo, com um aceno de cabeça. Certos convidados se haviam grudado a ele, não se afastavam, empurravam-no em todas as direções, apresentando-o a

outras pessoas de Sencimin e Tereshpol. Uma matrona de nariz coberto de ver-rugas apontou-lhe um dedo, enxugou os olhos e chamou-o Schloimele. Solomon Margolin indagou quem era e alguém lhe disse. Nomes eram tragados no tumulto. Ouvia sempre as mesmas palavras: “morto”, “fuzilado”, “queimado”. Um homem de Tereshpol tentou arrastá-lo a um canto e foi acusado, por vários de Sencimin, de ser um intruso, de não ter o que fazer ali. Chegou um retardatário, um cocheiro de Sencimin que se tornara milionário em Nova York. Sua esposa e filhos tinham morrido, mas, a essa altura, ele se casara de novo. A mulher vergava ao peso de diamantes, usando um vestido de gala que desnudava um pedaço de pele, coberto de manchas, até a cintura. A voz dela era rouca. “De onde veio? Quem foi?” “Certamente nenhuma santa. O primeiro marido foi um caloteiro que fez fortuna e depois caiu morto. De quê? Câncer. Onde? No estômago. Primeiro, não se tem o que comer; depois, come-se até estourar. Estamos sempre a trabalhar para o segundo marido.” “Que vem a ser a vida? Ora, uma dança no túmulo.” “Sim, mas enquanto estivermos no jogo, convém acatar as regras.” “Dr. Margolin, por que não dança? O senhor não está entre estranhos. Somos todos do mesmo bairro. Lá o senhor não era médico. Apenas Schloime-Dovid, filho do professor de Talmude. E não tardará muito, estaremos estridados lado a lado, na cova.”

Margolin não se lembrava de ter bebido alguma coisa, mas, de qualquer modo, sentia-se intoxicado. O salão nevoento girava qual carrossel; o chão rodava. De pé a um canto, contemplou a dança. Que expressões diferentes nos dançarinos! Quantas combinações e permutas de seres o Criador reunira ali! Cada face estampava a própria história. Dançavam juntas, aquelas pessoas, porém cada uma delas tinha sua filosofia, seus conceitos. Um homem apoderou-se de Margolin e, durante algum tempo, rodopiaram frenéticos na dança. Depois, libertando-se, ele se afastou para um canto. Quem seria aquela mulher? Viu-se atraído por uma expressão familiar na mulher. Sim, ele a conhecia! Ela lhe dirigiu um aceno. Ele sentia-se confuso. A mulher parecia nem moça nem velha. Onde teria conhecido aquele rosto estreito, aqueles olhos escuros, aquele sorriso juvenil? O cabelo dela estava arranjado à velha maneira, em tranças longas enroladas em novelo ao redor da cabeça. A graça de Sencimin contemplava-a — algo que ele, Margolin, esquecera há muito tempo. E aqueles olhos ele os amara, sim, eles o acompanharam pela vida inteira. Sorriu discretamente para a mulher e ela devolveu-lhe o sorriso. Tinha covinhas nas faces. Também ela parecia surpresa. Margolin, embora percebendo que enrubescia como um colegial, aproximou-se.

— Eu a conheço de algum lugar... de Sencimin, talvez?

— Sim, de Sencimin.

Ele ouvira aquela voz há muito tempo. Estivera apaixonado por aquela voz.

— De Sencimin... quem é você, então?

Os lábios dela tremeram.

— Já me esqueceu?

— Saí de Sencimin há longo tempo.

— Você costumava visitar meu pai.

— Quem foi seu pai?

— Melekh, o relojoeiro.

O Dr. Margolin estremeceu.

— Se não estou fora de mim, então vejo coisas.

— Por que diz isso?

— Porque Raizel morreu.

— Sou Raizel.

— Você é Raizel? Aqui? Meu Deus, se for verdade... então tudo é possível!

Quando chegou a Nova York?

— Há certo tempo.

— De onde?

— De vários lugares.

— Mas disseram-me que vocês todos haviam morrido.

— Meu pai, minha mãe, meu irmão Hershl...

— Mas você se casou!

— Casei-me, sim.

— Se é verdade, então tudo é possível! — repetiu o Dr. Margolin, ainda trêmulo em face da incrível ocorrência. Alguém, com certeza, queria enganá-lo. Mas por quê? Alguma coisa batia errado, mas não conseguia identificar onde.

— Por que não me avisou? Antes de tudo... Parou. Ela também guardou silêncio por um instante.

— Perdi tudo. Mas ainda me resta um certo orgulho.

— Venha comigo para um lugar mais tranquilo... qualquer um. Este é o dia mais feliz de minha vida!

— Mas é noite...

— Então, a noite mais feliz! Como se o Messias houvesse retornado, como se os mortos ressuscitassem!

— Aonde quer ir? Muito bem, vamos.

Margolin tomou-lhe o braço e sentiu logo a pontada, de há muito esquecida, do desejo juvenil. Desviou-a dos outros convidados, temendo perdê-la na multidão, ou que alguém surgisse para destruir-lhe a felicidade. Tudo retornara num átimo: o embaraço, a agitação, a alegria. Queria levá-la para longe, ocultar-se com ela. Deixando o salão, subiram para a capela onde ia realizar-se a cerimônia nupcial. A porta estava aberta. Dentro, sobre uma plataforma, o permanente palio nupcial. Uma garrafa de vinho e um cálice de prata estavam em seus lugares, prontos para a cerimônia. A capela com seus bancos vazios e somente uma luz acesa estava cheia de sombras. A música, tão estridente embaixo, soava ali distante e suave. Ambos hesitaram no pórtico. Margolin apontou o palio nupcial.

— Podíamos ficar ali.

— Sim.

— Fale-me a seu respeito. Onde está agora? Que faz?

— Não é fácil dizer.

— Está sozinha? Tem compromisso?

— Compromisso? Não.

— Por que resiste em falar de você? — perguntou. Ela não deu resposta.

Fitando-a, sabia que seu amor

havia retornado com toda a força. Tremia ao pensar que dentro em pouco teriam de partir. Dominavam-no a excitação e a expectativa da juventude. Queria tomá-la nos braços e beijá-la, mas alguém podia entrar a qualquer instante. Deixou-se ficar ao lado dela, envergonhado por haver desposado outra, envergonhado por não ter confirmado as notícias sobre a morte dela. “Como fui capaz de suprimir todo esse amor? Como aceitar o mundo sem ela? E agora, que acontecerá a Gretl? Eu lhe darei tudo, meu último tostão.” Olhou para a escada, para ver se um dos convidados começava a subir. Ocorreu-lhe que, segundo a lei judaica, não estava casado, pois ele e Gretl realizaram apenas o casamento civil. Olhou Raizel.

— De conformidade com a lei judaica, sou solteiro.

— É mesmo?

— De conformidade com a lei judaica, posso trazê-la aqui e desposá-la.

Ela parecia pensar no significado daquelas palavras.

— Sim, percebo.

— De conformidade com a lei judaica, não preciso sequer de anel. Podemos nos casar com um centavo.

— Você tem um centavo?

Ele levou a mão ao bolso do peito, mas a carteira havia desaparecido. Começou a procurar nos outros bolsos. “Será que fui roubado?”, pensou. “Logo agora? Passei o tempo todo sentado no táxi. Alguém teria me roubado no casamento?” Estava mais surpreso do que alarmado. Disse em tom débil:

— Estranho, mas não tenho dinheiro algum.

— Prosseguiremos sem dinheiro.

— Mas como irei para casa?

— Precisa ir? — ela perguntou, interrompendo-o com uma pergunta. E sorriu, com aquele sorriso seu, familiar, tão cheio de mistério.

Ele segurou-lhe o pulso e fitou-a. De súbito, ocorreu-lhe que não podia ser Raizel. A mulher era muito jovem. Provavelmente tratava-se da filha de Raizel, que se divertia com ele, que zombava dele. “Pelo amor de Deus, estou completamente desparafusado!”, pensou. Perplexo, tentou calcular os anos. Impossível saber a idade dela por suas feições. Os olhos eram profundos, escuros e melancólicos. Também ela parecia confusa, como que sentindo uma certa discrepância. “Tudo isso é um equívoco”, Margolin disse a si mesmo. Mas em que consistia o equívoco? E o que acontecera à carteira de dinheiro? Teria ficado no táxi, depois que pagou o motorista? Tentou lembrar quanto dinheiro tinha na carteira, mas foi incapaz. “Devo ter bebido muito. Essa gente lá embaixo me embriagou, me deu um pifão!” Silenciou, perdido em seu devaneio mais profundo que um transe narcótico. De repente recordou a colisão que havia testemunhado em Eastern Parkway. Uma suspeita bizarra empolgou-o: e se ele fosse mais que simples testemunha? E se fosse a vítima do acidente? Aquele homem na padiola parecia-lhe estranhamente familiar. O Dr. Margolin começou a examinar-se como se fosse um de seus pacientes. Não encontrou sinal de pulsação ou de respiração. E sentia-se esquisitamente desinflado, como se lhe faltasse uma dimensão física. A sensação de peso, a tensão muscular dos membros, as dores ocultas nos ossos, tudo havia desaparecido. “Não pode ser,

não pode ser”, murmurou. “Pode-se morrer sem saber? O que fará Gretl?” Falou sem pensar:

— Você não é a mesma Raizel.

— Não! Nesse caso, quem sou?

— Raizel foi fuzilada.

— Fuzilada? Quem lhe contou isso?

Ela parecia ao mesmo tempo assustada e perplexa. Em silêncio, baixou a cabeça como se recebendo o choque de más notícias. O Dr. Margolin continuou a argumentar consigo. Pelo visto, Raizel ainda não percebera sua própria condição. Ele ouvira falar de semelhante estado... como é mesmo o nome? Um estado de suspensão no mundo crepuscular. O corpo astral vagueando em estado de semiconsciência, desligado da carne, sem ser capaz de atingir seu destino, preso às ilusões e vaidades do passado. Haveria um fundo de verdade nessa superstição? Não. No que lhe tocava, tudo isso não passava de especulação. Ademais, esse gênero de sobrevivência estaria muito próximo do olvido. “Provavelmente entrei em estado de estupor alcoólico”, decidiu o Dr. Margolin. “Uma longa alucinação, talvez conseqüência de comida estragada...”

Levantou os olhos e ela ainda estava ali. Inclinando-se, segredou-lhe ao ouvido:

— Que diferença faz? Desde que estejamos juntos.

— Esperei por você todos esses anos.

— Onde esteve?

Ela não respondeu e ele não insistiu. Olhou em volta. O salão antes vazio estava agora cheio, todos os assentos tomados. Um fervor ritual tomou conta da audiência. A música tocava com suavidade. O solista entoou as bênçãos. Com passos medidos, Abraão Mekheles conduziu a filha pela nave.

Não confio em ninguém

A partir do dia em que começaram a falar que ele se tornaria o rabi de Yavrov, o Rabi Jonathan Danziger, de Yampol, não teve mais um minuto de descanso. Seus inimigos de Yampol invejavam-lhe a partida para uma cidade maior, embora não desejassem sua permanência lá, já que um outro lhe tomara o lugar. Os anciãos queriam que o rabi deixasse a cidade sem, também, poder ir para Yavrov. Tentaram arruinar suas oportunidades de partir, com rumores sórdidos. Pretendiam tratá-lo como haviam tratado o rabi anterior: teria de abandonar a cidade vilipendiado, em carroça puxada por bois. Mas por quê? Que mal ele fizera? Não ofendera a honra de ninguém; portara-se, invariavelmente, como amigo de todos. No entanto, todos guardavam surdos rancores contra ele. Um dizia que o rabi dera interpretação errada ao Talmude; outro tinha um cunhado que desejava o lugar do rabi; um terceiro julgava que o Rabi Jonathan devia seguir um líder hassídico. Os açougueiros queixavam-se de que o rabi declarava muitas vacas *não-kosher*; o abatedor ritual, que o rabi examinava-lhe a faca duas vezes por semana. A atendente da casa de banhos queixara-se porque, uma ocasião, na véspera de um dia santo, o rabi considerara impuro o banho ritual, e assim as mulheres não puderam copular com os maridos.

Na Rua da Ponte, a ralé insistia que o rabi desperdiçava muito tempo com livros, que não prestava atenção às pessoas comuns. Nas tavernas, rufiões divertiam-se, aos gritos, imitando a maneira de o rabi recitar “Escutai, ó Israel”, e sua forma de cuspir quando mencionava ídolos. Os cultos provavam que o rabi cometia erros em gramática hebraica. A mulher do rabi era escarnecida pelas senhoras porque falava com sotaque da Grande Polônia e porque bebia chicória e café sem açúcar. Zombavam de tudo. Não admitiam que a mulher do rabi assasse pão toda quinta-feira, ao invés de uma vez de três em três semanas. Olhavam com desconfiança a filha do rabi, a viúva Yentl, que, segundo comentavam, passava tempo demais tricotando e bordando. Antes de cada Páscoa formava-se fila para os *matzo*s, e os inimigos do rabi corriam à sua casa para quebrar as janelas. Depois do Succoth, quando muitas crianças caíram doentes, as matronas piedosas proclamaram que o rabi não limpara a cidade de pecados, que permitira às moças saírem com o cabelo à mostra, e que o Anjo da Morte punira, por causa disso, as inocentes crianças com sua espada. De uma ou de outra forma, cada grupo carpia queixas e encontrava faltas. E com tudo isso, o rabi recebia o baixíssimo salário de cinco *gulden* por semana, vivendo quase à míngua.

Como se não lhe bastassem todos os inimigos, os amigos comportavam-se com hostilidade. Comunicavam-lhe acusações mínimas. O rabi advertiu-os de que aquilo constituía pecado, citando o Talmude, segundo o qual o boato atinge três partes: o boateiro, a vítima do boato e o que ouve o boato. O boato alimenta a raiva, o ódio, dessacraliza o Santo Nome. O rabi suplicava aos fiéis que não o atormentassem com calúnias; no entanto, qualquer palavra de seus inimigos lhe era transmitida. Se o rabi exprimia sua desaprovação ao mensageiro da calúnia, então essa pessoa passava logo ao campo hostil. O rabi já não conseguia rezar e estudar em paz. Rogava a Deus: “Até quando suportarei esta geena? Até os

condenados não sofrem mais de doze meses...”

Agora que o Rabi Jonathan estava prestes a assumir o posto em Yavrov, percebia que a situação tendia a repetir-se. Já notava oposição em Yavrov. Também ali, a exemplo de Yampol, havia um ricoço cujo cunhado cobiçava o lugar do rabi. Além disso, embora o rabi de Yavrov ganhasse a vida vendendo velas e fermento, alguns mercadores haviam levado a mercadoria proibida para suas lojas, ainda que sob ameaça de excomunhão.

O rabi ainda não completara os cinqüenta, mas já estava grisalho. De alto porte, tinha os ombros caídos. A barba outrora cor de palha tornara-se branca e esparsa como a de um velho. De sob as sobrancelhas espessas e dos olhos pendiam bolsas musgosas, de um azul acastanhado. Sofria de todos os tipos de indisposição. Tossia, fosse inverno ou verão. O corpo era só ossos; estava tão magro que, ao andar, o vento inflava a cauda do casaco, quase erguendo-o no ar. A esposa queixava-se de que ele não comia bem, não bebia bem, não dormia o bastante. Acossado por pesadelos, acordava com estremeções. Sonhava com perseguições e *pogroms*, e por isso tinha de jejuar com freqüência. O rabi julgava-se punido por seus pecados. Às vezes dizia palavras duras contra seus torturadores; questionava os caminhos de Deus e chegava a duvidar de Sua misericórdia. Punha o xale de orações e os amuletos e, de súbito, um pensamento cintilava na mente: e se não houver Criador? Após semelhante blasfêmia, o rabi condenava-se a não provar comida o dia inteiro, até as estrelas apagarem-se no céu. “Ai de mim, para onde vou?”, suspirava o rabi. “Sou um homem perdido.”

Na cozinha sentavam-se mãe e filha e cada uma defendia suas intenções. Ziporah, a mulher do rabi, procedia de família rica. Quando moça fora julgada bela, mas os anos de pobreza arruinaram-lhe a aparência. Em seu gorro antiquado, que lhe caía mal, e vestido do tempo do Rei Sobieski, parecia vergada e macilenta; o rosto enrugado adquirira a ferrugem de uma pêra que não amadurece. As mãos eram grandes e cheias de veias, como as de um homem. Mas Ziporah encontrava um consolo em toda a sua miséria: o trabalho. Lavava, cortava lenha, carregava água do poço, encerava o chão. Em Yampol diziam que, de tanto esfregar os pratos, ela fazia buracos na louça. Esfregava as toalhas de mesa e os lençóis com tal esmero que não ficava um fio do tecido original. Ela própria consertava as sandálias do rabi. Das seis crianças que dera à luz, somente Yentl sobrevivera.

Yentl saiu ao pai: tinha o cabelo amarelado, era alta, de pele lisa, sardenta e busto chato. Yentl não era menos diligente que a mãe, mas a mãe não lhe permitia tocar em trabalho caseiro. O marido de Yentl, Ozer, um estudante de *yeshiva*, morrera de fraqueza causada por doença. Yentl agora costurava, tricotava, lia livros que pedia de empréstimo a mascates. A princípio havia recebido muitas ofertas de casamento, porém conseguiu desencorajar os contratantes. Nunca deixou de prantear o marido. Assim que alguém começava a arranjar-lhe compromisso, Yentl começava a sentir eólicas. Os habitantes de Yampol espalharam o rumor segundo o qual ela fizera a Ozer juramento à beira do seu leito de morte de jamais voltar a casar-se. Não tinha uma só amiga em Yampol. No verão pegava um cesto, uma corda e penetrava nos bosques para apanhar bagas e cogumelos. Semelhante conduta era considerada das mais

impróprias a uma filha de rabi.

A mudança para Yavrov parecia boa perspectiva, mas a mulher do rabi e Yentl preocuparam-se muito mais do que se alegraram. Nem mãe nem filha tinham uma peça decente de roupa ou uma jóia. Durante os anos em Yampol ficaram tão isoladas que a mulher do rabi queixou-se ao marido de não saber mais dirigir-se às pessoas. Orava em casa, evitava escoltar noivas à sinagoga ou participar de cerimônias de circuncisão. Yavrov, no entanto, era diferente. Ali, as senhoras enfeitavam-se com vestidos da moda, peles caras, perucas de seda, sapatos de salto alto e bicos pontudos. As moças casadas iam à sinagoga com chapéus de plumas. Todas tinham uma corrente de ouro ou um broche. Como chegar a um lugar desses envergando farrapos, com móveis quebrados e linho esfriado? Yentl não quis mudar-se. Que faria em Yavrov? Não era moça nem mulher casada; em Yampol tinha ao menos um pedaço de terra e um túmulo.

O Rabi Jonathan ouviu e sacudiu a cabeça. Recebera um contrato de Yavrov, mas nenhum adiantamento ainda. Seria assim mesmo ou julgavam-no ingênuo? Teve vergonha de pedir dinheiro. Era contra sua natureza usar a Tora para obter lucro. O rabi andava para cá e para lá em seu gabinete. “Pai do Céu, salvai-me. Entrei em águas profundas, estou prestes a submergir!”

2

Era hábito do rabi rezar na sinagoga e não na casa de orações, porque entre os judeus pobres tinha menos inimigos. Orava ao romper do dia, assim que se formava o primeiro *quorum*. O Pentecostes acabara de passar. Às três e meia a estrela matutina aparecia. Às quatro o sol já brilhava. O rabi gostava da quietude da manhã, quando a maior parte dos habitantes ainda dormia atrás dos postigos cerrados. Jamais se cansava de observar o sol surgir: púrpura, dourado, lavado pelas águas do Grande Mar. O sol nascente sempre lhe trazia o mesmo pensamento: ao contrário do sol, o filho do homem jamais renasce; por isso está condenado à morte. O homem tem lembranças, culpas, ressentimentos. Eles se amontoam como pó, impedindo-o de receber a luz e a vida que desce do firmamento. Mas a criação de Deus, esta se renova constantemente. Se o céu se torna nevoento, volta logo a clarear. O sol se põe, mas renasce todas as manhãs. Não há marca do passado na lua ou nas estrelas. A incessante recriação da natureza é óbvia, sobretudo na aurora. O orvalho cai, os pássaros trinam, o rio reflete luminosidade, a grama está úmida e fresca. Feliz o homem capaz de se renovar sempre ao lado da criação, “quando todas as estrelas da manhã cantam juntas”.

Aquela manhã era igual a outras. O rabi levantou-se cedo a fim de ser o primeiro a chegar à sinagoga. Bateu à porta de carvalho para advertir os espíritos que ali oravam de sua chegada. Em seguida, entrou na antecâmara escura. A sinagoga tinha centenas de anos, mas permanecia quase como no dia em que fora erguida. Tudo exsudava eternidade: as paredes cinzentas, o teto alto, os candelabros de latão, a pia de cobre, a estante com os quatro pilares, a Arca esculpida com as tábuas dos mandamentos e os dois leões dourados. Raios de sol

penetravam pelas janelas ovaladas, de vidros manchados. Até os fantasmas que ali oravam geralmente saíam ao cantar do galo, abrindo lugar para os vivos, porém deixando atrás de si uma tranqüilidade e um repouso completos. O rabi começou a andar para cima e para baixo e a recitar o “Senhor do universo”. Repetia as palavras: “E após todas as coisas chegarem ao seu termo, Ele reinará sozinho”, várias vezes. O rabi imaginou a família humana perecendo, casas ruindo, tudo o que era mau desfazendo-se e a luz de Deus voltando a ocupar o espaço inteiro. A retração de Seu poder, as forças demoníacas, tudo o que era mesquinho e sórdido cessaria. Tempo, acidentes, paixões e lutas desapareceriam, pois que não passavam de ilusão e logro. A verdade real estava na bondade absoluta.

O rabi disse suas preces, contemplando o significado íntimo das palavras. Pouco a pouco os fiéis começaram a chegar: o primeiro *quorum* foi composto de trabalhadores manuais que acordavam com os galos — Leibush, o carteiro, Chaim Jonah, o vendedor de peixe, Avrom, o seleiro, Shloime Meyer, que cultivava pomares nos arredores de Yampol. Cumprimentaram o rabi, depois puseram os amuletos e xales. Ocorreu ao rabi que seus inimigos da cidade ou eram ricos ou indolentes. Os pobres e trabalhadores, estes viviam vida honesta, estavam ao seu lado. “Por que não pensei nisso antes?”, o rabi perguntou-se. “Por que isso não me ocorreu antes?” Sentiu amor repentino por aqueles judeus que não enganavam ninguém, que não sabiam defraudar e roubar, limitando-se a cumprir a sentença de Deus: “Comerás o pão com o suor do teu rosto...” Ei-los agora a enrolar os amuletos em volta dos braços, a beijar os debruns dos xales de orações, aceitando o jugo do reino dos céus. A tranqüilidade matinal banhava-lhes o rosto e a barba. Seus olhos brilhavam com a doçura dos que desde a infância suportam o fardo.

Era segunda-feira. Após a confissão o pergaminho foi retirado da Arca, enquanto o rabi entoava “Abençoado seja Teu nome”. A abertura da Arca Sagrada sempre o comovia. Lá estavam os Santos Pergaminhos, a Tora de Moisés, costurada em seda e decorada com correntes, coroas, lâminas prateadas — tudo idêntico, mas cada um com seu destino. Alguns pergaminhos eram lidos em dias úteis, outros apenas no Sabbath, outros ainda retirados apenas no Dia do Júbilo da Lei. Também havia muitos livros usados da Lei, com letras esmaecidas e papel de luto. Sempre que pensava naquelas ruínas santas, o rabi sentia dor no coração. Oscilou para a frente e para trás, murmurando as palavras aramaicas: “Reinarás sobre tudo... Eu, o servidor do Santíssimo, abençoado seja Ele, inclino-me diante Dele e do esplendor de Sua lei...” Ao chegar às palavras “Não confio em ninguém”, -o rabi parou. As palavras ficaram presas na garganta.

Pela primeira vez percebeu que mentia. Ninguém confiava mais nos outros do que ele. A cidade inteira dava-lhe ordens, ele dependia de todo mundo. Qualquer um podia prejudicá-lo. Hoje era em Yampol, amanhã seria em Yavrov. Ele, o rabi, tornara-se escravo dos poderosos da comunidade. Devia esperar presentes, favores e buscar eterno apoio. O rabi começou a examinar os outros fiéis. Nenhum precisava de aliados. Nenhum se preocupava com quem lhe era simpático ou não. Ninguém dava um tostão por boatos. “Então, de que vale a mentira?”, pensou o rabi. “A quem estou iludindo? Ao Todo-Poderoso?” O

rabi estremeceu e cobriu o rosto, envergonhado. Seus joelhos dobraram-se. Já havia posto o pergaminho na mesa de leitura, mas não o percebeu. De súbito, alguma coisa dentro dele começou a rir. Ergueu a mão, como se proferindo juramento. Um júbilo de há muito esquecido dominou-o e ele sentiu uma determinação inesperada. Num átimo tudo se lhe tornou claro...

Chamaram o rabi para a leitura e ele subiu os degraus da estante. Colocou uma franja no pergaminho, levou-o à testa e depois beijou-o. Recitou a bênção em voz alta. Em seguida, fez-se a leitura. Era o capítulo “Envia teus homens...” Referia-se aos espíões que saíram em busca da terra de Canaã e que retornaram assustados pelos filhos de Anak “A covardia destruiu a geração do deserto”, disse o Rabi Jonathan a si mesmo. “E se não temiam gigantes, por que devo tremer diante de pigmeus? Isso é pior do que covardia; não passa de orgulho. Tenho medo de perder os paramentos rabínicos.” Os fiéis fitaram boquiabertos o rabi. Parecia transformado. Dele emanava força misteriosa. “Provavelmente porque está de partida para Yavrov”, explicaram entre si.

Após a oração, os homens começaram a se dispersar. Shloime Meyer pegou o xale, pronto a partir. Era um homem pequeno, de forte ossatura, barba amarela, olhos amarelos, sardas amarelas. Seu gorro de lona, seu sobretudo de gabar-dina e as botas grosseiras recebiam raios amarelos de sol. O rabi fez-lhe um sinal.

— Shloime Meyer, espere um pouco, por favor.

— Sim, rabi.

— Como vão os pomares? — perguntou. — A colheita promete?

— Graças a Deus. Se não ventar muito, tudo correrá bem.

— Tem homens para a colheita?

Shloime Meyer pensou um minuto.

— É difícil, mas nós nos arranjaremos.

— Por que é difícil obter trabalhadores?

— O trabalho não é fácil. Passam o dia em cima de escadas e à noite têm de dormir no celeiro.

— Quanto você paga?

— Não muito.

— Dá para a subsistência?

— A comida é por minha conta.

— Shloime Meyer, contrate-me. Apanharei frutas para você.

Os olhos de Shloime Meyer brilharam, divertidos.

— Por que não?

— Não estou brincando.

Os olhos de Shloime Meyer entristeceram-se.

— Não sei o que o rabi pretende.

— Não sou mais rabi.

— O quê? Qual o motivo?

— Se me conceder um minuto, eu lhe direi.

Shloime Meyer escutou com atenção. A assembléia partira e os dois estavam sozinhos. Conversavam em pé, perto do púlpito. Embora o rabi falasse com calma, cada palavra ecoava como se alguém invisível as repetisse.

— Que me diz agora, Shloime Meyer? — perguntou por fim o rabi.

Shloime Meyer fez uma cara de quem acabara de engolir alguma coisa azeda. Sacudiu a cabeça.

— Que posso dizer? Tenho medo de ser excomungado.

— Você não deve temer ninguém. “Não temerás o rosto do homem.” Esta é a essência do judaísmo.

— Que dirá sua esposa?

— Ela me ajudará no trabalho.

— Nosso trabalho não foi feito para pessoas de sua posição.

— Os que confiam no Senhor redobram forças.

— Bem, bem...

— Concorda, então?

— Se o rabi deseja...

— Não me chame mais de rabi. Doravante sou seu empregado. E prometo ser trabalhador honesto.

— Não estou preocupado com isso.

— Quando parte para os pomares?

— Dentro de umas duas horas.

— Passe lá em casa com sua carroça. Estarei à espera.

— Sim, rabi.

Shloime Meyer demorou-se mais um pouco e depois saiu. Perto da porta da antecâmara, relanceou os olhos para trás. O rabi continuava só, as mãos apertadas, o olhar errando de parede a parede. Despedia-se da sinagoga onde rezara durante tantos anos. Tudo tão familiar! Os doze signos do zodíaco, as sete estrelas, as figuras do leão, o gamo, o leopardo e a águia, o inexprimível nome de Deus pintado em vermelho. Os leões dourados no topo da Arca encaravam o rabi com olhos ambarinos, enquanto suas línguas recurvas sustentavam as tábuas com os dez mandamentos. Parecia ao rabi que aquelas bestas sagradas perguntavam: “Por que esperou tanto? Não podia ver logo que não se pode servir a Deus e ao homem ao mesmo tempo?” Suas bocas abertas pareciam rir com benigna ferocidade. O rabi repuxou a barba. “Bem, nunca é tarde demais. A eternidade está à minha disposição...” Andou na direção dos fundos, até chegar ao pórtico. Não existe *mezuzah* numa sinagoga, mas o rabi tocou o umbral com o dedo indicador e depois com os lábios.

Em Yampol, em Yavrov, a notícia estranha não tardou a se espalhar. O Rabi Jonathan, sua esposa e a filha Yentl tinham ido colher frutas nos pomares de Shloime Meyer.

Cunegunde

Ao cair da noite uma brisa soprou dos pântanos além da aldeia. O céu toldou-se e o limoeiro tatalou as derradeiras folhas num ramo com manchas cor de ferrugem. Do lado de fora de uma casa sem janelas, semelhante a um cogumelo, cuja musguenta cobertura de colmo deixava pender fibras soltas, andava a velha Cunegunde. Um buraco na parede servia-lhe de chaminé, a porta parecia aberta qual cavidade num tronco atingido por um raio. Pequena e atarracada, ela tinha nariz e olhos de buldogue e queixo largo, cartilaginoso. Pêlos brancos cresciam nas verrugas das bochechas. As poucas mechas de cabelo remanescentes se haviam torcido à semelhança de um chifre. Calos e joanetes ocupavam os dedos dos pés sem unhas. Arrimada a uma bengala e carregando um enxadão, Cunegunde olhou em volta, cheirou o vento, franziu o sobrolho. “Vem dos pântanos”, murmurou. “Pestilência e mal chegam dali. Tempo maluco. Terra maldita. A colheita este ano será péssima. O vento destruirá tudo. Os camponeses ficarão com as sobras, seus filhos bastardos chorarão de fome. A morte fará muitas visitas.”

Ao redor da choça de Cunegunde, isolada na orla da floresta, cresciam ervas daninhas, sarças, folhas peludas com umas crostas semelhantes a feridas, bagas venenosas e espinhos que pareciam morder a roupa de quem passava. Mães proibiam os filhos de se aventurarem à cabana de Cunegunde, infestada de cobras. Até as cabras, diziam os aldeões, evitavam-na. Cotovias construíam ninhos nos telhados, mas nenhuma era vista a cantar na choça de Cunegunde. Cunegunde parecia à espera da tempestade. Sua boca semelhante à de um sapo coaxou: “A peste, a peste. Doenças chegam sempre de lá. O mal atacará todo mundo. Este ar maluco só traz morte”.

A velha saía com o enxadão não para cavar batatas, e sim para desenterrar raízes e ervas silvestres necessárias aos feitiços. Tinha uma coleção completa na choupana: estérreo de diabo e veneno de cobra, couve com vermes e a corda com que um homem se enforcou, carne de víbora e cabelo de enguia, sanguessugas e amuletos, cera e incenso. Cunegunde precisava disso tudo, em sua defesa e para os que recorriam à sua proteção. Os poderes do mal atormentavam-na desde o momento em que deu o primeiro passo no mundo. A mãe (que apodreça no inferno) batia-lhe e dava-lhe beliscões. Quando embriagado, o pai surrava-a. Vivia arreliada pelo irmão Joziek, assustada pelas histórias de Dziad e Babuk Os contos da irmã Tekla também a preocupavam. Por que tanto tormento? Enquanto outras crianças brincavam na relva, Cunegunde, com quase seis anos, tinha de dar comida aos gansos. Uma vez, grãos de saraiva, do tamanho de ovos, atingiram-na, quase lhe fraturando o crânio e matando um ganso macho — o que bastou para açoitarem Cunegunde. Toda espécie de animais espreguiçavam-na: lobos, raposas, martas, jaritacacas, cães selvagens e criaturas corcundas, extraterrenas, com bolsas, orelhas de abano, caudas trançadas e dentes protuberantes. Ocultavam-se atrás de árvores e moitas, rosnavam para ela, seguiam-lhe os passos, mais aterradores que os duendes descritos por Tekla. Um limpa-chaminés descia do céu, tentando pegar Cunegunde com sua vassoura, arrastá-la para o alto. Na pastagem onde cuidava

dos gansos, apareceu uma mulherzinha duende, de lenço preto na cabeça, um saco às costas e um cesto nos quadris, a flutuar nos campos. Cunegunde atirou-lhe uma pedra, mas a mulher golpeou-a com tal força no peito que a fez desmaiar. À noite, diabinhos aproximavam-se de sua cama, zombavam, molhavam os lençóis, chamavam-lhe nomes, cutucavam-na e mordiam-na, trançavam-lhe o cabelo. Deixavam bosta de ratos e piolhos.

Se Cunegunde não houvesse aprendido feitiçaria, talvez estivesse destruída. Logo aprendeu que o que prejudicava os outros lhe era favorável. Quando homens e animais sofriam, ela estava em paz. Começou a desejar doenças, guerras e misérias na aldeia. Enquanto as demais moças tinham aversão aos mortos, Cunegunde gostava de velar o cadáver, branco ou já amarelado, prostrada com velas à sua cabeceira. Os uivos das carpideiras confortavam-na. Gostava de ver ouriços caçados por camponeses, golpeados a faca e postos ainda vivos em água fervente. Cunegunde gostava também de torturar criaturas. Estrangulava pássaros, cortava vermes a fim de ver cada segmento retorcer-se. Fincando um espinho num sapo, observava suas contorções. Não tardou a verificar que pragas tinham validade. Cunegunde condenou à morte, com uma praga, uma mulher que a vilipendiara. Quando um garoto atirou-lhe uma pinha aos olhos, desejou que ele ficasse cego; semanas depois, quando cortava lenha, um cavaco atingiu-lhe o olho e ele perdeu a vista. Lançava mão de invocações e encantos. Perto do pântano vivia numa cabana uma mulher paralítica, que dizia tolices sobre feiticeiros, espelhos negros, gigantes de um olho só, anões que moravam em meio a cogumelos venenosos, dançavam à luz da lua e atraíam moças a cavernas. Essa mulher instruiu Cunegunde a exorcismar demônios, a proteger-se de homens viciosos, mulheres ciumentas e falsos amigos; ensinou-a a interpretar sonhos e convocar o espírito dos mortos.

Cunegunde ainda era jovem quando os pais morreram. Seu irmão casou-se com uma moça de outra aldeia. Sua irmã Tekla, depois de desposar um viúvo, morreu logo, ao dar à luz. Na idade de Cunegunde as moças noivavam, mas ela só via nos homens ameaças de aborto, dores de parto e hemorragias. Deram-lhe uma cabana e três quartos de acre de terra, que ela se recusou a cultivar. Já que todos trapaceavam — o moedor, o vendedor de cereais, o padre, o ancião da aldeia —, por que trabalhar então?

Satisfazia-se com pouco: um rabanete, uma batata, a parte interna de uma couve. Os camponeses consideravam gatos e cães nojentos, mas ela lhes saboreava a carne. Podia-se atenuar a fome com um rato morto encontrado no campo. Apesar de muitos dias de jejum uma pessoa ainda continua viva. Mesmo na Páscoa e no Natal Cunegunde não comparecia à igreja; não queria ser insultada por mulheres ou ridicularizada por homens, e tampouco tinha dinheiro para roupas, sapatos ou caixinha das almas.

Constrangida pela zombaria alheia, Cunegunde fechava-se dias seguidos na cabana, não saindo sequer para satisfazer suas necessidades. Jamais a convidavam às festas da colheita, quando se cortava a couve e se preparavam conservas, nem a casamentos, crismas ou aniversários de igreja. Como se estivesse excomungada, sentia-se órfã contra a aldeia inteira. Sentada no escuro, soltava pragas. Ao ouvir risos, cuspiá. Exclamações de júbilo desapontavam-na.

Irritada pelas vacas que mugiam ao retornar da pastagem, descobriu um feitiço que as impedia de dar leite. Sim, Cunegunde não devia nada a ninguém. Todos os seus inimigos morreram. Aprendeu a aplicar o mau-olhado, a ocultar despachos em celeiros ou estábulos, a atrair ratos para depósitos de cereais, a fechar o útero de mulheres em trabalho de parto, a esculpir em barro a imagem de alguém e espetá-la com alfinetes, e a fazer crescer os bicos das galinhas. Há muito tempo Cunegunde cessara de apelar a Deus para proteger-se de seus inimigos; Ele não estava interessado nas orações de uma órfã. Enquanto os poderosos governavam, Ele se escondia no céu. O Diabo era esquisito, mas podia-se negociar com o Diabo.

A geração de Cunegunde havia desaparecido quase por completo. Ela envelhecera. Deixara de rir; suas cóleras eram terríveis e passou a ser chamada de “Feiticeira”. Todo sábado à noite, diziam os aldeões, cavalgava uma vassoura para encontrar-se com outras feiticeiras na missa negra. Os infelizes iam bater à sua porta — mulheres com tumores no útero, mães de monstros, moças com ataque de soluços, esposas abandonadas. De que valiam, porém, as fatias de pão que levavam, as sacolas de trigo sarraceno, pedaços de manteiga, dinheiro? Habituada a pouca comida, o estômago de Cunegunde encolhera-se; além disso, os dentes tinham caído, e devido às veias varicosas ela mal podia andar. Meio surda por estar em silêncio há anos e tresvariar sozinha, quase esquecera a fala humana. Havia mandado todos os inimigos para o túmulo e não parecia contar adversários na nova geração. Contudo, acostumada às pragas, Cunegunde não conseguia deixar de resmungar: *“morte e aflições...”* “*fogo e peste...*” “*pústula nas línguas...*” “*“bolhas nas gargantas...”*”

Tempestades raramente ocorriam nos meados do verão, mas durante o inverno Cunegunde havia previsto um verão de catástrofes. Identificava o cheiro de morte; o infortúnio soprava em sua direção. O vento não era dos mais fortes, e no entanto Cunegunde sabia de onde vinha. Tinha o poder de sentir o odor de carvões fumegantes, carne e outra coisa oleosa e rançosa, cuja fonte somente ela podia perceber. Sua boca desdentada franziu-se num arrego: “É uma pestilência, uma pestilência. A aproximação da morte...”

2

Apesar do vento cada vez mais forte, Cunegunde continuou a cavar. Toda raiz perto de sua cabana tinha importância especial. Só de vez em quando Cunegunde recolhia ervas perto dos pântanos, que se estendiam por vasta área, até onde a vista podia alcançar. Flores e folhas agitavam-se em meio ao limo da água lodosa. Pássaros estranhos e borboletas vulgarmente grandes, com ventres auriverdes, ali esvoaçavam. Embora houvesse mandado todos os inimigos para o outro mundo, não podia bani-los por completo. Seus espíritos pendiam sobre os pântanos, teciam vinganças. Às vezes as paredes de sua cabana e o teto de colmo faziam ecoar os ruídos deles; tremiam as fibras de palha, rente aos beirais. Cunegunde precisava de constante alerta contra as más ações dos mortos. Até um gato estrangulado seria perigoso. Mais de uma vez, à noite, um gato morto

viera fincar-lhe as garras. Cunegunde ouvia o arranhar de um espírito conhecido que se enfiara entre os trapos atrás de sua enxerga. Às vezes o espírito era bom, trazia um coelho, um pássaro ferido ou outro animalzinho bom de ser assado e comido, mas em outras oportunidades comportava-se com malícia. Objetos desapareciam por encanto. Ela confundia as ervas, escondia unguentos, sujava a comida. Uma vez Cunegunde cobrira e pusera a um canto um cântaro de *borscht** que uma moça camponesa lhe dera. No dia seguinte havia uma pele grossa no *borscht*, cheirando a óleo de dobradiça. Numa panela de trigo sarraceno jogaram seixos e areia de alguma região desconhecida. Ao inclinar-se para escorraçar o espírito, este cochichou: “Velho demônio!”

**Sopa de beterraba. (N. do T.)*

O vento rodopiante tornou-se ventania enquanto ela cavava, parecendo enrodilhar-se, selvagem, à sua volta. Mais tarde, dentro da choça, Cunegunde espiou por uma frincha na parede. No campo, incapazes de suportar as rajadas, lâminas de trigo arriavam. Touceiras de feno fendiam-se. Telhas arrancadas voavam sobre a aldeia. Tentando firmar os telhados, proteger as paredes, abrigar os cavalos e o gado nos estábulos, camponeses recebiam as pancadas de chuva e de vento. Um aguaceiro inundava a aldeia. O relâmpago cintilava como fogo do inferno. O trovão explodia tão próximo de Cunegunde que os miolos de seu crânio sacudiam-se qual semente dentro da noz. Barricando a porta, Cunegunde sentou-se num banco próprio para descansar os pés, incapaz de fazer algo a não ser resmungar. De todas as choças a dela era a mais frágil. Estremecia quando um porco ali se encostava. Invocando os nomes de Satã e Lúcifer, Baba Yaga e Kadik, Malfas e Pan Twardowski, ela pôs uma bola de cera e bosta de cabra em cada canto. Para aumentar a proteção, abriu o baú de carvalho, onde guardava o osso de joelho de uma virgem, um pé de coelho, o chifre de um boi preto, dentes de lobo, um trapo embebido em sangue menstrual e (o mais eficaz) a corda com que enforcaram um criminoso. Murmurou:

“Forte é o leopardo,
irado o camaleão;
Hudake Gudak
Entrem com o trovão.
Vermelho é o sangue,
Escura é a noite;
Mestre e Djabel
Me dêem o açoite”.

Embora tivesse estremecido e oscilado, a choça não desabou. Do trêmulo teto as fibras ondulavam sem se desprender. Num instante de luz cega Cunegunde viu com clareza a parede fuliginosa, o chão de barro, o caldeirão no tripé, a roca. Depois escureceu outra vez, a chuva estalou como chicotes, o trovão martelou. Tentando acalmar-se, Cunegunde pensou que teria de morrer; mais cedo ou mais tarde todos têm de apodrecer no túmulo. No entanto, sempre que a cabana vibrava, ela estremecia. O banquinho era desconfortável, por isso deitou-se na

cama, arriou a cabeça num travesseiro cheio de palha. A tormenta não lhe parecia acidental; estivera em preparo há meses. Reinava muita corrupção e injustiça entre os aldeãos. Cunegunde ouvira histórias de duendes, lobisomens e outros seres viciosos. Nasciam bastardos da união de moças com os pais. Viúvas copulavam com os filhos, pastores com as vacas, éguas, porcos. Nos pântanos, luzes fracas cintilavam à noite. Ossos humanos eram arrancados da terra pelos camponeses que aravam ou cavavam fossos para estocar batatas. No inferno reinava grande agitação contra Cunegunde. Até agora as potências do mal estavam de seu lado, mas podiam trocá-la, a qualquer momento, pelos que contra ela conspiravam. Fechou os olhos. Antes, sua resistência conquistara todos os conspiradores; sempre se dava um milagre e o outro lado esmorecia. No entanto, Cunegunde temia aquela tempestade antes da colheita. Talvez houvesse deixado um flanco exposto. Demônios hostis, à espera, ladrando como cães, arranhavam a terra embaixo da cabana. Tendo cochilado, Cunegunde sonhou com um gato do tamanho de um barril, de pêlo negro, olhos verdes e bigode flamejante. Espichando a língua, o gato miava como uma campainha. De súbito, Cunegunde estremeceu. Alguém batia na porta barricada. Em voz apreensiva, perguntou:

— Quem é, hem ?

Não houve resposta.

“É Topie”, pensou Cunegunde. Nunca se envolvera com aquele demônio. Mas não conseguiu lembrar-se de um encanto para afugentá-lo. Tudo o que disse foi: “Vá embora para as florestas desertas onde não passam homens e gado. Em nome de Amadai, Sagratanas, Belial, Barrabás, eu imploro...”

Silêncio do lado de fora.

“Ossos à mostra, em fumo e fogo,
Barriga-d’água, pisando espinhos,
Sem dentes, sem ar, eu te rogo:
Quebra o pescoço, sai dos meus caminhos.”

A porta escancarou-se. Uma figura entrou, empurrada pelo vento.

— Mãezinha — ofegou Cunegunde.

— Você é Cunegunde, a Feiticeira? — perguntou com aspereza uma voz de homem.

Gelada, Cunegunde replicou:

— Quem é você? Tenha pena de mim.

— Sou Stach, noivo de Yanka.

Disfarçado em forma de homem! Cunegunde soprou:

— Que quer, Stach?

— Sei de tudo, bruxa velha. Você lhe deu veneno para acabar comigo. Ela me contou. Agora...

Cunegunde quis gritar, mas seria inútil, pois, mesmo sem a tempestade desencadeada, sua voz débil não seria ouvida. Começou a resmungar.

— Que veneno? Que veneno? Se é mesmo Stach, fique certo que não faço mal a ninguém. Yanka se queixou de que morria de amor, e de que você, meu

lindo, não lhe dava a menor atenção. Dei-lhe uma poção para que ela o esquecesse. Ela jurou por Deus guardar segredo.

— Uma poção, hem? Cobra venenosa.

— Veneno nenhum, meu senhor e amo. Se a quer, é só pegá-la. Eu lhe darei um presente. Irei ao casamento e os abençoarei, embora ela me tenha traído.

— E quem quer suas bênçãos? Maldita bruxa, besta sanguinária!

— Socorro! Piedade!

— Não.

Derrubando pratos, ele avançou para a enxerga, levantou Cunegunde e bateu-lhe com força. Cunegunde mal pôde gemer. Arrastando-a pelo chão, aplicou-lhe pontapés. Cunegunde ouviu um galo sacudir as asas. Daí a pouco viu-se entre rochedos, fossos e árvores nuas, numa terra poeirenta, sem céu. Avistou um espetáculo mágico que era, ao mesmo tempo, uma geena. Esvoaçando qual morcegos, homens pretos subiam escadas, dependuravam-se de cordas, davam cambalhotas. Outros, com pedras de moinho em volta do pescoço, eram mergulhados em barris de piche. Mulheres eram erguidas pelo cabelo, pelos seios, pelos dedos. Celebravam-se bodas; os convidados, cortando as mãos, beberam aguardente numa gamela. Saindo do nada, os inimigos de Cunegunde se materializaram — multidão compacta carregando machados, tridentes e lanças. Um grupo de diabinhos chifrudos corria ao seu lado. Todos unidos contra ela: Belzebu, Baba Yaga, Babuk, Kulas, Balwochwalec. Tochas erguidas, os demônios precipitaram-se, a relinchar, com alegre expressão de vingança. “Mãe Santíssima, valei-me”, gritou Cunegunde pela derradeira vez.

No dia seguinte, camponeses em busca da Feiticeira encontraram a choça tombada. Em meio aos caibros e ao colmo rompido, seu corpo esmagado foi puxado para fora, o crânio sem miolos, tudo reduzido a um monte de ossos. Um barco levou o corpo à capela. Apesar dos estragos causados pelo temporal, só uma pessoa havia morrido: Cunegunde.

Yanka acompanhou o enterro, ajoelhou-se e disse:

— Avó, a boa sorte me sorriu afinal. Stach apareceu esta madrugada. Vai me conduzir ao altar. Sua poção purificou-lhe o coração. Semana vindoura falaremos com o padre. Minha mãe já começou a preparar o bolo.

O vento cessara, porém nuvens pesadas ainda ocupavam o céu, dando ao dia aspecto crepuscular. Um bando de corvos levantou vôo dos pântanos. Odores de fumaça impregnavam o ar. Metade da aldeia fora destruída, a outra metade inundada. Nas águas lamacentas refletiam-se telhados defeitos, paredes abertas, baús dismantelados. Com as saias acima dos joelhos, três camponesas remexeram o dia todo o quarto inundado de Cunegunde, à procura da corda com que um criminoso fora enforcado.

Breve sexta-feira

Na aldeia de Lapschitz vivia com sua mulher, Shoshe, um alfaiate chamado Shmul-Leibele. Shmul-Leibele era meio alfaiate, meio peleiro — e um pobre completo. Jamais dominara o negócio. Quando recebia encomenda de um paletó ou calça, inevitavelmente a roupa saía comprida demais ou muito curta. O cinto nas costas caía abaixo ou acima do normal, as lapelas jamais assentavam, o orifício de ventilação ficava fora do centro. Diziam que ele havia costurado calças, uma vez, com a braguilha do lado errado. Shmul-Leibele não contava os cidadãos ricos entre seus fregueses. Pessoas comuns levavam-lhe roupas ordinárias para remendar e os camponeses entregavam-lhe peliças para que as virasse pelo avesso. Como acontece aos maus profissionais, também era vagaroso. Uma ocasião, gastou semanas com um terno. Mas, apesar de suas atrapalhões, podia-se garantir que Shmul-Leibele era honesto. Usava linha forte, da boa, e nenhuma de suas costuras desfazia-se. Se encomendavam roupa de linho a Shmul-Leibele, mesmo o linho comum, de algodão, ele só comprava o melhor material, perdendo, por conseguinte, grande parte do lucro. Ao contrário de outros alfaiates que aproveitavam quaisquer sobras de pano, devolvia os retalhos aos fregueses.

Não fosse a competência de sua mulher, Shmul-Leibele certamente já teria morrido de fome. Shoshe ajudava-o no que podia. Às quintas-feiras prestava serviços às famílias ricas, misturando massa, e nos dias de verão ia à floresta apanhar bagas e cogumelos, bem como pinhas e lenha para o fogão. No inverno preparava cobertores de penas para noivas. Era melhor alfaiate que o marido, e quando este começava a suspirar, ou resmungar, sinal de que já não podia fazer o trabalho, ela tomava o giz e mostrava-lhe como prosseguir. Shoshe não tinha filhos; segundo voz geral, a esterilidade não era dela, mas do marido, pois todas as suas irmãs eram mães, enquanto o único irmão de Shmul-Leibele não tinha filhos. As mulheres aconselhavam Shoshe a se divorciar, no entanto ela fazia ouvidos moucos, já que o casal se amava com ardor.

Shmul-Leibele era miúdo e canhestro. Mãos e pés pareciam grandes demais para o corpo, e a testa abaulava-se dos lados, como acontece aos estúpidos. As faces, rubras qual maçãs, não tinham costeletas, e apenas uns raros fios brotavam do queixo. Quase não tinha pescoço; a cabeça assentava nos ombros, como um boneco de neve. Ao andar arrastava os sapatos no chão, de forma que os passos eram ouvidos a distância. Resmungava muito e mantinha um sorriso amigável no rosto. Fosse inverno ou verão usava sempre o mesmo cafetã e gorro de pele de ovelha com dobras para proteger as orelhas. Quando se precisava de um mensageiro, Shmul-Leibele era convocado, e, por mais longe que o mandassem, ia sempre de boa vontade. Os gaiatos viviam a pespegar-lhe apelidos, transformando-o em alvo de peças, mas ele nunca se ofendia. Quando terceiros admoestavam os atormentadores, Shmul-Leibele limitava-se a observar: “E eu me importo? Deixem que se divirtam. Não passam de crianças...”

Às vezes presenteava um ou outro brincalhão com uma fatia de bolo ou uma noz. Fazia-o sem motivo, simplesmente por bom coração.

Shoshe vencia-o, em estatura, por uma cabeça. Quando moça fora considerada bela, e nas casas onde trabalhava como criada citavam-se, em voz alta, sua honestidade e diligência. Muitos rapazes desejaram pedir-lhe a mão, mas ela escolheu Shmul-Leibele por ser quieto e porque não se enturmava com os jovens reunidos ao meio-dia de sábado, na estrada para Lublin, a fim de flertar com as moças. A lealdade de Shmul-Leibele e sua discrição agradaram-lhe. Além disso, quando mocinha Shoshe gostava de estudar o Pentateuco, cuidar de enfermos no asilo, ouvir histórias das velhas que se sentavam à porta das casas cerzindo meias. Jejuava no último dia de cada mês, o Dia da Reconciliação, e com frequência prestava serviços na sinagoga das mulheres. As outras criadas zombavam dela, julgando-a antiquada. Logo após o casamento Shoshe raspou a cabeça e amarrou um lenço sobre os ouvidos, jamais permitindo que uma trança de sua peruca de matrona fosse vista à maneira das mulheres jovens. A atendente na casa de banhos louvava-a por não se entregar a brincadeiras no banho ritual e por fazer as abluções de acordo com as leis. Comprava carne exclusivamente *kosher*, embora custasse mais meio centavo por libra, e quando em dúvida acerca das leis sobre a dieta, buscava orientação do rabi. Mais de uma vez não hesitou em deitar fora toda a comida ou quebrar a louça de barro. Em resumo, tratava-se de mulher eficiente, temente a Deus, e mais de um homem invejava Shmul-Leibele por ter uma jóia de esposa.

Acima de tudo no mundo o casal reverenciava o Sabbath. Todos os sábados ao meio-dia Shmul-Leibele arriava as ferramentas e parava de trabalhar. Estava sempre entre os primeiros no banho ritual, imergindo quatro vezes para as quatro letras do Santo Nome. Além disso, ajudava o bedel a pôr as velas nos lustres e candelabros. Shoshe economizava a semana inteira, mas no Sabbath mostrava-se pródiga. No forno quente entravam doces, bolos e o pão de forma do Sabbath. No inverno, preparava panquecas de pescoço de galinha recheado de massa e banha derretida. No verão fazia panquecas de arroz ou talharim, assadas em gordura de galinha e polvilhadas com açúcar ou canela. O prato principal consistia em batatas e trigo sarraceno, ou cevadinha com feijões, no meio dos quais jamais esquecia de pôr um osso com tutano. Para certificar-se que o prato estava bem cozido, cobria o forno com massa rala de farinha. Shmul-Leibele comia com gosto; em todas as refeições do Sabbath, observava: « Ah, querida Shoshe, esta comida é digna de rei! Um verdadeiro paraíso!» Ao que Shoshe respondia: « Coma à vontade. Fará bem à sua saúde» .

Embora não fosse culto, e incapaz de memorizar um capítulo da Mishnah, Shmul-Leibele era bem versado em todas as leis. Ele e a mulher estudavam com frequência *A boa vontade* em iídiche. Nos feriados parciais, feriados e dias livres, estudava a Bíblia em iídiche. Nunca perdia um sermão, e embora pobre comprava aos mascates toda sorte de livros de orientação moral e contos religiosos, que lia junto com a mulher. Jamais se cansava de recitar frases sagradas. Assim que acordava de manhã, lavava as mãos e começava a murmurar o preâmbulo às orações. Em seguida, ia à igreja e rezava assim que havia *quorum*. Diariamente recitava alguns capítulos dos Salmos, bem como aquelas orações que os menos sérios tendiam a ignorar. Do pai havia herdado um grosso livro de preces, com capas de madeira, o qual continha ritos e leis

relativos a cada dia do ano. Shmul-Leibele e a mulher observavam todos. Muitas vezes ele lhe dizia: “Acho que acabarei na geena, pois não haverá ninguém na terra para rezar o Kaddish quando eu morrer”. “Morda a língua, Shmul-Leibele”, ela contrapunha. “Primeiro, tudo é possível no reino de Deus. Segundo, você há de viver até o advento do Messias. Terceiro, é bem possível que eu morra antes de você, e então você casará com outra, mais moça, que lhe dará uma dúzia de filhos.” A essas palavras de Shoshe, Shmul-Leibele gritava: “Deus me defenda! Você terá sempre boa saúde. Eu é que vou apodrecer na geena!”

No entanto, a maior satisfação de Shmul-Leibele e Shoshe eram os Sabbaths no inverno. Já que o dia anterior era curto, e estando Shoshe ocupada até tarde na quinta-feira, geralmente o casal passava acordado toda a noite de quinta-feira. Shoshe misturava massa na gamela, cobrindo-a com um pano e um travesseiro, para que fermentasse bem. Esquentava o forno com cavacos e galhos secos. Os postigos no aposento permaneciam fechados, a porta também. A cama e a enxerga não eram arrumadas, pois, ao romper do dia, o casal tirava um cochilo. Mal escurecia Shoshe preparava a refeição do Sabbath à luz de uma vela. Depenava uma galinha ou ganso (se os tivesse comprado por preço conveniente), ensaboava-o, salgava-o e espremia toda a gordura. Assava um fígado para Shmul-Leibele sobre os carvões luminosos e um pequeno pão do Sabbath. Às vezes gravava o nome dela no pão, com letras de farinha, e depois Shmul-Leibele caçoa-, va: “Shoshe, estou comendo você. Shoshe, já engoli você”. Shmul-Leibele amava o calor; sentado em cima do forno, observava a mulher assar, cozinhar, lavar, enxaguar, socar e trinchar. O pão do Sabbath punha-se redondo e dourado. Shoshe trançava o pão tão rapidamente que ele parecia dançar diante dos olhos de Shmul-Leibele. Azafamava-se com espáduas, atiçadores, conchas e espanadores de penas de ganso, às vezes catando um carvão vivo entre os dedos nus. As caçarolas silvavam e borbulhavam. Às vezes uma gota de líquido espirrava e o vaso de lata chiava. O banquinho baixo, de madeira, não parava de ranger. A esta altura, finda a ceia, o apetite de Shmul-Leibele renovava-se, e Shoshe atirava-lhe então um *knish*, uma moela de galinha, um bolo, uma ameixa retirada da carne cozida ou um naco do assado. Nesta ocasião, arreliviava-o, chamando-o de guloso. Quando ele tentava defender-se, Shoshe lamentava-se: “Oh, como sou pecadora! Quase o deixei morrer de fome...”

De madrugada deitavam-se completamente exaustos. Graças, porém, a seus esforços, Shoshe não precisava azafamar-se no dia seguinte, dedicando-se então à bênção sobre as velas, um quarto de hora antes do pôr-do-sol.

A sexta-feira em que transcorreu esta história foi a mais curta do ano. Fora, a neve tombara a noite toda, embranquecera a casa e barricara a porta. Como de hábito, o casal ficara acordado até de manhã, depois se deitara para dormir. Acordou mais tarde que de ordinário, pois não ouvira o canto do galo, e além disso as janelas estavam cobertas de neve e geada, o dia parecendo tão escuro quanto a noite. Depois de murmurar “Eu Te dou graças”, Shmul-Leibele saiu com uma vassoura e pá para abrir uma picada; depois, pegou um balde e retirou água do poço. Em seguida, como não tivesse trabalho urgente, decidiu vadear o dia inteiro. Foi à igreja para as preces matinais, e depois do desjejum dirigiu-se à

casa de banhos. Por causa do frio do lado de fora, os fregueses não se cansavam de pedir: “Um balde! Um balde!” E o atendente vertia mais água nas pedras cintilantes, de forma que o vapor se tornava mais denso. Shmul-Leibele alugou uma vassoura de salgueiro, subiu ao banco mais alto e vergastou-se até que a pele ficou de um vermelho vivo. Da casa de banhos correu à casa de orações, onde o servente já varreria e polvilhara o chão de areia. Shmul-Leibele colocou as velas e ajudou a espalhar toalhas nas mesas. Depois voltou para casa e envergou as roupas do Sabbath. As botas, remendadas dias atrás, já não deixavam a umidade penetrar. Shoshe fizera a lavagem da semana e dera-lhe uma camisa passada, roupas de baixo, túnica debruada, até mesmo um par de meias. Já pronunciara a bênção sobre as velas e o espírito do Sabbath emanava de todos os cantos da sala. Usava o xale de seda com as lantejoulas de prata, vestido amarelo-cinza e sapatos de bicos pontudos, lustrosos. No pescoço trazia o medalhão que a mãe de Shmul-Leibele, a paz esteja com sua alma, dera-lhe para celebrar a assinatura do contrato de casamento. A aliança cintilava em seu dedo indicador. A luz das velas refletia-se nos vidros das janelas, e Shmul-Leibele imaginou que havia uma duplicata da sala e que outra Sho-she encontrava-se ali fora, acendendo as velas do Sabbath. Ansiava por dizer à esposa como ela era graciosa, mas não houve tempo, pois está escrito no livro de orações, com toda a clareza, que é preciso estar entre os dez primeiros fiéis a entrarem na sinagoga; e assim aconteceu, ele foi o décimo homem a chegar. Depois que a congregação entoou o Cântico dos Cânticos, o solista cantou: “Rendamos graças” e “Vinde, trazei-nos júbilo”. Shmul-Leibele rezou com fervor. As palavras deslizavam-lhe na língua, pareciam cair dos lábios, com existência própria, e ele sentiu que elas subiam pela parede oposta, erguiam-se além da cortina rendada do Arco Sagrado, dos leões dourados e das barras, e fluíam até o teto com sua pintura das doze constelações. Dali, as preces pareciam ascender ao Trono de Glória.

2

O solista cantou: “Vinde, meu amado”, e Shmul-Leibele trombeteou no acompanhamento. Depois vieram as preces, e os homens recitaram “É dever nosso exaltar...”, a cujas palavras Shmul-Leibele acrescentou “Senhor do universo”. Em seguida, desejou a todos um bom Sabbath: ao rabi, ao açougueiro ritual, ao líder comunitário, ao rabi assistente, a todos os presentes. Os rapazes do *cheder* exclamaram: “Bom Sabbath, Shmul-Leibele”, enquanto o arremedavam com gestos e caretas, mas Shmul-Leibele respondeu-lhes com um sorriso, e ocasionalmente beliscou com afeto a bochecha de um jovem. Depois, partiu para casa. A neve estava tão alta que mal se podiam distinguir os contornos dos telhados, como se a cidade inteira mergulhasse em branco. O céu, que parecia pesado e baixo o dia inteiro, agora mostrava-se mais claro. Por entre as nuvens brancas espiava a lua cheia, dardejando um brilho semelhante ao do dia sobre a neve. Para o ocidente, a fimbria de uma nuvem ainda conservava o lampejo do crepúsculo. As estrelas naquela sexta-feira pareciam maiores e mais brilhantes, e como por milagre Lapschitz parecia fundir-se no céu. A cabana de Shmul-

Leibele, não muito longe da sinagoga, dava a impressão de suspensão no espaço, como está escrito: “Ele suspende a terra por sobre o vácuo”. Shmul-Leibele caminhava devagar, pois, segundo a lei, não se deve ter pressa ao sair de um lugar sagrado. Contudo, ansiava por ver-se em casa. “Quem sabe?”, pensou. “Talvez Shoshe esteja doente. E se ela foi buscar água e, Deus me defenda, caiu no poço? O céu que nos proteja: quantas aflições podem recair sobre um homem!”

Na soleira, bateu os pés para livrar-se da neve, abriu a porta e viu Shoshe. A sala fê-lo pensar no paraíso. O forno estava recém-caiado, as velas nos candelabros de latão lançavam uma aura de Sabbath. Os odores saindo do forno fechado misturavam-se aos cheiros da ceia do Sabbath. Shoshe estava sentada na cama, aparentemente à sua espera, as faces rosadas como as de uma mocinha. Shmul-Leibele desejou-lhe um feliz Sabbath e ela, em troca, desejou-lhe um bom ano. Ele começou a murmurar: “Que a paz recaia sobre os anjos mensageiros...”, e depois de dizer adeus aos anjos invisíveis que acompanham os judeus à saída da sinagoga, recitou “A mulher honrada”. Como entendia bem o significado destas palavras! Ele as lera, muitas vezes, em iídiche, e de cada vez pensava como pareciam apropriadas a Shoshe.

Shoshe sabia que aquelas sentenças sagradas eram ditas em sua honra, e pensou consigo: “Aqui me encontro, uma mulher comum, uma órfã, e contudo Deus quis abençoar-me com um marido devotado que me louva na língua santificada”.

Ambos tinham beliscado durante o dia, de forma que sentiam o apetite desperto para a refeição do Sabbath. Shmul-Leibele proferiu a bênção sobre o vinho e deu a Shoshe a taça para que ela bebesse. Em seguida, enxaguou os dedos numa caneca de lata, lavou os dedos da mulher e ambos secaram as mãos com uma só toalha, cada um usando uma ponta. Shmul-Leibele ergueu o pão do Sabbath e cortou-o com a faca de pão, uma fatia para ele, outra para a esposa.

Disse-lhe que o pão estava ótimo, e ela contrapôs: — Ora, você diz isso em todos os Sabbaths.

— E é sempre verdade — ele respondeu. Conquanto fosse difícil obter peixe durante o tempo frio, Shoshe havia comprado três quartos de libra de lúcio, no peixeiro. Cortara-o em postas, juntando cebolas, um ovo, sal e pimenta, e cozera-o com cenouras e salsa. Shmul-Leibele ficou sem fôlego, tendo de beber um copo de uísque. Quando ele iniciou os cânticos à mesa, Shoshe acompanhou-o serenamente. Depois veio o caldo de galinha com talharim e pequenos círculos de gordura que brilhavam na superfície qual ducados de ouro. Entre a sopa e o prato principal, Shmul-Leibele cantou novamente hinos sabáticos. Sendo o ganso barato àquela época do ano, Shoshe deu a Shmul-Leibele uma perna extra para seu deleite. Após a sobremesa Shmul-Leibele lavou as mãos pela última vez e proferiu uma bênção. Quando chegou às palavras “Não nos priveis dos benefícios da carne e do sangue, nem de seus usos”, rolou os olhos para cima e brandiu os punhos. Nunca deixava de orar para que lhe fosse permitido continuar a ganhar seu sustento e não, Deus o defendesse, para que se tornasse objeto de caridade.

Depois das graças, recitou ainda outro capítulo da Mishnah e as demais

preces que são encontradas nesse volumoso livro de orações. Só então sentou-se para ler a porção semanal do Pentateuco, duas vezes em hebraico e uma vez em aramaico. Pronunciava cada palavra com clareza, tendo o cuidado de não cometer erros nos difíceis parágrafos aramaicos do Onkelos. Ao chegar à última seção, começou a bocejar e os olhos encheram-se de lágrimas. Uma completa exaustão apoderou-se dele. Não conseguia manter os olhos abertos e entre uma passagem e a seguinte cochilava um ou dois segundos. Observando isso, Shoshe preparou-lhe a cama e pôs, na sua, de plumas, lençóis limpos. Shmul-Leibele mal conseguiu dizer as preces finais e começou a despir-se. Quando já estava deitado na cama, disse:

— Um bom Sabbath, minha piedosa esposa. Estou muito cansado...

E, virando-se para a parede, começou logo a roncar. Shoshe ficou sentada mais um pouco, olhando as velas do Sabbath, que já começavam a esmorecer e esfumaçar-se. Antes de entrar na cama, colocou um jarro de água e uma bacia à cabeceira de Shmul-Leibele, para que ele não acordasse na manhã seguinte sem ter como lavar-se. Em seguida, deitou-se e também pegou no sono.

Tinham dormido uma hora ou duas, ou talvez três — que importa o detalhe? — quando, de súbito, Shoshe ouviu a voz de Shmul-Leibele. Ele acordou-a e chamou-a. Ela abriu um olho e perguntou:

— Que é?

— Você está pura? — ele murmurou.

Ergueu-se e procurou-a. Daí a pouco estava na cama com ela. Sentira desejo pela carne da mulher. Seu coração pulsava com rapidez, o sangue corria nas veias. Identificava uma pressão nos quadris. Tinha ânsia de copular com ela imediatamente, mas lembrou-se de que a lei aconselhava o homem a não possuir a mulher sem antes dirigir-lhe palavras afetuosas, por isso começou a falar de seu amor por ela e de como aquela cópula poderia resultar num filho varão.

— E uma menina, você não aceitaria? — riu Shoshe.

— O que Deus se dignar conceder-me será bem-vindo — ele respondeu.

— Receio não ter mais esse privilégio — ela disse com um suspiro.

— Por que não? Nossa mãe Sara era muito mais velha que você.

— Não pretendo comparar-me a Sara. Melhor divorciar-se e desposar outra.

Ele interrompeu-a, pondo-lhe uma mão na boca.

— Mesmo que eu pudesse procriar as doze tribos de Israel, não abandonaria você. Não consigo imaginar-me com outra mulher. Você é a jóia de minha coroa.

— E se eu morrer?

— Deus nos defenda! Eu morreria de pesar. Teriam de sepultar-nos no mesmo dia.

— Não diga blasfêmias. Você sobreviverá aos meus ossos. Você é homem. Encontrará outra. Mas eu, que faria sem você?

Ele quis responder, mas ela selou-lhe os lábios com um beijo. E então procurou-a. Amou-lhe o corpo. A cada vez que ela se entregava a maravilha do ato deslumbrava-o. Como era possível, pensava, que ele, Shmul-Leibele, possuísse semelhante tesouro? Conhecia a lei: ninguém devia ceder à luxúria por

prazer. No entanto, havia lido algures, num livro sagrado, que se podia beijar e abraçar a mulher a quem se estivesse ligado segundo as leis de Moisés e Israel; por isso, ele acariciou-lhe o rosto, o pescoço e os seios. Ela advertiu-o de que isso constituía frivolidade. Ele respondeu: “Então serei supliciado na roda. Os grandes santos também amaram suas esposas”. Todavia, prometeu a si mesmo ir ao banho ritual da manhã seguinte, entoar salmos e entregar uma soma em dinheiro para obras de caridade. Já que ela o amava também e gostava de suas carícias, permitiu-lhe satisfazer o desejo.

Depois de saciado ele quis voltar à sua própria cama, porém um pesado torpor dominou-o. Sentia dor nas têmporas. A cabeça de Shoshe também latejava. De súbito ela disse:

— Tenho medo que alguma coisa esteja queimando no forno. Acha que devo abrir a fornalha?

— Ora, você imagina coisas. Ficariamos expostos ao frio intenso.

E tão grande era o cansaço que ele adormeceu. Shoshe também dormiu logo.

Naquela noite Shmul-Leibele teve um sonho lúgubre. Sonhou que havia morrido. O pessoal da agência funerária chegou, preparou-lhe o corpo, acendeu velas à cabeceira, abriu as janelas, rezou a oração para justificar a ordenação de Deus. Em seguida, lavaram-no na tábua de abluções, transportando-o numa padiola para o cemitério. Ali sepultaram-no enquanto o cozeiro pronunciava o Kaddish sobre seu corpo.

— Estranho — pensou. — Não ouço Shoshe lamentar-se ou pedir perdão. Será possível que ela perdesse a fé tão depressa? Ou teria, Deus me defenda, sucumbido de dor?

Quis chamá-la pelo nome, mas não pôde. Tentou libertar-se do túmulo, mas os membros não lhe obedeceram. De súbito, despertou.

— Que pesadelo horrível! — pensou. — Tomara que acabe logo!

Naquele instante Shoshe acordou também. Contou-lhe o sonho e ela manteve silêncio por algum tempo. Depois, disse:

— Ai de mim. Tive o mesmo sonho.

— Verdade? Você também? — perguntou Shmul-Leibele, agora assustado. — Não gosto disso.

Tentou sentar-se, mas não conseguiu. Parecia despojado de toda a sua força. Olhou para a janela, para ver se já era dia claro, mas não havia janela visível, nem vidro. A escuridão cercava tudo. Apurou os ouvidos. Em geral era capaz de ouvir o chiar de uma borbulha, o deslizar de um rato, mas daquela feita prevalecia um silêncio de morte. Quis alcançar Shoshe — e a mão pendeu inerte, sem vida.

— Shoshe — disse calmamente —, estou paralisado.

— Ai de mim, eu também. Não posso mover braços nem pernas.

Permaneceram estirados, por longo tempo, em silêncio, sentindo o torpor. Então, Shoshe disse:

— Creio que já estamos para sempre em nossos túmulos.

— Deve ter razão — respondeu Shmul-Leibele, com uma voz que não pertencia aos vivos.

— Misericórdia! Quando terá acontecido? Como? — perguntou Shoshe. — Afinal, fomos dormir sãos.

— A fumaça do forno deve ter-nos asfixiado — disse Shmul-Leibele.

— Eu bem que queria abrir a fornalha.

— Bem, agora é tarde demais.

— Deus tenha piedade de nós. Que faremos agora? Éramos ainda moços...

— Não adianta pensar nisso. Foi o destino.

— Por quê? Tivemos um Sabbath adequado. A refeição estava satisfatória. PESCOÇO de galinha recheado e entranhas.

— Já não precisamos de comida.

Shoshe não respondeu de imediato. Tentava sentir as próprias vísceras. Não, estava sem apetite. Sequer tinha vontade de comer pescoço de galinha recheado e tripas. Pensou em chorar, mas não pôde.

— Shmul-Leibele, já nos enterraram. Acabou tudo.

— Sim, Shoshe, louvada seja a vontade de Deus! Estamos em Suas mãos.

— Será que você pode recitar a passagem adequada ao seu nome, em presença do anjo Dumah?

— Sim.

— Ainda bem que estamos juntos, lado a lado.

— Sim, Shoshe — ele disse, recordando um versículo: “Amáveis e alegres durante suas vidas, a morte não os separou”.

— O que será de nossa casa? Você nem deixou testamento.

— Passará sem dúvida à sua irmã.

Shoshe quis perguntar outra coisa, mas teve vergonha. Estava curiosa acerca da refeição do Sabbath. Fora retirada do forno? Quem a comera? Pensou, contudo, que semelhante preocupação não cabia a um cadáver. Já não era Shoshe, a que misturava massa, e sim um corpo morto, amortalhado, com uma venda nos olhos, um capuz na cabeça e ramos de mirta entre os dedos. O anjo Dumah surgiria a qualquer momento, com sua espada de fogo, e ela deveria estar preparada para fazer-lhe um relato de sua vida.

Sim, os breves anos de agitação e tentações haviam chegado ao fim. Shmul-Leibele e Shoshe entravam no mundo verdadeiro. Homem e mulher mantinham silêncio. Em meio à quietude ouviram bater asas, ouviram um canto tranquilo. Um anjo de Deus chegara para guiar Shmul-Leibele, o alfaiate, e sua esposa Shoshe ao paraíso.

O autor e sua obra

Ao conceder o prêmio Nobel de literatura de 1978 a Isaac Bashevis Singer, a Academia Sueca de Letras atribuiu sua escolha à excepcional capacidade do escritor em “representar artisticamente a condição humana em termos universais” através de sua obra, inteiramente escrita em iídiche. Muitos afirmam que, com essa homenagem, pretendeu-se aliar o reconhecimento a um escritor de inegável imaginação criativa e talento a um último e pomposo adeus à língua e literatura iídiche, fadada ao desaparecimento. De qualquer modo, o prêmio concedido a Bashevis Singer enfatiza uma afirmação há muito discutida pela teoria literária: o escritor é tanto mais universal quanto é mais profundamente regional.

Singer nasceu em Radzimin, Polônia, em 21 de novembro de 1904. Romancista, contista e ensaísta, é considerado um dos maiores, se não o maior, de todos os intérpretes do judaísmo. Seus romances constituem penetrantes análises da vida do povo judeu na Polônia e nos Estados Unidos, onde sempre se verificam traços tanto irônicos quanto fantásticos.

Descendente de uma família de rabinos hassídicos, Singer foi educado nos moldes tradicionais judeus no Seminário Rabinico de Varsóvia. Porém, a exemplo de seu irmão mais velho, Israel Joshua, preferiu seguir a carreira de escritor a se dedicar ao sacerdócio. Seu primeiro romance, “Satã em Gorai”, foi publicado em 1935, ano em que, juntamente com seu irmão Israel, fugia para os Estados Unidos ante a ameaça da invasão da Polônia pelos nazistas. Radicando-se em Nova York, trabalhou inicialmente como jornalista no “Jewish Daily Forward”; seus artigos, escritos em iídiche, eram assinados pelo pseudônimo Warshofsky. Naturalizou-se norte-americano em 1943.

Morreu em 24 de julho de 1991 em Surfside, Flórida.

Breve sexta-feira - Sinopse

No início o leitor perceberá que não se trata de um livro frugal, porém ao final terá a certeza de estar engrandecido com a sua leitura. Com a desenvoltura que somente um grande artista poderia ter. Singer retrata através de seus contos singelos e por vezes abruptos, as pequenas mazelas humanas, bem como toda a nossa grandeza.

Um desses contos, “Yentl”, virou peça de teatro e posteriormente filme de Barbra Streisand.

